

**PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO EM
EDUCAÇÃO SOCIAL**

“LUTAR POR UMA VIDA MELHOR”

ALEXANDRA MARGARIDA PINTO DE SOUSA

Porto, 2012

**PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO EM
EDUCAÇÃO SOCIAL**

“LUTAR POR UMA VIDA MELHOR”

Projecto apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação e Intervenção Social, na especialização em Acção Psicossocial em Contexto de Risco, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Maria Bertão, Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

ALEXANDRA MARGARIDA PINTO DE SOUSA

Porto, 2012

Agradecimentos

De forma muito singela, mas profundamente sentida, agradeço:

Antes de mais, à família Silva, co-autora deste projecto, por ter acedido ao desafio de, comigo, embarcar nesta “aventura”. Sem vocês, nada disto teria sido possível!

À Professora Doutora Ana Bertão, por toda a disponibilidade, por toda a força e confiança, pelo espírito crítico e por todas as aprendizagens que me possibilitou.

Ao Vítor por todo o amor, paciência e conforto e pela compreensão de todas as minhas “ausências”.

À minha família, por todo o apoio nos momentos mais difíceis.

Às amigas, Fernanda e Liliana, pelas palavras encorajadoras, cruciais nos momentos de maior cansado.

A todos os colegas do mestrado, pelos bons momentos de partilha e de ajuda recíproca.

A todos os professores que, ao longo dos últimos dois anos, contribuíram, de forma decisiva, para um enriquecimento profissional e pessoal, que me tornaram, indubitavelmente, uma profissional mais reflexiva.

Por fim, um agradecimento especial à pequena Margarida, por todos os sorrisos que constituíram, ao longo deste percurso, um alento imensurável...

Resumo

O presente trabalho pretende dar conta do projecto de investigação e intervenção social desenvolvido com uma família acompanhada no âmbito do Rendimento Social de Inserção (RSI).

Parte, em termos teóricos, da complexidade e variabilidade do trabalho social, considerando as suas diferentes visões e a sua construção social, destacando a existência de diferentes forças que constroem e influenciam a acção psicossocial. Enfatiza, em função das fragilidades do modelo tradicional de intervenção, a necessidade dos profissionais repensarem e qualificarem as suas intervenções e, ainda, a importância do modelo de relação de ajuda e da abordagem sistémica no desenvolvimento do trabalho psicossocial e educativo desenvolvido pelos educadores sociais.

O projecto desenvolvido assenta no paradigma emergente, constituindo uma investigação qualitativa, orientada por uma metodologia de investigação-acção participativa. Estas opções metodológicas permitiram o desenvolvimento de um trabalho plenamente cooperativo, que partiu dos seus participantes, das suas circunstâncias reais, ou seja, dos problemas concretos da família, numa lógica de aproximação entre saberes.

Foi desenvolvido com a finalidade de promover a melhoria da qualidade de vida da família, nomeadamente ao nível da habitação, educação e relações familiares e permitiu, em linhas gerais, que a família adquirisse maior poder de decisão sobre a sua vida, expectativas mais positivas relativamente ao futuro, interacções familiares mais positivas e uma crescente consciência da importância de um maior envolvimento e empenho nas questões relacionadas com a escola e com as aprendizagens escolares.

Palavras-chave

Participação, partilha, investigação – acção participativa, mudança, investigador colectivo e profissional reflexivo

Abstract

The presente study intends to explain the research project and social interventation, developed with a family followed on the extent of social insertion income.

Part of different visions, in theoretical terms, highlights the existence of different forces which build and influence the social construction and psychosocial action.

Furthermore emphasizing, as a function of the weaknesses of traditional intervention model, the need of professionals rethink and qualify their operations and also, the importance of aid relationship model and the systematic approach in the development of psychosocial and educational work undertaken by social educators.

The developed study is based on the emergin paradigm, providing a qualitative research, guided by a participative methodology of action research. These methodological choices allowed the development of a fully collaborative work which came from its participants actual circumstances, ie, the concrete problems of the family and logical approach beetwen knowledge.

It was developed aiming the quality of life improvement promotion, mainly at accomodation, education and familiar relationships level. Also allowed, in general terms, more positive expectations regarding future, more positive familiar relations and a growing consciousness in the importance of a greater involvement and commitment, on questions related with school and school learning.

Key-words

participation; sharing; participative action, research, collective researcher, reflexive professional

Índice

Volume I

Lista de siglas	vi
Nota Prévia	viii
Introdução	1
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
Capítulo I – Rendimento Social de Inserção	5
1. Enquadramento legal	5
2. Protocolos estabelecidos entre o Instituto da Segurança Social e as Instituições	6
3. Equipa Técnica	8
Capítulo II – O trabalho social e modelos de intervenção	9
1. Visões do trabalho social	9
2. Construção social da acção psicossocial	10
3. Modelo tradicional de intervenção	12
4. Reformular a intervenção	15
5. Famílias multidesafiadas. Desafios à intervenção	17
Capítulo III – O educador social na intervenção psicossocial com as famílias	23
1. Relação de ajuda	23
2. Relação de ajuda com famílias. Perspectiva sistémica	25
PARTE II – PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO EM EDUCAÇÃO SOCIAL	28
Capítulo I – Projecto “Lutar por uma vida melhor”	29
1. Investigação e Intervenção: opções metodológicas	29
1.1 A investigação e intervenção em Educação Social	29
1.2 Paradigma emergente	30
1.3 Investigação qualitativa	33
1.4 Metodologia de investigação-acção participativa	34
1.5 Estudo de caso	35
1.6 Técnicas de recolha de dados	36
1.7 Modelo de avaliação	37
2. Caracterização da família Silva	37

2.1.	Acompanhamento no serviço	37
2.2.	A família Silva	39
3.	Desenho do Projecto	50
3.1.	O início do Projecto	51
3.2.	Levantamento dos problemas e necessidades	52
3.3.	Finalidade, objectivos e estratégias da intervenção	57
3.4.	Planificação das acções. Avaliação de entrada	61
3.5.	Desenvolvimento das acções. Avaliação do processo	66
3.6.	Avaliação do produto. Avaliação final do projecto	79
4.	Conclusões	85
	Bibliografia	87
	Volume II	
	Anexos	91

Lista de siglas

AAD: Ajudante de acção directa

CPCJ: Comissão de protecção de crianças e jovens

CRI: Centro de respostas integradas

DGRS: Direcção geral de reinserção social

DL: Decreto-lei

EMAT: Equipa multidisciplinar de assessoria aos Tribunais

IPSS: Instituição particular de solidariedade social

OE: Objectivos específicos

OG: Objectivos gerais

PI: Programa de inserção

RMG: Rendimento mínimo garantido

RSI: Rendimento social de inserção

Nota Prévia

A construção deste projecto advém, fundamentalmente, do desejo de melhorar a realidade onde estou inserida, mediante a realização de um trabalho reflexivo e crítico que procura ser gerador de inovação e mudança.

Relativamente ao contexto onde o projecto está a ser desenvolvido, importa, antes de mais, clarificar a escolha de o realizar no âmbito do meu contexto profissional, nomeadamente, como técnica de acompanhamento do RSI.

Tratou-se de uma escolha que não foi simples e requereu uma análise dos prós e contras relativamente às alternativas existentes, designadamente o desenvolvimento do projecto no âmbito do meu contexto profissional ou em qualquer outro contexto de intervenção.

Inicialmente, por motivos variados, tinha como anseio realizar o projecto fora do contexto onde trabalhava, no entanto, apesar de algumas incertezas, decidi desenvolvê-lo no meu contexto profissional.

Esta decisão prendeu-se, desde logo, com a necessidade de, em função da especialização do mestrado em que estou integrada, desenvolver o projecto num contexto de risco. Considerando que o acompanhamento realizado no âmbito da medida do RSI constitui um contexto marcado por uma grande vulnerabilidade e risco psicossocial, este seria um contexto adequado para a realização do projecto.

Efectivamente, em termos globais e numa perspectiva ecológica, pode considerar-se que se trata de um contexto que apresenta diferentes factores de risco e de protecção ao nível de todos os sistemas em que as famílias e indivíduos estão integrados. As pessoas e famílias com as quais se trabalho são, em termos gerais, pessoas que se encontram numa situação de desvantagem socioeconómica, tendencialmente associada a um ou a vários outros factores como o baixo nível de escolaridade, baixa qualificação profissional, más condições de habitabilidade, desemprego de longa duração, dinâmicas familiares em constante mudança, problemas de saúde e dificuldade no acesso e articulação com serviços; Na maior parte dos casos, apresentam alguma retaguarda familiar, redes de vizinhança e motivação para o processo de mudança.

Para além desta questão, foram consideradas outras questões mais práticas associadas, por exemplo, à necessidade de rentabilização do tempo e à facilidade no acesso a informações e também questões mais técnicas, que se prendem com a minha consciência da necessidade de melhoria das práticas desenvolvidas.

Esta razão teve efectivamente um peso acrescido neste processo de escolha e foi motivada pelas reflexões e pesquisas teóricas que eu vinha a realizar, despoletadas, fundamentalmente, durante a frequência deste mestrado, e que constituem a base da investigação deste projecto: Será que analiso de forma reflexiva e teoricamente sustentada a realidade onde trabalho? Penso de forma continuada

sobre a intervenção no sentido de poder melhorá-la? Defino antecipadamente as finalidades e os objectivos que se pretendem atingir?

A resposta a todas estas questões/reflexões, não sendo negativa a todos os níveis, legitimou a necessidade de repensar sobre o trabalho que desenvolvo no âmbito do meu contexto profissional.

Verdadeiramente, devido à existência de inúmeros constrangimentos que se prendem, fundamentalmente, com a natureza, os objectivos e o enquadramento político e legal do RSI, torna-se, muitas vezes, difícil, embora não impossível, o desenvolvimento de uma prática concertada, inovadora e verdadeiramente potenciadora da mudança. O RSI constitui um apoio social cada vez mais posto em causa, verificando-se uma crescente manipulação e desinvestimento político o que conduz, inevitavelmente, a alguns condicionalismos ao trabalho desenvolvido pelos profissionais.

Efectivamente, as pressões exercidas pelos contextos de trabalho, as orientações, muitas das vezes paradoxais, e as inúmeras contradições entre aquilo que devem ser os apoios sociais e o que é exigido pelas políticas sociais, podem conduzir a que os profissionais vejam a sua prática profissional condicionada e muitas vezes posta em causa, até por eles próprios, factores que inevitavelmente podem diminuir a qualidade das práticas desenvolvidas.

Dos vários constrangimentos que, na minha opinião, existem, destaco: o elevado número de famílias em

acompanhamento por cada profissional, a burocratização do serviço, que exige ainda muito trabalho de gabinete, a prevalência de uma avaliação quantitativa e a predominância de orientações para o desenvolvimento de uma intervenção tradicional que visa a realização de diagnósticos, assentando na identificação dos problemas e na eliminação das suas causas, sendo, muitas das vezes, uma intervenção fragmentada e descontextualizada.

Assim, os constrangimentos apontados constituem factores que condicionam a minha prática profissional e que demandam, conforme nos revela a literatura relativa a estes temas, uma reflexão e mudança nas estratégias e formas de intervenção.

Partindo destas reflexões, o desenvolvimento do projecto no âmbito do meu contexto profissional, caracterizado pela existência de diferentes problemas e no qual participam pessoas e famílias às quais é necessário, na minha opinião, dar mais voz, constituiria uma mais-valia para as famílias em acompanhamento. Tentar-se-ia, nesta medida, privilegiar uma intervenção inovadora, pautada por uma maior proximidade e que rompesse com as rotinas, e que possibilitaria, no âmbito daquilo que é um projecto de educação social, fomentar a verdadeira participação das pessoas no processo de mudança.

Para além disso, o facto de ser um processo reflexivo, com supervisão e outros momentos de partilha de opiniões, permitiria o desenvolvimento de um trabalho mais concertado e de maior qualidade que poderia constituir

um exemplo de boas-práticas e um alerta para a necessidade de repensar os modelos de intervenção actualmente predominantes.

Após a decisão de desenvolver o projecto no contexto de trabalho surgiram outras dúvidas cuja dissipação era fundamental para dar seguimento ao trabalho, nomeadamente: considerando que seria complexo trabalhar com as 34 famílias (113 pessoas), em acompanhamento à data do início de construção do projecto, como escolher? Com quem desenvolver o projecto? Quais os critérios?

Estas dúvidas foram-se dissipando durante o acompanhamento tutorial e pela reflexão acerca dos conhecimentos adquiridos e aprofundados durante a frequência do mestrado, no que diz respeito aos pressupostos inerentes a um projecto de educação social e ao paradigma, metodologias e métodos que devem nortear a sua construção.

Assim, como o que se pretendia era o desenvolvimento de um trabalho de investigação e intervenção norteados por uma metodologia de investigação qualitativa, de maior proximidade e de maior qualidade, que permitisse o estabelecimento de uma verdadeira relação de ajuda, pela continuidade do acompanhamento estabelecido, pela partilha de opiniões e definição conjunta de estratégias e objectivos, optei por construir o projecto em conjunto com uma família, escolhida entre as 34 que acompanhava, cujas acções poderiam abranger outras pessoas.

Este trabalho permitiria, por um lado, realizar um acompanhamento mais próximo a essa família e, por outro lado, habilitar-me-ia a estar mais atenta e mais especializada em relação às outras famílias que acompanho. Permitiria, ainda, a possibilidade de realização de intervenções em contexto grupal, em simultâneo com o trabalho desenvolvido ao nível individual e familiar.

Perante a necessidade de escolha, decidi propor colaboração a uma família que, à data, se constituía, na minha opinião, como uma das mais vulneráveis que acompanhava, a família Silva¹, constituída por 5 elementos: o casal, a D. Glória e o Sr. Joaquim, três filhos menores, o Márcio, o Bruno e o Cristiano, e o irmão da D. Glória, o Sr. Ismael.

Em termos gerais, trata-se de uma família onde existiam problemas complexos e onde urgia a realização de uma intervenção mais voltada para as práticas quotidianas, mais continuada no tempo e mais envolvente, o que não se verificava, devido à existência de vários dos constrangimentos anteriormente referidos, e que inviabilizavam a realização de um trabalho de verdadeira proximidade que permitisse um conhecimento das interacções familiares e uma valorização plena das capacidades e responsabilidades de todos para a mudança, pressupostos inerentes à realização de um projecto de educação social.

¹ Todos os nomes apresentados são fictícios

Pretendo com este trabalho ressaltar a importância da existência de um comprometimento dos profissionais com os interesses das pessoas, grupos ou famílias com quem trabalham, mediante a assunção de uma consciência crítica e reflexiva, assente num compromisso com a valorização do crescimento pessoal das pessoas e famílias.

Ao longo deste trabalho utilizarei, em muitas circunstâncias, a 1.^a pessoa do singular, na medida em que entendo que devo assumir que este foi um trabalho onde me impliquei pessoalmente, onde a minha personalidade está patente e que constitui, antes de mais, uma reflexão pessoal. Será, no entanto, maioritariamente, utilizada a 3.^a pessoa do plural, na medida que, efectivamente, este é um trabalho, indubitavelmente, realizado em conjunto com todas as pessoas/famílias que, directa, ou indirectamente, estiveram implicadas no seu desenvolvimento, sendo, portanto, fruto de uma visão colectiva.

Por último, importa referir que ao longo do desenvolvimento deste trabalho optámos, em conformidade com a vontade da família, por ressaltar o seu anonimato, tendo sido esclarecido que todo o trabalho desenvolvido seria registado, sendo contudo, utilizado, apenas para fins académicos. Todos os nomes próprios apresentados são fictícios (escolhidos por cada um dos elementos); para além disso, não é feita qualquer referência à Instituição onde trabalho, nem a qualquer localização geográfica onde as diferentes acções estão a ser desenvolvidas.

Introdução

O projecto de investigação e intervenção em educação social denominado por um dos seus participantes e protagonistas, “Lutar por uma vida melhor”, é um projecto de investigação-participativa, construído e desenvolvido, com uma família acompanhada no âmbito do RSI, designadamente, a família Silva².

Podemos considerar, em traços gerais, que este trabalho surge, fundamentalmente, como fruto de uma reflexão relativamente à necessidade de mudança e melhoria nas práticas e como um alerta relativamente aos desafios que se colocam aos profissionais no sentido de promoverem intervenções concertadas, teoricamente sustentadas e que promovam um efectivo envolvimento e desenvolvimento das pessoas ou grupos com quem trabalham.

Para tal, está dividido em duas partes, inevitavelmente relacionadas: a primeira parte diz respeito ao enquadramento teórico e a segunda parte contempla o projecto de investigação e intervenção em Educação Social.

Relativamente à primeira parte, reveste-se de especial importância na medida em que se defende, seguindo a óptica de Kurt Lewis, que “não há nada mais prático do que uma boa teoria” e ainda a perspectiva de Franco (2007, p.113), segundo a qual, “são os quadros de referência teóricos e técnicos que habitualmente utilizamos que nos conduzem nas nossas abordagens da realidade. Olhando para uma mesma realidade, as formas que dela emergem estão de acordo com o que nos habilita a vê-las (...)”.

Assim, o enquadramento teórico apresentado constitui uma parte fundamental deste trabalho na qual se apresentam os conteúdos teóricos que estão subjacentes à realização do projecto “Lutar por uma vida melhor”.

Na impossibilidade de abarcar todos os temas, optou-se por destacar neste enquadramento, dividido em três capítulos, os conteúdos que constituíram, em termos gerais, as directrizes e pilares do trabalho desenvolvido.

No primeiro capítulo, não havendo intenção de abordar de forma exaustiva o enquadramento legal da medida do RSI, que poderá ser consultado na legislação em vigor, apresentam-se, resumidamente, alguns dos principais aspectos legais de que a medida se reveste, fazendo referência aos protocolos estabelecidos entre o Instituto da Segurança Social e diversas Instituições a nível nacional, protocolos esses que

² Nome fictício

sustentam a criação das equipas no âmbito das quais vai ser desenvolvido este projecto. Faz-se ainda uma breve abordagem à constituição das equipas de trabalho.

No segundo capítulo aborda-se o trabalho social e os modelos de intervenção. Apresenta-se, neste âmbito, as visões do trabalho social distinguidas por Payne (2002) e a perspectiva do mesmo autor, complementada com contributos de outros autores, relativamente à construção social da acção psicossocial. Abordam-se, ainda, as principais características do modelo tradicional de intervenção focando as suas fragilidades e, nesse seguimento, a necessidade de reformular a intervenção no sentido de existir uma prática mais concertada, nomeadamente no que diz respeito ao trabalho com as famílias multidesafiadas.

No terceiro capítulo apresenta-se uma abordagem às características do trabalho psicossocial e educativo desenvolvido pelos educadores sociais, focando, nomeadamente, a relação de ajuda que constitui um tipo de intervenção psicossocial plenamente enquadrada na lógica de trabalho dos educadores sociais e aborda-se mais especificamente a importância da perspectiva sistémica no estabelecimento de relações de ajuda em contexto familiar.

Relativamente à segunda parte deste trabalho, é composta por um capítulo onde consta o projecto de educação e intervenção social “Lutar por uma vida melhor”.

Considerando a importância do enquadramento metodológico apresenta-se, num primeiro momento, uma abordagem relativa ao posicionamento epistemológico e metodológico escolhido para a construção deste projecto, focando alguns aspectos característicos da investigação e intervenção em educação social e as características do paradigma emergente, da investigação qualitativa e da investigação-acção participativa. Neste seguimento, apontam-se, posteriormente, o método e as técnicas utilizadas, que estão enquadrados numa metodologia de índole qualitativo. Apresentam-se ainda as opções relativas ao modelo de avaliação do projecto.

No segundo ponto deste capítulo apresenta-se a caracterização da família Silva, fazendo, num primeiro momento, uma breve abordagem ao acompanhamento realizado no âmbito do RSI, antes do início do desenvolvimento deste projecto e, num segundo momento, uma caracterização familiar no que respeita à habitação, saúde e condições socioeconómicas. Apresenta-se ainda a caracterização individual dos diferentes elementos que constituem a família e uma caracterização das dinâmicas familiares.

Seguidamente apresenta-se o desenho do projecto “Lutar por uma vida melhor”. Aborda-se, antes de mais, o início do projecto focando, nomeadamente, o momento em que foi proposto à Família Silva a colaboração no desenvolvimento do projecto. Posteriormente expõe-se o levantamento dos problemas e a sua exploração, a identificação das necessidades, a finalidade, os objectivos e as estratégias da intervenção, a planificação e o desenvolvimento das acções e, por fim, a avaliação final do projecto.

Finalmente apresentam-se as principais conclusões que advieram da realização deste trabalho.

Este trabalho é composto por um volume de anexos autónomo, que inclui, entre outras informações, o registo de todo o trabalho desenvolvido no âmbito das acções do projecto “Lutar por uma vida melhor”.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I – Rendimento Social de Inserção

1. Enquadramento legal

As Políticas do Rendimento Mínimo surgem, na Europa, no contexto de uma reforma do Estado-Providência e têm como propósito, de acordo com Ferreira (n/d, p.60), “dar resposta à constatação da existência de níveis intoleráveis de pobreza e de exclusão social (...), constituindo-se como políticas inovadoras, que se enquadram numa nova geração de Políticas Sociais Activas (...)”.

Na mesma linha, Branco (2001) defende que o Rendimento Mínimo Garantido (RMG) (actual RSI) emergiu fundamentalmente de uma influência político-social europeia e de um processo de competição partidária nacional.

De acordo com este autor, o debate público em Portugal sobre a medida do RMG fluiu em inícios do ano de 1994 devido ao aumento da pobreza e exclusão social em Portugal e à necessidade, de acordo com uma linha da recomendação comunitária de 1992, de vir a ser reconhecido a todos o direito a um rendimento mínimo garantido que fosse promotor da integração dos cidadãos mais pobres.

Neste seguimento, foi promulgada, em Maio de 1996, a lei que criou o RMG (Lei n.º 19-A/96, de 29 de Junho), seguindo-se um projecto experimental de 12 meses (projecto-piloto). A política da medida generalizou-se a todo o território nacional a partir de 01 de Julho de 1997.

Em Maio de 2003 foi aprovada e publicada uma lei que revogou o RMG e criou, em sua substituição, o RSI, medida actualmente em vigor.

A Lei n.º 13/2003, de 21 de Maio e o Decreto-Lei (DL) n.º 283/2003, de 08 de Novembro, constituem o enquadramento legal base que rege o RSI. No entanto, ao longo dos anos, têm sido publicados vários DL, Despachos e Portarias, que complementam este enquadramento (Anexo 1), e que têm introduzido várias alterações à medida do RSI, principalmente ao nível das condições da sua atribuição.

Em termos gerais, de acordo com a Lei n.º 13/2003, de 21 de Maio, o RSI “consiste numa prestação incluída no subsistema de solidariedade e num programa de inserção, de modo a conferir às pessoas e aos seus agregados familiares apoios adaptados à sua situação pessoal, que contribuam para a satisfação das suas necessidades essenciais e que favoreçam a progressiva inserção laboral, social e comunitária” (artigo 1.º).

Para tal, inclui uma prestação que “assume natureza pecuniária e possui carácter transitório, sendo variável o respectivo montante” (artigo 2.º) e um programa de inserção (PI) que constitui “um conjunto de acções destinadas à gradual integração social dos titulares desta medida, bem como dos membros do seu agregado familiar” (artigo 3.º).

De acordo com Ferreira (n/d), o processo de substituição do RMG para RSI decorreu no âmbito da reforma do Sistema de Segurança Social em Portugal “sendo reflexo do debate, a nível global em torno de diferentes paradigmas inerentes à reforma do Estado-Providência” (p. 60) e introduziu alterações, fundamentalmente, ao nível dos critérios de atribuição da prestação pecuniária e da negociação dos PI, verificando-se, por exemplo, um maior investimento na inserção profissional dos beneficiários, uma maior responsabilização da sociedade civil ao nível da prossecução dos programas de inserção e um aumento dos mecanismos de fiscalização.

Segundo Botelho (2010), esta alteração teve como principais objectivos aprofundar o carácter social da prestação, conferindo-lhe maior eficácia, maior transparência, maior exigência e rigor na atribuição e maior fiscalização.

O acompanhamento das famílias que usufruem do RSI é, desde meados do ano de 2005, maioritariamente realizado por equipas de profissionais sedeadas em diferentes Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) e outras Instituições com fins idênticos, mediante a celebração de protocolos entre a Segurança Social e as referidas Instituições.

2. Protocolos estabelecidos entre o Instituto da Segurança Social e as Instituições

De acordo com um documento estratégico do Instituto da Segurança Social, o Manual - Protocolos do RSI (n/d), os principais vectores da protecção social que o subsistema de acção social deverá assegurar são “a prevenção e reparação das situações de carência e desigualdade social (...) de dependência, de disfunção ou exclusão (...) a integração e promoção comunitárias das pessoas e o desenvolvimento das suas capacidades” (p.3).

Neste sentido, de acordo com o mesmo documento, é fundamental que a intervenção com as famílias tenha como objectivos “a potenciação dos factores de protecção de cada família (...), a intervenção precoce (...), e a abordagem local/comunitária, através de iniciativas e serviços locais, centrados na comunidade e promotores do desenvolvimento social” (p. 3), sendo igualmente primordial “capacitar as famílias para um melhor desempenho das suas competências” (p. 3).

Neste âmbito, a celebração de protocolos entre a Segurança Social e diferentes Instituições a nível nacional, surge como uma estratégia que visa “proporcionar ganhos de eficiência” (p. 3), atribuindo às Instituições a possibilidade de desenvolverem acções ligadas às políticas de inserção.

Efectivamente, na linguagem de vários autores, estes protocolos permitem às famílias beneficiárias do RSI terem um acompanhamento mais próximo e mais potenciador da sua integração social, mediante a criação de um novo sistema de responsabilização que promove um maior envolvimento da própria comunidade no processo de inclusão dos beneficiários e um progressivo aumento do grau de autonomia da população em situação de desfavorecimento social, relativamente à medida (Moutinho, Machado & Felino, 2006; Amaro, 2009).

Em traços gerais, de acordo com o Manual - Protocolos do RSI (n/d), pelo estabelecimento destes protocolos, os profissionais das diferentes instituições devem desenvolver o acompanhamento de famílias vulneráveis, designadamente, a dois níveis: o primeiro nível diz respeito à instrução do processo e inclui a elaboração da informação social para a decisão de atribuição da prestação; o segundo nível compreende o acompanhamento das famílias beneficiárias, incluindo a realização do diagnóstico familiar, a negociação e operacionalização do PI e a avaliação do trabalho desenvolvido.

Note-se, contudo, que continua a competir à Segurança Social, “o garante da coesão social” (p. 4), sendo responsável pela coordenação e avaliação do trabalho desenvolvido pelas diferentes Instituições que possuem protocolos do RSI.

Conforme referido anteriormente, mediante o estabelecimento de protocolos, o acompanhamento das famílias é da responsabilidade de equipas de profissionais que levam a cabo uma intervenção que visa a promoção de uma progressiva autonomia dessas famílias.

3. Equipa técnica

A composição da equipa técnica tem sido alterada ao longo dos anos e não é uniforme em todo o território nacional.

Actualmente, a maioria das equipas, é constituída por vários técnicos superiores da área das ciências sociais e humanas e por ajudantes de acção directa (AAD) com qualificação profissional a partir do nível II (9.º ano de escolaridade). Cada equipa acompanha um número variável de famílias.

De acordo com o Manual – Protocolos RSI (n/d), os técnicos superiores são gestores dos processos individuais das famílias e da intervenção desenvolvida com as mesmas, visando a operacionalização dos objectivos e acções definidos no PI; relativamente às AAD, estas devem intervir directamente com os indivíduos e famílias, com a supervisão dos técnicos superiores. A sua intervenção tem como principal objectivo acompanhar a família no quotidiano, de forma continuada e próxima e promover a sua progressiva autonomia.

No sentido de se atingirem os objectivos anteriormente descritos, ainda de acordo com o Manual - Protocolos do RSI (n/d), os profissionais devem desempenhar diversas tarefas, sendo, para tal, fundamental que possuam um determinado perfil (Anexo 3).

Não obstante as orientações legais e a presunção de realização de um trabalho verdadeiramente respeitador das famílias, é fundamental reflectir acerca da necessidade de práticas concertadas, teoricamente enquadradas e inovadoras, conforme se explana no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II – O trabalho social e os modelos de intervenção

1. Visões do trabalho social

Payne (1996, citado por Payne, 2002) distingue três visões do trabalho social que caracterizam as suas actividades e objectivos, designadamente as visões reflexivas – terapêuticas, as visões socialistas – colectivistas e as visões individualistas – reformistas.

As visões reflexivo-terapêuticas perspectivam o trabalho social como uma forma de melhorar o bem-estar das pessoas, grupos e comunidades, através da promoção do crescimento e da realização pessoal. Isto pressupõe um trabalho em equipa, assente numa constante partilha e interacção entre os profissionais, que vai possibilitar que o trabalho realizado seja reflexivo. Trata-se de um paradigma que defende que a acção se deve debruçar sobre os sujeitos, propiciando que estes ganhem poder, tornando-se assim mais aptos na superação das dificuldades e desvantagens.

As visões socialistas-colectivas defendem um trabalho social baseado na cooperação e apoio na sociedade, direccionado para as pessoas mais oprimidas e desfavorecidas, para que estas possam conquistar poder sobre as suas vidas. Trata-se de uma perspectiva que implica mudanças estruturais, por exemplo, ao nível do funcionamento das instituições, e que assenta no desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária, de forma a contrariar a tendência para a acumulação de poder por parte de alguns grupos (elites).

Finalmente, as visões individualistas-reformistas perspectivam o trabalho social na óptica dos serviços, defendendo a sua melhoria de forma a torná-los mais eficazes e, conseqüentemente, mais capazes de darem respostas às necessidades das pessoas. Assim, esta visão não procura as mudanças sociais, mas antes, uma melhor adequação entre a sociedade e as pessoas.

Neste seguimento, Payne (2002, p. 22) alerta que “a natureza do trabalho social é (...) ambígua e debatida (...)” e que “existem problemas insolúveis, e nós não podemos tomar decisões finais sobre eles (...)”.

Apesar disso, o autor ressalva que “tomar parte no trabalho social requer uma visão sobre os nossos objectivos – a nossa própria construção, que orienta as acções que empreendemos” (p. 22), logo, não obstante a complexidade do trabalho social,

bem como a coexistência das suas diferentes visões, é fundamental que cada profissional se posicione num desses paradigmas cujas características centrais devem nortear as suas intervenções, ainda que, na maior parte das vezes, o trabalho social possa incluir elementos das várias visões.

Neste sentido, é fundamental que os profissionais possuam uma visão reflexiva e crítica sobre o seu trabalho e sobre os elementos que a influenciam. A este propósito, Payne (2002, p. 32) considera que “para compreender o que é o trabalho social, temos que olhar para a sua construção social”.

2. Construção social da acção psicossocial

Segundo Payne (2002), a acção psicossocial constitui uma abordagem ideológica influenciada por normas, valores e diferentes concepções do ser humano e do mundo. É portanto complexa, variando em função de várias condicionantes, o que implica que deva ser compreendida no âmbito do contexto social e cultural dos seus elementos.

Na sua visão da construção social da acção psicossocial, o autor defende que o trabalho social é construído a partir de três elementos, designadamente: os profissionais; os sujeitos, grupos, comunidades; e o contexto, instituição onde se desenvolve a prática, sendo que estes três elementos são eles próprios construídos e condicionados pela sociedade na qual estão inseridos, mantendo entre si uma relação reflexiva na qual se influenciam mutuamente.

Neste seguimento, o autor define três conjuntos de forças que constroem a acção psicossocial e que estão em permanente interinfluência: as que criam e confirmam o trabalho social como uma ocupação, ou seja, as forças que potenciam a necessidade de existência do trabalhador social, as forças ligadas ao surgimento daqueles que o autor denomina “clientes” e que designaremos, em função das características do trabalho desenvolvido pelos educadores sociais, como participantes, e ainda as forças que “criam” o contexto social do trabalho social.

As forças que “criam” o trabalho social são, por exemplo, as mudanças políticas e legislativas que ocorrem e as percepções públicas e políticas sobre as necessidades sociais que, por sua vez, influenciam as respostas sociais.

Relativamente às forças que criam os participantes, o autor ressalva que o trabalho social não é um processo no qual o trabalhador social e as instituições

mudam os participantes, defendendo que os participantes têm também um papel muito activo nesta relação, exercendo influências sobre o trabalhador social e sobre a própria natureza do trabalho social.

Finalmente, as forças que “criam” o contexto social no qual se desenvolve o trabalho social, estão relacionadas, por exemplo, com influências económicas e políticas e com as expectativas sociais em relação a determinada medida social.

No sentido de poder ser desenvolvida uma verdadeira intervenção psicossocial, o desafio que se coloca ao profissional é que assuma a existência destas forças e a sua influência e consiga posicionar-se criticamente nessa “construção”, ou seja, o profissional não deve anular que existem condicionalismos, mas deve sentir-se capaz de se configurar nessa relação.

Conforme referem Minuchin, Colapinto e Minuchin (1999, p. 36), “mais fundamental que as leis, as políticas sociais ou o dinheiro disponível nos esforços para mudar o sistema”, é a capacidade dos profissionais em quebrarem com as intervenções tradicionais e focarem-se em aspectos inovadores, rumo à mudança.

Assim, qualquer intervenção exige “uma profunda capacidade teórica para estabelecer os pressupostos da acção (...) uma capacidade de propor alternativas com a participação dos sujeitos na intrincada trama em que se correlacionam as forças sociais” (Faleiros, 1995, p. 65). Para tal, é fundamental que os profissionais tenham uma prática reflexiva, assente em conhecimentos consolidados.

Abordam-se, seguidamente, alguns pressupostos de intervenção destacando, num primeiro momento, o modelo tradicional de intervenção, focando nomeadamente alguns aspectos relacionados com a sua ineficácia e fragilidades, e posteriormente, como alerta para a necessidade de mudança nas práticas, destacam-se, ainda, alguns desafios e perspectivas que se colocam no sentido de se conseguir uma intervenção social mais concertada e inovadora, ou seja, no sentido de “repensar e renovar os processos interventivos” (Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007, p. 50).

3. Modelo tradicional de intervenção

Em termos gerais, o modelo tradicional de intervenção assenta num trabalho no qual o profissional “ajuda a resolver ou a “curar” os problemas de um cliente inexperiente” (Payne, 2002, p. 42).

Neste sentido, as famílias “são comparáveis a máquinas triviais instruídas do exterior (...). A instrução é uma prescrição (explícita ou implícita) de mudanças de comportamento, atitudes e alterações na relação, centrada nos objectivos de cura do sujeito ou família” (Sousa, et al., 2007, p. 67), pelo que, “toda a intervenção assenta na *expertise* profissional (...), sendo as famílias, quase sempre, apenas recipientes passivos dessas acções” (Sousa et al., 2007, p. 55).

De acordo com Katz (1983, referido em Payne, 2002), esta perspectiva tradicional, baseada no modelo médico, apresenta muitas lacunas na medida em que propicia a existência de uma ajuda fragmentada onde as pessoas são tratadas como problemas e não como um todo, onde não existe, na linguagem do autor, uma boa comunicação entre os profissionais e as pessoas. Assim, estas não são devidamente envolvidas no processo de mudança, verificando-se, conseqüentemente, uma redução da sua independência e poder.

Na mesma linha, Minuchin, et al. (1999) referem que os serviços direccionados para as famílias são, geralmente, pouco eficazes, na medida em que são, muitas das vezes, fragmentados e descoordenados, havendo uma tendência para estarem concentrados nas pessoas e nos seus problemas individuais, esquecendo a família e a comunidade no processo de mudança.

Relativamente a este modelo de intervenção, ainda predominante na cultura de intervenção social, destacam-se, com base no contributo de vários autores, (Minuchin, et al., 1999; Romans, Petrus & Trilla, 2000; Sousa, et al., 2007), algumas das suas fragilidades.

Este modelo assenta, desde logo, na realização de um diagnóstico que é quase sempre baseado nos problemas e na história de vida da família, mas reportados tendencialmente apenas por um dos elementos e não pela família completa; efectivamente apesar de a referência ser a família, a intervenção centra-se, na maior parte das vezes, nos indivíduos, não havendo espaço, por exemplo, para a realização de entrevistas familiares e para uma análise das interacções familiares.

Trata-se, portanto, de um diagnóstico linear, factual e fragmentado, características que a própria intervenção também vai assumir. Para além disso, tendencialmente é um diagnóstico que foca os problemas da família e não as suas competências, sendo a família considerada como parte do problema e não como parte da solução, o que reforça a visão de família incapaz.

Efectuado o diagnóstico, definem-se objectivos e estratégias, que são, quase sempre, da responsabilidade dos profissionais e que assentam, maioritariamente, em aspectos contextuais e instrumentais, colocando em segundo plano as relações familiares e sociais. Por vezes, existe uma negociação aparente em que os profissionais informam as pessoas das suas decisões, no entanto, é muito comum os profissionais imporem a sua maneira de pensar, adoptando uma postura de pouca flexibilidade, pouca abertura ao diálogo e pouca disponibilidade para aceitarem e respeitarem as decisões e opiniões das famílias.

Considerando, conforme referido, que são os profissionais que, na maior parte das vezes, definem os objectivos da intervenção, o que se verifica, muitas vezes, é a definição de objectivos utópicos que, não sendo atingidos, provocam um grande sentimento de impotência nos profissionais, levando-os a considerarem que as famílias estão acomodadas ou que efectivamente não têm competências para a mudança. Isto vai conduzir a uma situação de maior dependência das famílias relativamente aos profissionais e a uma descrença de ambos em relação à possibilidade de mudança.

Continuando a análise da ineficácia dos modelos tradicionais de intervenção, Sousa et al. (2007) destacam, de forma mais acentuada, alguns aspectos negligenciados neste tipo de intervenção, designadamente, o ponto de vista das famílias, a relação entre os profissionais e a gestão dos apoios formais e informais pelas famílias.

Quanto à negligência relativamente ao ponto de vista das famílias, ocorre nomeadamente ao nível da identificação dos problemas e das estratégias.

Neste sentido, o que se verifica é uma definição dos problemas realizada quase unicamente pelos profissionais, o mesmo acontecendo com as estratégias de intervenção que raramente são negociadas com as famílias. Assim, parte-se da premissa de que a mudança ocorre de fora para dentro e que é da responsabilidade dos profissionais, que se constituem como especialistas cujas orientações serão a solução para os problemas das pessoas e famílias.

Esta inconsistência propícia, por um lado, que as famílias estejam menos motivadas e envolvidas no processo de mudança e, por outro lado, a que os técnicos se sintam mais frustrados com a intervenção. Os autores ressaltam ainda que, muitas das vezes, como são os profissionais que definem as mudanças que desejam para a família, se ocorrerem outras mudanças na família, estas não são valorizadas pelos técnicos, sendo inclusive, postas em causa.

No que diz respeito à relação entre os profissionais, Sousa et al. (2007) referem que, apesar de actualmente os modelos de intervenção assentarem cada vez mais num trabalho de parceria entre técnicos e instituições, esta é uma realidade que carece ainda de algum aprofundamento e coordenação.

O que se verifica, ainda com alguma frequência, é a existência de intervenções acumuladas (muitas vezes existem vários profissionais que intervêm com a mesma família e que desconhecem as acções que estão a ser desenvolvidas por cada um) e não uma verdadeira integração e parceria dos serviços.

Relativamente à gestão dos apoios, os autores referem que as famílias, no sentido de mais facilmente conseguirem suprir as suas necessidades, tendem a combinar apoios formais e estratégias informais. De acordo com os autores, este facto é, muitas das vezes, desconhecido pelos profissionais, não havendo qualquer trabalho de articulação e de rentabilização dos recursos existentes. Por outro lado, o que acontece, não raras vezes, é que tanto os técnicos como os elementos que constituem a rede de apoio informal têm conhecimento dos apoios recebidos pelas famílias, no entanto, não há uma preocupação em apoiarem a família na sua gestão.

As fragilidades apontadas ao modelo tradicional de intervenção remetem para a necessidade urgente de reflexão sobre as práticas, em prol de uma intervenção mais eficiente, integrada, concertada, potenciadora de mudança e verdadeiramente respeitadora dos pontos de vista das pessoas, considerando-os sempre sujeitos activos do seu próprio desenvolvimento.

Note-se que esta mudança não passa apenas pela alteração de postura dos profissionais, mas também pelas instituições, políticas sociais e pela formação dos técnicos. No entanto, em função da natureza deste trabalho, que pretende constituir um alerta para a importância da mudança das práticas dos profissionais, focaremos este aspecto com maior incidência, isto porque se advoga, à semelhança de Carvalho

e Baptista (2004), que é fundamental os profissionais construírem e consolidarem intervenções, através de uma reflexão contínua e pensamento crítico sobre a acção.

4. Reformular a intervenção

A tese de construção social defendida por Payne (2002) tem como base a existência de uma relação reflexiva entre trabalhadores sociais, participantes e o contexto, na qual estes três elementos se afectam mutuamente, e em que, em oposição ao modelo tradicional, os trabalhadores sociais e as Instituições constituem elementos com capacidade para promover a mudança, mediante a interacção com os participantes.

Na mesma linha, Minuchin et al. (1999) e Sousa et al. (2007), referindo-se mais especificamente ao trabalho desenvolvido com as famílias pobres, defendem a necessidade de reformular as formas de intervenção, ressaltando que deverão, para tal, existir mudanças a vários níveis, designadamente ao nível da compreensão e funcionamento das famílias, ao nível da adopção de novas estratégias de intervenção com as famílias e ao nível das políticas e serviços sociais.

Embora se revistam de relativa consistência teórica e conceptual, as abordagens mais recentes, centradas nas competências, ainda são pouco utilizadas fundamentalmente devido ao enraizamento social e cultural dos modelos tradicionais.

Neste sentido, os autores referidos, apontam alguns pressupostos teóricos que sustentam a mudança nos modelos de intervenção, designadamente a reformulação do papel do profissional e dos participantes, a activação das competências das famílias e a mudança dos sistemas descritivo-explicativos da patologia e disfuncionamento para o problema.

Relativamente à reformulação do papel dos profissionais e participantes, Sousa et al. (2007), destacam, com base nos trabalhos de Maturana e Varela (1980), que é fundamental ter presente a inviabilidade de manter uma distinção entre observador e observado, ou seja, entre o profissional e os participantes, na medida em que estes devem estar em constante interacção, sendo a partir desta interacção que se constroem e interpretam os factos, mediante uma partilha e respeito reais pelas opiniões e perspectivas de cada um.

Neste seguimento, o papel do profissional tem que ser repensado numa perspectiva de maior humildade, maior flexibilidade e de menor centralidade (Minuchin et al., 1999; Romans et al., 2000; Sousa et al., 2007).

Assim, ao contrário do que o que se verifica no modelo tradicional, os modelos mais recentes de intervenção defendem uma “postura heterárquica – governar através dos outros” (Andersen, 1995, citados por Sousa et al., 2007, p. 67), e uma hierarquia de competência: o profissional surge como catalisador de mudança, como possuidor de determinada especialidade, no entanto, esta especialidade não é superior à das pessoas ou famílias com quem trabalha, que surgem, neste contexto, como especialistas das suas vivências.

Relativamente à activação das competências, nas abordagens mais actuais privilegia-se uma intervenção que apoie as pessoas a reconhecerem as suas próprias capacidades (Shazer & Berg, 1997, citados por Sousa et al., 2007; Minuchin et al., 1999) que lhes permitam resolver os seus problemas. Isto torna-se possível através de uma intervenção que vise a possibilidade das pessoas poderem reflectir sobre a sua própria realidade, perspectivar os objectivos e soluções possíveis, evitando que se foquem exclusivamente nos problemas, procurando destacar as suas potencialidades e capacitando através do respeito pelas suas opiniões.

Decorrente destas alterações, no desenvolvimento de uma intervenção mais concertada, é fundamental ocorrer uma mudança na forma como se perspectivam os problemas. Assim, a preocupação dos profissionais deve deixar de estar focada na patologia ou disfuncionamento familiar, os problemas devem ser percebidos nos contextos em que as famílias se encontram e o conhecimento da realidade deve construir-se numa colaboração estreita entre os profissionais e participantes, em simultâneo com a intervenção (Sousa, et al. 2007).

Em suma, os serviços são uma parte fulcral do suporte às famílias, no entanto, para a melhoria da sua eficácia é fundamental a propagação de modelos de apoio colaborativos que se baseiem não unicamente na resolução dos problemas nem na busca de soluções, mas fundamentalmente na activação das competências das famílias, na perspectivação das relações familiares de uma forma mais positiva e na exploração das alternativas disponíveis dentro da própria família (Ausloos, 1996; Minuchin et al., 1999; Sousa et al., 2007). Conforme referem Minuchin et al. (1999, p. 35) “enxergar a família como um recurso é um passo gigantesco para a frente”.

No sentido de melhor explorar estes pressupostos, aborda-se em seguida, os desafios que se colocam aos profissionais com o objectivo de transformarem as suas práticas, designadamente no acompanhamento a famílias multidesafiadas.

5. Famílias multidesafiadas. Desafios à intervenção

Considerando, por um lado, as dificuldades do dia-a-dia das pessoas e/ou grupos (famílias) com as quais os profissionais estabelecem relações, que “impõem”, muitas das vezes, intervenções fugazes e mais individuais no sentido da sua resolução, e, por outro lado, os inúmeros constrangimentos e limitações que podem emanar do próprio funcionamento dos serviços torna-se, por vezes, um pouco difícil desenvolver uma intervenção concertada e devidamente contextualizada (Minuchin, et al., 1999; Capul & Lemay, 2003).

Em termos gerais, o desafio que se coloca aos profissionais é que, mesmo assim, perspectivem intervenções que não quebrem a estrutura da família, e que se baseiem na activação das suas competências.

Ora, isto só é possível se o profissional for capaz de perceber as características e o modo de funcionamento de cada família, de reconhecer os seus padrões e o contexto, seguindo uma perspectiva mais optimista relativamente à mobilização das suas competências e potencialidades (Minuchin, et al., 1999) e procurando uma intervenção que se desenvolva “na construção de padrões de complementaridade família-serviço” (Sousa, 2005, p. 10), a partir das relações entre os vários sistemas: na família, entre a família e os profissionais e entre os profissionais.

Neste sentido, o profissional não pode assumir uma atitude substitutiva na medida em que isso inviabiliza o desenvolvimento das competências familiares, conduzindo a um aumento da delegação e da desresponsabilização e uma diminuição da auto-estima dos elementos que constituem a família (Romans, et al., 2000; Alarcão, 2002). Nesta perspectiva é fundamental que o profissional vá ao encontro dos sonhos das famílias, considerando-os como “uma prova da existência de finalidades no ser humano, da sua capacidade de criar projectos e da ânsia de se aproximar da felicidade” (Gimeno, 2001, p. 26).

Estes aspectos tornam-se ainda mais importantes quando se trabalha com famílias multidesafiadas.

De acordo com Alarcão (2002), estas famílias caracterizam-se pela inexistência de um sintoma em particular mas, sim, por determinada forma de estar e de relacionamento e pela existência de vários problemas que são muito coesos, influenciando-se e reforçando-se mutuamente, afectando, assim, a família, os seus elementos e a sua relação com o exterior.

A literatura e investigação acerca destas famílias enfatizam, fundamentalmente, os seus problemas e modos de disfuncionamento: “ (...) o mundo criado para e sobre estas famílias relaciona-se só com o que está mal, ausente, insuficiente ou estragado (...) ” (Sousa et al., 2007, p. 15), negligenciando os aspectos positivos.

Neste contexto, torna-se difícil, tanto para os profissionais como para as famílias, acreditar na possibilidade de melhoria da qualidade de vida.

Contudo, é fundamental contrariar este sentimento e desenvolver um trabalho que acredita nas famílias e nas suas capacidades de mudança e de evolução (Ausloos, 1996; Minuchin et al., 1999), através da utilização de mecanismos que activem as suas competências que lhes permita adquirir controlo sobre as suas vidas.

Madsen (1999, citado por Sousa et al., 2007) chama igualmente a atenção para o facto das histórias de vida destas famílias serem sempre analisadas do ponto de vista das lacunas e problemas alertando que, quando perspectivadas de uma forma mais positiva, estas histórias permitem a identificação de inúmeras finalidades e competências. Na perspectiva deste autor, aparentemente estas famílias são caóticas e instáveis, na medida em que têm que responder a crises sucessivas, procurando soluções para as diferentes circunstâncias da vida; contudo as famílias “vão conseguindo seguir em frente, com mais ou menos facilidade e êxito” (p. 42) o que prova que são efectivamente detentoras de grande capacidade para encontrarem soluções e resolverem os problemas.

De acordo com o autor, o que se verifica, em muitos casos, é a existência de profissionais que consolidam a ideia de inexistência de mudança e de perpetuação dos problemas ao longo das gerações em determinadas famílias, não vislumbrando qualquer expectativa de mudança, sendo comuns afirmações como “esta família já não muda ou já não tem solução” (p. 42). Para o autor, “a ilusão de “não-mudança” para os profissionais decorre de esperarem uma determinada mudança que os torna cegos a outras transformações (...) ” (p. 42).

De acordo com Ausloos (1996) uma intervenção que contrarie estes pressupostos, consegue-se através do desenvolvimento de um trabalho no qual o profissional acompanha a família na procura de soluções para a resolução dos problemas existentes, não sendo um mero observador externo mas, pelo contrário, estando implicado no processo de mudança.

O autor ressalva que “aceitar a imprevisibilidade é desconfiar das nossas hipóteses de mudança para privilegiar as suas inovações. A maior parte do tempo trabalhamos demasiado e, assim sendo, apagamos a criatividade das famílias” (p. 31), ou seja, muitas vezes os profissionais consideram que as suas soluções são boas para todas as pessoas e famílias e isto impede que as famílias encontrem as suas próprias soluções.

Conforme refere o autor, aludindo ao trabalho do terapeuta familiar, que poderemos adaptar à realidade do trabalho desenvolvido, por exemplo, pelos educadores sociais, “fazer terapia não é resolver problemas ou corrigir erros mas mergulhar no mistério das famílias e do encontro” (p.19). Isto implica passar de uma intervenção onde o profissional observa para uma intervenção onde o profissional se observa “de forma a reflectir na família competente essa percepção que permitirá deixar emergir “a auto-solução”” (p. 19).

Neste sentido, “as nossas indicações não devem encerrar o processo num círculo vicioso, substituir a imaginação por receitas, visar uma mudança previsível mas, pelo contrário, abrir à exploração soluções que ninguém até aí havia imaginado, que nunca se haviam ousado até então (...)” (p. 25).

Devemos, assim, em detrimento de considerar as suas faltas, entender as famílias como competentes e acreditar na premissa de que ao profissional não cabe “encarregar-se” da família, mas antes, activar mecanismos através dos quais as famílias podem observar, experimentar e caminhar no sentido da mudança (Ausloos, 1996; Minuchin et al., 1999).

Para isto é fundamental, desde logo, partir-se do princípio que as famílias quando se dirigem aos serviços têm vontade de mudar (Ausloos, 1996) e têm a necessidade de sentir a disponibilidade, o respeito e empenho dos profissionais. Assim, é fundamental que estes sejam capazes de as acolher, respeitar, compreender as suas dificuldades, demonstrando esse entendimento e inspirar confiança relativamente ao futuro (Ausloos, 1996; Minuchin et al., 1999). Neste sentido, os profissionais devem fazer a família sentir-se bem-vinda, envolvê-la no trabalho que

irá ser desenvolvido, sendo “especialmente importante ouvir as realizações e as áreas de potencialidade que podem nunca ter sido abertamente valorizadas” (Minuchin et al., 1999, p. 48).

Efectivamente, um aspecto fundamental no trabalho com estas famílias é o estabelecimento de uma relação de confiança, que se reveste de uma importância acrescida na fase inicial da intervenção, sendo fundamental designadamente para promover o envolvimento dos participantes, constituindo mesmo, de acordo com Ausloos (1986, citado em Sousa et al., 2007), “uma pré-condição para a aprendizagem e mudança, já que para que dois sistemas se influenciem é necessário que se acoplem e sejam mutuamente significativos” (p. 72).

Esta perspectiva de intervenção implica que os profissionais desempenhem tarefas que se distanciam do papel tradicionalmente imputado ao trabalhador social. Os profissionais devem, por exemplo, ser flexíveis relativamente aos horários e aos espaços de encontro com a família, devem estar disponíveis e serem acessíveis e devem reconhecer as suas próprias limitações, numa lógica de comprometimento com as famílias com quem estão a trabalhar (Minuchin et al., 1999; Romans et al. 2000; Sousa et al., 2007).

A respeito dos contactos, vários autores, defendem, no sentido de promover o envolvimento das famílias, a utilização de estratégias que se prendem, por exemplo, com a manutenção frequente de contactos, a persistência dos contactos no caso de as famílias não responderem a alguma solicitação, e a realização de visitas domiciliárias.

Relativamente às visitas domiciliárias, ressaltam que é importante que a família compreenda que os objectivos da visita são conhecer melhor todos os elementos que a constituem e compreender a natureza e as características do contexto onde vivem, ou seja, os grandes objectivos são o contacto e a comunicação com a família. Assim, na visão dos autores, as famílias sentem-se importantes por receberem o profissional e entendem as suas visitas como indicadores de preocupação e proximidade (Ribner & Knei-Paz, 2002; Watson, 2005; Schosberg & Kagan, 1989, citados por Sousa, et al., 2007; Minuchin et al., 1999).

Relacionado com a importância do estabelecimento de uma relação de confiança, vários autores destacam a importância da informalidade e proximidade na relação com as famílias.

De acordo com Sousa et al. (2007), a informalidade prende-se com a capacidade do profissional em assumir uma postura, uma forma de estar e uma linguagem menos formal na relação que estabelece com as famílias. No que concerne à linguagem, a utilização de uma linguagem próxima da família possibilita que esta compreenda a informação e, conseqüentemente, que esteja mais envolvida no processo de intervenção.

Um outro aspecto fundamental a considerar numa intervenção que se quer inovadora e mais respeitadora das famílias, é o tempo das famílias.

Ausloos (1996) refere sobre este assunto, que as famílias não são resistentes à mudança, apenas têm necessidade de tempo, na medida em que “não se querem lançar à primeira transformação vinda das nossas propostas (...) têm bastante razão em ser prudentes, e não resistentes. (...) Há famílias prudentes porque estão ressentidas e têm necessidade de tempo para avaliar, para experimentar, para encontrar as suas próprias soluções” (p. 35).

Nesta perspectiva é fundamental considerar, antes de mais, que as famílias multidesafiadas apresentam vários problemas graves, de longa duração, que não podem ser mudados imediatamente, pelo que necessitam de intervenções mais prolongadas no tempo, num acompanhamento caracterizado por contactos frequentes com a família, que permitam aos profissionais observarem as famílias em diferentes contextos e interacções e, conseqüentemente, terem uma perspectiva mais alargada da vida familiar (Summers & MacMann, 1997, citados por Sousa et al., 2007).

A este respeito, destaca-se a perspectiva de Bronfenbrenner (1977) que critica as limitações dos estudos sobre o desenvolvimento humano realizados em situações artificiais e alerta para a importância dos contextos em que os indivíduos participam directa ou indirectamente. Assim, também ao nível da intervenção social o trabalho que se realiza unicamente em gabinete deve ser posto em causa, devendo assumir-se intervenções que ocorram nos diferentes contextos em que as famílias evoluem (Bairrão, 1995) e que tenham em conta os tempos das famílias.

Considerar o tempo das famílias implica, aceitar que “a mudança constrói-se num processo de descoberta de possibilidades e soluções alternativas, que a família vai testando e adequando ao seu “estilo”” (Sousa et al., 2007, p. 75). Assim, o profissional tem que evitar a tendência para apressar a resolução dos problemas e aceitar que qualquer processo de mudança é marcado por progressos e recuos.

Se isso acontecer, de acordo com Ausloos (1996, p.35), as famílias terão o seu tempo para “encontrar as suas auto-soluções em vez de seguir os nossos conselhos; poder experimentar antes de decidir; empenharem-se no futuro em vez de se debruçarem sobre o passado”.

Para além da crucial importância do tempo das famílias, Sousa et al. (2007) chamam ainda a atenção para a importância do tempo dos profissionais, defendendo que os profissionais só podem desenvolver uma prática eficaz e com características inovadoras se o número de casos que acompanham for exequível, sendo fundamental neste aspecto a ocorrência de mudança na forma como os próprios serviços se organizam.

Em termos gerais, defende-se que cada profissional deve acompanhar entre 20 a 25 famílias, porém, se se tratar de famílias com problemas múltiplos e complexos, deve acompanhar cerca de 10 famílias (Baronet & Gerber, 1998, citados por Sousa, et al., 2007).

Na perspectiva de Watson (2005, citado por Sousa et al., 2007) quando acompanham um número excessivo de casos, os profissionais são pouco eficientes, na medida em que, por exemplo, têm que ser mais apressados, não podem despende o tempo desejável às famílias e são menos rigorosos nos registos. Consequentemente, inevitavelmente ficam mais esgotados e frustrados.

Destaca-se aqui, no âmbito do contexto profissional no qual este trabalho está a ser desenvolvido, o exemplo do RSI. Embora a legislação, inicialmente previsse, para cada equipa, o acompanhamento de 40 a 60 agregados familiares, alguns dos protocolos celebrados com as Instituições prevêem o acompanhamento, por cada equipa, de um número mínimo de 180 agregados familiares.

Um outro aspecto fundamental no trabalho desenvolvido com famílias multidesafiadas é a existência de supervisão regular e estruturada.

Efectivamente são vários os autores que defendem a importância da supervisão, na medida em que esta possibilita a existência de um novo olhar e de uma certa liberdade relativamente ao trabalho desenvolvido (Minuchin, et al., 1999), constituindo, por um lado, um apoio fundamental, assente na escuta e na colaboração, e, por outro lado, um instrumento de formação, mudança e inovação, com funções muito importantes ao nível da facilitação do crescimento profissional (Formosinho, 2002).

CAPITULO III - O educador social na intervenção psicossocial e educativa com as família

1. Relação de ajuda

Em conformidade com os pressupostos de uma intervenção inovadora e mais actual, a intervenção do educador social deve ter como base fundamental o estabelecimento de relações com as pessoas e grupos e deve caracterizar-se pela partilha de momentos do dia-a-dia com vista a potenciar a autonomia e o desenvolvimento das pessoas mediante um maior conhecimento dos seus recursos (internos e externos) e também das potencialidades do meio envolvente (Capul & Lemay, 2003).

Este trabalho pode ser desenvolvido mediante a utilização da relação de ajuda que constitui uma possibilidade de acção psicossocial que tem como principal objectivo contribuir para o desenvolvimento dos indivíduos, dos grupos e das comunidades (Timóteo, 2010) utilizando a comunicação como principal veículo da intervenção (Bloch, 1999).

Em termos gerais, enquanto estratégia de intervenção psicossocial, a relação de ajuda deverá, de acordo com Timóteo (2010), ser essencialmente social e afectiva, de forma a possibilitar a criação de condições para a auto-análise e para a análise social, entendendo-se os sujeitos/famílias como protagonistas do seu próprio processo de mudança, e deverá visar a promoção da sua integração numa lógica de mudança pessoal e social assente na sua capacitação e capacidade de reflexão crítica.

Segundo a mesma autora, a relação de ajuda deve, portanto, basear-se numa relação co-construída, com o objectivo de apoiar as pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade, procurando criar condições para que estas e as suas famílias adquiram competências para a resolução dos seus problemas. Assim, “mais do que uma intervenção sobre o outro, assume-se como uma acção assente na optimização dos recursos internos e externos do sujeito e das suas potencialidades, com vista à autodeterminação responsável de cada um, mas na qual o sujeito é activo” (Rubio, Aretio & Corbella, 2003, citados por Timóteo, 2010, p. 15).

À semelhança do terapeuta, o papel do educador social na relação de ajuda com as famílias “é tentar oferecer (...) uma visão da “situação” que vivem, de maneira que lhes possam surgir novas alternativas (...)” (Benoit e col., 1988, citados por Relvas, 1999, p. 38)

Seguindo a perspectiva de Rogers (2009), um dos autores que contribuiu para o alcance do rigor conceptual da relação de ajuda e para a clarificação do seu significado, cada sujeito tem a sua própria experiência que deve ser respeitada, valorizada e partilhada, logo, os profissionais de relação devem potenciar a auto-actualização dos sujeitos, respeitar as suas escolhas, e acima de tudo, entendê-los como seres humanos livres e responsáveis pelas suas acções e escolhas.

Guerra e Lima (2005, p. 73) reiteram esta posição afirmando que “ O homem é responsável por ele próprio, (...) procura desenvolver os seus potenciais e (...), tem liberdade”.

Voltando a Rogers (2009, p. 10), o autor defende que o crescimento é um “movimento na direcção da auto-estima, flexibilidade, respeito por si e pelos outros”, logo, as pessoas e famílias precisam de uma relação caracterizada pela aceitação, empatia e consideração positiva, condições necessárias para o crescimento humano.

De acordo com Guerra e Lima (2005), numa análise à perspectiva de Carl Rogers, para o estabelecimento de uma relação desta natureza, os profissionais devem ter capacidade de ouvir (escuta activa) sem fazer juízos de valor, respeitar a opinião dos sujeitos e ter capacidade de empatia no sentido de compreender os problemas e sentimentos, situando-os à luz do quadro referencial do sujeito. Para além disso, devem ser capazes de demonstrar essa compreensão e de a verbalizar, na medida em que só assim o sujeito se sente confiante, compreendido e aceite, entendendo que existe um espaço onde pode expressar-se livremente e ser ele próprio: “ (...) através da empatia a pessoa sente-se compreendida e aceite, apesar dos seus problemas (...) ganha confiança (...) e assume a coragem de ser autêntica para poder mudar” (p. 79).

Deve portanto privilegiar-se uma comunicação imbuída de valores humanistas, que se revelam pela qualidade da presença, respeito, autenticidade e atitude de abertura por parte do profissional (Phaneuf, 2005).

Estabelecer uma verdadeira relação de ajuda implica considerar o quotidiano como uma alavanca de conhecimento, perceber a vida social nos seus vários aspectos, potenciar a dimensão relacional, a inovação, a quebra de rotinas, conhecer as interacções entre sujeitos/grupos sociais e sujeitos/contextos, compreender o outro e envolvê-lo no seu processo de mudança. Isto será tanto mais possível quanto maior for a capacidade do profissional “em aconchegar-se ao calor da intimidade da compreensão, fugindo das arrepiantes e gélidas explicações que, insensíveis às

pluralidades disseminadas do vivido, erguem fronteiras entre os fenómenos, limitando ou anulando as suas relações recíprocas” (Pais, p. 32).

Para o seguimento desses pressupostos a intervenção do profissional não deve ser improvisada, mas sim fundada em conhecimentos de diversas disciplinas, que permitam a definição de um quadro metodológico próprio, situado na fronteira das ciências sociais e humanas.

Neste sentido, é primordial que o profissional de relação de ajuda possua uma formação teórica que lhe possibilite definir, em conjunto com as pessoas, um plano de intervenção adequado aos problemas existentes considerando as especificidades das intervenções individuais e em contexto grupal. Para além disso, face às suas características, estabelecer uma relação de ajuda exige que o profissional desenvolva uma autoconsciência e auto-reflexão críticas constantes (Guerra & Lima, 2005).

Em seguida, foca-se a relevância do conhecimento dos conceitos sistémicos por parte dos profissionais e a sua importância ao nível das práticas, dois aspectos que constituem, instrumentos muito importantes para o desenvolvimento da intervenção psicossocial com famílias, onde se inclui a relação de ajuda.

2. Relação de ajuda com famílias. Perspectiva sistémica

Em termos gerais, de acordo com Alarcão (2002, p. 37), pode considerar-se a família como um lugar privilegiado “para a elaboração e aprendizagem de dimensões significativas da interacção” e um espaço de “vivência de relações afectivas profundas (...) numa trama de emoções e afectos positivos e negativos”. A família é também, segundo a mesma autora, um grupo institucionalizado, mais ou menos estável e que constitui uma base da vida social muito importante.

Existem inúmeras disciplinas e investigações que estudam a família, daí a existência de uma diversidade de definições de família e de modelos familiares.

Para a elaboração deste trabalho advoga-se uma definição de família compreendida do ponto de vista sistémico, pelo que, defende-se, partindo da perspectiva de Alarcão (2002, p.39), que o fundamental é, antes de mais, “vê-la como um todo, como uma emergência dos seus elementos, o que a torna uma e única”, através de uma visão global da sua estrutura e do seu desenvolvimento.

Nesta perspectiva, assume-se a definição proposta por Gimeno (2001) que entende a família como um sistema, ou seja, como um conjunto de membros que

interagem entre si, mantendo determinadas interações e vínculos. Um sistema aberto e complexo, na medida em que é permeável à influência dos outros sistemas, orientado para atingir determinados objectivos e auto-organizado, no qual se dão inúmeras relações cujas causalidades assumem carácter circular e interactivo.

Seguindo os fundamentos da terapia familiar, assentes numa necessidade de mudança de paradigma e na ideia de que é “preciso reunir para compreender” (Relvas, 1999, p. 15), no estabelecimento de uma relação de ajuda em contexto familiar é fundamental considerar as relações e interações que se estabelecem entre os diferentes elementos, nos contextos em que estão inseridos, bem como pensar numa lógica sistémica e de causalidade circular.

Assim, deve considerar-se a família como uma unidade e adoptar estratégias de intervenção que “não reduzam a unidade familiar à soma dos indivíduos” (Jackson, 1965, citado por Relvas, 1999, p. 34), ou seja, deve entender-se a família como “um conjunto de indivíduos que desenvolvem entre si, de forma sistemática e organizada, interações particulares que lhe conferem individualidade grupal e autonomia” (Relvas, 1997, citada por Relvas, 1999, p. 34), e considerar-se que o facto de um dos elementos do sistema viver determinado problema tem influência em todos os outros elementos e no todo familiar (Sousa, 2005).

Perspectivando a relação de ajuda assente numa abordagem sistémica é fundamental enquadrar o sintoma na dinâmica relacional familiar, atribuindo-lhe uma determinada função e significado e ter presente que a intervenção deve sempre focar o grupo familiar e não apenas o sujeito (Sousa, 2005).

Gimeno (2001) defende que o conhecimento das regras pelas quais a família se rege e as interações estabelecidas entre os diferentes elementos de uma família constituem a base para a sua compreensão e para a realização de qualquer intervenção. Nesta óptica, o autor ressalva a importância da comunicação, pilar fundamental nas famílias e considera que a análise da família como um sistema só é possível se estudarmos a comunicação familiar na medida em que a funcionalidade da família vai depender muito dos padrões de comunicação existente entre os seus membros.

Trabalhar nesta perspectiva implica ter em consideração que “as famílias são os principais agentes da vida familiar e, por isso, é natural e legítimo que intervenham e optimizem o seu próprio desenvolvimento” e que “a sua acção aumentará em eficácia enquanto forem capazes de conhecer e compreender a sua

própria história e as dimensões que no presente configuram o sistema” (Gimeno, 2001, p. 287).

Segundo Sousa (2005), para o desenvolvimento de uma intervenção de orientação sistémica, o profissional deve estar munido de um conjunto de ferramentas e estratégias que lhe permitam enquadrar e conceptualizar a intervenção.

Assim, deve, desde logo, saber explorar o pedido que constitui o início da intervenção: compreender o seu contexto percebendo, por exemplo, quem fez o pedido, porquê e qual a motivação e a implicação da família.

Ultrapassada a fase de esclarecimento sobre o pedido de ajuda é preciso entender claramente o que perturba e traz insatisfação à família e, finalmente, equacionar a solução. Nesta fase é fundamental ultrapassar a visão tradicional de intervenção segundo a qual a solução elimina as causas do problema e resolve-o e que cabe ao técnico encontrar uma solução, tendo presente que “o problema e a solução podem estar ou não relacionados” (p. 95). Assim, é crucial considerar que “a solução constrói-se fazendo qualquer coisa diferente que encaixa no problema e na vivência das pessoas envolvidas” (Shazer et al., 1986, citados por Sousa, 2005, p. 96), numa lógica de rentabilização dos recursos e capacidades existentes, numa perspectiva positiva relativamente ao futuro.

A solução surge associada à mudança que implica: tempo, a definição de objectivos realistas e definidos em conjunto com a família, ou seja, a definição das mudanças concretas a alcançar e construir uma intervenção que motive todos os intervenientes (Ausloos, 1991, citado por Sousa, 2005).

Em suma, no desenvolvimento da sua prática profissional com famílias o educador social deve privilegiar a construção de um processo familiar, num ambiente de comunicação e diálogo, numa prática profissional que deve ser aberta e flexível, ou seja, adaptada às especificidades de cada família e dos seus elementos.

Deve considerar que a família é um sistema, logo, se um dos seus membros viver um problema, este vai ter impacto em cada um dos outros membros e no todo familiar (Alarcão, 2002; Sousa, 2005) e que, sendo um sistema, a família é uma organização viva, permanentemente desafiada para a necessidade de improvisação no sentido de satisfazer as diferentes necessidades dos seus membros e de se ajustar às expectativas do meio em que está inserida (Caillé & Rey, 2003).

PARTE II

PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO EM EDUCAÇÃO SOCIAL

Capítulo I – Projecto “Lutar por uma vida melhor”

1. Investigação e Intervenção: opções metodológicas

O projecto de investigação e intervenção em Educação Social “Lutar por uma vida melhor” assenta, em termos gerais, no paradigma emergente (socio crítico), constituindo uma investigação essencialmente qualitativa, norteadada por uma metodologia de investigação – acção participativa.

Considerando a importância do enquadramento metodológico na realização de qualquer projecto, apresenta-se uma abordagem relativa ao posicionamento epistemológico e metodológico adoptado para a construção do projecto. Aborda-se, num primeiro momento, algumas considerações acerca da especificidade da investigação e intervenção em educação social, apresentando-se posteriormente uma exposição da metodologia, método, técnicas e modelo de avaliação utilizados na construção deste projecto.

1.1 A investigação e intervenção em Educação Social

A Educação Social surge, segundo Carvalho e Baptista (2004, p. 7), como “um domínio de ponta”, agregando disciplinas e projectos de intervenção e estabelecendo uma “relação entre o saber próprio do universo da pedagogia (...) e a experiência da acção no terreno do trabalho social” (p.7), impelindo assim a construção de novos rumos para a investigação e intervenção socioeducativa.

De acordo com os mesmos autores, o desenvolvimento da educação social foi propiciado pelo aumento dos fenómenos de exclusão social e, concomitantemente, pelas lacunas verificadas ao nível dos processos assistenciais e intervenções de cariz tradicional, associados à evolução verificada ao nível da investigação e da produção no âmbito das ciências sociais.

Segundo Serrano (2001), a investigação em Educação Social é escassa na medida em que tendencialmente a educação social constitui-se uma área em que se prioriza a acção. No entanto, esta é uma realidade em mudança.

Efectivamente, de acordo com a mesma autora, verifica-se actualmente uma maior sensibilidade e preocupação pela investigação na área da educação social orientada fundamentalmente para a necessidade de qualificação da acção que deve ser realizada com a participação das pessoas, de forma mais informada, crítica,

reflexiva e inovadora, sendo a sua grande finalidade a transformação da realidade e a criação de conhecimento útil para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Nesta perspectiva, a educação social tem vindo a promover-se como uma acção pautada pelo acompanhamento humanizado das pessoas e situações, com o objectivo de possibilitar às pessoas e grupos que se situem de forma mais pró-activa perante eles próprios e perante o meio que os envolve (Capul & Lemay, 2003), através de uma intervenção que decorre fundamentalmente no terreno, em grande proximidade com as pessoas e grupos com quem se constroem os projectos e intervenções. Trata-se, portanto, de uma prática assente na partilha quotidiana, mediante trocas verbais e acções, mas também no empenho do profissional num “aqui e agora” (Carvalho & Baptista, 2004).

No sentido de promover o exercício destas práticas, os autores defendem que a acção deverá contemplar as dimensões sistémica, hermenêutica e projectiva.

A dimensão sistémica compreende a valorização integral dos fenómenos socioeducativos, entendidos na sua complexidade; a dimensão hermenêutica realça a importância das pessoas como sujeitos activos na detecção e apreensão dos acontecimentos e dos problemas e da percepção do significado das resistências e conflitos que possam surgir, factos que impulsionam o desenvolvimento de uma acção inovadora e promotora da mudança; finalmente, a dimensão projectiva faz parte, por exemplo, a descoberta das potencialidades das histórias das pessoas e dos grupos com quem se trabalha e também das finalidades como potenciadoras da acção e da intencionalidade dos projectos.

Assim, é fundamental que as práticas se desenvolvam a partir de um saber dinâmico e em construção permanente, que os profissionais sejam reflexivos e desenvolvam a sua intervenção no terreno através do estabelecimento de uma relação directa e pessoal com as pessoas e grupos com quem intervêm.

Para tal, a educação social deve assentar num paradigma e numa metodologia que torne possível o desenvolvimento de práticas desta natureza, designadamente no paradigma emergente.

1.2 Paradigma emergente

Assiste-se actualmente a uma mudança na actividade investigativa pautada pelo afastamento relativamente aos pressupostos do paradigma positivista/dominante

(descobrir e explicar para prever) e pela aproximação a uma perspectiva que visa compreender as motivações das pessoas e das suas acções no sentido de melhorar a eficácia da intervenção utilizando os elementos obtidos pela própria investigação, usando a investigação como instrumento de mobilização das pessoas e grupos (Carvalho & Baptista, 2004).

A crise do paradigma dominante tem sido propiciada pelo questionamento realizado relativamente à primazia do conhecimento científico que tem chamado à atenção para a importância do “fim de um ciclo de hegemonia de uma certa ordem científica” (Santos, 1990, p. 9), colocando em causa a 1.^a ruptura epistemológica do conhecimento científico relativamente ao senso comum.

Efectivamente “estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós (...) criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas (...)” (Santos, 1999, p. 8), advogando-se a necessidade de uma 2.^a ruptura epistemológica, que implica uma aproximação entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum, na medida em que “deixado a si mesmo, o senso comum é conservador e pode legitimar prepotências, mas interpenetrado pelo conhecimento científico pode estar na origem de uma nova racionalidade” (pp. 56, 57).

Assim, na perspectiva de Santos (1999, p. 53), “é necessário uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos”.

De acordo com Lima (2003), o conhecimento positivo produzido ao nível macro dá-nos uma perspectiva geral das regularidades do mundo inanimado mas é insuficiente para trabalharmos com as pessoas, na medida em que, ao contrário do objecto das ciências naturais que era tido como inerte, estável e autónomo, o objecto das ciências sociais é uma realidade fluída e em constante mudança.

A autora propõe assim uma ruptura epistemológica com o conhecimento científico que possibilite deixar “falar” o que se quer observar, na medida em que os “factos” pessoais e sociais valem pela “interpretação que deles se faz com base na observação” (p. 70), e permita o aumento da apropriação do conhecimento científico pelos “leigos” para que os seus quotidianos possam ser entendidos e decididos mediante uma lógica de crescente informação, autonomia e responsabilização.

Neste sentido, ainda de acordo com a mesma autora, a produção de conhecimento deve fazer-se em colectivo, ou seja, o conhecimento deverá ser

produzido em contacto pessoal, em parceria com os actores sociais que são protagonistas da realidade que se quer pesquisar, de forma a clarificar os conceitos que orientam as práticas e de que forma os actores vivem as situações. A produção de conhecimento visa portanto a mudança social através da capacitação, do *empowerment* dos indivíduos e grupos sociais.

Nesta perspectiva, considera-se que as pessoas devem poder decidir sobre o que precisam para melhorar as suas vidas, aprender a valorizar o que sabem e relacionar-se com os especialistas e com o seu saber de modo mais equilibrado. Consequentemente, desenvolvem a capacidade de tomar decisões informadas, fundamentadas e reflectidas (Lima, 2003).

Assim, no âmbito deste novo paradigma, no qual o projecto “Lutar por uma vida melhor” se situa, verifica-se uma valorização do ser humano, da sua irredutibilidade e singularidade e considera-se que as pessoas e grupos são o princípio motivador e regulador da acção, constituindo-se como participantes efectivos da mudança, ou seja, as pessoas e grupos não são simples recursos ou beneficiários, mas antes protagonistas com poder e responsabilidades para definirem o seu próprio destino, mediante uma prática que visa o desenvolvimento de competências, autonomia e participação (Carvalho & Baptista, 2004).

Trata-se, portanto, de uma prática segundo a qual “conhecer é reconhecer, é progredir no sentido de elevar o outro da condição de objecto à condição de sujeito – conhecimento emancipação”, ou seja, “o outro só pode ser conhecido enquanto produtor de conhecimento” (Santos, 1999, p. 206).

Temos assistido nos últimos tempos a um crescente interesse relativamente às metodologias qualitativas que advém, em consonância com a crise do paradigma dominante à qual fizemos referência, da necessidade de pôr em causa o modelo científico que enfatiza a quantificação dos fenómenos sociais.

Neste seguimento, privilegamos, na construção deste projecto, uma investigação e intervenção cujos procedimentos se inserem no âmbito das metodologias qualitativas.

1.3. Investigação qualitativa

A investigação qualitativa consiste, em termos gerais, numa investigação que pretende atribuir um carácter rigoroso e sistemático aos fenómenos da vida quotidiana, pela sua exploração, análise e reflexão no sentido de mostrar a sua complexidade (Serrano, 2001).

Implica uma proximidade e interacção entre os participantes na investigação que se manifesta tanto no plano físico (o terreno) como no simbólico (a linguagem) (Gauthier, 1987, citado por Hébert et al., 2010), assente num trabalho cooperativo e responsabilizador.

Nesse sentido, pressupõe o estabelecimento de uma proximidade com as pessoas directamente implicadas com a acção, o que permite obter uma visão do mundo segundo a sua perspectiva, considerando as suas reflexões, motivações, valores e interpretações e uma compreensão mais profunda dos fenómenos humanos (Serrano, 2001).

A autora reforça, aludindo à aplicação das metodologias qualitativas no âmbito da educação social, que o carácter qualitativo da investigação não tem como objectivo elaborar teorias científicas que possam ser testadas mas sim interpretar os fenómenos sociais, afirmando que “ Si queremos modificar cualquier tipo de situación social debemos partir de cómo la viven, sienten y expresan los implicados, contando con su participación. Este método más que preguntar, escucha a las personas interesadas, partiendo del presupuesto de que esa opinión es fundamental para llevar a cabo cualquier proceso de cambio” (p. 28).

Defendendo a mesma perspectiva, Léon Bernier (1987, citado por Hébert et al., 2010, p. 46) afirma que “a melhor forma de basear (...) o conhecimento das realidades sociais seria a partir dos saberes do senso comum que todos os indivíduos possuem relativamente à sua própria realidade, à sua própria história (...)”.

Em consonância com as características do paradigma emergente e de uma investigação e intervenção essencialmente qualitativas, o projecto “Lutar por uma vida melhor” assenta numa metodologia de investigação-acção participativa que corresponde, em termos gerais, de acordo com Lima (2003, p. 306), “a um modo de procurar entender o mundo para nele melhor se viver”, afastando-se dos

procedimentos tradicionais que visam um conhecimento racional do funcionamento das sociedades, “para as dominar, controlar e explorar tecnologicamente” (p. 306).

1.4 Metodologia de investigação - acção participativa

De acordo com Benavente, Costa e Machado (1990), a metodologia de investigação – acção constitui-se como modo de conhecimento capaz de considerar a complexa realidade dos contextos de intervenção, teoricamente enquadrada, mediante intervenções que visam a mudança e que são realizadas em situações reais, em que os objectivos e resultados decorrem das interacções entre os diferentes intervenientes.

Assim, a investigação – acção é, de acordo com os autores, uma metodologia que potencia, em grande escala, o surgimento de novas relações entre acção e investigação, a produção de novos conhecimentos e a facilitação de novos processos de formação, dinamizados por uma intervenção reflexiva, cientificamente informada, produtiva e geradora de conhecimentos.

Para Esteves (1999), enquanto processo complexo, a investigação-acção participativa organiza-se de acordo com três objectivos: objectivos de investigação (produção de conhecimentos sobre determinada realidade); objectivos de inovação (introdução de transformações que conduzam à resolução dos problemas identificados) e objectivos de formação de competências (processo de aprendizagem social envolvendo todos os actores sociais em função dos dois primeiros objectivos).

Enquanto processo colectivo, esta metodologia envolve como sujeito activo, não só os investigadores mas também a sociedade ou comunidade em estudo e em vias de transformação.

A Investigação – acção participativa é portanto um processo dinâmico, que tem como objectivos o desenvolvimento e a formação de competências, a aprendizagem social e a transformação da realidade, através da colocação das pessoas no centro da acção, de forma a potencializar as suas capacidades no sentido deles próprios resolverem os seus problemas (Esteves, 1999).

Parte-se da vida concreta, ou seja, das preocupações e problemas das pessoas no sentido de conhecer para resolver, através da introdução de mudanças visíveis (Araújo & Lima, n/d).

Lima (2003) segue a mesma perspectiva, afirmando que intervir e investigar segundo uma metodologia de investigação – acção participativa implica, antes de mais, considerar o investigador como um sujeito entre os sujeitos, reconhecendo a validade da forma de conhecimento que desponta dos sujeitos ou comunidades com quem se trabalha e que tem como principal objectivo a melhoria dos quotidianos através de uma consciência crítica.

Trata-se, portanto, de um trabalho de co-autoria, ou seja, o investigador é co-autor com os sujeitos participantes, não existindo apenas um investigador, mas um investigador colectivo constituído por todos os sujeitos que contribuem para a investigação. Os sujeitos são, assim, participantes na resolução dos seus problemas ou da comunidade onde estão inseridos e estão implicados nas mudanças sociais necessárias para melhorarem as suas vidas.

Assim, de acordo com a mesma autora, o objecto é construído a partir dos contextos, com base nos entendimentos, sentimentos, desejos e necessidades sentidos pelas pessoas, examinados em conjunto, numa construção colectiva, privilegiando a ocorrência de processos que nascem e se desenvolvem nos locais em que a mudança é vista como necessária pelas pessoas interessadas e envolvidas, protagonizados desde o início por essas mesmas pessoas.

A metodologia de investigação-acção participativa implica, portanto, procurar o saber “prático”, útil e utilizável pelas pessoas no seu dia-a-dia, numa relação directa com os saberes que os participantes possuem (Lima, 2003).

Considerando as opções metodológicas anteriormente descritas, e em consonância com as mesmas, optou-se pela utilização de um método qualitativo, nomeadamente o método de estudo de casos, também designado por método da pesquisa de terreno (Costa, 1999), na medida em que este tipo de métodos cria proximidade, envolvendo tanto o sujeito como o objecto no mesmo universo de qualidades, indo ao encontro dos pressupostos inerentes à construção deste projecto.

1.5 Estudo de Caso

A escolha deste método fundou-se, entre outros aspectos, na perspectiva defendida por Lima (2003) no que diz respeito à importância “dos pequenos mundos

em que todos podemos actuar e em que todos somos importantes e necessários” (p. 11).

Trata-se de um método de investigação qualitativa cuja essência é a presença prolongada do profissional nos contextos sociais, em contacto directo com as pessoas, situações e acontecimentos (Ferreira, 2003; Costa, 1999), em que o profissional está pessoalmente implicado (Hébert et al., 2010) no sentido de compreender as relações que se estabelecem e não, como se verifica numa investigação mais quantitativa, de explicar, controlar e encontrar uma causal para as situações (Stake, 1998).

Como o que pretendíamos era procurar estratégias que possibilitassem um acompanhamento particular, de proximidade com uma família no sentido de, em conjunto, poder desenvolver-se um trabalho que visasse a procura de soluções para os problemas existentes e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade de vida, o método de estudos de caso vislumbrou-se, na nossa opinião, como o mais adequado para a realização deste projecto de Educação Social.

Considerando que um método “é uma estratégia integrada de pesquisa que organiza criticamente as práticas de investigação, incidindo nomeadamente sobre a selecção e articulação das técnicas de recolha e análise da informação” (Costa, 1999, p. 129), apresenta-se de seguida as técnicas utilizadas na construção deste projecto.

1.6 Técnicas de recolha de dados

De acordo com Hébert et al. (2010, p. 141) “para estabelecer uma articulação entre o “mundo empírico” e o “mundo teórico”, o investigador, (...) deve (...) seleccionar um modo de pesquisa, uma ou mais técnicas de recolha de dados e um ou vários instrumentos de registo dos dados”.

Ao longo do desenvolvimento do Projecto privilegiamos, em consonância com os objectivos e metodologia do projecto, a utilização de técnicas qualitativas.

No decorrer deste processo, foram utilizadas várias técnicas, nomeadamente: observação e escuta participantes, conversas intencionais (individuais e em conjunto), realização de exercícios de dinâmica de grupo, discussões em grupo, consulta e análise documental, nomeadamente dos processos administrativos (em

papel e suporte informático) do RSI, inquéritos, registo das opiniões e vivências dos participantes relativamente às acções realizadas e posterior análise de conteúdo.

1.7 Modelo de avaliação

De acordo com Serrano (2001), a avaliação é imprescindível para conhecer e melhorar as nossas práticas, servindo como ponto de referência para detectar erros, tomar decisões, determinar ajustes, possibilitando novos avanços no trabalho a desenvolver, ou seja, a melhoria das práticas desenvolvidas. Não se trata, portanto, de um fim em si mesmo, mas antes um meio para melhorar o trabalho que está a ser desenvolvido, permitindo um uso mais adequado dos recursos disponíveis e dando pistas para as alterações que é necessário realizar no decorrer da acção (Serrano, 2008).

No desenvolvimento deste trabalho advogamos a utilização do paradigma qualitativo de avaliação que introduz um sentido diferente ao conceito de avaliação, na medida em que, ao contrário do que se verifica no paradigma quantitativo, inserido num contexto positivista, debruça-se não apenas sobre os dados mas, fundamentalmente, sobre o significado desses dados, privilegiando a compreensão dos fenómenos em detrimento das generalizações (Eisner, 1992; Guba, 1992, citados por Trindade, 2001).

O modelo CIPP (contexto, input/entrada, processo, produto) proposto por Stufflebeam e Shinkfield (1987) é o modelo adoptado para a avaliação do projecto.

2. Caracterização da família Silva³

2.1. Acompanhamento no serviço

A família Silva é acompanhada no âmbito do RSI desde Junho do ano de 2009, tendo sido encaminhada para requerer este apoio através dos técnicos da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ), que, na altura, acompanhavam a família devido à situação de absentismo escolar do jovem mais velho, o Márcio.

Estando reunidas todas as condições legais para a família beneficiar do RSI, iniciou-se o trabalho de acompanhamento.

³ Para consultar genograma da família, ver anexo 3, registo 3, 18/11/2011

Desde o início da intervenção privilegiou-se a definição de objectivos e acções, previstos no acordo de PI, em função dos problemas e necessidades identificadas pela família, pelo que o trabalho que vinha a ser desenvolvido visava promover a reorganização/estabilidade familiar, o acesso a habitação condigna, a importância de um acompanhamento médico regular e a melhoria do estado de saúde, bem como fomentar a importância da escola e potenciar a manutenção dos menores na escolaridade obrigatória.

No entanto, considerando os constrangimentos já referidos neste relatório, não se verificava a realização de um trabalho de verdadeira proximidade que permitisse um conhecimento adequado das interacções familiares, dos desejos e projectos da família, nem uma valorização plena das capacidades de cada um.

Assim, não existia uma plena valorização da forma como os elementos da família sentiam e viam a sua própria realidade, havendo igualmente pouco espaço (tempo) para o desenvolvimento de competências e de aptidões, para potenciar aptidões, para estimular os participantes a reflectirem livremente e abertamente sobre a sua história e sobre os seus quotidianos e para disponibilizar alternativas que permitissem aos elementos da família adquirirem maior capacidade para fazerem opções e resolverem os seus problemas.

Neste seguimento, pode considerar-se que o trabalho desenvolvido era pouco rico, muito retalhado e, conseqüentemente, pouco eficaz, fazendo com que, apesar dos esforços, os problemas persistissem.

Este trabalho foi sempre realizado em parceria com os técnicos da CPCJ e, posteriormente, da Equipa Multidisciplinar de Assessoria aos Tribunais (EMAT) após transição do processo devido à concretização da situação de abandono escolar do jovem. Actualmente (Junho 2012), a família é também acompanhada por duas outras técnicas, uma da Direcção Geral de Reinserção Social (DGRS) e outra do Centro de Respostas Integradas (CRI).

O trabalho de parceria desenvolvido pauta-se por uma articulação constante entre as técnicas, sendo que, havendo mais proximidade entre a técnica do RSI e a família, a primeira assume-se como a mediadora entre a família e os diferentes serviços.

2.2 A família Silva⁴

Trata-se de uma família extensa, constituída por 5 elementos: o casal, a D. Glória e o Sr. Joaquim, três filhos menores, o Márcio, o Bruno e o Cristiano, e o irmão da D. Glória, o Sr. Ismael

A caracterização apresentada resulta das informações obtidas ao longo do acompanhamento que tem vindo a ser desenvolvido, desde Junho de 2009, conhecimento esse que tem sido aprofundado com a realização deste projecto, pelo aumento da regularidade e natureza dos contactos efectuados, que têm permitido a existência de mais momentos de partilha e, conseqüentemente, um trabalho muito mais rico e respeitador da unicidade e das características da família e dos elementos que a constituem.

Destacam-se, neste âmbito, dois momentos fundamentais que permitiram conhecer de forma mais profunda a família, nomeadamente os seus desejos, expectativas e aspirações relativamente ao futuro (Anexo 3, registo 2, 16/11/2012) e as suas dinâmicas, relações e ligações com a comunidade (Anexo 3, registo 3, 18/11/2011).

Em termos gerais, trata-se de uma família com uma situação socioeconómica muito vulnerável que vinha a agravar-se ao longo dos anos, marcada pela instabilidade relacional entre os seus membros, más condições habitacionais, a existência de vários problemas de saúde e a desvalorização da vida escolar, mas também, pela existência de sonhos e por uma grande capacidade de mobilização e de criação de estratégias para fazer face às adversidades. De acordo com os relatos dos elementos da família, até há cerca de 9 anos, apesar das dificuldades económicas, mantinham um relacionamento familiar estável e harmonioso, pautado por um bom relacionamento entre o casal e os filhos, viviam numa casa com condições de habitabilidade razoáveis e apresentavam uma boa integração na comunidade.

Desde meados do ano de 2002, a situação tem vindo a agravar-se devido a um conjunto de factores interrelacionados, dos quais a família destaca: a mudança de habitação, a intensificação dos consumos alcoólicos por parte do Sr. Joaquim e do Sr. Ismael e o aumento das despesas inerentes ao crescimento dos filhos ao nível da

⁴ Os dados apresentados nesta caracterização reportam-se a Dezembro de 2011

educação e outros bens essenciais, e ao aumento dos conflitos intrafamiliares, nomeadamente entre o casal, devido, principalmente, à discrepância entre os modelos educativos utilizados.

Condições habitacionais

A família vive em condições habitacionais precárias, numa habitação unifamiliar, arrendada, em avançado estado de degradação interior e exterior.

Trata-se de uma habitação rural, integrada numa quinta com vários terrenos circundantes, pequena, considerando o número de pessoas que constituem a família, sem qualquer tipo de conforto, com problemas de infiltrações e muito fria.

A família vive na habitação há cerca de 9 anos e, já nessa altura, a casa apresentava condições de habitabilidade precárias. Anteriormente viviam numa habitação com melhores condições, localizada numa freguesia próxima de onde vivem actualmente, tendo decidido mudar para esta habitação com a expectativa de conseguirem uma situação económica mais desafogada, mediante o pagamento de uma renda mais baixa e a possibilidade de, com o cultivo dos campos circundantes, adquirirem vários alimentos para a sua subsistência. Apesar de ter havido uma promessa por parte do senhorio relativamente à realização de obras de melhoria da habitação, este facto nunca se verificou.

A casa é constituída, na parte superior, por três quartos (um quarto onde dorme o Sr. Ismael, um quarto onde dormem os três filhos e um onde dorme o casal) e um *hall*. Em cada quarto há uma cama e uma cómoda para colocar a roupa. No *hall* existe uma arca onde a família guarda algumas roupas e outros materiais e uma máquina de lavar roupa. Existem duas televisões, uma no quarto do casal, outra no quarto dos menores. Todas as divisões têm luz directa, contudo, nenhuma das janelas do andar superior tem vidros. Para se resguardarem do mau tempo fecham as caixilharias em madeira das janelas, que, apesar de se apresentarem bastante estragadas, acabam por atenuar a entrada do frio, vento e chuva.

A casa de banho situa-se também na parte superior da habitação, numa divisão exterior, contigua à habitação. Tem apenas uma sanita. Tinha também um lavatório que entretanto partiu e não foi substituído, havendo para o mesmo efeito um balde com água, colocado ao lado da sanita. Para fazerem a higiene pessoal, no Inverno, aquecem a água na cozinha e tomam banho numa bacia e, no Verão, improvisam um chuveiro, localizado no exterior da habitação.

A cozinha localiza-se na parte de baixo da habitação, contiguamente a duas outras divisões onde foram, outrora, as cortes para os animais que criavam e que servem, actualmente, para arrumos. As refeições são confeccionadas numa fogueira (lar), onde também é aquecida a água para fazerem a higiene pessoal, o que leva a que esta divisão da casa esteja quase sempre cheia de fumo. As refeições são feitas na cozinha que é tem uma mesa com cadeiras, um frigorífico, uma torradeira e um fogão (que não é utilizado). Habitualmente comem todos juntos às refeições e têm horários e rotinas bem definidos.

Saúde

Relativamente à saúde, o Sr. Joaquim apresenta problemas de epilepsia e hábitos etílicos. Faz medicação diária para o problema da epilepsia e encontra-se a realizar tratamento de desintoxicação alcoólica em ambulatório, determinado pelo Tribunal em Maio de 2011.

A D. Glória apresenta dificuldades de locomoção devido a sequelas de um acidente de viação, designadamente nos membros inferiores, tendo, por vezes, que recorrer à utilização de muletas para se deslocar. É acompanhada pelo médico de família, estando a aguardar consulta de ortopedia.

O Sr. Ismael tinha, até meados de Agosto de 2010, altura em que não tinha qualquer acompanhamento médico, consumos excessivos de álcool e apresentava-se fisicamente muito debilitado. Desde essa data tem demonstrado uma maior disponibilidade para a mudança, estando a ser acompanhado em consultas de medicina familiar e apresentando um comportamento mais saudável, nomeadamente ao nível da alimentação e do consumo de álcool (reduziu os consumos).

Relativamente aos três menores, têm um acompanhamento médico regular, têm, aparentemente, um desenvolvimento adequado à idade e não apresentam quaisquer problemas de saúde.

Condições socioeconómicas

Relativamente à situação socioeconómica, a família subsiste com os valores do salário do progenitor, da pensão por invalidez do Sr. Ismael e do RSI.

O salário do progenitor, considerando a falta de assiduidade, motivada pelos problemas de saúde, não é regular, sendo muitas vezes baixo. Quando se encontra de baixa médica, situação muito recorrente, a situação económica da família agrava-se

devido à demora no pagamento do subsídio. Quanto ao RSI, em função das alterações legislativas, o valor recebido pela família à data é bastante irrisório (cerca de €50).

Recebem algum apoio por parte de alguns familiares, nomeadamente de uma das irmãs da D. Glória, que tem, de acordo com a D. Glória, uma situação económica estável, e de alguns amigos da família, principalmente ao nível de vestuário e calçado usados. Têm ainda acesso a alguns produtos provenientes do cultivo dos campos (couves, batatas, milho) e dos animais que procriam, designadamente, galinhas. Apesar de antigamente venderem estes produtos, actualmente destinam-se apenas a consumo próprio.

Considerando os apoios formais e informais conclui-se que, quando regulares, são suficientes para que a família possa satisfazer as suas necessidades mais básicas, no entanto, dada a irregularidade, sobretudo ao nível do salário do progenitor, a situação torna-se por vezes, bastante precária, não havendo recursos suficientes designadamente para o pagamento de outras despesas como a renda e a luz e, muitas das vezes, para a alimentação.

A família não paga a renda da habitação há cerca de 3 anos, por um lado, devido à irregularidade dos rendimentos, e, por outro lado, porque consideram que, não tendo o senhorio realizado as obras de melhoria da habitação, conforme combinado, não tinham obrigação de efectuar o pagamento da renda. Note-se que o senhorio com quem negociaram o acordo das obras e o valor do pagamento da renda faleceu há cerca de dois anos. Desde essa data, não houve qualquer contacto entre os herdeiros da habitação e a família.

Apesar da dívida relativa ao pagamento da renda, pode considerar-se que a família apresenta uma boa capacidade de gestão dos recursos existentes

Há cerca de 3 anos a situação familiar sofreu agravamento após a ocorrência de acidente pessoal que vitimou a D. Glória dificultando a sua capacidade para o exercício de actividade profissional, passando a família a subsistir apenas com o salário do Sr. Joaquim e a pensão do Sr. Ismael.

Todos os elementos da família ambicionam, fundamentalmente, a melhoria das condições habitacionais, que trará a possibilidade de retomarem a criação de gado e a venda de outros produtos, actividades que realizaram até há cerca de 4 anos e que, de acordo com as informações da família, deixaram de realizar desde que passaram a ser acompanhados pela CPCJ pois tinham receio que, não sendo uma

actividade devidamente legalizada, trouxesse complicações para a família. Todos consideram que a melhoria habitacional e económica propiciará uma maior estabilidade a todos os níveis, um aumento da harmonia familiar, uma melhoria no relacionamento entre os elementos e ainda um maior empenho de todos na procura de soluções para resolver os problemas existentes, trazendo-lhes, conseqüentemente, o acesso a “uma vida melhor”.

De seguida, apresenta-se uma caracterização individual de cada elemento⁵ e das dinâmicas familiares.

Sr. Joaquim

O progenitor tem 35 anos, possui o 2.º ano de escolaridade. Não sabe ler nem escrever, mas sabe assinar o seu nome.

Trabalha numa empresa de calçado como operário fabril, actividade que sempre exerceu, tendo também experiência na área da agricultura.

Descende de uma família com poucos recursos económicos, sendo o mais velho de uma fratria de 9 irmãos. Recebeu uma educação autoritária, marcada pelos castigos físicos, pela desvalorização da escola e pelo início precoce de actividade laboral (começou a trabalhar aos 9 anos). Esta situação conduziu a um rompimento dos laços com a família de origem.

Em termos de saúde, conforme referido anteriormente, apresenta problema de epilepsia e hábitos etílicos.

Encontra-se a realizar tratamento de desintoxicação alcoólica, determinado pelo Tribunal, medida decorrente da condenação judicial, por condução de veículo motor (motorizada) sob o efeito de álcool. Apesar da obrigatoriedade que despoletou este tratamento, este já era um trabalho que estava a ser desenvolvido no âmbito do acompanhamento prestado pelo RSI. O Sr. Joaquim encontra-se disponível e motivado para a realização de um tratamento desta natureza, revelando-se muito empenhado e cumprindo todas as orientações prescritas pelo médico. Diz estar muito feliz com o sucesso do tratamento. Até à data, não teve recaídas e tem evoluído de forma favorável, apresentando melhorias ao nível físico e ao nível do comportamento apresentando-se mais calmo e mais comunicativo com a família.

⁵ Serão colocadas entre aspas as afirmações da família

Trata-se de uma pessoa com hábitos de trabalho, contudo, devido ao problema de saúde que apresenta não tem mantido um cumprimento regular das suas obrigações laborais, apresentando, de acordo com o patrão, um percurso marcado, desde há vários anos, por muitas faltas injustificadas ao trabalho. Apesar disso, mantém com o patrão e com os colegas de trabalho uma relação muito forte e com grande fluxo de energia.

Tem consciência dos problemas e necessidades da família e tem apresentado, desde o início do acompanhamento, uma crescente abertura para a mudança, mostrando-se mais disponível, responsável e empenhado na melhoria das condições sociofamiliares e na obtenção de uma melhoria da qualidade de vida.

O seu grande desejo prende-se com a melhoria da situação habitacional: *“Gostava de ter outra casa, também com terreno”* (Anexo 3, registo 2, 16/11/2011).

Apresenta-se, de acordo com os outros elementos da família, como uma figura autoritária, com algumas limitações na forma como impõe as regras e limites, usando fundamentalmente a coacção e a força para se impor.

D. Glória

A progenitora tem 35 anos, possui o 3.º ano de escolaridade. Não sabe ler nem escrever, mas sabe assinar o seu nome.

Não trabalha desde há cerca de três anos, altura em que sofreu um acidente de viação que a incapacitou para o exercício de actividade profissional, devido a problemas nos membros inferiores. Apesar de, no início do acompanhamento do RSI, não ter um acompanhamento médico regular, desde finais do ano de 2009, tem revelado maior disponibilidade para tratar os seus problemas de saúde, tendo, à data, consultas regulares no médico de família, estando, conforme referido anteriormente, a aguardar consulta de especialidade (ortopedia).

Trabalhou desde sempre na área da agricultura, tendo também experiência profissional como talhante.

Provém de uma família pobre e com problemas de alcoolismo, sendo a irmã mais nova de uma fratria de 5 irmãos. Fala do passado com mágoa, fundamentalmente pelos maus-tratos que toda a família, incluindo ela, sofreu, infligidos pelo pai, com quem mantém uma relação de grande indiferença.

Não mantinha muito contacto com a família de origem devido a ruptura, que ocorreu há cerca de dois anos, entre o marido e o pai, que mantêm uma relação

pautada pela violência e pelo afastamento; contudo, o recente agravamento dos problemas de saúde da mãe, com quem se preocupa muito, motivou uma aproximação, pelo que os contactos com a família de origem são actualmente mais frequentes.

Apresenta uma enorme força de vontade, capacidade de iniciativa, aspirações e uma atitude muito participativa.

Mesmo contra indicação do médico, e de todos os elementos da família, que consideram que a D. Glória devia descansar, executa todas as tarefas domésticas e colabora nos trabalhos agrícolas (campos circundantes à habitação).

Assume um papel de liderança no agregado familiar sendo responsável pela organização da vida quotidiana, pela gestão dos recursos económicos e constituindo a grande impulsionadora no sentido da melhoria das condições sociofamiliares. Aspira fundamentalmente a mudança de habitação, considerando que todos os outros problemas serão mais facilmente resolvidos se estiverem numa casa melhor.

“Oh menina, temos que ajeitar outra casa. Mas já procurámos tanto e não há nada (...)” (Anexo 3, registo 1, 14/11/2011); *“O que é preciso mudar é a casa”* (Anexo 3, registo 2, 16/11/2011).

Segundo o marido e o irmão, Sr. Ismael, superprotege os filhos, omitindo, por exemplo, algumas das suas asneiras, as más notas, os recados da caderneta, situações que, a todo o tempo, são descobertas e que causam alguns conflitos familiares.

Sr. Ismael

O irmão de D. Glória tem 39 anos, tem o 1.º ciclo, não sabe ler nem escrever, mas sabe assinar o seu nome.

Vive no agregado há cerca de 12 anos, após ruptura conjugal. Actualmente não mantém contacto com a ex-mulher nem com a filha de 18 anos, que já não vê há muito tempo, situação que aceitou e que não sente vontade em alterar.

Tem alguns problemas de saúde, associados a um acidente de viação que teve há vários anos, e também ao consumo excessivo de álcool. É pensionista por invalidez, desde Fevereiro de 2009.

Enquanto trabalhador, exerceu actividade nas áreas da agricultura, construção civil e calçado.

É um homem tímido, espontaneamente pouco falador, mas quando lhe é dada “voz”, é bastante comunicativo, gosta de partilhar as suas experiências de vida e as

suas “aventuras”. Apesar de ser bastante querido por todos os elementos da família, principalmente pelos sobrinhos, mantém-se um pouco à margem das dinâmicas familiares, adoptando uma postura de maior observação e escuta e menos de intervenção. Este comportamento surge, fundamentalmente, como estratégia para não incomodar a D. Glória, pois de acordo com a irmã, o Sr. Ismael, quando foi viver para casa da família, surgia, muitas vezes, como elemento desestabilizador das dinâmicas familiares, principalmente quando tentava dar sugestões na forma como deviam educar os filhos e na relação do casal.

Passa os dias em casa, colaborando pontualmente nas tarefas domésticas e nos trabalhos agrícolas e vendo televisão, actividade que é, de resto, um dos seus passatempos preferidos.

Aspira mudar para uma casa com melhores condições de habitabilidade e, apesar de ter apenas 39 anos, uma vez que não pode trabalhar, gostava de frequentar um Centro de Dia, situado numa freguesia vizinha, para assim, poder conviver com amigos que frequentam o Centro.

“Querida ir para outra casa e ir para um sítio como está o Quim (amigo) ”
(Anexo 3, registo 2, 16/11/2011).

Márcio

O jovem tem 14 anos e o 2.º ciclo.

Teve um percurso educativo pautado por indisciplina, relativamente às normas escolares, desvalorização da vida escolar e reprovações (2).

Após ter concluído o 2.º ciclo, iniciou a frequência no 7.º ano no ensino regular, no entanto, considerando as dificuldades de integração e o comportamento desestabilizador que mantinha na escola, foi avaliada a viabilidade da sua transferência para outro estabelecimento de ensino e para uma oferta formativa que os professores, em conformidade com a vontade manifestada pelo Márcio, consideravam mais ajustada.

Assim, o Márcio integrou, em Dezembro de 2010, um curso de educação e formação de empregado de mesa numa associação empresarial, localizada numa das freguesias do concelho onde a família reside.

Embora tenha manifestado interesse e disponibilidade para a frequência do referido curso, o Márcio teve muitas dificuldades de integração, apresentando mau comportamento, falta de obediência e uma conduta desestabilizadora. Apesar de

todos os esforços por parte dos pais, e dos diferentes profissionais envolvidos (RSI, CPCJ, Associação Empresarial), dada a persistência dos problemas de comportamento, o jovem foi expulso da formação em finais do mês de Abril de 2011, não tendo mostrando disponibilidade para integrar qualquer outra formação.

Desde essa data começou a trabalhar, a título experimental, com o pai, no sentido de poder adquirir alguns hábitos e rotinas. Mantem com os colegas de trabalho e com o patrão uma relação forte.

O Márcio rejeita o regresso à escola, designadamente ao ensino regular, contudo, não coloca de parte a possibilidade de integrar, futuramente, o regime nocturno.

Os pais são conscientes dos problemas apresentados pelo filho e apresentam uma perspectiva muito positiva de toda a intervenção desenvolvida com a família e com o Márcio, ao nível do RSI e todos os outros serviços que acompanham a situação, e que teve como objectivo encontrar estratégias para que o Márcio pudesse continuar a frequentar a escolaridade obrigatória, o que não se verificou, dada a indisponibilidade do jovem.

Apesar disso, actualmente não lhes parece pertinente o regresso do Márcio à escola, uma vez que o jovem está a gostar do trabalho que está a realizar e tem apresentado uma conduta mais responsável; os pais remetem essa possibilidade para quando o jovem for mais velho.

Considerando estes factores bem como o facto de o jovem não reunir, à data, os requisitos necessários para colocação em qualquer resposta educativa em regime pós-laboral, uma vez que nunca efectuou descontos para a Segurança Social, no âmbito do acompanhamento que tem vindo a ser realizado, foi proposto ao Tribunal, em Outubro de 2011, pela profissional da EMAT e por mim, em conformidade com a decisão da família, a adopção da medida de acompanhamento em meio natural de vida – apoio junto dos pais⁶.

O acompanhamento efectuado no âmbito da referida medida contempla, para além do desenvolvimento de acções relacionadas com outros problemas da família, acções que visam a promoção da importância da escola e que propiciem o regresso do Márcio à escola, logo que estejam reunidos os requisitos exigidos.

⁶ A família tem audiência no Ministério Público em Janeiro de 2012

O jovem Márcio é meigo, apresenta muita autonomia, responsabilidade e boa capacidade de contactar com os outros. Contudo, apresenta, por vezes, um comportamento muito instável, pautado por alguma desobediência aos pais, comportamento mas que tem vindo a alterar-se de uma forma positiva. Efectivamente, sente-se inconformado com a situação vivenciada pela família, tornando-se, em algumas situações, um pouco rebelde e com dificuldades em aceitar a forma como os pais lidam com determinadas situações do dia-a-dia, entrando facilmente em conflito com os progenitores.

É um jovem trabalhador e com elevado sentido de protecção da família. Sempre teve a ambição de trabalhar para, desta forma, ajudar economicamente a família. Para além disso aspira a melhoria das condições habitacionais e a melhoria do estado de saúde da mãe e do tio, apresentando uma grande força de vontade no sentido de “lutar por uma vida melhor”. *“Gostava de mudar a saúde da minha mãe e do meu tio, ter outra casa e ter um negócio”* (Anexo 3, registo 2, 16/11/2011).

Bruno

O menor tem 13 anos e frequenta o 5.º ano de escolaridade na EB 2/3 situada a cerca de 5 km da área de residência.

Em termos escolares, tem um percurso marcado por reprovações (3), e apesar de, de acordo com as informações do director de turma, apresentar actualmente um melhor aproveitamento escolar, ainda apresenta resultados manifestamente insuficientes em muitas disciplinas.

Para além disso, na opinião dos professores, apresenta um comportamento disruptivo e desestabilizador, estando constantemente em conflito com colegas, funcionários e professores, assumindo uma atitude desafiadora. Apresenta conduta pautada pela desvalorização e desinvestimento da escola.

A grande ambição do jovem é sair da escola e o iniciar uma actividade laboral, tal como o irmão mais velho.

Para além disso, aspira a melhoria das condições habitacionais e do estado de saúde da mãe. *“Gostava de ter um quarto só para mim, uma casa de banho com banheira e que a minha mãe melhorasse”* (Anexo 3, registo 2, 16/11/2011).

Cristiano

O menor tem 10 anos e frequenta a mesma escola e turma que o Bruno.

Em termos escolares, apesar de apresentar uma conduta mais adequada do que o irmão, apresenta muitas dificuldades ao nível das aprendizagens. Já reprovou um ano e é também um menino que desvaloriza completamente a escola.

Aspira, à semelhança do irmão, sair rapidamente da escola para ir trabalhar.

Apresenta igualmente expectativas muito positivas relativamente à melhoria das condições habitacionais, nomeadamente pela mudança de habitação. “*Queria mudar de casa (...)*” (Anexo 3, registo 2, 16/11/2011).

Tanto o Bruno como o Cristiano gostam muito de actividades ao ar livre, nomeadamente de andar de bicicleta e de jogar futebol; brincam frequentemente com outros amigos nos campos circundantes à habitação.

Dinâmica familiar

Quanto à dinâmica familiar, pode considerar-se que embora demonstrem muito amor e preocupação entre todos, existe uma relação instável. Os subsistemas conjugal, parental e fraternal apresentam algumas dificuldades na definição dos seus limites, designadamente ao nível da definição dos papéis e funções de cada um, com consequências na definição de regras e limites.

Verifica-se a existência de limites difusos entre os subsistemas parental e fraternal, patentes na dificuldade dos progenitores em definirem regras e imposição de limites pelo que os menores facilmente ignoram as regras impostas e agem de acordo com as próprias vontades. Apesar de ter uma relação marcada pelo amor, o casal, facilmente entra em conflito, devido à discrepância entre os modelos educativos utilizados.

A D. Glória é uma mãe muito permissiva que facilmente se deixa “manipular” pelos filhos e que age muitas das vezes em função das suas exigências. O Sr. Joaquim apresenta um estilo educativo autoritário, impondo respeito apenas porque é temido pelos filhos. Entre os filhos e pai verifica-se a existência de uma relação oscilante entre momentos de ternura e o medo dos filhos de serem castigados. Estes conflitos traduzem-se em discussões frequentes com acusações verbais mútuas.

Em relação à vida social, de uma maneira geral, a família não convive muito com o exterior.

Mantem uma relação mais ou menos constante com alguns membros da família alargada da D. Glória e Sr. Ismael, nomeadamente com a família de uma das irmãs da D. Glória e com um tio, que pontualmente os visitam, principalmente aos fins-de-semana.

Deslocam-se com alguma regularidade a casa dos pais da D. Glória e do Sr. Ismael, onde vive também a outra irmã destes elementos.

Desde o agravamento dos problemas de saúde de D. Glória, a família não tem por hábito passear ou fazer outro tipo de programas e não têm uma convivência muito regular com os vizinhos. Apesar disso, todos os elementos gostam e participam nas festas anuais da freguesia. Mantêm uma relação forte com a família do patrão do Sr. Joaquim e comigo (técnica do RSI).

Relativamente às férias, habitualmente, permanecem em casa. Os jovens participaram em anos anteriores em colónias de férias e outras iniciativas promovidas pelo RSI.

Relativamente ao Bruno e Cristiano costumam sair e brincar com alguns amigos que residem na mesma freguesia. O Cristiano frequenta a catequese, embora não seja uma actividade que seja muito do seu agrado.

3. Desenho do Projecto (Anexo 6)

O conhecimento do contexto de intervenção e a sua avaliação foi efectuado através de um processo participado, realizado em conjunto por mim, pelos elementos da família, pelo director de turma do Cristiano e Bruno, pelo presidente da junta de freguesia da área de residência da família, pelo presidente da junta de uma outra freguesia e pelo patrão do Sr. Joaquim, através da partilha de opiniões e de reflexões, numa lógica de co-responsabilidade.

Este processo participado decorreu, nomeadamente, ao nível do levantamento dos problemas, necessidades, potencialidades e recursos da família, das suas aspirações, desejos e ambições, bem como da definição dos objectivos do projecto, das estratégias para a resolução dos problemas existentes, da satisfação das necessidades subjacentes e da construção das acções a desenvolver (e das devidas adaptações e reformulações decorrentes das avaliações que foram acontecendo de forma contínua).

Trata-se, portanto, de um estudo participativo da realidade onde se destaca o papel de protagonismo assumido pelos elementos da família, isto porque se considera, à semelhança de vários autores, que devemos sempre partir da prática, da perspectiva de quem conhece e vivencia os problemas, da forma como os problemas são experienciados por eles e das possibilidades que apontam para as suas soluções. Neste sentido, defende-se que todos os seres humanos possuem e podem produzir conhecimentos úteis para a condução e reorganização da sua vida, logo, a sua participação na análise e tomada de decisões vai favorecer a responsabilização e o empenho na sua concretização (Serrano, 2008; Lima, 2003).

Neste seguimento, a família constitui o principal recurso para a construção e operacionalização do nosso projecto. Note-se contudo que, conforme defende Lima (2003), isto não significa considerá-la matéria-prima, mas antes, entender que é a família que torna importante todos os outros recursos que serão utilizados.

3.1 O início do Projecto

Para iniciar o processo de construção deste projecto foi fundamental realizar uma revisão e aprofundamento, numa perspectiva crítica, da literatura sobre os pressupostos e objectivos do trabalho desenvolvido ao nível do RSI, sobre os modelos e estratégias de intervenção e sobre a importância de valorizar as competências das famílias e envolvê-las nos processos de tomada de decisão.

Nesse seguimento, estabeleci um primeiro contacto com a família Silva (Anexo 3, registo 1, 14/11/2011), que teve como principal intento propor a colaboração na co - construção de um projecto de Educação Social, no qual todos estaríamos envolvidos e que seria resultado de uma análise partilhada da realidade, através de uma acção conjunta.

O primeiro passo consistiu em explicar à família o que era um mestrado e em que consistia um projecto de educação social. Para tal, foi utilizada uma linguagem acessível, focando, de forma mais acentuada, o facto de que se trataria de um trabalho conjunto (seríamos uma equipa), pautado por uma maior proximidade do que o acompanhamento até então realizado e que possibilitaria uma maior responsabilização de todos no sentido da mudança em função dos problemas, necessidades, interesses e desejos da família.

Tendo recebido resposta positiva de todos os elementos, foi lançado o primeiro desafio no qual se pretendia que todos pensassem, durante alguns dias, sobre a sua situação sociofamiliar identificando os aspectos positivos, os problemas e o que consideravam que poderia mudar para melhorarem as suas vidas, foi ainda sugerido que apresentassem algumas perspectivas e expectativas relativamente ao futuro.

No instante seguinte houve um “bombardeamento” de ideias e pareceres, emitidos por quase todos os elementos e que constituíram, desde logo, o início do processo de aprofundamento do conhecimento do contexto de intervenção.

Este momento constituiu o início de uma relação muito próxima e continuada que foi permitindo ter um conhecimento mais profundo da família, das interações estabelecidas entre os seus elementos e com o meio envolvente, das suas múltiplas perspectivas e pontos de vista, dos seus desejos e aspirações e dos problemas e necessidades sentidos.

3.2 Levantamento dos problemas e necessidades

Relativamente aos problemas e necessidades, alguns foram, numa fase inicial, identificados apenas por alguns dos elementos da família, pois verificou-se uma tendência inicial para a acusação mútua entre os elementos, havendo uma atitude de desresponsabilização e culpabilização do outro.

No sentido de partilhar toda a informação recolhida, de perceber a opinião de cada um dos elementos relativamente à identificação que havia sido realizada e, ainda, no sentido de possibilitar o reconhecimento das competências existentes na família que lhes permitissem encontrar soluções para os referidos problemas, realizou-se uma discussão em grupo, com a presença de todos os seus elementos (Anexo 3, registo 17, 09/02/2012).

Este momento foi muito importante e teve também como objectivo promover a auto-reflexão crítica de cada elemento sobre os problemas identificados. Neste sentido, verificou-se uma troca de ideias e reflexões individuais e conjuntas que permitiram a todos uma maior tomada de consciência relativamente à realidade da família e à responsabilidade que cada um deverá assumir no processo de mudança, salientando-se a importância de não culpabilizarem o outro, e serem conscientes de que a mudança dependerá de todos.

A realização desta discussão constituiu, portanto, um momento muito importante para, através do diálogo, consolidar as informações, tendo servido de mote para lançar o desafio à família para começarmos a pensar, em função dos problemas e necessidades identificados, sobre os objectivos e acções do nosso projecto.

Durante a discussão em grupo, considerando todo o percurso realizado até então, todos concordaram com a definição dos seguintes problemas: **más condições de habitabilidade; interações familiares instáveis; estilos educativos díspares, papéis parentais pouco definidos, dificuldades ao nível da comunicação; problemas escolares: absentismo e baixo aproveitamento escolares, desqualificação das aulas e das tarefas escolares.**

Apresenta-se, seguidamente, a **identificação e exploração dos três problemas** referidos anteriormente que determinaram a identificação das respectivas necessidades.

1) Más condições de habitabilidade: mudar de casa ou fazer obras?

O problema das más condições habitacionais foi identificado por todos os elementos da família, pela educadora social e pelo presidente da junta de freguesia onde a família reside.

Refira-se que este problema já tinha sido identificado por todos os elementos da família logo no início da intervenção em Junho de 2009, contudo, não obstante a utilização de algumas estratégias no sentido de o resolver, devido a inúmeros constrangimentos, as más condições de habitabilidade mantinham-se ao início do projecto (Anexo 3, registo 1, 14/11/2011; registo 2, 16/11/2011, registo 4, 22/11/11, registo 5, 23/11/2011).

No sentido de encontrar soluções para a sua resolução foram sendo apontadas, ao longo do processo de construção do nosso projecto, várias alternativas pelos diferentes elementos da família, algumas das quais já tinham sido utilizadas anteriormente, assim como foram identificados vários recursos que podiam ser explorados e rentabilizados.

Destaca-se o segundo momento de observação e escuta participantes, no qual foram indicadas algumas pistas para a intervenção a desenvolver (Anexo 3, registo 2, 16/11/2011): o Márcio sugeriu a realização de obras na habitação; a D. Glória e o Sr.

Joaquim, refutando prontamente esta hipótese, sugeriram que contactássemos os presidentes de duas juntas de freguesia, designadamente da freguesia onde vivem e de outra freguesia próxima, e que contactássemos o patrão do Sr. Joaquim que tem prestado um grande apoio à família e que, inclusive, já tinha construído uma habitação para a família que entretanto, devido a questões legais, relacionadas com a licença de construção, não pode ser habitada.

Considerando as decisões tomadas pela família, iniciámos um conjunto de novos contactos e articulações no sentido de encontrar uma habitação disponível para arrendamento (Anexo 5, registo 1). Note-se que, no âmbito do acompanhamento que vinha a ser realizado antes do início da construção deste projecto, este trabalho já estava a ser desenvolvido, contudo, apesar de não ter havido resultados, esta solução continuava a figurar-se, à data, como a mais exequível para a resolução do problema.

Apesar dos esforços, esta tarefa continuou a revelar-se infrutífera pela ausência de habitações com as características pretendidas pela família, nomeadamente uma habitação rural, com características semelhantes à habitação actual.

No sentido de esgotar as alternativas e explorar todos os recursos existentes para a resolução do problema efectuou-se, um contacto telefónico com o patrão do Sr. Joaquim que também se revelou infrutífero (Anexo 5, registo 2, 02/12/2011).

Durante este processo, foi sendo notório que alguns dos elementos da família, mesmo aspirando a melhoria das condições habitacionais, revelavam pouco interesse em mudarem de habitação, pelo que, considerando a vontade dos elementos da família, bem como as dificuldades sentidas, até então, na busca de uma habitação para arrendamento, foi novamente colocada a possibilidade de realização de obras na habitação onde residem.

2) Interações familiares instáveis: estilos educativos díspares, papéis parentais pouco definidos, dificuldades ao nível da comunicação

Verifica-se a existência de estilos educativos muito díspares e papéis parentais pouco definidos que se traduzem em dificuldades por parte dos pais na definição de regras e imposição de limites e em alguma demissão relativamente às funções parentais.

Estes problemas foram identificados pelos próprios pais que “trocaram acusações” relativamente aos estilos educativos adoptados por cada um, apontando

dificuldades na forma como o outro cônjuge lida com os filhos: o Sr. Joaquim considera que a D. Glória é muito permissiva e uma “mãe-galinha” que os protege e desculpa de tudo. Por outro lado, a D. Glória considera o marido, um pai pouco implicado e que apenas impõe respeito através do medo (Anexo 3, registo 5, 23/11/2011).

A existência de estilos educativos díspares e papéis parentais pouco definidos foram problemas também identificados pelo Sr. Ismael e pelo Márcio, ao longo dos vários contactos efectuados. Na perspectiva destes elementos da família, visão que eu também partilho, os menores apresentam uma conduta pouco obediente, frequentemente ignoram as regras impostas, principalmente pela mãe, agindo em função das suas vontades. Relativamente ao pai, acabam por ser mais submissos na medida em que temem os castigos físicos, que são actualmente menos frequentes, sendo mais comum a intimidação através da ameaça do castigo físico do que a sua concretização. Destaca-se, neste âmbito, a conversa intencional realizada com o Sr. Ismael (Anexo 3, registo 4, 22/11/2011) e ainda a conversa intencional durante a qual o Márcio e também abordou este problema (Anexo 3, registo 9, 20/12/2011). Este problema foi ainda reforçado pelo director de turma (Anexo 4, registo 1, 29/11/2011, Anexo 4, registo 2, 19/01/2012).

Ainda relativamente às competências parentais associadas ao acompanhamento educativo dos menores, os próprios pais assumem ter dificuldades no acompanhamento aos menores, adoptando, quase sempre, uma atitude de crítica ao outro cônjuge (Anexo 3, registo 5, 23/11/2011; Anexo 4, registo 1, 29/11/2011; Anexo 4, registo 2, 19/01/2012).

Durante a discussão em grupo (Anexo 3, registo 17, 09/02/2011) ambos assumiram a existência de dificuldades na forma como lidam com os filhos e a necessidade de alterar esta realidade. O Sr. Joaquim gostava que efectivamente os filhos lhe obedecessem, não pelo medo, mas sim pelo respeito, no entanto ressalva que “não havendo outra solução, eles têm que aprender de alguma maneira”. Por sua vez, a D. Glória refere, com alguma mágoa, que gostava de conseguir que os filhos fossem mais obedientes e que não gozassem com ela.

Ao nível das dinâmicas familiares verifica-se também **dificuldades ao nível da comunicação**, havendo pouca capacidade de diálogo e pouca tolerância à diferença de opiniões, facto que todos os elementos da família reconheceram como um problema.

3) Problemas escolares: absentismo e baixo aproveitamento escolares, desqualificação das aulas e das tarefas escolares

Estes problemas foram identificados pelos pais (Anexo 3, registo 5, 23/11/2011; Anexo 3, registo 6, 24/11/2011; Anexo 3, registo 7, 05/12/2011), pelo director de turma (Anexo 4, registo 1, 29/11/2011; Anexo 4, registo 2, 19/01/2011) e, posteriormente, reconhecidos pelos dois menores (Anexo 3, registo 17, 09/02/2012).

Em termos gerais, os jovens apresentam uma conduta pautada pela desqualificação e desinvestimento relativamente às tarefas escolares e pelo absentismo escolar. Quando estão em casa, mentem relativamente à existência e realização dos trabalhos de casa, situação que os pais não conseguem confirmar na medida em que não sabem ler nem escrever.

Nas conversas intencionais realizadas com o Bruno e o Cristiano, estes revelam pouco envolvimento e empenho nas questões relacionadas com a escola e com as aprendizagens escolares, afirmando, convictamente, que não gostam de estudar (Anexo 3, registo 1, 14/11/2011; Anexo 3, registo 5, 23/11/2011; Anexo 3, registo 6, 24/11/2011).

Através da realização de dois exercícios de dinâmica de grupo (Anexo 3, registo 8, 13/12/2011) foi perceptível que o Bruno e o Cristiano gostam de estar na escola, gostam do convívio com os amigos e das actividades ao ar livre, contudo não valorizam a parte do estudo, apresentando uma imagem muito negativa de alguns funcionários e professores. Apesar disso, quando falam do futuro e da concretização dos sonhos, apontam a escola e os estudos como duas coisas muito importantes para conseguirem alcançar o sucesso e ambos reconhecem efectivamente que estudar é importante.

Na discussão em grupo (Anexo 3, registo 17, 09/02/2012), ambos reconheceram os problemas apontados pela família e pelo director de turma, tendo sido assumido, principalmente pelo Bruno, a importância de tirarem melhores notas e a aspiração de transitar de ano. Relativamente ao Cristiano, embora refira saber que estudar é importante e que precisa de melhorar as notas, revela uma postura menos disponível para alcançar essa mudança.

A **identificação das necessidades** constituiu um processo conjunto e plenamente participativo e adveio da exploração dos problemas, anteriormente descrita.

Assim, a partir da exploração de cada um dos problemas apresentados identificaram-se as seguintes necessidades, que foram, durante a realização da discussão em grupo (Anexo 3, registo 17, 09/02/2012), reconhecidas e assumidas por todos os elementos da família: **melhorar as condições da habitação** através da realização de obras de qualificação da habitação onde actualmente residem; **melhorar as relações familiares**, nomeadamente no desempenho das responsabilidades parentais do Sr. Joaquim e da D. Glória, que se traduzem na necessidade de **ser melhor pai e ser melhor mãe** e na necessidade de **valorização do papel das figuras parentais; melhorar a forma como os elementos da família comunicam entre si e mudar as práticas dos jovens em relação ao estudo** - maior valorização das aulas, maior empenho, melhor assiduidade e melhor aproveitamento escolar.

3.3 Finalidade, objectivos e estratégias da intervenção

Apontadas as necessidades, chegou o momento de definir a **finalidade do projecto**.

Antes de mais, importa reforçar que, no âmbito da sua prática, o educador social deve promover, em conjunto com as pessoas com quem trabalha, o desenvolvimento de acções concretas, sendo crucial, antes de mais, a ocorrência de um questionamento relativamente à razão (“para quê”) do desenvolvimento de determinadas acções, ou seja, é fundamental que se reflecta, em conjunto, sobre qual a finalidade que se pretende alcançar com o trabalho que se vai desenvolver (Serrano, 2008), não esquecendo que “a realidade é melhorada não por se fazer muito, mas por se planear uma acção significativa que propicie de forma óptima a mudança e a melhoria dessa realidade” (p. 13).

Neste seguimento, face aos problemas e necessidades apontadas anteriormente, definimos como finalidade do projecto: **promover a melhoria da qualidade de vida da família, nomeadamente ao nível da habitação, educação e relações familiares**.

Considerando a complexidade e relatividade do conceito de qualidade de vida, variável em função de inúmeros factores, e que, em termos gerais, constituiu uma “construção social com a marca da relatividade cultural” (Minayo, Hartz & Buss, 2000, p. 8), importa esclarecer qual a conceptualização de qualidade de vida que advogamos para a construção deste projecto (definição operacional).

Assim, após a análise de contributos de alguns autores, nomeadamente Minayo et al. (2000), Martin e Stockler (1998, citados por Minayo et al., 2000) e Kluthcovsky e Takayanagui (2006), defendemos uma noção de qualidade de vida eminentemente humana e interdisciplinar, relacionada com parâmetros objectivos associados à satisfação de necessidades básicas tais como a habitação e educação e com parâmetros mais subjectivos associados ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa e social no que respeita à qualidade dos relacionamentos, bem-estar, felicidade, amor, liberdade e realização pessoal.

A finalidade que definimos para este projecto vai, antes de mais, ao encontro dos problemas e necessidades identificados em conjunto com todos os actores, e vai também ao encontro da natureza do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pautado por uma intervenção no terreno que pretende “ajudar a tecer laços sociais e a criar situações de aprendizagens potenciadoras de felicidade, de bem-estar e de autonomia de vida” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 60).

Vai igualmente ao encontro do paradigma no qual se situa o projecto, nomeadamente o paradigma emergente que procura, ao contrário do positivista, a construção de respostas adequadas aos problemas da satisfação generalizada das necessidades humanas e relacionais (Lima, 2003) e, ainda, ao encontro das opções metodológicas realizadas, na medida em que efectivamente, ao nível da investigação-ação participativa, o que se pretende é a melhoria da qualidade de vida das pessoas e famílias com quem estamos a trabalhar.

Podemos ainda considerar, citando Santos (1999, p. 213), que o que desejamos é “criar campos de experimentação social onde seja possível resistir localmente às evidências de inevitabilidade, promovendo com êxito alternativas que parecem utópicas em todos os tempos e lugares, excepto naqueles em que ocorreram efectivamente (...), alternativas locais que tornam possível uma vida digna e decente”. Seguindo ainda a perspectiva do mesmo autor, através da construção deste projecto pretendemos o alcance de “um conhecimento prudente, para uma vida decente” (Santos, 1990, p. 37).

Considerando os problemas e necessidades identificadas, os recursos e potencialidades da família e a finalidade do projecto, definimos os seguintes **objectivos gerais (OG) e específicos (OE)**, inevitavelmente interligados:

- **OG (1)** Promover condições habitacionais adequadas às necessidades da família
 - **OE (1.1)** Substituir as telhas partidas do telhado
 - **OE (1.2)** Reconstruir a casa de banho
 - **OE (1.3)** Pintar os quartos e *hall* de entrada
 - **OE (1.4)** Substituir os vidros e caixilharias das janelas e as portas de entrada da habitação
 - **OE (1.5)** Recuperar as paredes exteriores

- **OG (2)** Alterar as relações intrafamiliares
 - **OE (2.1)** A família deverá ser capaz de comunicar e interagir entre si de forma mais positiva
 - **OE (2.2)** Os elementos da família deverão ser capazes de assumir responsabilidades pessoais no processo de mudança
 - **OE (2.3)** Os pais deverão ser capazes de adoptar um estilo educativo democrático
 - **OE (2.4)** Os filhos deverão ser capazes de respeitar e valorizar as figuras parentais percebendo e colaborando na definição de normas e regras

- **OG (3)** Melhorar o aproveitamento escolar e a assiduidade e promover o reconhecimento da importância das aprendizagens escolares
 - **OE (3.1)** Os jovens deverão aumentar o interesse pelas aprendizagens escolares
 - **OE (3.2)** Os jovens deverão diminuir o absentismo escolar relativamente ao 1.º período
 - **OE (3.3)** Os jovens deverão diminuir o número de negativas relativamente ao primeiro período

- **OE (3.4)** Os pais deverão ser capazes de estarem mais implicados e participativos no percurso educativo dos jovens.

Aquando da realização de uma avaliação de entrada, reflectindo acerca da coerência entre os objectivos gerais e os objectivos específicos, houve necessidade de alterar a formulação dos objectivos inicialmente definidos (Anexo 7): relativamente aos objectivos gerais, procurou-se tornar a sua execução menos dependente de uma mudança externa e mais realista; quanto aos objectivos específicos foram reformulados de forma a serem mais operativos e definidos do ponto de vista dos sujeitos.

No seguimento destas reformulações, realizadas após orientação tutorial no dia 17/04/12, procedeu-se à definição dos critérios de avaliação do projecto (Anexo 8).

No sentido de alcançar os objectivos pretendidos, utilizar-se-ão as seguintes **estratégias:**

- Intervenção psicossocial através do modelo de relação de ajuda;
- Desenvolvimento de trabalho individual e grupal;
- Realização de actividades lúdico-pedagógicas;
- Criação de momentos de partilha, debate e troca de opiniões, através da utilização de várias técnicas de grupo como: debates de ideias, discussão em grupo e exercícios de dinâmica de grupos.
- Estabelecimento de parcerias e potenciação de iniciativas da comunidade local com vista à rentabilização dos recursos existentes;
- Realização de trabalhos de construção civil.

Através destas estratégias, cuja escolha foi realizada em função dos recursos existentes, pretende-se apoiar a família a adquirir maior controlo sobre a sua vida, através de um acompanhamento próximo e continuado na resolução dos problemas existentes, mediante o reconhecimento/ activação das competências existentes e a promoção de aquisição de outras competências.

3.4 Planificação das acções. Avaliação de entrada

Partindo das estratégias identificadas, no sentido de atingirmos os objectivos pretendidos e tendo em consideração os recursos existentes, iniciamos a definição de **3 acções a desenvolver** no âmbito do projecto “Lutar por uma vida melhor”, designadamente: “Obras na Quinta da Boavista”, “Reflectindo em família” e “Aprender Mais”.

Também nesta fase de definição das acções, incluindo os seus nomes, foi considerada a opinião e os contributos de todos os intervenientes, principalmente dos elementos que constituem a família.

Acção 1: “Obras na Quinta da Boavista”

Esta acção visa a prossecução dos OG (1) e (2) e dos OE (1.1), (1.2), (1.3), (1.4), (1.5) e (2.1) e foi desenhada com base no contributo prestado pelo Márcio (Anexo 3, registo 2, 16/11/11).

Como vimos, apesar de a possibilidade de realização de obras na habitação ter sido preterida, relativamente à mudança de casa, ao longo da exploração do problema a primeira possibilidade foi novamente equacionada.

Face à ausência de recursos económicos para a realização das obras, sugeri à família a realização de uma campanha para angariar materiais de construção, proposta unanimemente aceite.

Seguiu-se um conjunto de contactos e diligências que precederam o desenho desta acção, nomeadamente com o proprietário da habitação e, posteriormente, com o seu advogado, no sentido de obtermos autorização para a realização das obras (anexo 9, todos os registos). Este constitui-se como um momento importante de avaliação de entrada.

Assim, confirmada a possibilidade de realização de obras, definimos a acção que pressupõe as seguintes fases:

- Criação de um grupo de trabalho constituído por elementos da família Silva, por elementos da família alargada, com quem ao longo dos últimos meses se tem verificado uma maior aproximação, nomeadamente um tio e dois sobrinhos da D. Glória e do Sr. Ismael, com conhecimentos na área da construção civil, por mim e

por outros elementos cuja participação venha a ser necessária em função dos trabalhos a realizar.

Este grupo tem como missão inicial identificar e elencar os materiais que são necessários para a prossecução dos trabalhos e, posteriormente, a realização dos trabalhos de construção.

O meu papel será, fundamentalmente, fomentar a participação e o diálogo de todos os elementos que constituem o grupo, propiciando a ocorrência de momentos de partilha, debate e troca de opiniões e sistematizar as informações que decorrerem deste primeiro momento de trabalho e que serão cruciais para as fases seguintes.

- Realização de uma campanha de angariação de apoios em espécie (materiais de construção) para a realização das obras de melhoria do alojamento através do contacto com empresas do ramo.

- Realização das obras de melhoria do alojamento.

Acção 2: “Reflectindo em família”

A acção “Reflectindo em família” visa a prossecução dos OG (2) e (3) e dos OE (2.1), (2.2), (2.3), (2.4) e (3.4), e será desdobrada em duas acções, inevitavelmente relacionadas, nomeadamente: “Conversas entre pais e mães” e “Nós, em casa”.

A acção “Conversas entre pais e mães” consiste numa intervenção de educação parental de tipologia flexível (Abreu-Lima, et al., 2010) com um baixo grau de estruturação prévio, desenvolvida em função das necessidades dos participantes e construída à medida que a acção decorre.

A acção comporta a realização de sessões grupais, orientadas por mim, que constituirão momentos de diálogo, troca de experiências e troca de informação que visam o reforço e estímulo do papel de serem pais e mães, nas quais poderão ser focados vários temas definidos em função das necessidades e interesses dos participantes e em função de eventuais necessidades identificadas por mim.

As sessões terão uma periodicidade quinzenal, com uma duração de 90 minutos (conforme sugerido pela D. Glória e pelo Sr. Joaquim).

Cada sessão será definida em função das vivências da sessão anterior, partindo sempre dos contributos e sugestões prestados pelos participantes, à

excepção da primeira, que terá como objectivos apresentar os elementos do grupo, definir objectivos e escutar as expectativas, sugestões e opiniões dos participantes.

Relativamente aos elementos que participarão nesta acção, o grupo será constituído por pais e mães, acompanhados pela equipa do RSI, que se encontrem disponíveis para participarem na acção⁷. Tratar-se-á de um grupo pequeno, de forma a responder mais eficazmente às necessidades dos seus elementos.

Note-se que, no seguimento da avaliação de entrada, definiu-se que, em virtude de alguns dos objectivos específicos não serem suficientemente operacionais, serão definidos, sempre que necessário, objectivos operativos para as sessões a desenvolver. Estes objectivos serão também definidos em função das necessidades dos outros elementos que irão participar na acção.

Esta acção será complementada com a acção “Nós, em casa” que consistirá numa intervenção junto da família Silva pautada pela proximidade e pelo reforço das competências fomentando o diálogo entre os elementos da família e a valorização das figuras parentais.

Acção 3: “Aprender Mais”

Esta acção visa a prossecução do OG (3) e dos OE (3.1), (3.2) e (3.3).

Foi desenhada considerando as ideias e contributos dados pelo Bruno e pelo Cristiano e também pelo director de turma, no sentido de colmatar a necessidade de mudar as práticas dos jovens relativamente à escola, nomeadamente a sugestão do Bruno e do Cristiano de terem mais apoio ao estudo para os testes de avaliação e para a realização dos trabalhos escolares e a sugestão do professor relativamente aos jovens poderem ter apoio educativo, para além do que é prestado pela escola.

Trata-se de uma acção que foi redefinida em função da avaliação de entrada, nomeadamente, em função dos recursos existentes e dos objectivos pretendidos.

A primeira intenção seria desenvolver uma acção que constituiria uma continuidade e aperfeiçoamento do trabalho que, pontualmente, vinha a ser desenvolvido com os jovens, designadamente o apoio educativo no domicílio. Assim, pretendia-se a realização de uma acção, em grupo, que tinha como objectivo a

⁷ Segue-se a perspectiva de Abreu-Lima, et al., 2010, segundo a qual “o consentimento parental é condição para que a educação parental seja assumida como um direito a que, de modo livre e autónomo, os pais podem aceder, pois apenas nestas condições a parentalidade positiva pode desenvolver-se” (p. 5).

promoção da aprendizagem através do lazer, proporcionando, não só a possibilidade de melhoria do aproveitamento escolar, mas também o desenvolvimento de competências pessoais e sociais e o aumento do interesse pelas aprendizagens escolares e que seria realizada nas instalações da escola.

No entanto, como se verificou uma recusa peremptória dos jovens relativamente à possibilidade de realização desta acção na escola, no sentido de evitar a ocorrência de algumas resistências que poderiam colocar em causa a exequibilidade da acção, e, também considerando a falta de recursos da escola, nomeadamente materiais e humanos, optou-se por outra alternativa.

Foi, então, proposta a realização da acção nas instalações da junta de freguesia da área de residência da família, tendo sido lançado o desafio de procurar na comunidade um voluntário para orientar o grupo, tendo havido uma resposta positiva e imediata do presidente (Anexo 10, registo 1, 03/03/2012). Neste seguimento, o autarca mostrou disponibilidade não só para ceder as instalações, mas também para, no âmbito do programa de Voluntariado Jovem da Câmara Municipal, solicitar, através da junta de freguesia, a colaboração de um voluntário, aluno do ensino superior na área de estudos de acção social ou educação, que seria responsável pela orientação da acção.

No entanto, em função da avaliação de entrada, considerando a inviabilidade de iniciar esta actividade em tempo útil, devido à indisponibilidade do espaço da junta de freguesia e a questões mais burocráticas associadas à colocação do voluntário (Anexo 10, registo 2, 21/03/2012), e fundamentalmente, tendo em conta a necessidade de rapidamente ir ao encontro das aspirações dos jovens relativamente à melhoria do aproveitamento escolar e à transição de ano lectivo, houve necessidade de redefinir a acção.

Assim, numa primeira fase, esta acção contempla a realização de sessões de apoio ao estudo, que visam prestar um apoio mais específico ao nível das aprendizagens escolares, aos menores Bruno e Cristiano e a outro menor, cuja família também é acompanhada pela equipa do RSI, que reside na mesma freguesia, que frequenta o mesmo ano e a mesma escola, através da utilização, sempre que possível, de estratégias criativas e actividades lúdico-pedagógicas, prestado por mim, mediante um trabalho de articulação com os professores, designadamente com os directores de turma.

Numa segunda fase, será desenvolvida outra acção, com características semelhantes à acção inicialmente equacionada, que terá início após a colocação da voluntária e decorrerá por tempo indeterminado. O horário de funcionamento será definido em função da disponibilidade dos participantes e da disponibilidade dos elementos da junta de freguesia para assegurarem a abertura das instalações.

Relativamente à avaliação das 3 acções, serão avaliadas diferentes dimensões, através de diferentes indicadores, mediante a utilização de diversas estratégias (Anexo 11).

Relativamente aos recursos necessários para o desenvolvimento das 3 acções apresentadas anteriormente destacam-se os recursos humanos, materiais e financeiros.

Quanto aos recursos humanos, todas as acções contarão com a minha e com participação dos elementos da família Silva; a acção 1 contará igualmente com a participação de alguns elementos da família alargada com conhecimentos na área da construção civil e elementos da comunidade local; a acção “Conversas entre pais e mães” contará com a participação dos pais e mães e a acção 3 contará com a participação do Bruno, do Cristiano e de outro elemento.

Relativamente aos recursos materiais, todas as acções implicarão a utilização das instalações da IPSS onde eu trabalho, materiais de desgaste (papel, canetas, entre outros) e outros recursos como o telefone e internet; para a acção 1 serão necessários materiais de construção variados; para a acção 2 será necessário transporte para deslocar as pessoas para a acção “Conversas entre pais e mães”.

Por fim, relativamente aos recursos financeiros, não há custos relevantes a considerar. A maioria dos materiais de desgaste será disponibilizada pela IPSS ou será da responsabilidade dos participantes das acções (canetas, papel); relativamente à acção 1, assentará na solidariedade e voluntariado.

3.5 Desenvolvimento das acções. Avaliação do processo

Acção 1: “Obras na Quinta da Boavista”

Esta acção teve início em Abril de 2012 e terminará quando estiverem concluídas todas as obras. À data de redacção deste relatório (Junho 2012), encontra-se, portanto, ainda em desenvolvimento.

Note-se que a necessidade de aguardar a resposta do advogado relativamente à viabilidade da realização das obras (o 1.º contacto foi realizado em 28/02/2012 e a autorização foi dada no dia 04/05/2012; anexo 9, todos os registos) e também a hospitalização do Sr. Joaquim, para realização de tratamento de desintoxicação alcoólica (de 24/03/2012 a 23/04/2012) motivaram o adiamento do início desta acção, embora se possa considerar que, desde que se colocou a possibilidade de realização de obras, toda a família se mobilizou, nomeadamente, através de sugestões, planos e expressão de desejos relativamente às obras a realizar.

Na operacionalização desta acção foram desenvolvidas, até à data, várias acções.

Foram efectuados diversos contactos com o presidente da junta de freguesia da área de residência da família (Anexo 12, registo 1, 03/03/2012; 09/04/2012; 16/04/2012; 07/05/2012) que se mostrou disponível para colaborar na acção, tendo, até à data, apoiado ao nível da identificação de algumas empresas a quem pedimos donativo de materiais.

Realizámos uma discussão em grupo no qual estiveram presentes, à excepção do Sr. Joaquim que se encontrava hospitalizado, todos os elementos da família e o tio da D. Glória e do Sr. Ismael, que é a pessoa responsável pela coordenação das obras (Anexo 12, registo 2, 10/04/2012). Este momento foi muito importante, não só porque permitiu iniciar um levantamento mais pormenorizado dos materiais que serão necessários para a realização das obras, mas também, porque propiciou a existência de momentos de diálogo extraordinariamente ricos e até comoventes, gerando-se um importante momento de partilha, de debate e de diálogo, em que ficou evidente a capacidade dos diferentes elementos da família de emitirem opiniões e de fazerem planos:

(...) *“Eu acho que a casa de banho devia ser lá em cima”* (Sr. Ismael), *“Eu acho que era melhor a casa de banho ser cá em baixo, porque lá em cima não há*

espaço (...) ” (Márcio); “Era fixe termos umas janelas com persianas, não era?” (Bruno) “Ó filho, temos que ir primeiro às coisas mais importantes e mais simples, depois, se Deus quiser, havemos de endireitar mais a nossa vida e vamos comprando mais coisas (...) ” (D. Glória).

O tio está bastante agradado com a responsabilidade de coordenar os trabalhos, tendo, inclusive, informado que vai tentar mobilizar mais pessoas da família, para além das inicialmente previstas.

Após o levantamento dos materiais necessários, realizámos uma reunião familiar com o objectivo de elaborar o texto/carta para enviar às empresas (Anexo 12, registo 3, 16/04/2012). Todos estiveram extremamente participativos, embora um pouco tristes pela ausência do Sr. Joaquim, ainda hospitalizado: *“Oh, menina, se o meu homem estivesse aqui, então a felicidade ia ser total” (D. Glória). “Então, vocês podem quando forem visitá-lo contar-lhe o que estivemos a fazer. O Sr. Joaquim certamente vai ficar muito feliz” (eu). “Boa ideia, quero ser eu a contar (...) ” (Cristiano).*

Este contacto constitui mais um momento de partilha e de diálogo de grande intensidade emocional, principalmente para a D. Glória cujas lágrimas não resistiram a cair, quando foi, no final, lemos o resultado do texto.

Posteriormente procedemos à assinatura das referidas cartas (Anexo 12, registo 4, 08/05/2012; registo 5, 10/05/2012), momentos em que estiveram presentes todos os elementos da família (o Sr. Joaquim já se encontrava em casa).

Todos estavam imensamente fascinados com a importância do documento e com o facto de estarem a assinar, principalmente os menores e também o Sr. Joaquim que não esteve presente aquando da realização da carta. O facto de alguns dos elementos terem algumas dificuldades em assinarem, nomeadamente, os adultos, provocou, admiravelmente, momentos de grande ternura, diversão, descontração e entreajuda entre os elementos da família. *“ (...) Ui, nunca mais saio daqui, tantas... (...) ” (Sr. Ismael) “Isto é só autógrafos, parece que somos famosos (...) ” (Bruno).*

Os elementos da família estão empenhados, principalmente a D. Glória que, respondeu à minha sugestão de eles próprios pensarem em empresas ou pessoas a quem poderíamos pedir materiais. *“Ó menina, não podemos fazer uma carta para entregar à minha irmã. Ela assim entregava a uma pessoa que se calhar nos pode ajudar...”. “Com certeza D. Glória, trarei mais uma carta, quando mais pessoas ajudarem, melhor” (eu).*

Estes contactos constituíram momentos de partilha de emoções e de grande valorização dos elementos, mediante a possibilidade de assinarem o documento; rapidamente se organizaram para assinarem as inúmeras cartas, mostrando-se extremamente felizes e com uma cumplicidade crescente. É notório que comunicam e interagem entre si de forma mais positiva e que a possibilidade de realização de obras funciona quase como um bálsamo para a família que apresenta mais expectativas positivas relativamente ao futuro.

Seguiram-se algumas diligências para contactar as empresas, nomeadamente, o envio das cartas e posterior contacto telefónico, para confirmar se estavam disponíveis para colaborarem nesta causa (Anexo 12, registo 6). Foram contactadas cerca de 25 empresas, localizadas no concelho onde a família vive e nos concelhos limítrofes, e ainda 4 pessoas particulares do concelho onde vive a família.

Na sequência destes contactos, 6 das empresas contactadas, responderam, de imediato, favoravelmente, tendo contribuído com diversos materiais, designadamente: vidros, tijolos, cimento, tinta, loiças sanitárias, azulejos e tijoleiras; 5 empresas responderam negativamente; as restantes, embora tenham manifestado interesse em colaborar ainda não confirmaram a doação.

Realizámos, posteriormente, uma conversa intencional, com o objectivo de fazermos uma avaliação (ponto de situação) relativamente à acção (Anexo 12, registo 7, 19/06/2012). Nesta data, o Sr. Joaquim encontrava-se internado devido a um ataque de epilepsia (esteve internado entre os dias 16/06/2012 e 22/06/2012).

O Sr. Ismael apresentou-se bastante expectante e muito contente porque, em função da sua experiência profissional, e, apesar de não poder realizar esforços físicos, poderá ser uma mais-valia na realização dos trabalhos. Sugeriu que as obras se iniciassem em Junho, com os materiais que já foram disponibilizados *“podemos começar a limpar as paredes, muito limpinhas e começar a pintar. Não custa nada, isso são trabalhos que qualquer um pode fazer”* (Sr. Ismael). *“Pois é, agora estamos de férias e podemos ajudar. Posso pintar o meu quarto de azul e branco?”* (Cristiano). *“Oh, meu filho, podemos pintar duas paredes de cada cor, fica bem (...)* O meu Márcio anda muito animado, já pediu ajuda a um amigo e tudo. Mas agora temos que esperar que o meu homem venha do hospital, pode ser?” (D. Glória).

Os elementos da família continuam a evidenciar muito empenho, uma maior capacidade de diálogo e tolerância relativamente à diversidade de opiniões. Para além disso, é perceptível que têm conversado sobre a realização das obras e têm

definido estratégias para a sua realização, nomeadamente pelo contacto e solicitação do apoio de outras pessoas (amigos).

Foi realizada uma outra conversa intencional (Anexo 12, registo 8, 25/06/2012), na qual o Sr. Joaquim já estava presente. Neste momento a família informou que estiveram a conversar sobre a realização das obras e decidiram iniciar as obras no mês de Agosto, altura em que o tio, responsável pelas obras, estará de férias podendo disponibilizar mais tempo para a realização dos trabalhos.

Nesta fase foi fundamental, mais uma vez, respeitar os tempos da família, as suas decisões e as estratégias sugeridas, contrariando a tendência de querer “apressar” a resolução dos problemas. Assim, a família terá a possibilidade de experimentar as suas soluções, tornando-se sujeitos activos da mudança.

Acção 2: “Reflectindo em família”

Acção “Conversas entre pais e mães”

Esta acção, cujo início foi também adiado devido à hospitalização do Sr. Joaquim, iniciou-se no dia 26/04/2012, estando, à data, ainda em desenvolvimento e terminará quando os participantes decidirem, em função do trabalho a ser desenvolvido. Note-se que este adiamento se prendeu com o facto da D. Glória não se sentir confortável em participar nas sessões sem o marido, uma vez que, desde a fase de definição da acção, o Sr. Joaquim tinha mostrado vontade em participar.

O grupo é constituído por 8 elementos: a D. Glória e do Sr. Joaquim, e mais 6 participantes (caracterização do grupo – anexo 13), todos acompanhados no âmbito do RSI e que vinham a demonstrar, ao longo do acompanhamento, algumas dificuldades ao nível do exercício das competências parentais e que manifestaram vontade em participar na acção.

A acção iniciou-se com uma periodicidade quinzenal e com uma duração de 90 minutos; no entanto, em função de uma avaliação do processo, por sugestão do grupo, após a 3.^a sessão, definiu-se que as sessões realizar-se-iam semanalmente, durante cerca de duas horas; foi também definido pelos participantes, que em cada sessão, ser fariam alguns trabalhos práticos (desenhos, construções, entre outros), relacionados com os temas tratados, que serão, no final da acção, expostos ao público. Em casa, os pais e mães poderão igualmente realizar trabalhos para a exposição, em conjunto com os filhos.

Até à data foram realizadas 5 sessões/encontros, com uma participação média de 7 pessoas. Não se realizaram duas das sessões previstas, uma devido à existência de feriado (dia 07 de Junho) e outra à impossibilidade de assegurar o transporte (21 de Junho). Seguidamente destacam-se vários momentos de algumas destas sessões e a vivência dos participantes.

A 1.^a sessão (Anexo 14, registo 1, 26/04/2012) foi de extrema importância tendo como objectivos: facilitar o conhecimento intergrupar, apresentar os objectivos da acção, definir alguns procedimentos e conhecer as expectativas relativamente à acção.

Nesta sessão definimos a organização das sessões, que será, contudo, sempre flexibilizada em função das necessidades do grupo: cada sessão inicia-se com a recapitulação da sessão anterior; ao longo da sessão são abordados diferentes temas e desenvolvidas diversas competências, em função das necessidades trazidas pelo grupo, através da utilização de diferentes estratégias; na parte final da sessão, antes da avaliação na qual todos poderão expressar a sua opinião/sentimentos em relação à sessão, sugere-se uma tarefa para os participantes desenvolverem em casa, com a colaboração dos restantes elementos da família.

Relativamente às expectativas em relação à acção, todos os participantes apresentaram expectativas muito positivas: *“Acho que vai ser bom, por causa dos meninos. Falar com os outros é sempre bom”* (D. Glória); *“Vai ser bom, pelo menos distraímos e falamos com os outros”* (Sr. Joaquim) *“Espero que seja uma forma de convívio e para aprendermos mais coisas”* (M); *“Gostava de aprender mais coisas com os colegas e partilhar dúvidas”* (C).

No final da sessão, a avaliação foi também positiva, conforme ilustram alguns comentários: *“Gostei muito porque assim vi que não só os meus filhos que têm problemas. E eu pensava que eram só os meus”* (D. Glória); *“Consegui ver que há pessoas com mais dificuldades que as nossas. Gostei muito. Acho que vai ser uma experiência muito interessante, poder conversar com outras pessoas”* (F); *“Acho bem. Gostei de conhecer as pessoas e conversar. Gostei muito”* (M); *“Senti-me muito bem. São todos muito simpáticos e foi bom falar sobre os filhos e sobre a família”* (C).

A 2.^a sessão (Anexo 14, registo 2, 10/05/2012) teve como objectivos promover o conhecimento e a interacção grupar e iniciar a reflexão sobre a importância das figuras parentais no desenvolvimento dos filhos.

Destaca-se o momento em que abordámos a forma como tinham vivenciado e desenvolvido a tarefa para casa, proposta na sessão anterior (foi-lhes entregue o desenho de um papagaio em papel, para reflectirem sobre de que forma o “ser pai e mãe” se assemelha a lançar um papagaio de papel). Todos os participantes falaram, de modo entusiasta, sobre a tarefa, demonstrando que houve um grande empenho em casa para, com a ajuda dos filhos, realizarem a tarefa. De acordo com os discursos apresentados, esta tarefa, motivou momentos de diálogo, partilha e entajuda entre pais e filhos:

(...) *“Eu acho que é o seguinte: o papagaio é engraçado e bonito. Quando o lançamos é uma alegria para os filhos”* (Sr. Joaquim); *“Nós tentamos ver isto com os nossos filhos, eles ficaram muito sérios a olhar para o desenho mas não lhes vinha ideias. O mais novo disse-me: oh, mãe, como é que tu não sabes ler e entendes o desenho e as outras coisas da vida?”* (...) (D. Glória); *“Eu também perguntei ao meu filho mais novo, mas ele disse: ó mãe eu não sei explicar... Depois fui ao meu homem e ainda pior. Fui à net e nada... Isto foi muito difícil...mas acho que conseguimos chegar a algumas conclusões...Ensinar a montar é como estar a ajudar a andar, a correr. É um caminho, na nossa família também vamos crescendo, ensinando etapa a etapa”* (...) (F).

Durante a realização das sessões seguintes (Anexo 14, registo 3, 24/05/2012; anexo 14, registo 4, 31/05/2012; anexo 14, registo 5, 14/06/2012) abordámos, entre outros assuntos, os diferentes estilos parentais, procurando que cada participante identificasse o seu estilo educativo predominante e reflectisse sobre os aspectos que poderia mudar na sua prática educativa: *“Eu sou a mãe fixe (referindo-se ao estilo permissivo), tento ser compreensiva, tento conversar com os meus filhos, mas estou a aprender que também não podemos fazer tudo aquilo que eles querem. Mas temos que conversar, não é bater, temos é que pôr regras para eles cumprirem.”* (D. Glória); *“Acho que são um bocadinho dos 3. Mas na hora “H”, sou autoritário. Mas tenho mudado, agora falo mais, mas se for preciso, eles têm que saber respeitar quem manda (...)”* (Sr. Joaquim); *“Eu acho que sou o democrático (...) O pai pode ser bom, mas às vezes, os filhos também nos tiram do sério. Pronto, nessas alturas fujo para o autoritário pois de vez em quando tenho que dar uma latada (...)”* (G).

Estas sessões constituíram momentos de grande participação, debate e reflexão crítica que permitiram que os pais adquirissem mais consciência que ser pai/mãe é um processo é construção e que, com a experiência, o diálogo e a

valorização dos outros enquanto pessoas com direitos e deveres, é possível tornarem-se cada vez melhores e mais felizes nesse papel.

Relativamente à avaliação das sessões referidas, os participantes foram sempre verbalizando aspectos positivos: *“É bom porque pensamos com a ajuda dos outros e pensamos “se eu fizesse assim ou assado era melhor (...)” (Sr. Joaquim); “Gosto muito de estar aqui (...) Gosto de ver os casos de uns para os outros. Assim aprendemos mais” (F); “É bom, damos opiniões e as pessoas ouvem-nos com respeito (...) e aprendemos com os outros” (C) “Gostei muito de pensar sobre a minha vida e sobre a minha família (...) A pensar, vemos que se calhar é coisas que podemos mudar” (Sr. Joaquim); “Foi bom, porque temos dificuldades. Ao conversar resolve-se casos que nós nunca pensávamos. Se a gente não se juntar, não fala com as pessoas. Às vezes fulano, tem o mesmo problema e falando sobre as coisas é mais fácil (...)”*

Acção “Nós em casa”

Esta acção consiste num acompanhamento próximo, na habitação da família Silva e ainda está, à data, em desenvolvimento.

Neste âmbito foram realizadas, várias visitas domiciliárias, nas quais ocorreram várias conversas intencionais. No entanto, pode considerar-se que todos os outros momentos de trabalho, no âmbito das diferentes acções, fazem também parte desta acção na medida em que têm constituído oportunidades de aprendizagem que conduzem a alterações nas dinâmicas familiares e a uma tendência para a mudança das práticas educativas. Destacam-se, em seguida, algumas das conversas intencionais realizadas com a família.

Na primeira conversa intencional realizada depois do início da acção “Conversas entre pais e mães” (Anexo 15, registo 1, 27/04/2012), o casal estava muito entusiasmado, mostrando empenho e satisfação pela participação na acção, evidenciando, desde logo, que a sua participação já introduziu, na família, assunto para discutirem em conjunto: *“Oh, menina, nunca pensei que pudesse ser tão bom. Saímos de casa, conhecemos outra gente, falamos sobre os nossos problemas, é uma maravilha” (D. Glória); “Chegámos a casa e dissemos que tivemos uma reunião para falar dos filhos. Eles começaram-se a rir, mas disseram que devia ser fixe” (Sr. Joaquim); “Quanto à tarefa para casa, já pensamos todos, mas é muito difícil. O mais pequeno e eu achamos que tem a ver com quando se solta um papagaio é uma*

alegria e quando estamos com os filhos, estamos felizes também e quando os vemos brincar também é bom” (...) “*As coisas agora estão a correr melhor, eles têm estudado, mais, falamos mais sobre a vida, sobre tudo...*” (D. Glória).

A D. Glória falou, orgulhosa, sobre o acordo que tinham feito com os filhos em relação aos horários da utilização da televisão e contou como o Bruno e o Cristiano tinham estado, no dia anterior, a treinar a leitura de um poema para recitarem na escola (*Oh, menina foi tão bonito, vê-los a dizer o poema, o meu Cristiano tinha algumas dificuldades, mas depois de treinar já lia muito melhor*”).

Durante a realização de uma segunda conversa intencional (Anexo 12, registo 5, 10/05/2012), foi perceptível que existe uma maior capacidade de comunicação e um maior envolvimento dos pais no percurso educativo dos jovens. O Bruno e o Cristiano estavam a estudar, na presença dos pais e do tio Ismael. Apesar de não saberem ler nem escrever, permanecem junto dos jovens, no sentido de supervisionarem e incentivarem os jovens a estudar. Quando ressalvei a importância de momentos como este, de partilha, supervisão e acompanhamento, a D. Glória respondeu entusiasmada: “*oh, menina estou a ver se consigo segurar o papagaio direitinho...*” (alusão a um dos exercícios realizados durante a acção “Conversas entre pais e mães”). Relativamente à tarefa que tinham para realizar no âmbito da referida acção, o Sr. Joaquim afirmou: “*Ainda não começamos a escrever, mas já nos rimos bem à conta dos desenhos (...)*.”

É notório que a acção “Conversas entre pais e mães”, tem proporcionado momentos de reflexão e de partilha entre os elementos da família.

Durante uma das conversas intencionais realizadas com o Sr. Joaquim, a D. Glória e o Sr. Ismael (Anexo 15, registo 2, 25/05/2012), abordámos a importância do trabalho que temos desenvolvido. Quando lhes perguntei se a vida tem corrido melhor, se o trabalho que temos vindo a desenvolver tem trazido algumas mudanças, responderam muito rapidamente: “*Oh, menina, então não? A nossa vida está melhor, sem dúvida. E quando as obras começarem ainda vai ficar melhor (...)*” (D. Glória); “*Está tudo mais calmo, os meninos portam-se melhor. O Joaquim anda mais calmo e estamos melhor*” (Sr. Ismael); “*Está diferente, para melhor. Já não somos chamados à escola para ouvir queixas. Só a mulher é que ainda mente muito para os (referindo-se aos filhos) encobrir (...)*” “*Nós bem falamos sobre isto na reunião anterior (referindo-se à 2.ª sessão da acção 2 do projecto), mas ela é sempre a mesma (...)*” (Sr. Joaquim). A D. Glória defendeu-se dizendo “*oh, menina eu já*

sei que tenho que mudar, como nós falamos lá com os outros pais, mas também não é fácil, eu estou a tentar (...)”.

Relativamente ao desafio trazido na última sessão, não se alongaram muito: *“você vai ver o que vamos fazer, até nem vai acreditar”* (Sr. Joaquim); *“Foi muito boa a ideia de “F”, (referindo-se a uma das participantes), para fazermos os trabalhos. Estamos a preparar uma surpresa...”* (...) (D. Glória).

É notória uma maior comunicação entre os elementos da família, maior consciência da necessidade de mudança e maior capacidade reflexiva relativamente às práticas. Continuam a evidenciar satisfação pela acção, utilizando as informações veiculadas nas sessões de uma maneira útil para o dia-a-dia da família. Apesar disso ainda se verifica uma tendência para a culpabilização uns dos outros, principalmente entre a D. Glória e o Sr. Joaquim.

Destaca-se a realização de uma conversa intencional com a presença da D. Glória, do Sr. Joaquim e do Cristiano (Anexo 15, registo 3, 30/05/2012), realizada com o objectivo de falarmos sobre uma alteração do comportamento do Cristiano relativamente às aulas e à acção “Aprender Mais”. O casal ficou bastante surpreendido quando souberam que o menor não tem comparecido às sessões da acção “Aprender Mais” e que tem faltado às aulas (não foram contactados pelo director de turma). Aludindo aos temas que têm sido abordados na acção “Conversas entre pais e mães” a D. Glória afirmou rapidamente: *“Como vimos lá com os outros pais, temos que falar com ele, mas bater não adianta”*. Apesar de ter ficado um pouco furioso com o comportamento do filho, o Sr. Joaquim acabou por admitir que efectivamente, bater não seria a solução mais correcta *“Pois, o mal já está feito...pra que serve bater? Mas ele vai ter que explicar direitinho o que se passa e vai ter que levar outro castigo (...)*”

Estivemos a conversar com o Cristiano. O jovem afirmou que deixou de frequentar a acção e começou a faltar às aulas porque os amigos lhe disseram que já não ia passar de ano: *“Eles disseram que eu não ia passar, então não vale a pena andar a ter trabalho”*. Depois de um trabalho de sensibilização do jovem para a importância de retomar a participação nas sessões e nas aulas, na medida em que não havia qualquer indicação que não fosse transitar de ano, inclusive os professores estavam bastante agradados com as melhorias que tanto ele como o irmão, estavam a mostrar, o Cristiano mostrou-se disponível para retomar, no dia seguinte, a frequência das aulas e da acção “Aprender Mais!

No seguimento desta conversa intencional, apesar de ter assumido o compromisso de voltar, o Cristiano não compareceu à sessão e, de acordo com o irmão, continuava a faltar às aulas. Realizámos uma nova conversa intencional com os pais (Anexo 15, registo 4, 31/05/12), na qual informei os pais que o menor não compareceu. Os pais desconheciam a situação, mas reagiram de forma calma: *“Estivemos a falar com ele, com calma, e ele prometeu que ia mudar, mas pelos vistos...”* (Sr. Joaquim). *“Ó homem, mas não vais bater como dantes, não vale a pena. Vamos falar com o director de turma e logo se vê. Agora no fim, já falta tão pouco e ele andava a portar-se tão bem...Será que ele ainda passa?”*

As opções que o casal realizou durante as duas conversas intencionais anteriores, revelam uma maior cumplicidade, maior capacidade de diálogo com os filhos e maior ponderação ao nível das práticas educativas, repensando alternativas para os castigos físicos. Reforcei que a sugestão de contactarem o director de turma me parece muito adequada e reforcei a importância de procurarem conversar com o Cristiano em detrimento de o castigar fisicamente.

Acção 3: “Aprender Mais”

Esta acção constitui uma continuidade do trabalho que vinha a ser desenvolvido com os jovens desde Janeiro de 2012, nomeadamente ao nível do apoio que fui prestando na realização dos trabalhos de casa e do estudo para os testes. Assim, pode considerar-se que a acção “Aprender Mais” foi precedida pela realização de várias sessões de apoio educativo aos jovens Bruno e Cristiano no seu domicílio, no período entre 23/01/2012 e 11/04/2012.

Posteriormente, após a avaliação de entrada, já referida, que motivou uma redefinição da acção, esta consistiu na realização de sessões grupais de apoio educativo, prestado por mim, nas instalações da IPSS onde trabalho, com a participação do Bruno e do Cristiano e de um outro jovem, também acompanhado pela equipa.

Relativamente ao trabalho desenvolvido com os dois irmãos na casa da família (Anexo 16, todos os registos), decorreu de forma bastante positiva e tentou, sempre que possível envolver outros elementos da família, nomeadamente, a D. Glória e o Sr. Ismael. Em alguns momentos, os jovens mostraram algum cansaço e

desinteresse iniciais, no entanto, rapidamente “engrenavam” na realização das actividades, evidenciando, posteriormente, bastante capacidade e empenho.

Em termos gerais, o Bruno apresentou boas capacidades de aprendizagem e de mobilização de conhecimentos; o Cristiano apresentou muitas dificuldades designadamente ao nível da escrita e da compreensão dos textos; ambos evidenciaram pouca criatividade e dinamismo na forma como realizavam as tarefas. Verificou-se sempre um maior investimento e força de vontade por parte do Bruno, relativamente ao Cristiano, que manteve um percurso muito inconstante, muito pautado pela desvalorização das tarefas escolares, situação que, contudo, foi sendo alterada à medida que os resultados escolares, principalmente do irmão, começaram a melhorar. Nessa altura o jovem mostrou-se mais empenhado.

Relativamente às sessões grupais, tiveram início no dia 18/04/2012 e terminaram no final do ano lectivo, com a última sessão realizada no dia 13/06/2012. Foram realizadas 13 sessões (Anexo 17, todos os registos).

O horário das sessões foi definido em função do tempo livre dos jovens, tendo sido, inicialmente, acordado com os mesmos que as sessões realizar-se-iam às quartas e quintas-feiras, das 14h30 às 16h30. Em função de uma avaliação do processo, este horário foi alargado, após a 3.^a sessão, por sugestão dos jovens, passando a decorrer das 14h00 às 16h30. Para além disso, acordamos a introdução de um momento para o lanche.

Ao longo das 13 sessões (Anexo 17, todos os registos) privilegiou-se a utilização de estratégias dinâmicas e interactivas, designadamente: a realização de exercícios de dinâmica de grupo; a promoção do diálogo; realização de jogos lúdico-pedagógicos e a utilização da *internet* como ferramenta educativa.

A 1.^a sessão (Anexo 17, registo 1, 18/04/2012) foi de especial importância na medida em que teve como principais objectivos explicar o surgimento, objectivos e pressupostos da acção; consciencializar os participantes para a importância da acção e escutar as suas expectativas e sugestões relativamente ao funcionamento da mesma.

Apesar de não fazerem parte da mesma turma, o Bruno, o Cristiano e o Rodrigo⁸, já se conheciam da escola e ficaram extremamente entusiasmados com a possibilidade de estarem juntos nesta acção. Não foi necessário proceder à sua apresentação.

⁸ Nome fictício

A sessão iniciou-se com uma conversa acerca dos objectivos da acção, durante a qual os jovens se mostraram bastante animados e com expectativas positivas em relação à acção: *“Vai ser fixe, acho boa ideia”* (Cristiano); *“Pois vai, e acho que vamos conseguir melhorar na escola. Assim é melhor do que estudar sozinho em casa”* (Rodrigo); *“Assim, vai ser mais fácil, levantar as negativas, como tínhamos falado”* (Bruno).

Posteriormente foi proposto aos jovens que dessem sugestões relativamente ao funcionamento da acção, nomeadamente sobre a forma como poderíamos organizar as sessões.

Foi, então, combinado que cada sessão seria definida em função das necessidades trazidas pelos jovens, devendo haver, em função dos objectivos da acção, tempo para reflectirmos acerca das aprendizagens escolares, acerca das vivências e do percurso dos jovens na escola; para a realização dos trabalhos de casa, para estudarem para os testes e para a realização de jogos. A parte final da sessão seria para avaliação, mediante a realização de um comentário individual de cada um dos participantes relativamente à sessão e outros aspectos que considerarem relevantes.

Os jovens foram, ao longo das sessões, revelando algumas dificuldades, nomeadamente ao nível da disciplina de português (Cristiano) e matemática (Bruno, Rodrigo); apresentavam uma escrita com muitos erros ortográficos (Cristiano e Rodrigo); revelavam pouca criatividade que se reflectia em dificuldades na interpretação das perguntas (todos). Estas dificuldades foram sendo trabalhadas ao longo das várias sessões com o recurso às estratégias anteriormente descritas. Assim, realizámos, por exemplo, exercícios de dinâmica de grupo que implicavam a produção de trabalhos escritos e, como variante ao exercício realizava-se, no final, a correcção dos erros ortográficos (Anexo 17, registo 2, 19/04/2012; Anexo 17, registo 4, 02/05/2012).

Os jovens mostraram-se, habitualmente, muito bem-dispostos mantendo entre si uma boa relação, pautada por grande espírito de auto-ajuda e companheirismo. Em relação à avaliação das sessões, pontuaram, sempre, aspectos positivos: *“é melhor do que estarmos em cada, eu gosto muito pois estou a aprender mais coisas”* (Cristiano); *“Gostei muito. Aqui consigo estar mais concentrado e perceber mais fácil!”* (Bruno); *“preciso muito deste acompanhamento para aprender melhor”* (Rodrigo) (Anexo 17, Registo 2, 19/04/2012); *“Gostei porque fiz os TPC e os*

professores vão ficar contentes. Aprendi que não posso estudar a decorar, porque depois confundo tudo como aconteceu no outro teste. Troquei as respostas todas... também gostei de estudar com o meu irmão e de fazer o teste que você nos fez. Acertei em quase todas mas vou levá-lo para casa estudar mais” (Cristiano) (Anexo 17, Registo 4, 02/05/2012).

Durante a realização das sessões foi notória uma grande evolução na forma como falavam das disciplinas, da relação com os professores, havendo um crescente interesse e esforço no sentido de melhorar as práticas relacionadas com a escola: “ *A professora ainda não tinha dito o que saía no teste, mas eu fui ter com ela e perguntei. Quero estudar mais porque quero passar de ano” (Cristiano); “as professoras de história e português estão diferentes. Não sei explicar bem, mas é para melhor...” (Bruno); “Aprendi a estudar sem decorar as perguntas (...) ” (Cristiano); (...) “fiz um poema para a minha mãe, sozinho, sem a ajuda de ninguém e isso é muito importante” (Bruno) (Anexo 17, registo 5, 03/05/2012). “O dia hoje foi especial, tirei boa nota no teste de história (85%) ” (Cristiano); “Eu tirei 95%, mas tive uma falta a inglês porque me atrasei... (Bruno)”; “ O meu dia também foi bom, estou contente por eles tirarem boas notas” (Rodrigo); “ A professora deu-me os parabéns e perguntou-me se eu tinha estudado muito. Eu disse que sim, que tinha estudado aqui com a sua ajuda” (Cristiano). “Os professores estão diferentes, estão mais contentes, assim dá mais gozo....” (Bruno) (Anexo 17, registo 6, 09/05/2012). “Estou um bocadinho triste. O teste de português era um bocadinho difícil. Para a próxima, tenho que estudar mais...” (Rodrigo) (Anexo 17, registo 7, 10/05/2012). “Hoje o dia não me correu bem. Estudei, mas tive negativa no teste de inglês (41%), mas, mesmo assim, já subi em relação ao outro teste porque só tinha tirado 30%, 41% já é quase positiva... tenho que estar mais atento nas aulas e não falar!” (Cristiano) (Anexo 17, registo 8, 16/05/2012).*

Relativamente à avaliação de processo, destaca-se a desistência do Cristiano, que deixou de participar a partir da sessão n.º 10 (30/05/2012).

Apesar de todos os esforços, o menor, quando nada o fazia prever, deixou de comparecer às sessões, apresentando na mesma altura um agravamento ao nível do comportamento e da assiduidade na escola.

De acordo com o director de turma esta foi, efectivamente, uma reacção muito inesperada, mas que muito provavelmente será fatal para a classificação final do menor.

3.6 Avaliação do produto. Avaliação final do projecto

A avaliação deste projecto é transversal, pelo que tem vindo a ser reflectida em vários momentos ao longo deste trabalho.

Apresentamos, neste momento uma avaliação final que corresponde a uma reflexão relativamente ao trabalho desenvolvido no sentido de confirmar se a finalidade e os objectivos previstos foram atingidos.

Esta avaliação é feita com base nos critérios de avaliação definidos para cada acção (Anexo 11) e nos critérios de avaliação definidos para a avaliação final do projecto (Anexo 8).

No que respeita às acções “Obras na Quinta da Boavista” e “Reflectindo em família”, estão, à data, em operacionalização. Assim, não podemos apresentar uma avaliação do produto, ou seja, não é possível, à data, avaliar todas as dimensões e indicadores de avaliação previstos, e, conseqüentemente, não é possível fazermos uma avaliação sobre os OG e OE, implícitos na realização destas acções. No entanto, existem algumas dimensões e indicadores de avaliação que poderão ser abordados.

Acção “Obras na Quinta da Boavista”

Relativamente à quantidade e adequação dos recursos humanos, apesar de, por opção da família, a realização das obras ainda não se ter iniciado (Anexo 12, registo 8, 19/06/2012; Anexo 12, registo 9, 25/06/2012), considera-se que os recursos humanos, ou seja, as pessoas que colaborarão na realização dos trabalhos, e que são elementos da família alargada e um amigo do Márcio, serão suficientes e adequados; relativamente aos materiais, à data, foram disponibilizados alguns dos materiais necessários (vidros, tintas, cimento, tijolos, loiças sanitárias, azulejos e tijoleira), ainda insuficientes para a realização de todas as obras previstas. Ressalvamos, contudo, que este é um trabalho que ainda está em desenvolvimento, estando ainda pendentes respostas de várias das empresas contactadas, relativamente aos materiais que doarão.

Relativamente à capacidade de escuta, partilha de opiniões e definição conjunta de estratégias, considera-se, pela análise de conteúdo das conversas intencionais e das discussões em grupo e pela observação das interacções e escuta participante, que foi sendo explanada ao longo do desenvolvimento das acções, que

efectivamente se estão a verificar algumas mudanças ao nível das relações familiares, havendo da parte da família uma maior flexibilidade e empenho no sentido de mudar a forma como se relacionam.

Assim, ao longo do acompanhamento, temos verificado a ocorrência de vários momentos de partilha, de debate e de diálogo, em que se torna evidente uma crescente capacidade de comunicação, uma crescente cumplicidade entre os diferentes da família, maior tolerância relativamente à diversidade de opiniões e maior capacidade na procura de soluções.

Acção “Conversas entre pais e mães”

Em termos gerais, considerando a análise de conteúdo das vivências e das reflexões finais dos participantes ao longo das 5 sessões, pode considerar-se que a acção está a decorrer de forma muito positiva, indo ao encontro dos objectivos previstos para a sua realização.

Os elementos do grupo são extremamente participativos nas sessões, envolvem-se nos exercícios e tarefas propostas, propõe temas, estratégias e alterações que consideram significativas, partilham experiências, debatem ideias e demonstram sempre muita boa-disposição e muita satisfação com o trabalho desenvolvido. Partilham, em casa, as vivências e os temas abordados nas sessões, o que promove maior diálogo e uma maior reflexividade de toda a família. Será, no entanto, necessário mais tempo para estes indicadores poderem ser avaliados.

Relativamente à eficácia e valorização final da acção, são indicadores para os quais não estão, ainda, reunidas condições de avaliação.

Acção “Nós em casa”

Apesar de a acção ainda estar em desenvolvimento, em termos gerais pode considerar-se, em função da análise de conteúdo das conversas intencionais e das discussões em grupo na família, da observação e escuta participantes das interacções familiares e das articulações realizadas com o director de turma, que os objectivos estão a ser alcançados.

Em todos estes momentos, o casal tem revelado satisfação pela participação na acção “Conversas entre pais e mães”; esta participação é também vista como positiva pelos restantes elementos da família. Durante as conversas intencionais, nas

visitas domiciliárias, tanto a D. Glória como o Sr. Joaquim, mostram-se mais empenhados e envolvidos nos assuntos da família e mais responsáveis por encontrar alternativas para ultrapassar as dificuldades. Partilham com os restantes elementos da família os temas abordados e os desafios trazidos para realizarem em casa.

Os pais apresentam uma maior capacidade reflexiva relativamente às práticas educativas, privilegiando as conversas em detrimento dos castigos físicos, apresentando também maior disponibilidade para ouvir as opiniões dos filhos. Apesar disso, continua ainda a verificar-se uma tendência dos elementos da família para a culpabilização do outro.

Ao longo do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido é também notório um maior envolvimento de todos ao nível da educação dos menores e uma maior capacidade de comunicação. Durante o decurso do ano lectivo os menores estudaram mais vezes, diariamente, com os pais, que, mesmo não sabendo ler, nem escrever, estiveram mais presentes durante a realização dos trabalhos; os jovens partilharam mais informações acerca das aulas, dos professores e dos trabalhos de casa; os pais estiveram mais atentos e mais implicados, contribuindo para o maior empenho dos menores nas tarefas escolares e estiveram presente de uma forma assídua em reuniões com o director de turma. Apesar disso, verificaram-se ainda algumas dificuldades em “controlarem” a assiduidade dos filhos.

O ambiente familiar apresenta-se bastante mais tranquilo, os elementos da família falam acerca do futuro, fazem planos em conjunto principalmente relacionados com as obras de melhoria da habitação. Os horários das refeições e antes de deitar, constituem momentos de maior diálogo entre os elementos.

Em suma, relativamente à acção “Reflectindo em família, apesar de não podermos, desde logo, afirmar que se verificou, na família, uma mudança ao nível das práticas educativas, pode considerar-se que se tem verificado uma tendência para a adopção de comportamentos pautados por uma maior tolerância, maior capacidade de diálogo, mais respeito pelas opiniões dos filhos, maior capacidade de negociação e mais acompanhamento ao nível do percurso educativo, que se traduz, por exemplo, na presença dos pais aquando da realização das tarefas escolares. Para além disso, é perceptível uma maior capacidade de reflexão crítica que se traduz na consciência do Sr. Joaquim e da D. Glória, de que podem melhorar o seu desempenho enquanto pai/mãe.

Acção “Aprender Mais”

Apesar de o percurso educativo dos jovens ter sido muito inconstante desde o início da acção e dos objectivos previstos não terem sido plenamente alcançados, na medida em que o Cristiano desistiu da acção (a 30/05/2012), consideramos que houve aspectos positivos, pois os três jovens, principalmente o Bruno, foram evidenciando, em termos gerais, em vários momentos, uma maior disponibilidade para perspectivar as aprendizagens escolares de forma mais positiva, demonstrando empenho em mudarem as suas práticas em relação aos estudos.

Pela análise de conteúdo designadamente das expectativas iniciais dos jovens relativamente à acção, dos seus discursos durante e no final das sessões, podemos considerar que todos os jovens participaram na acção com muito empenho; apesar de não mostrarem muita disponibilidade para abordarem as matérias leccionadas, referindo-se às mesmas com algum desinteresse, falaram abertamente sobre as disciplinas e fundamentalmente sobre a relação que mantinham com os professores; de acordo com os discursos apresentados pelo Bruno e pelo Cristiano considerámos que a relação com alguns dos professores melhorou significativamente ao longo da sessão, o que permitiu que os jovens se sentissem mais valorizados e motivados.

Até à data de desistência do Cristiano, todos evidenciaram, sempre, muito interesse na realização dos trabalhos de casa, mostrando-se muito aplicados e com vontade de realizarem de forma adequada as tarefas, para mostrarem aos professores que estavam a mudar as suas práticas. Ressalva-se a excepção do Bruno, relativamente à disciplina de matemática que, desde o início da acção o jovem colocou de parte, não tendo existido qualquer investimento no estudo da referida disciplina.

Relativamente ao estudo para os testes, todos se mostraram muito empenhados, aceitando e valorizando as diferentes estratégias que no âmbito da acção lhes iam sendo propostas; partilharam sempre as notas dos testes de avaliação, mostrando-se muito contentes e orgulhosos quando a nota era positiva e tristes, mas batalhadores no sentido de melhorar, quando as notas eram negativas; abordaram frequentemente os professores no sentido de saberem quais as matérias que teriam que estudar, evidenciando, por um lado, interesse em conseguirem alcançar resultados positivos, e, por outro lado, uma melhoria ao nível do relacionamento com os professores. Relativamente ao Cristiano, após a sua desistência da acção, como

também não ia às aulas, faltou a vários testes escolares e não realizou trabalhos de casa.

Relativamente às faltas e classificação final das disciplinas, não serão apresentados os resultados relativos ao Rodrigo, na medida em que não foi possível estabelecer um contacto final com o director de turma do jovem, para avaliação desses indicadores.

Relativamente ao Bruno e ao Cristiano verificou-se uma redução do número de faltas injustificadas relativamente ao primeiro período (considerando todas as disciplinas): o Bruno teve, durante o primeiro período, 43 faltas e durante o terceiro período teve 18 faltas; o Cristiano teve 18 faltas no primeiro período e 12 no terceiro período. Destacámos a importância desta redução conseguida, fundamentalmente, pelo esforço dos jovens para a mudança e pelo empenho dos pais cuja implicação no percurso educativo dos filhos foi sendo gradualmente maior, por exemplo, ao nível da presença em reuniões com o director de turma e, em casa, no “acompanhamento” ao estudo. No entanto, entendemos que o percurso dos jovens é ainda muito marcado pela abstenção, pelo que será necessário continuar este trabalho, designadamente, também ao nível da escola, mediante a adopção de estratégias criativas que aumentem o interesse dos jovens pelas aprendizagens escolares.

Relativamente à classificação final das disciplinas, o Bruno tirou 4 negativas no 1.º período e 2 negativas no 3.º período, tendo transitado de ano lectivo; o Cristiano manteve, no terceiro período as 5 negativas que teve no 1.º período e não transitou de ano lectivo.

Pela análise da ficha de avaliação final realizada, percebemos que os jovens gostaram da acção e sentiram que esta foi importante: “ (...) tirei boas notas e não faltava tanto às aulas e se passar de ano é porque esta actividade me ajudou muito” (Bruno); “ (...) a realização desta acção foi importante, porque trabalhar em grupo é o que eu gosto mais, e também ser ajudado por uma adulta” (Rodrigo); “(...) aprendi muitas coisas para a escola” (Cristiano) (Anexo 17, registo 13, 13/06/2012).

Os indicadores de avaliação apresentados na avaliação da acção, são também os indicadores previstos para a avaliação geral do projecto. Assim, podemos considerar que OG (3) foi, em parte, alcançado: o OE (3.1) foi atingido, na medida em que se verificou ao longo deste processo, um aumento do interesse dos jovens pelas aprendizagens escolares; o OE (3.2) foi atingido na medida em que se verificou

uma diminuição do absentismo escolar relativamente ao primeiro período; o OE (3.3) não foi plenamente atingido, pois apenas o Bruno diminuiu o número de negativas relativamente ao primeiro período; o OE (3.4) foi atingido na medida em que os pais estão mais implicados e participativos no percurso educativo dos jovens.

Em termos de avaliação geral do projecto não podemos considerar que a finalidade tenha sido completamente alcançada.

No entanto, importa, neste momento, reflectir, mais uma vez, sobre a importância de dar tempo à família para que possa mudar; de respeitar os seus ritmos e considerar que todas as pequenas mudanças, mesmo que possam, aos olhos de alguns, parecerem insignificantes, são um avanço no caminho da mudança que será, sempre, um percurso marcado por “altos e baixos” e “por avanços e recuos”. Esta é portanto uma avaliação em aberto.

Consideramos, mesmo assim, que ao longo do desenvolvimento deste trabalho se têm verificado melhorias muito significativas ao nível das expectativas da família no que concerne à habitação, às relações familiares e à educação, estando em curso “a luta por uma vida melhor”, na qual todos os elementos, podem ser, desde já, considerados uns vencedores.

Em termos gerais, a família está mais confiante, mais segura das suas capacidades e apresenta uma crescente capacidade de autonomia.

Terminámos com alguns dos discursos da família durante a avaliação “final” do projecto (Anexo 19, registo 1, 29/06/2012).

“Ó, menina, já não somos uns morcões, agora sabemos mais, estamos, mais informados (...)” (D. Glória)

“Já não temos vergonha de ir à escola falar com o director de turma, é só chegar à portaria, dizer quem somos e subir... (...)” (Sr. Joaquim)

“Eu acho que está a ser muito positivo, está tudo mais calmo, animado com as obras e até eles (referindo à D. Glória e ao Sr. Joaquim) andam todos contentes, com as reuniões” (Sr. Ismael)

“Se você não estivesse aqui não andávamos (referindo a ele e ao Cristiano) assim tão direitinhos, na escola e em casa, agora já sabemos estar melhor” (Bruno)

“É bom porque a minha mãe é menos chata, não está sempre a berrar e o pai também berra menos. Eu obedeço mais, o meu pai não bate mas dá castigos...” (Cristiano)

Conclusões

Chegado o momento de reflectir acerca de todo o trabalho desenvolvido importa referir, mais uma vez, que este trabalho constituiu, antes de mais, uma meta-reflexão sobre as minhas práticas e sobre os desafios que se colocam no futuro enquanto profissional, tendo possibilitado a aquisição e consolidação de importantes conhecimentos para a prossecução de uma prática mais rica e potenciadora de mudanças.

Constituiu, portanto, uma reflexão crítica acerca das práticas desenvolvidas, designadamente, no contexto de intervenção do RSI e um alerta para a importância de repensar estratégias de intervenção e desenvolver práticas teóricas e conceptualmente enquadradas, numa lógica mais solidária, interactiva e participativa, nas quais os sujeitos têm um papel activo.

Em termos gerais, consideramos que o Projecto “Lutar por uma vida melhor”, que ainda se encontra em desenvolvimento, se constitui como muito pertinente, na medida em que foi construído e está a ser desenvolvido com base nos pressupostos de uma metodologia de investigação – acção participativa, indo plenamente ao encontro dos problemas, necessidades, desejos e objectivos da Família Silva. Este projecto, até ao momento, tem proporcionado importantes mudanças e ganhos na realidade da família no que concerne, fundamentalmente, ao aumento das expectativas positivas relativamente à possibilidade de um futuro melhor, ou seja, de vencer “a luta por uma vida melhor” e à aquisição de saberes úteis e praticáveis no seu dia-a-dia.

Tudo isto está a ser possível na medida em que todo o trabalho desenvolvido privilegia uma valorização incondicional das vontades e escolhas da família, um respeito pelo seu tempo e uma perspectiva dos seus elementos como cidadãos plenos, com direitos e com enormes potencialidades, sendo uma intervenção, indiscutivelmente, orientada em função das necessidades e dos ritmos da família.

Para além disso, a realização deste projecto possibilitou a ocorrência de mudanças nas práticas, nomeadamente, uma melhoria na forma como analiso reflexivamente e desenvolvo as minhas práticas, tendo servido, também, como alavanca para a reflexão de alguns dos profissionais que comigo trabalham e com quem tive a possibilidade de partilhar as mais-valias de um projecto norteado por

uma intervenção e investigação de índole qualitativo e que procurou desvincular-se da perspectiva tradicional de intervenção, ainda muito vigente.

No final da realização deste trabalho, que terá uma continuidade, no sentido de serem terminadas todas as acções previstas, concluímos que, no desenvolvimento do trabalho de intervenção e investigação social, é fundamental deixar a objectividade e entender os outros enquanto pessoas, valorizando a forma como sentem e vêem a sua própria realidade, potenciar as suas aptidões, disponibilizar alternativas, permitir escolhas e salientar potencialidades para que eles próprios sejam capazes de controlarem as suas opções e vidas.

Neste sentido, um dos maiores desafios que se coloca aos profissionais, nomeadamente ao nível do RSI, é, na nossa opinião, o de serem capazes de conseguirem obter uma margem de manobra entre aquilo que são os interesses institucionais e os objectivos e aspirações traçados pelas pessoas com quem trabalham e acreditar que, efectivamente, mesmo com algumas dificuldades e pressões, é possível desenvolver uma intervenção e investigação pautadas pela liberdade, pelo envolvimento de todos, numa perspectiva de co-construção.

Bibliografia

- Abreu-Lima, I., Alarcão, M., Almeida, A., Brandão, M., Cruz, O., Gaspar, M., et al. (2010). *Avaliação de intervenção de educação parental – relatório 2007/2010*.
- Alarcão, M. (2002). *Desequilíbrios familiares – uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Amaro, S. (2009) - *Entre o rendimento social de inserção e as novas oportunidades: posicionamento face às medidas*. Tese de Mestrado em Sociologia. Porto: Edição do autor.
- Araújo, D., Lima, R. (n/d). Apontamentos fornecidos na Unidade Curricular de Metodologias de Investigação e Acção. Escola Superior de Educação do Porto.
- Ausloos, G. (1996). *A competência das famílias: Tempo, caos, processo*. Lisboa: Climepsi.
- Bairrão, J. (1995). *A perspectiva ecológica em psicologia da educação* (Vol. X, 3, pp. 7-30). Psicologia.
- Benavente, A., Costa F., & Machado, F. (1990, Fevereiro). *Práticas de mudança e de investigação - conhecimento e intervenção na escola primária*. Revista crítica de ciências sociais, n.º 29.
- Bloch, S. (1999) (coord.). *Uma introdução às psicoterapias*. Lisboa: Climepsi.
- Botelho, A. (2010). *As políticas sociais para a inserção de grupos em desvantagem face aos mercados de trabalho: a génese da resposta sistémica do estado português*. Tese de Mestrado em Política Social. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Branco, F. (2001). *A face lunar dos direitos sociais*. Tese de doutoramento em serviço social. Tese não publicada. São Paulo: Universidade Católica de São Paulo.
- Bronfenbrenner, U. (1977). *Toward an experimental ecology of human development* (pp. 513 – 531). Cornell University.
- Caillé, P., & Rey, Y. (2003). *Os objectos flutuantes – a redescoberta da relação de ajuda*. Lisboa: Climepsi.
- Capul, M., & Lemay, M. (2003). *Da educação à intervenção social – 1.º volume*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, A., & Baptista, I. (2004). *Educação social. Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.

- Costa, A. (1999). *A pesquisa de terreno em sociologia*. In Silva, A. e Pinto, J. (orgs.), Metodologias das Ciências Sociais. Porto. Edições Afrontamento.
- Esteves, A. (1999). *A investigação-acção*. In Silva, A. e Pinto, J. (orgs.), Metodologias das Ciências Sociais. Porto. Edições Afrontamento.
- Faleiros, V. (1995). *Estratégias em serviço social* (4.ªed.). São Paulo: Cortez Editora.
- Ferreira, F. (2003). *O estudo do local em educação – dinâmicas socioeducativas em Paredes de Coura*. Dissertação de doutoramento apresentada ao Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho. Braga.
- Ferreira, M. (n/d). *Quais os impactos da prática local do RMG? Práticas e representações dos técnicos de duas CLA face ao processo de implementação e execução do RMG a nível local*. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Cidadania e Políticas. Acedido em Maio, 27, 2012, em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR460eb541afca8_1.pdf.
- Formosinho, J. (2002) (Org.). *A supervisão na formação de professores I – da sala à espera*. Porto Editora.
- Franco, V. (2007). *Dimensões transdisciplinares do trabalho de equipe em intervenção precoce* (Vol. XXI, 1, pp. 113-121). *Interacção em Psicologia*.
- Gimeno, A. (2001). *A Família – o desafio da diversidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Guerra, M., & Lima, L. (Coord.) (2005). *Intervenção psicológica em grupos em contextos de saúde*. Lisboa: Climepsi.
- Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2010). *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas* (4.ª edição). Lisboa: Instituto Piaget.
- Kluthcovsky, A., & Takayanagui, A. (2006). *Qualidade de vida – aspectos conceituais*. *Revista Salus-Guarapuava-PR*. Jan./Jun. 2007, pp. 13-15. Recuperado em 24 de Fevereiro de 2012 de http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/12.pdf.
- Lima, R. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão... com os pés assentes na terra: Desenvolvimento local e investigação participativa – A animação comunitária*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto.
- Manual - Protocolos Rendimento Social de Inserção (n/d). Instituto da Segurança Social, IP.

- Minayo, M., Hartz, Z., & Buss, P. (2000). *Qualidade de vida e saúde: um debate necessário*. Ciência & Saúde Coletiva, pp. 7-18. Recuperado em 24 de Fevereiro de 2012 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14138123200000010002&lng=en&tlng=pt.<http://dx.doi.org/10.1590/S141381232000000100002>.
- Minuchin, P., Colapinto, J., & Minuchin S. (1999). *Trabalhando com famílias pobres*. Porto Alegre: Artmed.
- Moutinho, A., Machado, J., & Felino, L. (2006). *Rendimento Social de Inserção*. Trabalho académico não publicado. Universidade Católica Portuguesa. Porto.
- Pais, J. (2002). *Sociologia da vida quotidiana*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Payne, M. (2002). *Teoria do trabalho social moderno*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Phaneuf, M. (2005). *Comunicação, entrevista, relação de ajuda e validação*. Lusociência.
- Relvas, A. (1999). *Conversas com famílias – discursos e perspectivas em terapia familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, M. (2003). *Ser família – construção, implementação e avaliação de um programa de educação parental*. Tese de mestrado apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Braga.
- Rogers, C. (2009). *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Padrões Culturais. “Obra original publicada em 1961”.
- Romans, M., Petrus, A., & Trilla, J. (2000). *De profesión educador (a) social*. Barcelona: Paidós.
- Santos, B. (1990). *Um discurso sobre as ciências* (4.^a ed). Porto: Afrontamento.
- Santos, B. (1999). *Porque é tão difícil const uma teoria crítica?* Revista Crítica de Ciências Sociais. N.º 54.
- Serrano, G (coord.) (2001). *Modelos de investigación cualitativa en educación social y animación sociocultural* (2.^a ed). Madrid: Narcea.
- Serrano, G. (2008). *Elaboração de projectos sociais – casos práticos*. Porto: Porto Editora.
- Sousa, L. (2005). *Famílias multiproblemáticas*. Coimbra: Quarteto.
- Sousa, L., Hespanha, P., Rodrigues, S. & Grilo, P. (2007). *Famílias pobres: desafios à intervenção*. Lisboa: Climepsi.
- Stake, R. (1998). *Investigación con estudio de casos*. Madrid: Morata.

- Stufflebeam, D. & Skinkfield, A. (1987). *Evaluación sistemática: guía teórica y práctica*. Barcelona: Edições Paidós.
- Timóteo, I. (2010). *Educação Social e Relação de ajuda. Representações dos educadores sociais sobre as suas práticas*. Dissertação de mestrado. Tese não publicada. Universidade de Évora. Évora.
- Trindade, M. (2001). *Concepção de avaliação*. Intermeio: Revista do Mestrado em Educação, Campo Grande, MS, pp. 16-21, recuperado no dia 01 de Abril de 2012 em <http://www.intermeio.ufms.br/revistas/14/14artigo03.pdf>.

Legislação consultada

- Decreto – Lei n.º 283/2003, de 08 de Novembro. Diário da República n.º 259/2003 – I Série A. Assembleia da República. Lisboa.
- Lei n.º 13/2003, de 21 de Maio. Diário da República n.º 117/2003 – I Série A. Assembleia da República. Lisboa.
- Lei n.º 19- A/96, de 29 de Junho. Diário da República n.º 149/1996 – I Série A. Assembleia da República. Lisboa.

**PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO EM
EDUCAÇÃO SOCIAL**

“LUTAR POR UMA VIDA MELHOR”

ANEXOS

ALEXANDRA MARGARIDA PINTO DE SOUSA

Porto, 2012

Índice dos anexos	91
ANEXO 1 - Legislação do RSI	92
ANEXO 2 – Conteúdo funcional e perfil desejável dos técnicos superiores e das Ajudantes de Acção Directa	94
ANEXO 3 – Registo sumário de alguns dos contactos efectuados com a família (visitas domiciliárias e atendimentos no serviço)	97
ANEXO 4 – Registo sumário das articulações com o director de turma	134
ANEXO 5 – Registo sumário das articulações/contactos com outros serviços	140
ANEXO 6 – Desenho do projecto	143
ANEXO 7 – Objectivos gerais e específicos formulados em Março de 2012	146
ANEXO 8 – Critérios de avaliação do Projecto	148
ANEXO 9 – Contactos e outros momentos que precederam o desenho da acção “Obras na Quinta da Boavista”	150
ANEXO 10 – Contactos que precederam a definição final da acção “Aprender Mais”	156
ANEXO 11 – Critérios de avaliação das 3 acções do Projecto	159
ANEXO 12 – Desenvolvimento da acção “Obras na Quinta da Boavista”	163
ANEXO 13 – Breve caracterização dos participantes da acção “Conversas entre pais e mães”	175
ANEXO 14 – Desenvolvimento da acção “Conversas entre pais e mães”	177
ANEXO 15 – Desenvolvimento da acção “Nós, em casa”	206
ANEXO 16 – Desenvolvimento da acção “Aprender Mais” (sessões no domicílio)	213
ANEXO 17 – Desenvolvimento da acção “Aprender Mais” (sessões grupais)	220
ANEXO 18 – Contactos com o director de turma no âmbito das acções “Aprender Mais” e “Nós, por casa”	249
ANEXO 19 – Registo da discussão em grupo para avaliação do projecto	258

ANEXO 1

Legislação do RSI

Diplomas que complementam a Lei n.º 13/2003, de 21 de Maio e o Decreto-Lei (DL) n.º 283/2003, de 08 de Novembro e respectivas publicações:

- Portaria n.º 105/2004, de 26 de Janeiro. *Diário da República n.º 21/2004- I Série B.* Ministério da Segurança Social e do Trabalho.
- Portaria n.º 108/2004, de 27 de Janeiro. *Diário da República n.º 22/2004 – I Série B.* Ministério da Segurança Social e do Trabalho.
- Despacho n.º 15400/2004, de 31 de Julho. *Diário da República n.º 179/2004 – II Série.* Ministério da Segurança Social e do Trabalho.
- Lei n.º 45/2005, de 29 de Agosto. *Diário da República n.º 165/2005 – I Série A.* Ministério da Segurança Social e do Trabalho.
- Despacho n.º 1255/2006, de 18 de Janeiro. *Diário da República n.º 13/2006 – II Série.* Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- DL n.º 42/2006, de 23 de Fevereiro. *Diário da República n.º 39/2006 – I Série A.* Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- Despacho n.º 23088/2006, de 13 de Novembro. *Diário da República n.º 218/2006 – II Série.* Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- Despacho n.º 451/2007, de 10 de Janeiro. *Diário da República n.º 7/2007 – II Série.* Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- Despacho n.º 1072/2007, de 29 de Dezembro. *Diário da República n.º 15/2007 – II Série.* Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- DL n.º 70/2010, de 16 de Junho. *Diário da República n.º 115/2010 – I Série.* Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- Portaria 598/2010, de 02 de Agosto. *Diário da República n.º 148/2010 – I Série.* Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- Lei n.º 15/2011, de 03 de Maio. *Diário da República n.º 85/2011 – I Série.* Assembleia da República.
- Portaria 249/2011, de 22 de Junho. *Diário da República n.º 119/2011 – I Série.* Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- DL n.º 126/2011, de 29 de Dezembro. *Diário da República n.º 249/2011 - 1.ª Série.* Ministério da Solidariedade e da Segurança Social. Lisboa.
- DL n.º 133/2012, de 27 de Junho. *Diário da República n.º 123/2012 – I Série.* Ministério da Solidariedade e da Segurança Social.

ANEXO 2

Conteúdo funcional e perfil desejável dos
técnicos superiores e das ajudantes de
acção directa

De acordo com o Manual – Protocolos RSI (n/d, p. 9), compete aos técnicos superiores, entre outras tarefas:

- “- Estudar e elaborar o processo individual de cada agregado familiar (...);
- Elaborar o diagnóstico da situação da família;
- Realizar entrevistas com as famílias;
- Negociar e definir com a família o PI;
- Acompanhar e avaliar o desenvolvimento do PI (...);
- (...)
- Efectuar visitas domiciliárias à família, sempre que se justifique;
- Contactar e estabelecer relações de cooperação e parceria com os sectores representados no NLI, bem como com outras entidades que desenvolvam a sua intervenção na comunidade;
- (...)
- Realizar periodicamente reuniões com a equipa pluridisciplinar, no sentido de avaliar a eficácia da intervenção e estabelecer prioridades ou implementar novas estratégias de actuação;
- A gestão dos processos individuais de cada agregado familiar, enquanto mediador da intervenção (...).”

Relativamente ao perfil, deverão possuir, entre outras, as seguintes características (pp.9, 10):

- “- Prática na área do atendimento social;
- Conhecimento da realidade e dos recursos locais;
- Capacidade de orientar e coordenar as relações dos beneficiários com outros serviços (...);
- (...)
- Estabelecer relações interpessoais empáticas;
- (...)
- Saber lidar com situações de insucesso e valorizar os pequenos progressos;
- Construir e/ou utilizar técnicas específicas de diagnóstico;
- Capacidade para diagnosticar o crescimento progressivo das capacidades, aptidões e competências dos indivíduos/família.
- (...).”

Relativamente às AAD, de acordo com o Manual – Protocolos RSI (n/d, pp. 10,11), compete-lhes entre outras tarefas:

“- Estabelecer uma relação de proximidade e de confiança com a família e um conhecimento das dinâmicas familiares, de modo a facilitar a sua aceitação pela família, assim como do programa de inserção acordado;

- Estabelecer prioridades e criar condições para o envolvimento activo da família (...);

- Apoiar as famílias, no processo de intervenção, na análise dos meios disponíveis para a sua manutenção, organização e potenciação dos mesmos, estimulando a participação de toda a família;

- Desempenhar/participar nas tarefas do quotidiano familiar, numa perspectiva pedagógica e de suporte à sua realização (...);

- (...)

- Estimular e desenvolver com a família conhecimentos sobre as diversas áreas das competências familiares (...) potenciando os recursos e saberes existentes (educação parental; relações inter-familiares; relações de vizinhança (...);

- Relacionar-se adequadamente com a equipa, tendo sempre em atenção a delimitação de competências na mobilidade profissional;

- (...).”

Relativamente ao perfil, deverão possuir, entre outras, as seguintes características (pp.11,12):

“- Domínio de estratégias de comunicação e informação;

- Conhecimento sobre os processos motivacionais;

- Deter noções básicas de organização e economia familiar;

- (...)

- Capacidade de detectar sinais ou situações que aprofundem o diagnóstico da família;

- (...)

- Atitude promover o bom relacionamento interpessoal;

- (...).”

ANEXO 3

Registo sumário de alguns dos contactos efectuados com a família (visitas domiciliárias e atendimentos no serviço)

Registo 1

DIA - LOCAL	14/11/2011 - Casa da família Silva
PERÍODO:	Final da tarde (18h00-19h30)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Sr. Ismael; Bruno; Cristiano
OBJECTIVOS	Realização de proposta à família para colaboração na co - construção de um projecto de Educação Social
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	<p>Esta visita domiciliária teve como principal objectivo propor à família a colaboração na co - construção de um projecto de Educação Social, que seria resultado de uma análise partilhada da realidade e que teria como principal objectivo promover a melhoria da sua qualidade de vida, através de uma acção conjunta, de maior proximidade em que todos estaríamos envolvidos.</p> <p>Foi efectuada neste horário com o objectivo de poder reunir com toda a família, contudo tal não foi possível na medida em que o Sr. Joaquim e o Márcio ainda se encontravam a trabalhar (horas extra).</p> <p>A conversa intencional teve lugar na cozinha enquanto a D. Glória preparava o jantar e contou com a participação dos restantes elementos da família.</p> <p>Após a exposição, e depois de uma reacção geral que foi extremamente positiva da parte de todos (mostraram-se completamente receptivos e muito entusiasmados), foi pedido a cada elemento que se pronunciasse:</p> <p>“Parabéns, menina, pelos seus estudos. Vai ser muito bom para nós também. Pode ser que assim consigamos sair daqui e melhorar a nossa vida.” (D. Glória)</p> <p>“Que fixe. E também vem cá aos fins-de-semana?” (Bruno) Sim, se vocês quiserem. Virei quando vocês tiverem</p>

disponibilidade (Alexandra)

“Vai ser fixe!” (Cristiano)

“Eu concordo com eles, vai ser bom...” (Sr. Ismael)

Assim, no seguimento destas reacções, propus que pensassem, até à próxima visita, nos aspectos positivos, nos problemas e no que consideram que poderia mudar para melhorar as suas vidas. Sugeri ainda que apresentassem algumas perspectivas e expectativas relativamente ao futuro.

Face a esta proposta, houve imediatamente, um “bombardeamento” de ideias e pareceres, emitidos por todos os elementos, à excepção do Sr. Ismael, que permaneceu calado e pensativo. Quando lhe perguntei “Então, Sr. Ismael, o que acha disto tudo, quer dar alguma sugestão?”, respondeu meio envergonhado “estou a ouvir o que eles dizem...acho bem”.

A D. Glória, à semelhança do que tem vindo a acontecer ao longo do acompanhamento, frisou a questão da habitação: “Oh, menina, temos que ajeitar outra casa. Mas já procurámos tanto e não há nada. E as que há são tão caras. Mas, só assim podemos ser felizes como éramos antigamente. A menina podia falar com o presidente da junta de freguesia, para ver se ele dá uma ajuda”. “É uma boa ideia.” Respondi. “Se a senhora concordar, podemos marcar um encontro, para conversarmos sobre isso. Mas diga-me, como eram felizes antigamente?” “Oh, menina, tínhamos uma boa casa, tínhamos mais saúde, os meninos portavam-se melhor, tínhamos mais animais (...)”. “ Não vos garanto a felicidade de antigamente, mas penso que todos juntos seremos capazes de fazer com que a vossa vida seja diferente, pensando no passado, mas principalmente no futuro. O que vos parece. Eu acho que vocês são uns vencedores e que terão garra para isso? (respondei). A D. Glória, sempre mais interventiva que os outros elementos, respondeu: “oh, menina eu também acho que conseguimos, com a sua ajuda é mais fácil, você ajude-nos que nós vamos lá...”

	<p>O Bruno reiterou: “Pois, a casa é o mais importante. Um dia destes o telhado cai por cima do meu tio... Mas em Janeiro já não vamos estar a viver cá, pois não?” (...)</p> <p>Relativamente ao futuro, os menores referiram: “Eu no futuro, quero ser mecânico ou tratador de cavalos, assim não tenho que estudar muito e ganho praí 800 euros e não 500 como na fábrica...” (Cristiano) Eu vou para trolha, só vou estudar até ao 6.º ano” (Bruno)</p> <p>A conversa prendeu-se, neste momento, com a questão da escola ressaltando-se a importância de estudarem para poderem ser bons profissionais e a necessidade de, em qualquer profissão ser fundamental ter conhecimentos e escolaridade. “Eu bem lhes digo, menina, mas eles não querem saber” (D. Glória); (...) “Pois, se eu não souber nada sobre os animais e se não souber ler bem, vai ser difícil tratar os cavalos, mas também eu já sei muitas coisas sobre os cavalos, por isso não deve ser difícil (...)” (Cristiano); “ (...) para ser trolha, tenho que saber muita matemática? (...)” (Bruno). Face a estas reflexões, ficou combinado que iríamos, num momento oportuno, pesquisar um pouco sobre a importância da escola no seu desempenho das profissões.</p> <p>Na parte final da visita foi reiterado o pedido anteriormente referido, em relação a pensarem sobre o futuro e os problemas da família.</p>
REFLEXÕES	<p>As más condições habitacionais apresentam-se como o principal problema apresentado por todos os membros da família, sendo a melhoria das condições habitacionais a necessidade central da família.</p> <p>Através do discurso dos menores, é notória a sua desvalorização relativamente à escola, apesar dos esforços dos pais, principalmente da D. Glória em alertar para a importância da escola.</p>

Registo 2

DIA	16/11/2011 - Casa da família Silva
PERÍODO	Início da noite (19h00 – 20h30)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Sr. Joaquim; Sr. Ismael; Márcio; Bruno; Cristiano.
OBJECTIVOS	Abordar a proposta de colaboração na co - construção do projecto Conhecer, de forma mais aprofundada, os problemas sentidos e as expectativas face ao futuro e fomentar a responsabilização de todos no processo de mudança.
ESTRATÉGIA	Conversa intencional; Realização de um exercício de dinâmica de grupo
OBSERVAÇÕES	<p>Esta visita iniciou-se sem a presença do Márcio e do Sr. Joaquim que ainda não tinham regressado do trabalho. Chegaram pouco depois, com o Márcio muito atarefado porque tinha que ir trabalhar novamente.</p> <p>Sentados na mesa da cozinha, conversamos sobre os pressupostos do projecto a desenvolver, no sentido de conhecer qual a perspectiva dos dois elementos que não se encontravam em casa na visita anterior.</p> <p>Inicialmente o Márcio mostrou-se um pouco desinteressado sobre o assunto, contudo, com o decorrer da conversa foi demonstrando maior agrado pela proposta que foi efectuada tendo assumido, desde então, uma atitude extremamente activa. Quanto ao Sr. Joaquim, inicialmente mais calado, acabou também por partilhar que estava disponível para fazer parte deste projecto.</p> <p>Após a aceitação, realizamos um exercício de dinâmica de grupo. Considerando o baixo nível de escolaridade dos elementos adultos e a maior capacidade que apresentam ao nível da comunicação verbal, privilegiou-se a oralidade, no sentido de fomentar o diálogo e a comunicação intergrupala.</p>

Exercício de dinâmica de grupo - “A Mudança” (baseado no exercício de dinâmica de grupo “Roda Viva”)

Objectivos: Desenvolver o autoconhecimento dos elementos, conhecer de forma mais aprofundada os problemas sentidos e as expectativas face ao futuro e ainda fomentar a responsabilização e todos no processo de mudança.

Desenvolvimento: O exercício consiste na colocação de duas perguntas, solicitando-se a participação activa de todos.

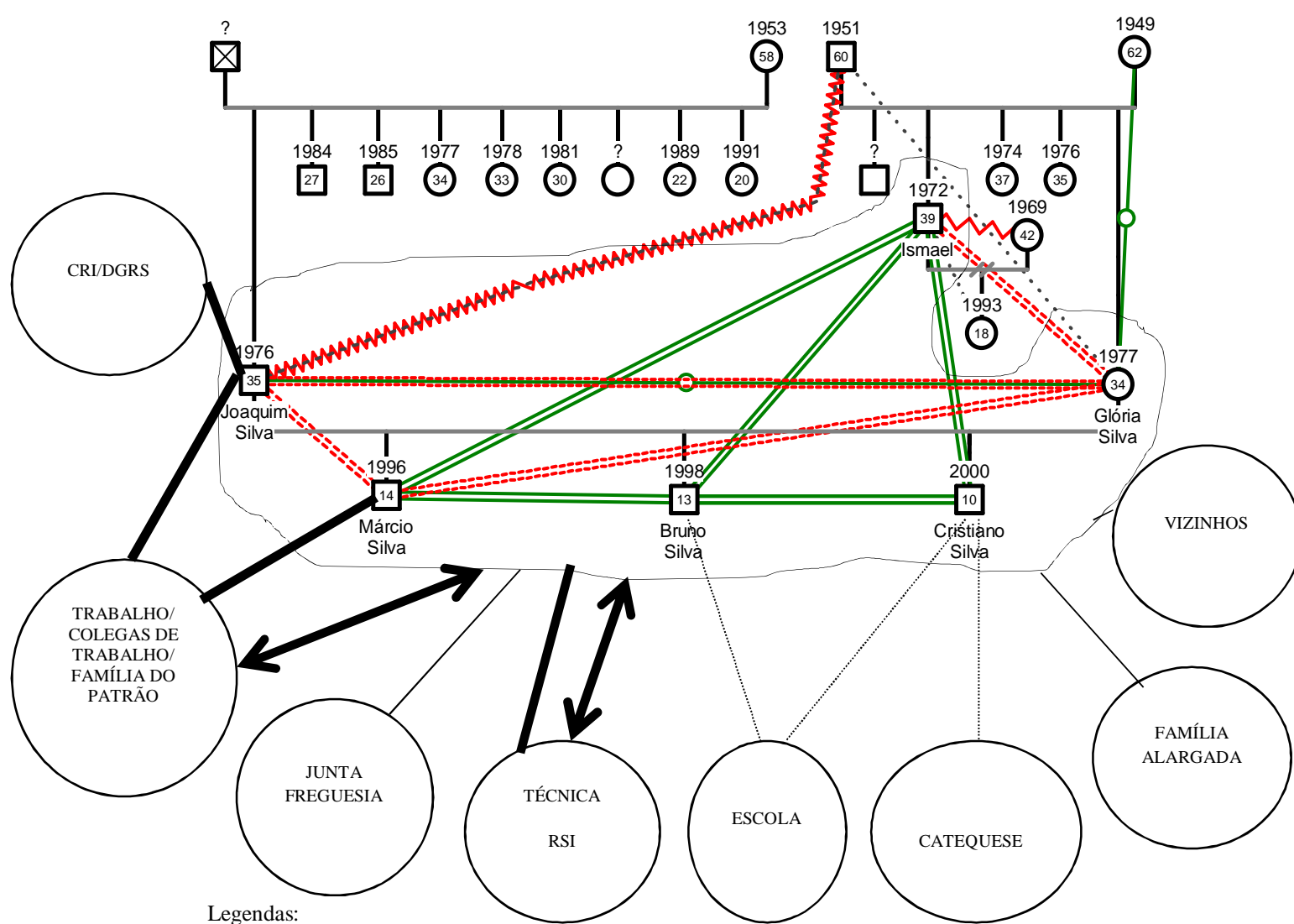
	O que é que eu gostaria de mudar na minha vida?	O que é que poderei fazer no sentido de contribuir para essa mudança?
D. Glória	“O que é preciso mudar é a casa”	“Ajeitar a casa e ir trabalhar”
Sr. Joaquim	“Gostava de ter outra casa, também com terreno”	“Tenho que trabalhar e procurar melhor uma casa”
Sr. Ismael	“Sair desta casa e ir para um sítio como está o Quim (amigo) ” (Centro de Dia)	“Se pudesse sair mais de casa ajudava a procurar uma casa”
Márcio	“Gostava de mudar a saúde da minha mãe e do meu tio, ter outra casa e ter um negócio”	“Trabalhar para ganhar dinheiro e ajudar mais”
Bruno	“Gostava de ter um quarto só para mim, uma casa de banho com banheira e que a minha mãe melhorasse”	“Portar-me melhor e ajudar mais a minha mãe”
Cristiano	“Queria mudar de casa e que a minha mãe não mentisse ao meu pai”	“Tentar ajudar o meu pai a arranjar uma casa; não pedir muitas coisas e tirar boas notas”

<p>OBSERVAÇÕES (continuação)</p>	<p>Todos os elementos estiveram muito participativos e empenhados na conversa intencional e no exercício de dinâmica de grupo e bastante comprometidos na procura de resolução para os problemas existentes.</p> <p>Todos aspiram a melhoria das condições habitacionais, não vislumbrando a melhoria da sua situação de vida sem que isso aconteça, pelo que, foi fundamental valorizar e trabalhar, desde logo, esta questão no sentido de tranquilizar a família e de possibilitar, em contactos futuros, a identificação de outro tipo de problemas e necessidades.</p> <p>Neste sentido, numa perspectiva de desenvolvimento e promoção das competências da família foi-lhes proposto que sugerissem formas para resolver a questão da habitação. O Márcio foi o primeiro a pronunciar-se: “porque é que não fazemos obras aqui nesta casa?”. Esta hipótese foi prontamente refutada pelos pais na medida em que sabem que os proprietários (herdeiros) da habitação não estão disponíveis para efectuar qualquer tipo de obras, referindo ainda que tiveram conhecimento, através de um familiar que mantém contacto com os proprietários da casa, que estes a pretendem demolir.</p> <p>O casal sugeriu que contactássemos os presidentes de duas juntas de freguesia, designadamente da freguesia onde vivem e de outra freguesia próxima e que contactássemos o patrão do Sr. Joaquim que tem prestado um grande apoio à família e que, inclusive, já tinha construído uma habitação para a família que entretanto, devido a questões legais, relacionadas com a licença de construção, não pode ser habitada.</p>
<p>REFLEXÕES</p>	<p>À semelhança dos contactos anteriores, todas as atenções estão voltadas para a questão habitacional e para a necessidade de melhoria das condições habitacionais. Ao longo da conversa intencional foi possível perceber que o patrão do Sr. Joaquim surge como elemento da comunidade que desde sempre apoiou a família e que poderá constituir um recurso importante.</p>

Registo 3

DIA - LOCAL	18/11/2011- Casa da família Silva
PERÍODO	Início da noite (19h00 – 20h30)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Sr. Joaquim; Sr. Ismael; Márcio; Bruno; Cristiano.
OBJECTIVOS	Desenvolver, através de um trabalho de cooperação, o autoconhecimento dos elementos Aprofundar o conhecimento das dinâmicas e relações familiares e as ligações com a comunidade
ESTRATÉGIA	Conversa intencional; Construção do genograma e ecomapa da família
OBSERVAÇÕES	Foi proposto que, em conjunto, construíssemos o genograma e ecomapa da sua família. Numa primeira fase, foi explicado à família em que consistiam os instrumentos e quais os seus objectivos.
REFLEXÕES	A construção destes instrumentos constituiu um momento muito interessante, na medida em que todos estavam entusiasmados, extremamente participativos e muito empenhados. Permitiu um maior conhecimento e aprofundamento das dinâmicas familiares e que a família pudesse reflectir acerca das suas dinâmicas, relações e ligações com a comunidade. Permitiu, portanto, um maior conhecimento dos elementos da família, entre si, e uma melhor compreensão do funcionamento da família, mediante uma troca de informações.

GENOGRAMA E ECOMAPA¹



Legendas:

Ecomapa

INTENSIDADE DA RELAÇÃO	
————	Mais forte
————	Menos forte
.....	Muito Fraca
↔	Fluxo de energia

Genograma

RELAÇÃO EMOCIONAL	
———	Próxima/amizade
- - - - -	Discórdia/conflito
.....	Indiferente/apático
———	Amor
———	Divórcio
~~~~~	Hostil
———	Distância/Violência

¹ Rivero, C. (2006). Terapia familiar e comunitária. Abordagem sistémica. REAPN: Portalegre. Recuperado em 15/11/2011 em <http://catarinarivero.com/formacao/Terapia-Familiar-REAPN-Portalegre.pdf>.

Registo 4

DIA - LOCAL	22/11/2011- Casa da família Silva
PERÍODO	Manhã (09h00 – 10h15)
ELEMENTOS PRESENTES	Sr. Ismael
OBJECTIVOS	Explorar as dinâmicas familiares, no sentido de aprofundar como se relacionam e comunicam os elementos entre si, na perspectiva do Sr. Ismael.
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	<p>O Sr. Ismael começou por reforçar a importância de mudarem de casa. Sem desvalorizar a importância deste problema cuja resolução constitui, efectivamente, a principal aspiração de todos os elementos da família, tentei direccionar a conversa para outros aspectos da vida familiar.</p> <p>Assim, procurei explorar a existência de outros problemas, bem como compreender o posicionamento e envolvimento do Sr. Ismael nas relações e dinâmicas familiares. O senhor refere que, tanto o Cristiano como o Bruno, têm muitas dificuldades em acatar as regras existindo, também, muita permissividade, falta de assertividade e dificuldade na definição de limites da D. Glória. “ Se ela não faz o que eles querem, eles começam logo a mandar vir...”. Refere que a vida familiar seria melhor “se os meninos se portassem melhor”. “Então, como acha que isso seria possível?”- perguntei. “Sei lá, era preciso mais pulso” (...).</p>
REFLEXÕES	Pelo discurso apresentado, foi perceptível que o Sr. Ismael se mantém um pouco à margem das dinâmicas familiares, adoptando, por sua opção, uma postura de maior observação e escuta e menos de intervenção. Destacou, sem qualquer hesitação, que um dos problemas é a falta de normas.

Registo 5

DIA - LOCAL	23/11/2011- Casa da família Silva
PERÍODO	Final da tarde (17h20 – 19h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Sr. Joaquim; Bruno e Cristiano
OBJECTIVOS	Explorar as dinâmicas familiares, no sentido de aprofundar como se relacionam e comunicam os elementos Explorar a perspectiva dos menores relativamente à escola
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	<p>A conversa intencional iniciou-se com a D. Glória no seu quarto. Mais uma vez a progenitora focou a questão habitacional. Foi então proposto à D. Glória que se imaginasse numa casa diferente, com melhores condições e, nessa situação, verbalizasse que outros problemas poderiam existir.</p> <p>Para além do problema habitacional, a D. Glória referiu a falta de interesse dos filhos pela escola: “Eles gozam comigo e enganam-me. Dizem que já fizeram os trabalhos e eu, como não sei ler, acredito neles. Podíamos falar outra vez com o director para ver como eles estão”. Respondi que era uma estratégia muito boa e que iria marcar uma reunião.</p> <p>Aquando desta conversa, chegou o Sr. Joaquim. Também o pai reforçou a falta de investimento dos filhos na escola, referindo ainda que, muitas das vezes, isto se verificava por culpa da D. Glória, que é “uma mãe-galinha” que os protege e os desculpa de tudo. “Eles não fazem nada, a mãe faz tudo por eles, e eles depois abusam; eu digo para eles estudarem e ela tem pena deles...”</p> <p>De acordo com os pais, o Bruno e o Cristiano não gostam de estudar e não valorizam a importância dos estudos, daí a</p>

existência de más notas. Quando estão em casa, mentem relativamente à existência e realização dos trabalhos de casa, situação que os pais não conseguem confirmar na medida em que não sabem ler nem escrever. Referem que os filhos mais novos querem seguir o exemplo do Márcio, contudo não vão deixar que isso aconteça “com o Márcio foi diferente, ele já estava a trazer muitos problemas, estávamos sempre a ser chamados à escola. O meu homem estava sempre a faltar ao trabalho para ver onde é que ele andava, foi melhor assim” (D. Glória).

Perante a sugestão da D. Glória de falar com o director de turma dos meninos, definiu-se que seria marcada uma reunião com o director de turma na qual estariam presentes o casal e eu, para tentar perceber qual a situação dos menores na escola, qual a perspectiva do director e da família face a essa situação e para a definição conjunta de estratégias para ultrapassar os problemas com a escola e potenciar a sua valorização dos estudos.

Quando questionados sobre a quem os filhos mais obedecem, foram peremptórios em afirmar que os menores apenas obedecem ao pai, “porque têm medo” não acatando as opiniões e regras da mãe. A D. Glória admitiu a existência de dificuldades em impor limites e regras, na medida em que “eles precisam de miminhos...”.

Relativamente à forma como se organizam no espaço para dormir, o casal dorme num dos quartos, os três menores dormem juntos (por vezes o Cristiano dorme com os pais) e o Sr. Ismael dorme sozinho num outro quarto. Dois dos quartos têm televisão, o do casal e o dos menores, sendo comum juntarem-se no quarto do casal para verem televisão o casal, os dois menores mais novos e o Sr. Ismael, principalmente ao serão. Os menores juntam-se aos pais na cama e o Sr. Ismael senta-se numa cadeira situada no hall.

No final desta conversa estive algum tempo com o Bruno e o Cristiano, na cozinha, com o objectivo de perceber um pouco a sua perspectiva face aos estudos. Mostram-se pouco receptivos para falarem sobre a escola afirmando que “é uma seca”.

	<p>O Bruno mostrou a caderneta do aluno com mais um recado para a encarregada de educação que informava do comportamento desestabilizador e provocatório do aluno. O jovem remete a culpa destes episódios para os professores que “são uma seca”.</p> <p>Ficou acordado que no dia seguinte iríamos conversar um pouco mais sobre a escola.</p>
REFLEXÕES	<p>Pelos discursos apresentados pode concluir-se que, apesar da instabilidade relacional, a família é bastante unida e apresenta grande capacidade para fazer face às adversidades.</p> <p>Pelo discurso apresentado dos menores, é, mais uma vez, notória a falta de envolvimento e empenho relativamente à escola e às tarefas escolares. Apesar do baixo nível de escolaridade dos pais, estes consideram que a escola é importante para os filhos e que lhes permitirá aumentar as possibilidades de terem um futuro diferente do deles.</p>

Registo 6

DIA - LOCAL	24/11/2011- Casa da família Silva
PERÍODO	Início da tarde (14h30 – 16h20)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Sr. Ismael e Bruno
OBJECTIVOS	Explorar a perspectiva da família relativamente à escola
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	<p>O Cristiano não se encontrava em casa, pelo que a conversa intencional decorreu com as presenças do Bruno, da D. Glória e do Sr. Ismael.</p> <p>Foi sugerido ao Bruno que falasse um pouco da escola, das disciplinas que tem e das notas que teve nos primeiros</p>

	<p>testes. O jovem refere não gostar de quase todas as disciplinas, excepto educação física, educação visual e inglês “porque é fixe e não se estuda muito”. Das outras não gosta “porque os professores são chatos e tem que se estudar muito...”. Afirma que aos 16 anos sairá da escola, porque o que quer é trabalhar como o irmão fez (...).</p> <p>O irmão mais velho, que até então, não demonstrava muito interesse em apoiar os irmãos na realização dos trabalhos de casa, alegando falta de tempo, tem apresentado uma maior preocupação com a desvalorização da escola por parte dos irmãos procurando dar conselhos sobre a importância da escola. Na mesma linha, o Sr. Ismael, apesar da baixa qualificação escolar, costuma incentivar os jovens a gostarem da escola e mostra-se muito interessado quando se fala sobre o assunto, trazendo para a conversa histórias de quando era mais novo, fazendo referência à impossibilidade de ter continuado a estudar, por imposição dos pais. Apesar do trabalho de sensibilização para a importância da escola, o jovem mostra-se pouco interessado.</p> <p>A D. Glória, mais uma vez, refere que eles não fazem os trabalhos de casa e que, como não sabe ler, não consegue ajudar.</p>
REFLEXÕES	<p>Através da análise dos discursos é perceptível que todos os elementos da família conversam mais sobre os problemas e que estão todos mais motivados e responsabilizados. A D. Glória refere que costumam conversar mais durante o jantar, sobre os problemas e sobre as formas de os resolver.</p> <p>O Bruno é um jovem que não valoriza as aulas, falando da escola e dos professores com indiferença.</p>

Registo 7

DIA - LOCAL	05/12/2011 - Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (14h30 – 17h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Sr. Ismael; Bruno; Cristiano
OBJECTIVOS	Explorar a perspectiva da família relativamente à escola
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	<p>A D. Glória encontrava-se no quarto com os dois menores a supervisionar o estudo, contudo estava com muitas dificuldades pois, como não sabe ler e escrever, não sabia se os jovens estavam efectivamente a estudar. O Sr. Ismael encontrava-se no quarto a ver televisão.</p> <p>Hoje era o dia do aniversário do Cristiano, pelo que a D. Glória estava bastante entusiasmada e encontrava-se a organizar os preparativos para a festa. “Encomendei um bolo e comprei algumas coisinhas boas para logo!”.</p> <p>Nesta conversa abordamos perspectiva dos jovens e da D. Glória relativamente às respostas e estratégias utilizadas pela escola. Os jovens referiram que a tutoria, ministrada pelo professor de religião e moral, é um espaço onde têm a possibilidade de conversar sobre a escola (testes, notas, opiniões sobre a escola), o professor supervisiona os cadernos e onde, por vezes, jogam no computador.</p> <p>O Cristiano gosta bastante destas aulas, contudo o Bruno não encontra qualquer interesse nas mesmas, frequentando apenas por obrigação “eu não gosto daquilo”. Relativamente à D. Glória, considera que estas aulas devem ser “muito importantes. Então não é bom falar sobre isso, ainda para mais com esse professor?”</p> <p>Têm apoio educativo à disciplina de matemática, prestado por outra professora que não a professor titular da</p>

disciplina; ambos referem-se a estas aulas com manifesto desinteresse embora foquem que a professora que presta o apoio “é mais fixe que a outra”. Quando os questioneei sobre essa preferência, referiram que, gostam da professora porque “não é chata como a outra, deixa-nos fazer o que queremos; se não quisermos não fazemos nada”. No sentido de poderem reflectir sobre as suas condutas, alertando para a importância do respeito pelo trabalho desenvolvido pelos professores e pelas responsabilidades que devem assumir, lancei o desafio de se colocarem no lugar dos professores. “Se eu fosse professor, não fazia nada, os alunos podiam fazer tudo o que quisessem, e não ia ser uma seca, como os nossos (...)” (Bruno); “ (...) Eu tentava falar mais com os alunos, não os obrigava a estudar e ia ser muito mais fixe (...)” (Cristiano).

Foi lançado ainda o desafio de sugerirem a um dos professores, colaborarem na condução da aula, no sentido de perceberem um pouco a perspectiva dos docentes, no entanto, os jovens não se disponibilizaram. “ui, isso até era fixe, mas é muito difícil, não quero” (Cristiano); “Nem pensar, que seca ser professor” (Bruno) em jeito de conclusão conversamos sobre a importância das diferentes profissões e das responsabilidades inerentes a cada uma delas. Nesta altura já estava também presente o Sr. Ismael que, juntamente com a D. Glória, tentaram chamar a atenção dos menores para a importância da escola e dos estudos, remetendo para as suas experiências de vida (...) “Quem me dera ter estudado, mas na minha altura ninguém nos deixava; agora vós tendes tudo na mão e não aproveitais nada” (Sr. Ismael). (...) “Tendes que estudar para ter uma vida diferente desta, quem me dera que eles pudessem ser alguém com um trabalho, uma casa melhor que esta” (D. Glória). Nesta altura falou-se sobre a actual situação socioeconómica da família e sobre a importância que a escola poderá ter no acesso a um emprego mais estável, que lhes poderá permitir ter uma vida mais desafogada. “ Eu gostava de ter uma vida diferente desta e, mais tarde, poder ajudar os meus pais, mas isso não é fácil (...)” (Bruno). Relativamente a actividades lúdicas, existem, na escola, clubes de futsal, andebol,

	<p>e voleibol, abertos a todos os alunos que pretendam inscrever-se.</p> <p>Quanto ao futsal, desporto muito apreciado pelo Bruno, e no qual gostaria de se inscrever, funciona em horário não compatível com o horário escolar. Os restantes clubes não são do agrado dos jovens, no entanto, também não têm horário compatível com o horário escolar da turma dos jovens.</p> <p>Apesar de tudo, os jovens não demonstram muita contrariedade relativamente à impossibilidade de frequentarem as actividades, evidenciando um grande desinteresse pelas aulas.</p>
REFLEXÕES	<p>Apesar de, numa primeira abordagem, os jovens serem bastante resistentes e desafiadores relativamente à escola, designadamente à importância das aulas e dos professores, denota-se no decorrer das conversas, alguma capacidade de reflexão e alguma consciência de que efectivamente a escola é importante e que, através da escola, poderão ter um futuro diferente. Para além disso, verifica-se ao nível familiar uma maior preocupação dos elementos em dar conselhos e motivar os jovens para a importância da escola.</p>

Registo 8

DIA - LOCAL	12/12/2011 - Casa da família Silva
PERÍODO	Final da tarde (17h00 – 19h00)
ELEMENTOS PRESENTES	Bruno; Cristiano, D. Glória, Sr. Ismael
OBJECTIVOS	Explorar a perspectiva sobre a escola Conhecer as aspirações/expectativas dos jovens relativamente ao futuro
ESTRATÉGIA	Realização de exercícios de dinâmica de grupo
OBSERVAÇÕES	Foram realizados dois exercícios de dinâmica de grupo cujos objectivos se complementam. Os exercícios foram realizados com os jovens na cozinha. A D. Glória encontrava-se, juntamente com o Sr. Ismael, a cortar alguns paus, no exterior da habitação.

Exercício 1 “Como vejo a minha escola” (construído a partir de vários exercícios consultados)

Objectivos: Consolidar, em termos gerais, o conhecimento sobre a opinião dos jovens em relação à escola.

Desenvolvimento: O exercício consiste na resposta, individual, a algumas perguntas gerais sobre a escola e à reflexão/exploração conjunta sobre as respostas apresentadas.

Perguntas:

Gosto da minha escola, porque.../ Não gosto da minha escola, porque.../ O que posso fazer na minha escola.../ O que gostaria de fazer na minha escola.../ O que é que gostaria de mudar na minha escola...

NOME:

O QUE PENSO SOBRE A MINHA ESCOLA...

Gosto da minha escola, porque...

Não gosto da escola no gosto de fazer Educação Física e também do Professor.

Não gosto da minha escola, porque...

Porque temos fazer o que os professores e empregados mandam e também porque temos que estudar muito.

O que posso fazer na minha escola...

Posso ~~fazer~~ brincar com os meus colegas e aprender.

O que gostaria de fazer na minha escola...

Gostaria que não fosse a escola de manhã e também que não tivesse tantas disciplinas.

O que é que gostaria de mudar na minha escola?

Gostaria que os professores fossem mais que não tivessemos que estudar sempre o estudar.

NOME:

O QUE PENSO SOBRE A MINHA ESCOLA...

1. Gosto da minha escola, porque...

Não! Porque tem de se estudar a maioria que andam aí por aí
elas pensam que são os ramos mas não são
Os empregados são já...

gosto da minha escola, porque...

É grande tenho amigos posso jogar a bola e brincar
mais coisas

O que posso fazer na minha escola...

jogar a bola, fazer física correr, saltar, da
sala de convívio porque tem jogos.

O que gostaria de fazer na minha escola...

fazer física todos os dias

O que é que gostaria de mudar na minha escola?

Não ter professores nem funcionários

Exercício 2 – “Entrevista comigo daqui a 10 anos” (adaptado)

Objectivos: Conhecer as aspirações/expectativas dos jovens relativamente ao futuro

Desenvolvimento: Pede-se aos jovens que fechem os olhos e pensem na pessoa que são hoje (verbaliza-se a data do dia, incluindo o ano). Seguidamente pede-se que dêem um salto no tempo e se imaginem dez anos depois, nomeadamente: como estão, o que estão a fazer, com quem estão. Posteriormente informa-se que, ao abrir os olhos, estarão dez anos mais velhos (verbaliza-se a data do dia acrescido de mais dez anos). Cada um deve contar o que realizou nesses dez anos, como está a sua vida pessoal e profissional, o que conseguiu e como se sentem.

Após cada um ter verbalizado os seus pensamentos, pede-se que fechem novamente os olhos e que recordem de como eram há dez anos atrás. Após abrirem os olhos cada um deve partilhar as suas opiniões.

Fecham novamente os olhos, o orientador verbaliza a data do dia e do ano actual, trazendo-os de volta.

Posteriormente discutem-se os seguintes pontos:

- A) O que é que eu preciso para realizar os meus sonhos?
- B) O que posso fazer agora para que esses sonhos se tornem realidade?
- C) Como forma de promover de forma mais intensa a reflexão interpessoal, foi introduzida uma variante ao exercício, pedindo aos jovens que se colocassem novamente na situação em que tinham mais 10 anos e que pensassem nos conselhos que poderiam a eles próprios na actualidade.

Na parte final do exercício procede-se à reflexão sobre as respostas prestadas

BRUNO

Durante a realização do exercício, relativamente à situação vivenciada no futuro (10 anos à frente) o Bruno refere que está muito feliz. Estudou e trabalhou muito mas conseguiu alcançar os seus objectivos. Vive sozinho e alcançou o sonho de ser um futebolista do Barcelona Futebol Clube.

Quanto ao passado, há dez anos atrás, afirma convictamente: “Era muito traquina; não gostava de estudar; faltava às aulas; não gostava que a minha mãe mandasse em mim e que me pusesse de castigo...”

Relativamente ao poderia fazer neste momento para efectivamente concretizar os seus sonhos de se tornar um futebolista e ganhar muito dinheiro, responde espontaneamente, que o mais importante é estudar, ser responsável e não faltar às aulas.

Neste sentido, apresenta como conselho do Bruno “mais velho” para o Bruno “mais novo”: “dizia-lhe para estudar mais para poder ter uma carreira boa!”

CRISTIANO

O Cristiano apresenta-se como mecânico de automóveis e tratador de cavalos. Refere ter estudado ao longo destes anos para se tornar um bom profissional. Vive com os pais numa casa nova e com boas condições e está muito feliz.

Relativamente ao passado, afirma: “portava-me mal; não gostava da escola, fugia dos funcionários; faltava às aulas; andava à porrada...”.

Para a concretização dos sonhos refere que o mais importante é estudar, apresentando como conselho do Cristiano “mais velho” para o Cristiano “mais novo”: “portar-se bem nas aulas e não faltar...”

REFLEXÕES	<p>Ambos os exercícios foram vividos pelos dois jovens com bastante interesse, empenho e dedicação. No final fizemos uma reflexão conjunta sobre a vivência de cada jogo.</p> <p>Na realização do 1.º exercício foi notório que o Bruno e o Cristiano gostam de estar na escola, do convívio com os amigos e das actividades ao ar livre, contudo não valorizam a parte do estudo, apresentando uma imagem muito negativa de alguns funcionários e professores.</p> <p>Ambos referem que a disciplina preferida é a educação física. Para o Cristiano, a disciplina de educação cívica é também uma das favoritas.</p> <p>O Bruno refere que gosta muito do professor de educação física porque ele o compreende; os outros não, principalmente o director de turma que, em vez de falar com eles primeiro, para tentar perceber o que se passa, comunica logo aos encarregados de educação.</p> <p>Perspectivam uma escola “ideal” com menos aulas e mais tempos livres.</p> <p>Focou-se a importância de se aproximarem mais dos professores com quem mantêm uma melhor relação, de falarem sobre as dificuldades que sentem, sobre as suas sugestões.</p> <p>O mais interessante na realização destes exercícios prendeu-se com a sua complementaridade. Quando foi devolvido aos jovens que apesar de revelarem frequentemente que não gostam de estudar, quando falam do futuro e da concretização dos sonhos apontam sempre a escola e os estudos como duas coisas muito importantes para conseguirem alcançar o sucesso. Notou-se uma grande admiração da parte dos jovens, traduzida em sorrisos envergonhados e, ao mesmo tempo, de orgulho, relativamente a esta reflexão, na medida em que não se tinham apercebido o valor que eles próprios atribuem à escola. No final, ambos reconheceram que efectivamente estudar é importante para mais facilmente atingirem os sonhos e objectivos.</p>
------------------	--

	<p>Para concluir a sessão foi-lhes proposto que elaborassem uma listagem de compromissos que deveriam cumprir a partir daquele momento para que efectivamente pudessem alcançar melhores resultados escolares e alcançar os sonhos que haviam mencionado anteriormente. Assim, o Bruno e o Cristiano foram propondo vários itens que foram, posteriormente redigidos num documento que foi assinado pelos dois.</p> <p>No final da realização dos exercícios, a pedido dos jovens, foi prestado apoio educativo, nomeadamente ao nível da realização dos trabalhos de casa.</p>
--	---

OS NOSSOS COMPROMISSOS...

- 1) FAZER OS TRABALHOS DE CASA TODOS OS DIAS**
- 2) NÃO FALTAR ÀS AULAS**
- 3) NÃO SER MAL-EDUCADO COM OS PROFESSORES**
- 4) NÃO FALTAR AO RESPEITO AOS FUNCIONÁRIOS**
- 5) NÃO ANDAR À PORRADA**
- 6) ESTUDAR**
- 7) PORTAR-SE BEM NAS AULAS**
- 8) IR SEMPRE ÀS AULAS DE TUTORIA (BRUNO)**
- 9) LEVANTAR DUAS NEGATIVAS DURANTE ESTE PERÍODO
(Bruno)**
- 10) LEVANTAR TRÊS NEGATIVAS DURANTE ESTE PERÍODO
(Cristiano)**

ASSINATURAS

Registo 9

DIA - LOCAL	20/12/2011 - Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (15h00 – 16h30)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Bruno; Cristiano; Márcio.
OBJECTIVOS	Conhecer um pouco melhor as relações familiares
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	<p>Os jovens estavam a ouvir musica. Apesar de a mãe já lhes ter dito para irem estudar, os jovens teimavam em não obedecer.</p> <p>A D. Glória estava bastante apreensiva com o estado de saúde da mãe, ligeiramente agravado. Apesar de já há cerca de um ano o Sr. Joaquim não manter contacto com a família da D. Glória devido a um desentendimento com o seu pai, em princípio passarão o Natal em casa dos pais da D. Glória, o que a deixava bastante mais tranquila e feliz, dado que poderia estar mais próxima da mãe.</p> <p>Referiu que os membros da família têm conversado mais sobre os problemas existentes, nomeadamente as más condições habitacionais e o desinteresse do Bruno e do Cristiano pela escola, contudo ambas as situações figuravam-se como muito difíceis de resolver. Referiu também que o Márcio tem evidenciado uma maior preocupação pelo futuro dos irmãos, incentivando-os a estudarem e a tirarem boas notas. O Márcio, por sua vez, mostrou-se um pouco indignado, salientando que os irmãos deviam obedecer mais aos pais, principalmente à mãe “era preciso que os pais pusessem mais regras”; aludindo também aos problemas comunicacionais referiu “nesta casa, o problema é que ninguém ouve ninguém e assim ninguém se entende”. Relativamente às estratégias que podem ser utilizadas para que</p>

	<p>a comunicação entre os elementos da família melhora, o jovem refere “oh, sei lá. Devíamos falar um de cada vez, ouvir o que os outros dizem, e assim, não é só berrar”.</p> <p>Nesta altura ressaltou-se a importância de, enquanto irmão mais velho, o Márcio poder aconselhar e ser um bom exemplo a ser seguido pelos irmãos.</p>
REFLEXÕES	<p>O trabalho que tem sido a ser desenvolvido tem despoletado, no agregado, uma maior consciência crítica, a existência de mais diálogo e uma maior preocupação na resolução dos problemas. Estão mais atentos ao que corre menos bem, mais capazes de problematizar as situações e falar sobre os assuntos.</p>

Registo 10

DIA - LOCAL	26/12/2011 - Casa da família Silva
PERÍODO	Hora de almoço
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Sr. Joaquim, Bruno; Cristiano.
OBSERVAÇÕES	<p>Estavam de saída para casa dos pais da D. Glória para, posteriormente, acompanharem a mãe de D. Glória ao Centro de Saúde.</p> <p>Enquanto aguardavam pela chegada do táxi, houve ainda tempo para partilharem que a senhora se tinha queimado no dia de Natal nas braseiras da fogueira onde cozinharam. Tinha estado no hospital e apesar de não ter sido uma queimadura grave, necessita agora de fazer curativos diariamente.</p> <p>Assim, o Natal não tinha decorrido da forma que tinham idealizado, contudo, apesar disso, tinha-se verificado uma aproximação do Sr. Joaquim com a família da D. Glória, facto que deixou a família mais tranquila.</p> <p>“ O meu marido agora anda mais calmo, falamos mais sobre as coisas e, como a minha mãe está doente, vamos lá a casa mais vezes”.</p>
REFLEXÕES	Mais uma vez é notório que se verifica maior tolerância entre os elementos da família e uma maior capacidade de dialogar.

Registo 11

NOTA	<p>Os tempos seguintes foram pautados por alguma dificuldade em manter contacto com os vários elementos da família.</p> <p>O pai da D. Glória faleceu no início de Janeiro, pelo que houve necessidade de dar algum espaço à família. Este acontecimento, associado ao agravamento dos problemas de saúde da mãe da D. Glória, motivou uma alteração muito grande ao nível das rotinas da família que passou a estar praticamente durante todo o dia na casa da mãe da D. Glória, regressando à sua habitação apenas para dormir.</p> <p>Apesar da mãe da D. Glória ser cuidada por uma irmã, a D. Glória considera que a irmã não está a prestar um bom acompanhamento à idosa pelo que ficou ela encarregue desse acompanhamento. Entretanto, desde o falecimento do pai, o Sr. Ismael tem permanecido junto da mãe para, conforme refere a D. Glória, “ficar no lugar do pai”.</p> <p>Assim, logo pela manhã, os menores vão para a escola, o Sr. Joaquim e o Márcio vão trabalhar e a D. Glória segue para casa da sua mãe.</p> <p>No final das aulas e trabalho, os menores e o Sr. Joaquim e o Márcio respectivamente, vão para casa dos avós onde permanecem até tarde.</p> <p>Apesar de criarem alguma instabilidade, nomeadamente ao nível do percurso educativo dos menores que, em função das atenções estarem voltadas para os idosos, aproveitavam para, pontualmente, faltarem às aulas e não fazerem os trabalhos de casa, e, de certo modo, ao nível da prossecução do projecto (necessidade de respeitar os tempos da família) estes acontecimentos evidenciaram que efectivamente a família tem uma grande capacidade de mobilização e de se organizar no sentido de resolver os problemas que surgem e de se protegerem uns aos outros em situação de crise.</p>
-------------	---

Registo 12

DIA - LOCAL	16/01/2012 - Casa da família Silva
PERÍODO	Manhã (09h00 – 09h30)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Sr. Joaquim; Bruno; Cristiano
OBSERVAÇÕES	<p>Os elementos estavam de saída para casa da mãe da D. Glória; A D. Glória encontra-se bastante abatida e visivelmente cansada da azáfama do seu dia-a-dia nos últimos tempos. Referiu que a mãe tem um “feitio” complicado e que exige que ela esteja sempre perto de si. A D. Glória tem consciência de que não aguentará muito mais tempo a situação, pois está muito cansada. Para evitar as sucessivas viagens entre a casa da família e a casa da mãe está a tentar encontrar uma casa próxima da localidade onde a sua mãe vive. Assim, poderá prestar-lhe todos os cuidados e, ao mesmo tempo, os restantes elementos não ficam a uma distância muito grande da escola e do trabalho; o Sr. Joaquim não se mostra muito agradado. Embora concorde que a actual situação é insustentável, não só pelo cansaço mas também pelo dinheiro despendido nas viagens, não quer mudar para outro concelho. A D. Glória, contudo, afirma convictamente que é a melhor solução: ”Ó menina, eu quero e o meu Márcio também, por isso vamos ter que ajeitar”. Quanto à opinião dos dois mais novos e do Sr. Ismael refere que também estão de acordo com a mudança.</p>
REFLEXÕES	<p>Neste momento houve necessidade de, mais uma vez, respeitar o tempo e espaço da família, que face aos recentes episódios teria que repensar o futuro. Mesmo assim, foi fundamental continuar a prestar apoio, mostrando que estaria disponível para ajudá-los na procura de estratégias para possibilitar a prossecução dos objectivos e sonhos da família, mediante as decisões que quisessem tomar. Foi também fundamental reforçar a importância de pensarem, em conjunto, sobre o futuro para que as decisões tomadas pudessem ir, dentro do possível, ao encontro de todos.</p>

Registo 13

DIA - LOCAL	23/01/2012 – Instalações da IPSS
PERÍODO	Manhã (11h30 – 12h30)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Sr. Joaquim
OBJECTIVOS	Ponto de situação relativamente ao estado de saúde do Sr. Joaquim e em relação à questão habitacional
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	<p>O Sr. Joaquim e a D. Glória deslocaram-se ao serviço após terem estado na consulta de alcoologia do Sr. Joaquim.</p> <p>O Sr. Joaquim referiu que, considerando os efeitos secundários que a medicação está a causar, recebeu orientações da médica para deixar de tomar a medicação até à próxima consulta.</p> <p>Relativamente à situação de doença da mãe da D. Glória, decidiram que, no sentido de permanecerem mais tempo em casa e poderem prestar um maior apoio aos filhos, optaram por convidar a mãe e irmã da D. Glória para permanecerem, temporariamente na sua habitação. Assim, poderão prestar todos os cuidados necessários à mãe da D. Glória e, ao mesmo tempo, promover uma maior estabilidade na família uma vez que não precisa de se deslocar diariamente para outro concelho. Quando questionados sobre se a habitação teria condições para albergar mais duas pessoas rapidamente a D. Glória responder: “oh, menina, nós arranjamo-nos, pomos uns colchões e os meninos dormem com o tio, isso não é problema” (D. Glória).</p> <p>Relativamente à procura de nova habitação, o casal encontra-se num dilema: procurar uma habitação próxima da habitação da mãe da D. Glória, noutro concelho, ou, continuar a procurar no concelho onde actualmente residem. Após alguma conversação e reflexão, o casal decidiu que pretende continuar a procurar habitação no concelho onde reside e vão contactar os serviços sociais da área de residência da mãe da D. Glória que, segundo os mesmos, já têm</p>

	<p>conhecimento da situação e que já inclusive acompanharam a família.</p> <p>A D. Glória estava bastante apreensiva com a reacção da mãe face a esta decisão, referindo, mais uma vez, que a mãe tem um “feitio” muito complicado e solicitando o meu apoio para falar com ela. Face a esta situação foi marcada visita domiciliária para esta tarde.</p>
REFLEXÕES	<p>Mais uma vez é notório que, apesar de todas as dificuldades, a família mobiliza-se de forma extraordinária e consegue fazer face às adversidades que vão surgindo. Conversam mais sobre as situações, principalmente o casal, ponderam alternativas e agem de forma mais reflexiva.</p>

Registo 14

DIA - LOCAL	23/01/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Final da tarde (17h15 – 18h30)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Sr. Joaquim; Sr. Ismael; Márcio; Bruno; Cristiano; mãe e irmã da D. Glória
OBSERVAÇÕES	<p>Todos os elementos, à excepção da irmã da D. Glória, encontravam-se no exterior da habitação. A conversa intencional ocorreu nesse local e contou com a participação de todos os elementos à excepção da irmã da D. Glória que se manteve na cozinha e não quis participar da conversa.</p> <p>Informaram que a mãe da D. Glória, após ter permanecido uma noite em casa da família, pretende regressar para a sua habitação. A idosa encontra-se bastante debilitada emocionalmente devido ao falecimento do marido, reiterou a importância do apoio prestado pela filha e pelo genro, contudo mostrou-se bastante compreensiva com a decisão da D. Glória em permanecer a viver no concelho onde reside actualmente. O Sr. Ismael encontra-se fisicamente muito debilitado. O seu estado de saúde tem agravado após o falecimento do pai. Apresenta muitas dificuldades ao nível da mobilidade, necessitando de cuidados de 3.ª pessoa para as actividades do quotidiano. Após alguma sensibilização, aceitou o apoio do serviço para o acompanhamento às urgências. Ao longo da conversa os menores foram intervindo no sentido de convencer o tio a ir ao hospital.</p>
REFLEXÕES	Mais uma vez é notória a capacidade de mobilização da família e uma crescente capacidade para interagirem entre si de forma mais positiva e mais cooperativa.

Registro 15

DIA - LOCAL	27/01/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Manhã (09h30 – 12h30)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Sr. Ismael; Márcio
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	<p>Referiram que a situação familiar está mais estável. A mãe e irmã da D. Glória já estão a ser acompanhadas pelos serviços da segurança social da área de residência, pelo que agora já poderão estar mais tranquilos e disponíveis para darmos continuidade ao trabalho que tem vindo a ser desenvolvido no sentido da melhoria das condições sociofamiliares.</p> <p>O casal e o Márcio têm audiência no Tribunal no âmbito do processo de promoção e protecção do Márcio. O jovem apresenta um discurso mais calmo e aspirações escolares apontando novamente a hipótese de futuramente completar a escolaridade obrigatória. Reconhece que a sua opção de ter abandonado os estudos não deve ser seguida pelos irmãos, pelo que, mais uma vez, foi ressaltada a importância de passar essa mensagem aos irmãos e colaborar no apoio educativo prestado em casa.</p>
REFLEXÕES	Apesar das dificuldades que têm vivenciado, os elementos apresentam expectativas mais positivas relativamente ao futuro, apontando, mais uma vez, a melhoria das condições habitacionais como a necessidade mais urgente, cuja satisfação trará melhorias em todos os outros problemas apresentados pela família.

Registo 16

DIA - LOCAL	31/01/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Final da tarde (19h00 – 20h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Sr. Ismael; Márcio
OBSERVAÇÕES	<p>Conversa intencional sobre como tinha decorrido a audiência no Tribunal. Conforme tinha sido verbalizado pela colega da EMAT que foi ao Tribunal com a família, ficou definido que o Márcio deveria proceder à sua inscrição no ensino recorrente no próximo ano lectivo.</p> <p>Quando lhe foi perguntado o que considerava da situação, o Márcio afirmou convictamente que ninguém mandava nele, pelo que só iria estudar se quisesse, apresentando um discurso altamente desafiador. Apesar disso, conforme tem referido em contactos anteriores, acabou por assumir que é um projecto seu poder completar a escolaridade obrigatória e que “vai ser fixe estudar à noite”.</p> <p>A D. Glória está bastante mais tranquila, agora que a audiência já decorreu. Embora considere que seria bom para o Márcio regressar à escola, na sua opinião ainda é cedo na medida em que o Márcio é ainda muito novo para estudar à noite.</p>

Registo 17

DIA - LOCAL	09/02/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (15h00 – 17h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Joaquim, Sr. Ismael, Márcio, Bruno e Cristiano
OBJECTIVOS	Reflectir criticamente sobre os problemas e necessidades
ESTRATÉGIA	Discussão em grupo
OBSERVAÇÕES	<p>Nesta visita estivemos reunidos, numa discussão em grupo, em volta da mesa da cozinha sobre os problemas e necessidades identificados até então por todos os elementos da família, por mim e pelo director de turma. No âmbito desta discussão foram lançadas, desde logo, algumas pistas para o trabalho a desenvolver no sentido de resolver esses problemas.</p> <p>Todos os elementos concordaram com os problemas e necessidades que foram apresentados, reiterando, a importância que a melhoria das condições habitacionais teria na resolução de todos os outros problemas.</p> <p>Sobre este assunto colocou-se novamente a hipótese de realização de obras na habitação, uma vez que a estratégia de procura de uma nova habitação não estava a ser conseguida.</p> <p>Relativamente às interações instáveis ambos os progenitores assumiram a existência de dificuldades na forma como lidam com os filhos e a necessidade de alterar esta realidade. O Sr. Joaquim gostava que efectivamente os filhos lhe obedecessem, não pelo medo, mas sim pelo respeito, no entanto ressalva que “não havendo outra solução, eles têm que aprender de alguma maneira”. Por sua vez, a D. Glória refere, com alguma mágoa, que gostava de conseguir que os filhos fossem mais obedientes e que não gozassem com ela. O Márcio referiu que era necessário que os pais</p>

	<p>impusessem mais regras e o Cristiano referiu que era preciso a mãe “fazer o que diz, não é dizer e depois não fazer nada...”</p> <p>Relativamente aos problemas escolares, o Bruno e o Cristiano reconheceram que devem mudar a sua conduta, para, assim, conseguirem transitar de ano lectivo. Neste âmbito, o Bruno sugeriu que continuassem a ser apoiados ao nível do estudo, mas durante todas as tardes em que não têm escola. O Cristiano concordou, contudo sugeriu que o apoio fosse apenas duas vezes por semana.</p>
REFLEXÕES	<p>Esta discussão em grupo permitiu partilhar toda a informação recolhida, perceber a opinião de cada um relativamente à identificação que havia sido realizada e possibilitar o reconhecimento das competências existentes na família que lhes permitissem encontrar soluções para os referidos problemas.</p> <p>Foi um momento importante que permitiu uma auto-reflexão crítica sobre os problemas identificados, verificando-se uma troca de ideias e reflexões individuais e conjuntas que permitiram a todos uma maior tomada de consciência relativamente à realidade da família e à responsabilidade que cada um deverá assumir no processo de mudança. Foi perfeitamente perceptível a vontade de todos os elementos em adquirir melhores condições sociofamiliares.</p>

ANEXO 4

Registo sumário das articulações com o
director de turma

Registo 1

DATA/LOCAL	29/11/2011 Escola frequentada pelos menores
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Joaquim, Director de Turma, Técnica RSI
OBJECTIVO	Promover a importância do acompanhamento educativo por parte dos pais Realizar um ponto de situação relativamente ao percurso educativo dos menores Definir estratégias de intervenção conjuntas que promovam um maior envolvimento dos menores na escola
OBSERVAÇÕES	<p>O director de turma começou por referir que os dois menores têm percursos bastante diferentes: o Bruno apresenta um aproveitamento escolar médio (embora tenha resultados negativos aos primeiros testes realizados a duas das disciplinas), contudo apresenta um comportamento muito desestabilizador, desafiador e agressivo; mantém um relacionamento conflituoso com quase todos os professores, funcionários e alguns colegas, é desobediente e mal-educado com todos. Relativamente ao Cristiano apesar de apresentar, em sala de aula, um comportamento mais adequado do que o irmão, apresenta problemas ao nível de aproveitamento.</p> <p>Apesar de diferentes, de acordo com o director de turma, ambos desvalorizam completamente os estudos adoptando uma postura de completo desinvestimento.</p> <p>O director de turma considera que a escola e os professores têm feito esforços no sentido de contrariar esta realidade, no entanto, os menores não têm correspondido. Quando foi questionado sobre o papel que a escola tem desempenhado no sentido de encontrar estratégias para a resolução destes problemas, adoptando estratégias para</p>

	<p>mudar a opinião dos jovens relativamente à escola, designadamente, em relação às aulas e aos professores, afirmou que a escola e os professores têm feito todos os esforços no sentido de contrariar esta realidade, tentando compreender os jovens e motivá-los, no entanto, os jovens, não têm correspondido e continuam pouco empenhados. Informou que os menores têm aulas de apoio a matemática (1 hora semanal) e que está prevista, a partir do mês de Dezembro, a sua colocação em aulas de tutoria com o professor da disciplina de religião e moral com o objectivo de promover algumas competências pessoais e sociais. Relativamente ao carácter de obrigatoriedade destas aulas, refere ser uma directriz do agrupamento.</p> <p>O director de turma referiu ainda que actualmente, devido ao corte de verbas e alterações ao nível do funcionamento da escola, a mesma não dispõe de quaisquer outros recursos (humanos e materiais) e estratégias que possam ser utilizados, daí, na perspectiva do docente, a necessidade de um maior acompanhamento em casa.</p> <p>Ao longo da reunião o casal manteve-se bastante participativo e atento, mas sempre trocando acusações mútuas. O Sr. Joaquim apontava constantemente a D. Glória como responsável pelo mau comportamento dos menores, uma vez que é muito permissiva e não impõe regras e limites. A D. Glória ripostava que o pai é que não queria saber. “Quando estavas no hospital eles andavam todos na linha...”, dizia o Sr. Joaquim, referindo também que a solução dos problemas da desvalorização da escola passa pelos castigos físicos. “Se eles não aprendem de outra maneira, às vezes, é preciso”.</p> <p>Face a esta posição, foi feito um trabalho no sentido de tentar promover a importância de adoptar outro tipo de estratégias/castigos, para lidar com os jovens, de forma educativa e mais respeitadora.</p>
REFLEXÕES	<p>Apesar de ser perceptível, pela análise do discurso do director de turma, alguma indisponibilidade por parte da escola no sentido de encontrar estratégias mais activas para contrariar o desinteresse dos alunos face à escola,</p>

	<p>devido a inúmeros constrangimentos que se prendem fundamentalmente com normas de funcionamento e com a necessidade de priorizar os objectivos de trabalho impostos pelo ministério da educação, foi fundamental ressaltar a importância da relação escola-família, focando especificamente que será importante considerar as características do contexto familiar, e ter presente que, em algumas circunstâncias as dificuldades sentidas no seio da família pode conduzir a que, tanto os pais como os jovens, tenham menos disponibilidade para investirem e valorizarem o percurso escolar. O director de turma mostrou-se sensível em relação a este ponto de vista, reforçando contudo que as normas da escola têm que ser cumpridas. Apesar disso, considera fundamental o trabalho em parceria, pelo que estará disponível, dentro daquilo que são as suas responsabilidades, para colaborar no sentido de encontrar soluções para os problemas escolares dos jovens.</p>
--	---

Registo 2

DATA/LOCAL	19/01/2012 Escola frequentada pelos menores
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Joaquim, técnica do RSI, Director de turma; Bruno e Cristiano
OBJECTIVO	Promover a importância do acompanhamento educativo por parte dos pais Realizar um ponto de situação relativamente ao percurso educativo dos menores Definir estratégias de intervenção conjuntas que promovam um maior envolvimento dos menores na escola
OBSERVAÇÕES	<p>O director de turma informou que, apesar de se terem verificado melhorias ao nível do comportamento, ambos tiveram um fraco aproveitamento escolar no final do 1.º período (o Bruno teve 4 negativas e o Cristiano 5 negativas); o Bruno mais faltoso do que o Cristiano, foge frequentemente do recinto escolar. Ainda relativamente ao Bruno, nunca compareceu nas aulas de tutoria.</p> <p>O director considera, mais uma vez, que da parte da escola têm sido definidas várias estratégias no sentido de prestar um maior apoio aos alunos, (sessões de tutoria, aulas de apoio) contudo os jovens não têm demonstrado qualquer interesse em mudarem as suas condutas. Na opinião dos professores, deverá existir um maior apoio por parte da família, no sentido de responsabilizar os jovens para assumirem uma conduta mais respeitadora e, se possível, o acesso a apoio educativo, para além do que é prestado pela escola, para que efectivamente se verifique uma melhoria ao nível do aproveitamento escolar. Referiu haver, na sua opinião, alguma demissão por parte dos pais no acompanhamento aos menores em casa nomeadamente na realização dos trabalhos de casa e na imposição</p>

	<p>de regras e limites.</p> <p>A D. Glória referiu ter consciência de que as recentes alterações das rotinas da família e o facto de estar muito implicada nos cuidados que presta à mãe, fez com que facilitasse em relação aos jovens que acabaram por não estar tão acompanhados o que facilitou a falta de assiduidade e o agravamento das notas.</p> <p>O Sr. Joaquim demonstrou ao longo de toda a reunião, poucas expectativas face à possibilidade de mudança dos filhos, aludindo frequentemente a castigos de natureza física que seriam a melhor solução.</p> <p>Relativamente aos jovens, que entraram apenas no final da reunião, não expressaram muitas opiniões acerca da escola, mostrando-se contudo disponíveis para, a partir de então, mudarem o seu comportamento na escola e empenharem-se mais no estudo.</p> <p>Face a esta situação foi decidido dar aos jovens uma possibilidade para mudarem as suas condutas. Caso a situação se mantenha o director informou que terá que sinalizar a situação para a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens.</p>
REFLEXÕES	<p>Pelo discurso do director de turma é notório o predomínio de uma visão clássica da escola, privilegiando-se as classificações finais (avaliação formal), o recurso a sanções, numa acção manifestamente pautada pela pouca liberdade dos professores, e pelo recurso a estratégias pouco originais e que não promovem o real envolvimento dos jovens.</p> <p>Ressalvou-se, mais uma vez, a necessidade de um maior envolvimento dos pais no percurso educativos dos jovens, mas também a necessidade de serem consideradas, pelos professores, as características dos jovens, tentando entender os seus comportamentos de uma forma integrada e diferenciada.</p>

ANEXO 5

Registo sumário das
articulações/contactos com outros serviços

Registo 1:

Articulações com presidente da junta de uma freguesia vizinha

DATA	OBSERVAÇÕES
17/11/2011	Solicitação de colaboração na procura de habitação para a família, nomeadamente, através da articulação com o proprietário de uma habitação que a família conhece e que estará disponível para arrendar.
18/11/2011	Ainda não conseguiu obter informações sobre a viabilidade de arrendamento da habitação que a família indicou.
22/11/2011	A habitação que tinha sido indicada pela família já se encontra arrendada. No entanto, irá articular com outros proprietários de habitações para arrendamento.
02/12/2011	Realizou um novo contacto com um proprietário de uma habitação, no entanto ainda não recebeu qualquer resposta. Face a esta ausência de resposta o autarca considera que será melhor procurar outras habitações, embora reconheça que não será uma tarefa fácil, pelas características que a habitação deverá ter, mas também pela imagem negativa que alguns elementos da comunidade têm da família, à qual associam aos consumos de álcool, falta de regras e instabilidade. Salientei e solicitei colaboração no sentido de contrariar essa imagem, reforçando as competências da família e o empenho que todos têm evidenciado no sentido da mudança.

Articulação com presidente da junta de freguesia (freguesia onde a família vive)

DATA	OBSERVAÇÕES
22/11/2011	Solicitação de colaboração na procura de habitação para a família; o autarca não tem conhecimento de quaisquer habitações disponíveis para arrendamento.

Registo 2

Articulação com patrão do Sr. Joaquim

DATA	OBSERVAÇÕES
02/12/2011	<p>Este contacto surgiu no âmbito do que tinha ficado estabelecido com a família em relação à necessidade de mudarem de habitação, na medida em que o patrão do Sr. Joaquim tem mantido muitos esforços para ajudar a família a colmatar esta necessidade e seria importante rentabilizar este recurso.</p> <p>Apesar de adiantar, desde logo, que não tinha muito tempo para falar comigo (“5 minutos já é muito!”), acabou por estar disponível para conversarmos.</p> <p>Confirmou que efectivamente tem tentado ajudar a família na procura de uma habitação, contudo considera ter esgotado todas as suas alternativas, não tendo conseguido qualquer resposta positiva.</p> <p>Relativamente à habitação que tinha construído para a família, por motivos legais, completamente incontornáveis não vai ser possível a família viver na habitação. Paralelamente realizou alguns contactos com possíveis arrendatários contudo referiu que não encontrou ninguém disponível para arrendar.</p>

ANEXO 6

Desenho do Projecto

Projecto “Lutar por uma vida melhor”

Identificação dos problemas:

- Más condições de habitabilidade;
- Interações familiares instáveis: estilos educativos díspares, papéis parentais pouco definidos, dificuldades ao nível da comunicação;
- Problemas escolares: absentismo escolar e baixo aproveitamento escolares, desqualificação das tarefas escolares e da importância das aulas.

Identificação das necessidades:

- Melhorar as condições da habitação, através da realização de obras de qualificação da habitação onde actualmente residem;
- Melhorar as relações familiares, nomeadamente no desempenho das responsabilidades parentais do Sr. Joaquim e da D. Glória, que se traduzem na necessidade de ser melhor pai e ser melhor mãe e na necessidade de valorização do papel das figuras parentais;
- Melhorar a forma como os elementos da família comunicam entre si
- Mudar as práticas dos jovens em relação ao estudo - maior valorização das aulas, maior empenho, melhor assiduidade e melhor aproveitamento escolar.

Finalidade: Promover a melhoria da qualidade de vida da família, nomeadamente ao nível da habitação, educação e relações familiares

Objectivos gerais (OG) e específicos (OE):

- **OG (1)** Promover condições habitacionais adequadas às necessidades da família
 - OE (1.1)** Substituir as telhas partidas do telhado
 - OE (1.2)** Reconstruir a casa de banho
 - OE (1.3)** Pintar os quartos e *hall* de entrada
 - OE (1.4)** Substituir os vidros e as caixilharias das janelas e as portas de entrada da habitação
 - OE (1.5)** Recuperar as paredes exteriores

- **OG (2)** Alterar as relações intrafamiliares

OE (2.1) A família deverá ser capaz de comunicar e interagir entre si de forma mais positiva

OE (2.2) Os elementos da família deverão ser capazes de assumir responsabilidades pessoais no processo de mudança

OE (2.3) Os pais deverão ser capazes de adoptar um estilo educativo democrático

OE (2.4) Os filhos deverão ser capazes de respeitar e valorizar as figuras parentais percebendo e colaborando na definição de normas e regras

- **OG (3)** Melhorar o aproveitamento escolar e a assiduidade e promover o reconhecimento da importância das aprendizagens escolares

OE (3.1) Os jovens deverão aumentar o interesse pelas aprendizagens escolares

OE (3.2) Os jovens deverão diminuir o absentismo escolar relativamente ao 1.º período

OE (3.3) Os jovens deverão diminuir o número de negativas relativamente ao 1.º período

OE (3.4) Os pais deverão ser capazes de estarem mais implicados e participativos no percurso educativo dos jovens

Estratégias: Intervenção psicossocial através do modelo de relação de ajuda; Desenvolvimento de trabalho individual e grupal; Realização de actividades lúdico-pedagógicas; Criação de momentos de partilha, debate e troca de opiniões, através da utilização de várias técnicas de grupo como: debates de ideias, discussão em grupo e exercícios de dinâmica de grupos; Estabelecimento de parcerias e potenciação de iniciativas da comunidade local com vista à rentabilização dos recursos existentes; Realização de trabalhos de construção civil.

Acções a desenvolver:

- “Obras na Quinta da Boavista”

- “Reflectindo em família”

- “Aprender Mais”

ANEXO 7

Objectivos gerais e específicos
formulados em Março de 2012

Objectivos gerais:

- Promover o acesso a uma habitação condigna
- Promover a melhoria das relações intrafamiliares
- Promover a importância da escola e o sucesso escolar

Objectivos específicos:

- Criar condições dignas de habitabilidade através da realização de obras de recuperação da habitação onde actualmente a família reside;
- Estimular o diálogo entre os elementos da família através da criação de momentos de partilha, debate e troca de opiniões;
- Desenvolver competências que tornem os pais mais preparados para o exercício das responsabilidades parentais;
- Melhorar o aproveitamento escolar e aumentar o interesse pelas aprendizagens escolares dos menores Bruno e Cristiano de forma a possibilitar a transição de ano lectivo.

ANEXO 8

Critérios de avaliação do projecto

AVALIAÇÃO GERAL DO PROJECTO

DIMENSÕES A AVALIAR	INDICADORES DE AVALIAÇÃO	ESTRATÉGIAS
Condições habitacionais	<ul style="list-style-type: none"> - Tipo de obras realizadas/resultados alcançados - Satisfação pessoal relativamente às obras realizadas 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação directa das obras realizadas - Análise de conteúdo da discussão em grupo para avaliação final da acção
Relações intrafamiliares	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de escuta - Partilha de opiniões - Definição conjunta de estratégias para ultrapassar obstáculos - Negociação de definição conjunta de regras - Percepção e satisfação pessoal das mudanças alcançadas 	<ul style="list-style-type: none"> - Análise de conteúdo das interacções estabelecidas entre os elementos da família - Análise de conteúdo da discussão em grupo para avaliação final da acção
Interesse pelas matérias escolares	<ul style="list-style-type: none"> - Conversas sobre as matérias e as aulas - Realização dos trabalhos de casa - Faltas às aulas - Classificação final das disciplinas - Percepção e satisfação pessoal das mudanças alcançadas 	<ul style="list-style-type: none"> - Contacto periódico com director de turma - Análise de conteúdo dos discursos dos jovens - Análise de conteúdo da discussão em grupo para avaliação final da acção

ANEXO 9

Contactos e outros momentos que
predeceram o desenho da acção “Obras na
Quinta da Boavista”

Registo 1

DATA	28/02/2012
ESTRATÉGIA	Acompanhamento a outros serviços
ELEMENTO CONTACTADO	Funcionário de um dos proprietários da habitação onde a família vive
OBJECTIVO	Confirmar se tinha disponibilidade para a realização de obras; Solicitar autorização para a realização das obras
OBSERVAÇÕES	Acompanhei a D. Glória a o Sr. Joaquim ao local onde reside um dos herdeiros da habitação. Não se encontrava em casa contudo um dos funcionários disponibilizou o seu contacto telefónico, informando sobre o melhor horário para efectuar o contacto.

Registo 2

DATA	28/02/2012
ESTRATÉGIA	Contacto telefónico
ELEMENTO CONTACTADO	Um dos proprietários da habitação onde a família vive
OBJECTIVO	Confirmar se tinha disponibilidade para a realização de obras Solicitar autorização para a realização das obras
OBSERVAÇÕES	Informou que não pretendia realizar obras na habitação e remeteu a decisão da possibilidade de realização de obras para o advogado da família, ressaltando que seria também necessário definir outros aspectos relacionados com o pagamento da renda, visto que a família já não pagava a renda há cerca de três anos.

Registo 3

DIA	06/03/2012
PERÍODO	Hora de almoço
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Sr. Joaquim, Sr. Ismael; Márcio
ESTRATÉGIA	Discussão em grupo
OBJECTIVO	Definir uma proposta para apresentar ao advogado, relativamente à renda
OBSERVAÇÕES	Rapidamente definiram que estavam disponíveis para pagar uma renda mensal de 50 euros, ficando responsáveis pela realização das obras e pela conservação da habitação e ainda pelo cultivo dos campos, sendo que, ficariam com todos os produtos agrícolas resultantes, para consumo próprio.
REFLEXÕES	Boa capacidade de decisão, crescente autonomia e capacidade de diálogo.

Registo 4

DATA	06/03/2012
ESTRATÉGIA	Contacto telefónico
ELEMENTO CONTACTADO	Advogado dos proprietários da habitação onde a família vive
OBJECTIVO	Solicitar autorização para a realização das obras
OBSERVAÇÕES	Avançou, desde logo, com a probabilidade de uma resposta positiva relativamente à viabilidade da realização de obras, ressalvando, no entanto, teria que falar com os seus clientes.

Registo 5

DATA	13/03/2012
ESTRATÉGIA	Contacto telefónico
ELEMENTO CONTACTADO	Advogado dos proprietários da habitação onde a família vive
OBJECTIVO	Solicitar autorização para a realização das obras
OBSERVAÇÕES	Informou que o pedido da família foi aceite, no entanto será necessário assinar um contrato de arrendamento, e um contrato de arrendamento relativo à parte agrícola. Apresentará a minuta do contrato na próxima semana.

Registo 6

DATA	16/04/2012
ELEMENTO CONTACTADO	Advogado dos proprietários da habitação onde a família vive
OBSERVAÇÕES	Após várias tentativas de contacto, não tendo havido ainda qualquer resposta por parte do advogado, foi enviado uma mensagem por correio electrónico. Considerando que o pedido realizado pela família foi aceite pelos proprietários da habitação, estando apenas pendente a assinatura do contrato de arrendamento e do contrato relativo à parte agrícola, e, tendo em conta a urgência da situação e a necessidade de promover a melhoria das condições habitacionais, solicitou-se autorização para que a

	<p>família pudesse avançar com as obras.</p> <p>O advogado respondeu reforçando que, apesar de efectivamente, ter havido aceitação dos herdeiros ainda se encontra a finalizar a elaboração do contrato. Assim, não considera viável o início das obras sem a assinatura do contrato pelos dois elementos do casal.</p> <p>Considerando que o Sr. Joaquim se encontra hospitalizado, foi necessário adiar a assinatura do referido documento.</p>
NOTA	<p>No sentido de agilizar os procedimentos, considerando que havia já uma opinião favorável relativamente à possibilidade de realização de obras, definiu-se a acção “Obras na Quinta da Boavista” e iniciou-se a elaboração das cartas para solicitar donativo dos materiais necessários.</p>

Registo 7

DATA - LOCAL	04/05/2012 – Escritório do advogado
ELEMENTO CONTACTADO	Advogado dos proprietários da habitação onde a família vive
OBSERVAÇÕES	<p>Assinatura do contrato de arrendamento. Oficialização da autorização para a realização de obras.</p> <p>A D. Glória esteve bastante interventiva, questionando o advogado e definindo vários dos pontos do contrato. O Sr. Joaquim manteve quase sempre calado, intervindo quando lhe era solicitado.</p>
REFLEXÕES	<p>Este momento foi de extrema importância, pois, por um lado, foi dada autorização para a realização de obras e, por outro lado, foi regularizada a situação da família relativamente à dívida contraída nos últimos 3 anos (considerando que a família será responsável pelas obras, a dívida considerou-se saldada).</p> <p>Para além disso, ter-se procedido à definição de um valor mensal de renda, mediante uma negociação entre a família e o advogado, à assinatura do contrato, conseguiu-se, na minha opinião, promover uma maior responsabilização da família e a uma maior consciência dos direitos e deveres da família enquanto inquilinos, mediante o exercício de uma cidadania plena.</p>

ANEXO 10

Contactos que precederam a definição
final da acção “Aprender Mais”

Registo 1

DATA – LOCAL	03/03/2012 – Instalações da junta de freguesia
ELEMENTO CONTACTADO	Presidente da junta de freguesia
OBSERVAÇÕES	<p>Conversa intencional sobre a situação socioeconómica da família. O presidente conhece bem a situação da família, destacando como principal problema as más condições de habitabilidade.</p> <p>Foi informado do trabalho que está ser desenvolvido com a família no sentido de promover a melhoria das condições habitacionais. Apesar da junta de freguesia não poder aliar-se a esta iniciativa, mostrou disponibilidade para, a título particular, colaborar no que fosse necessário, juntamente com outros elementos que fazem parte da junta de freguesia.</p> <p>Relativamente aos menores, foi-lhe proposta colaboração na realização de uma acção que teria como principais objectivos a promoção da aprendizagem através do lazer, proporcionando, não só a possibilidade de melhoria do aproveitamento escolar, mas também o desenvolvimento de competências pessoais e sociais e o aumento do interesse pelas aprendizagens escolares.</p> <p>Houve disponibilidade imediata do presidente para o seu desenvolvimento, na medida em que esta acção poderia constituir uma resposta que vai ao encontro das necessidades sentidas também por outras famílias residentes na freguesia relativamente aos filhos com idades próximas das do Bruno e Cristiano e que frequentam o mesmo nível de escolaridade. Assim, esta acção contaria com a participação do Bruno e o Cristiano e poderiam igualmente ser convidados a integrar o grupo outras crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos e a frequentarem o 5.º ano de escolaridade. Foi definido que seria dada prioridade aos elementos que</p>

	<p>cumulativamente fossem residentes da freguesia e beneficiários do rendimento social de inserção; contudo a acção poder-se-ia alargar à comunidade local, ou seja, a outras crianças e jovens residentes na freguesia.</p> <p>Para além disso o presidente da junta mostrou disponibilidade para, no âmbito do programa de Voluntariado Jovem da Câmara Municipal, solicitar a colaboração de um voluntário, aluno do ensino superior na área de estudos de acção social ou educação, para orientar o grupo. Assim, seria da sua responsabilidade apresentar esta proposta na próxima reunião da autarquia, que seria dentro de 15 dias.</p>
REFLEXÕES	Importância do trabalho em rede, das parcerias e da rentabilização dos recursos existentes na comunidade.

Registo 2

DATA	21/03/2012
ELEMENTO CONTACTADO	Presidente da junta de freguesia
OBSERVAÇÕES	<p>Contacto telefónico.</p> <p>Ainda não tem confirmação da autarquia sobre disponibilidade de colocação de um voluntário na acção prevista para os menores. Para além disso, neste momento ainda não podem disponibilizar as instalações. Sendo assim, a acção não poderá iniciar-se para já, no entanto, mantem disponibilidade para colaborar com a realização da acção logo que seja possível, apontando, como possibilidade a acção ter início aquando do início do próximo ano lectivo.</p>
REFLEXÕES	Necessidade de redefinição da acção (avaliação de entrada).

ANEXO 11

Critérios de avaliação das 3 acções do Projecto

Acção 1 “Obras na Quinta da Boavista”

DIMENSÕES A AVALIAR	INDICADORES DE AVALIAÇÃO	ESTRATÉGIAS
<ul style="list-style-type: none"> - Recursos -Obras de qualificação realizadas - Relações familiares estabelecidas 	<ul style="list-style-type: none"> - Quantidade dos recursos humanos e materiais - Adequação dos recursos às necessidades - Substituição das telhas partidas do telhado - Reconstrução da casa de banho - Pintura dos quartos e <i>hall</i> de entrada - Substituição das janelas e das portas de entrada da habitação - Recuperação das paredes exteriores - Capacidade de escuta - Partilha de opiniões -Definição conjunta de estratégias para ultrapassar obstáculos 	<ul style="list-style-type: none"> - Análise de conteúdo das conversas intencionais e das discussões em grupo - Observação das obras realizados - Observação e escuta participantes das interacções estabelecidas entre os elementos da família

Acção 2 “Reflectindo em família”

ACÇÕES	DIMENSÕES A AVALIAR	INDICADORES DE AVALIAÇÃO	ESTRATÉGIAS
“Conversas entre pais e mães”	Mudanças verificadas ao	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Envolvimento - Eficácia - Valorização final/ Satisfação pessoal 	<ul style="list-style-type: none"> - Análise das expectativas iniciais - Análise de conteúdo das reflexões finais relativas às vivências dos participantes - Entrevista grupal para avaliação da satisfação final relativamente à acção
“Nós, em casa”	nível das práticas educativas	<ul style="list-style-type: none"> - Participação - Envolvimento - Valorização final/ Satisfação pessoal -Apropriação dos conhecimentos partilhados, desenvolvidos e adquiridos na acção “Conversas entre pais e mães” 	<ul style="list-style-type: none"> - Análise de conteúdo das conversas intencionais e das discussões em grupo na família - Observação e escuta participantes das interações familiares - Articulação com o director de turma

Acção “Aprender Mais”

DIMENSÕES	INDICADORES	ESTRATÉGIAS
<p>- Mudanças nas práticas dos jovens em relação aos estudos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conversas nas sessões grupais sobre as vivências escolares (disciplinas, matérias, relação com professores) - Interesse na realização dos trabalhos de casa - Interesse no estudo para os testes - Faltas às aulas - Classificação dos testes - Classificação final das disciplinas 	<ul style="list-style-type: none"> - Análise das expectativas iniciais - Análise de conteúdo dos discursos dos jovens durante as sessões - Análise de conteúdo das reflexões finais relativas às vivências dos participantes - Realização de ficha de avaliação final da acção - Contacto periódico com director de turma

ANEXO 12

Desenvolvimento da acção “Obras na Quinta da Boavista”

Registo 1:

Articulações com presidente da junta de freguesia (freguesia onde a família vive)

DATA	OBSERVAÇÕES
03/03/2012	<p>Informação sobre o trabalho que está ser desenvolvido com a família no sentido de promover a melhoria das condições habitacionais, ressaltando, que estava ainda pendente a autorização do senhorio relativamente à realização das obras.</p> <p>Apesar da junta de freguesia não poder aliar-se a esta iniciativa, mostrou disponibilidade para, a título particular, colaborar no que fosse necessário, juntamente com outros elementos que fazem parte da junta de freguesia.</p>
09/04/2012	Solicitação de colaboração no levantamento das empresas e entidades a quem poderá ser solicitado o donativo de materiais.
16/04/2012	Envio da identificação de empresas do ramo.
07/05/2012	<p>Confirmação da autorização do senhorio para a realização de obras.</p> <p>Reiteração do pedido de colaboração na angariação de materiais de construção.</p> <p>Envio da carta modelo produzida para o efeito.</p>

Registo 2:

DIA - LOCAL	10/04/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Final da tarde (18h00 – 19h30)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Ismael, Márcio, Bruno; Cristiano; responsável pela realização das obras (nesta data o Sr. Joaquim encontrava-se hospitalizado)
OBJECTIVOS	Elencar os materiais necessários para a realização das obras
ESTRATÉGIA	Discussão em grupo
OBSERVAÇÕES	<p>Nesta visita foi-me apresentado o senhor que será responsável pela realização das obras, tio da D. Glória e do Sr. Joaquim.</p> <p>Procedeu-se ao levantamento das obras necessárias:</p> <ul style="list-style-type: none">- Substituição de cobertura (telhas); construção de casa de banho; pintura interior dos quartos; substituição de janelas e portas; recuperação das paredes exteriores; <p>E ao levantamento do material que será necessário para a realização das obras:</p> <p>Telhas; tijolos; loiças sanitárias; torneiras; tijoleiras/azulejos; tintas; janelas e portas; cimento e vidros.</p> <p>Todos os elementos estavam extremamente entusiasmados, sendo visível nos seus rostos uma felicidade tremenda perante a possibilidade de verem melhoradas as condições habitacionais.</p> <p>Houve lugar a momentos de diálogo extraordinariamente ricos e até comoventes:</p> <p>(...) “Ui, é mesmo a sério, eu não pensei que fossemos mesmo fazer as obras” (Cristiano); “Então, achas que eu e os pais íamos brincar com uma coisa destas? Em princípio está tudo em ordem, só falta o senhorio autorizar, mas isso já está quase assegurado, só falta assinar o contrato” respondi. “Que fixe, eu acho que a casa de banho devia ser lá em</p>

	<p>cima” (Sr. Ismael), “Eu acho que era melhor a casa de banho ser cá em baixo, porque lá em cima não há espaço...” (Márcio); “Era fixe termos umas janelas com persianas, não era?” (Bruno) “Ó filho, temos que ir primeiro às coisas mais importantes e mais simples, depois, se Deus quiser, havemos de endireitar mais a nossa vida e vamos comprando mais coisas” (D. Glória).</p> <p>Definiram-se várias possibilidades de obras ao nível da cozinha, estando mais activos neste domínio o responsável pelas obras, o Sr. Ismael que também tem experiência na área da construção civil e Márcio.</p>
REFLEXÕES	<p>Este momento foi de extrema importância, principalmente, para os menores. Gerou-se um importante momento de partilha, de debate e de diálogo, em que ficou evidente a capacidade dos diferentes elementos da família de emitirem opiniões.</p>

Registo 3:

DIA - LOCAL	16/04/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Noite (19h00 – 20h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Ismael, Márcio, Bruno; Cristiano (nesta data o Sr. Joaquim encontrava-se hospitalizado)
OBJECTIVOS	Elaborar a carta para enviar às empresas
ESTRATÉGIA	Reunião familiar
OBSERVAÇÕES	Estivemos reunidos a elaborar a carta para enviar às empresas a solicitar o donativo dos materiais. Foi necessário relembrar, mais uma vez, que estava ainda pendente a autorização do senhorio, no entanto, informei que tinha contactado o advogado no dia de hoje tendo ficado decidido que, logo que o Sr. Joaquim regresse do hospital, o casal poderá assinar o contrato de arrendamento e aí sim, poderemos começar a enviar as cartas para as empresas. Todos estiveram extremamente participativos, embora um pouco tristes pela ausência do Sr. Joaquim, ainda hospitalizado a realizar tratamento de desintoxicação alcoólica. “Oh, menina, se o meu homem estivesse aqui, então a felicidade ia ser total” (D. Glória). “Então, vocês podem quando forem visitá-lo contar-lhe o que estivemos a fazer. O Sr. Joaquim certamente vai ficar muito feliz”, sugeri. “Boa ideia, quero ser eu a contar” (Cristiano).
REFLEXÕES	Este contacto constitui mais um momento de partilha e de diálogo de grande intensidade emocional, principalmente para a D. Glória cujas lágrimas não resistiram a cair, quando foi lido resultado final do trabalho desenvolvido. Todos estão bastante empenhados e muito expectantes no sentido de saberem se efectivamente vão conseguir os materiais de construção.

A/C Responsável da Empresa²
XXX

Assunto: Pedido de doação de materiais de construção

Vimos por este meio solicitar a sua preciosa contribuição nesta causa.

Somos uma família residente no concelho de XXX, composta por três adultos e três menores, com dificuldades económicas, a residir numa habitação em condições precárias.

Com o apoio da equipa do Rendimento Social de Inserção, estamos a tentar melhorar a nossa casa que apresenta muitos problemas: é uma casa muito antiga, em grande estado de degradação. Como faltam algumas telhas, chove no interior e a casa é muito fria; não temos casa de banho e algumas das janelas estão partidas e não têm vidros; fazemos as refeições na fogueira (lar), por isso a cozinha está sempre cheia de fumo.

Como não podemos pagar uma renda muito alta, o senhorio não poderá fazer obras. Mesmo assim, deu-nos autorização para a realização de obras, mas, como não temos dinheiro, a nossa única esperança é tentar arranjar os materiais necessários de forma gratuita.

Vimos, assim, apelar à vossa solidariedade através da doação de materiais, como por exemplo **tintas (produtos de outras colecções, cores menos utilizadas, etc.)**, para que, com a ajuda dos nossos familiares e de alguns elementos da comunidade, possamos fazer algumas obras na nossa casa e torná-la, assim, um local mais seguro e com mais conforto.

Para informações adicionais, estamos disponíveis através dos seguintes meios (equipa técnica do rendimento social de inserção XXX)

Ficamos muito gratos pela vossa compreensão e eventual contribuição, por mínima que seja, e comprometemo-nos a retribuir futuramente com informações sobre o trabalho realizado e a valorizar, com louvor, o apoio prestado pela vossa empresa.

Apelamos assim, mais uma vez, à vossa bondade!

Muito obrigado

² As cartas são personalizadas em função da empresa e dos materiais a solicitar

Registo 4:

DIA - LOCAL	08/05/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Noite (19h00 – 20h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Ismael, Sr. Joaquim; Márcio, Bruno; Cristiano
OBJECTIVOS	Assinatura das cartas para enviar às empresas
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	<p>Após a assinatura do contrato de arrendamento pelo casal, que ditou a oficialização da autorização para a realização de obras, estavam reunidas as condições para avançar com o envio das cartas.</p> <p>Procedeu-se assim à assinatura, por parte de todos os elementos, das primeiras cartas elaboradas para enviar para diversas empresas do concelho e de alguns concelhos limítrofes. Todos estavam imensamente fascinados com a importância do documento e com o facto de estarem a assinar, principalmente os menores e também o Sr. Joaquim que não esteve presente aquando da realização da carta. O facto de alguns dos elementos terem algumas dificuldades em assinarem, nomeadamente, os adultos, provocou, admiravelmente, um momento de grande ternura, diversão e entreajuda entre os elementos da família.</p> <p>Todos estão bastante expectantes relativamente à doação de materiais e ansiosos por iniciar os trabalhos de construção, fazendo projectos e partilhando opiniões acerca das obras a realizar.</p>
REFLEXÕES	<p>Este contacto constitui um momento de partilha de emoções e de grande valorização dos elementos, mediante a possibilidade de assinarem o documento. Rapidamente se organizaram para assinarem as inúmeras cartas, mostrando-se extremamente felizes e com uma cumplicidade crescente. É notório que comunicam e interagem entre si de forma mais positiva.</p>

Registo 5:

DIA - LOCAL	10/05/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Noite (19h00 – 20h15)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Ismael, Sr. Joaquim; Márcio, Bruno; Cristiano
OBJECTIVOS	Assinatura das cartas para enviar às empresas Reflectir sobre as práticas educativas
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	<p>Assinatura de mais cartas para enviar para as empresas. Estão bastante empenhados, principalmente a D. Glória que, respondeu à minha sugestão de eles próprios pensarem em empresas ou pessoas a quem poderíamos pedir materiais: “Ó menina, não podemos fazer uma carta para entregar à minha irmã. Ela assim entregava a uma pessoa que se calhar nos pode ajudar...”. “Com certeza D. Glória, trarei mais uma carta, quando mais pessoas ajudarem, melhor”, respondi. Mais uma vez, foi um momento de grande descontração e humor, aquando da assinatura dos adultos. “Ui, nunca mais saio daqui, tantas... (...)” (Sr. Ismael) “Isto é só autógrafos, parece que somos famosos...” (Bruno).</p> <p>Os menores Bruno e Cristiano continuam a complementar o estudo que realizam na acção “Aprender Mais” em casa, na presença dos pais e do tio Ismael. Durante a visita falaram sobre as matérias, os elementos maiores, principalmente a D. Glória e o Sr. Ismael recordaram o tempo de escola e algumas das matérias dadas. A propósito da matéria que os jovens estavam a estudar para a disciplina de História e Geografia de Portugal o Sr. Ismael dizia orgulhoso “Eu ainda me lembro. Da Índia vinham as especiarias, não era?”</p> <p>A D. Glória está também cada vez mais envolvida com as matérias escolares “oh, menina estou a ver se consigo segurar o papagaio direitinho...” (alusão a um dos exercícios da acção 2 do projecto) mostrando vontade em aprender</p>

	<p>mais, coisa que nunca, até então tinha sido equacionada pela senhora que recusa peremptoriamente qualquer possibilidade de integração em acções de alfabetização (“estudar, menina, nem pensar! Agora burra velha, eu não preciso), dizia sempre que se abordava e sensibilizava para a importância de elevar os níveis de escolaridade. Actualmente mostra-se muito mais disponível e motivada para aprender: “ó menina, eles podem escrever umas coisas num papel, para eu copiar?” O Cristiano muito admirado respondia, em tom de brincadeira: “Ui, nós a ajudar a mãe? Que cena. Mas isso ia demorar muito tempo...” (...)</p> <p>Relativamente à tarefa para casa, o casal já tinha mostrado as imagens relativas aos diferentes estilos parentais. “Ainda não começamos a escrever, mas já nos rimos bem à conta dos desenhos (...) (Sr. Joaquim).</p>
REFLEXÕES	<p>Mais uma vez, este momento constituiu um momento muito agradável e divertido, onde foi perceptível uma maior capacidade de comunicação, de organização e de cumplicidade entre os diferentes elementos da família. Para além disso, a possibilidade de realização de obras funciona quase como um bálsamo para a família que apresenta mais expectativas positivas relativamente ao futuro. Relativamente à sessão da acção 2, tem havido momentos de partilha, entre os elementos da família, relativamente aos temas tratados e aos desafios trazidos pelos pais.</p>

Registo 6:

DATA	OBSERVAÇÕES
21/05/2012	Confirmação de colaboração de uma das empresas – disponibilizará todos os vidros necessários e um funcionário que virá a casa da família, fazer as medições e colocar os vidros.
05/06/2012	Confirmação de colaboração de uma das empresas – disponibilizará uma palete de tijolos e cimento e o respectivo transporte a casa da família.
06/06/2012	Confirmação de colaboração de uma das empresas – disponibilizará tinta.
07/06/2012	Confirmação de colaboração de uma das empresas – disponibilizará tinta.
08/06/2012	Confirmação de colaboração de uma das empresas – disponibilizará loiças sanitárias.
19/06/2012	Confirmação de colaboração de uma das empresas – disponibilizará azulejos e tijoleira. Caso seja necessário poderá também disponibilizar algum cimento e tijolos.

Registo 7:

DIA - LOCAL	19/06/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Final da manhã (12h00 – 13h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Ismael, Bruno; Cristiano
OBJECTIVOS	Avaliação (ponto de situação) relativamente à acção “Obras na Quinta da Boavista”
ESTRATÉGIA	Conversa intencional

OBSERVAÇÕES	<p>A família está bastante apreensiva pois, o Sr. Joaquim encontra-se novamente hospitalizado, devido a um ataque de epilepsia. Encontra-se bem e, em princípio terá alta médica dentro de poucos dias.</p> <p>Apesar disso, continuam animados com a realização das obras. O Sr. Ismael também está bastante expectante e muito contente porque, em função da sua experiência profissional, e, apesar de não poder realizar esforços físicos, poderá ser uma mais-valia na realização dos trabalhos. Sugeriu que as obras se iniciem já, com os materiais que já foram disponibilizados “podemos começar a limpar as paredes, muito limpinhas e começar a pintar. Não custa nada, isso são trabalhos que qualquer um pode fazer” (Sr. Ismael). “Pois é, agora estamos de férias e podemos ajudar. Posso pintar o meu quarto de azul e branco?” (Cristiano). “Penso que sim, mas tens que perguntar aos pais, e também é preciso ver quais as cores que as empresas deram”, respondi. “Oh, meu filho, podemos pintar duas paredes de cada cor, fica bem. O meu Márcio anda muito animado, já pediu ajuda a um amigo e tudo. Mas agora temos que esperar que o meu homem venha do hospital, pode ser?” (D. Glória).</p> <p>“Com certeza D. Glória, será conforme vocês entenderem que seja melhor”, respondi.</p>
REFLEXÕES	<p>Os elementos da família continuam a evidenciar muito empenho, uma maior capacidade de diálogo e tolerância relativamente à diversidade de opiniões. Para além disso, é perceptível que têm conversado sobre a realização das obras e têm definido estratégias para a sua realização.</p> <p>Nesta fase foi fundamental, mais uma vez, respeitar os tempos da família, as suas decisões e as estratégias sugeridas, contrariando a tendência de querer “apressar” a resolução dos problemas. Assim, dá-se a possibilidade à família para experimentar as suas soluções, tornando-se sujeitos activos da mudança.</p>

Registo 8

DIA - LOCAL	25/06/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (15h00 – 16h10)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Ismael, Sr. Joaquim, Cristiano, Bruno
OBJECTIVOS	Definir data para a realização das obras
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	Este contacto iniciou-se com uma abordagem ao estado de saúde do Sr. Joaquim que teve alta médica há dois dias e com uma orientação ao nível da administração da medicação. Relativamente à realização das obras, o casal e o Sr. Ismael estiveram a conversar e decidiram que talvez seja melhor aguardar a recolha de todos os materiais e iniciar as obras no mês de Agosto, altura em que o familiar responsável pelas obras estará de férias pelo que poderá disponibilizar mais tempo para a realização dos trabalhos.
REFLEXÕES	Verifica-se uma maior capacidade de diálogo, uma interacção mais positiva entre os elementos e maior capacidade de tomada de decisões e de definição de estratégias. Os elementos estão mais conscientes da importância de cada um no processo de mudança. Mais uma vez, foi fundamental respeitar os tempos da família, as suas decisões e as estratégias sugeridas, dando a possibilidade à família para experimentar as suas soluções, tornando-se sujeitos activos da mudança.

ANEXO 13

Breve caracterização dos participantes da acção “Conversas entre pais e mães”

O grupo é constituído por 8 participantes, todos constituintes de famílias que se encontram a beneficiar do RSI e a serem acompanhados pelas técnicas que fazem parte da equipa onde a educadora social trabalha.

Abrange elementos de 5 famílias, tipologia nuclear com filhos, todos em idade escolar;

Relativamente ao sexo, 5 dos participantes são mulheres e 3 são homens; 6 dos elementos constituem 3 casais.

Têm idades compreendidas entre os 35 e os 57 anos; 6 dos participantes são desempregados e dois são trabalhadores (um a tempo parcial e outro encontra-se de baixa médica).

Apresentam, em termos gerais, baixo nível de escolaridade: 5 possuem o 1.º ciclo incompleto, evidenciando muitas dificuldades ao nível da escrita e leitura (sabem assinar o nome); 2 possuem o 1.º ciclo completo, apresentando também muitas lacunas ao nível da escrita e leitura; 1 participante possui o 3.º ciclo.

Foram convidados a participar na acção na medida em que aspiram melhorar os seus desempenhos enquanto pais e mães e conseqüentemente, melhorar as relações familiares.

ANEXO 14

Desenvolvimento da acção “Conversas
entre pais e mães”

Registo 1

1.ª Sessão

Data: 26 de Abril de 2012

Participantes: D. Glória, Sr. Joaquim, F, Gr, M, A, C.

Nota: Faltou “G” devido a problemas de saúde

Objectivos gerais:

- Facilitar o conhecimento intergrupar
- Apresentar os objectivos da acção
- Definir horários e periodicidade da acção
- Conhecer as expectativas e receios dos elementos relativamente à acção

Estratégia:

- Realização de exercícios de dinâmica de grupo

Descrição da sessão:

- 1) Exercício de dinâmica de grupo “Passa a bola”³
- 2) Definição das características da acção (objectivos, horários, estratégias)
- 3) Exercício de dinâmica de grupo “Receios e expectativas”⁴
- 4) Apresentação da tarefa a realizar em casa
- 5) Avaliação da sessão

Desenvolvimento da sessão:

- 1) Exercício de dinâmica de grupo: “Passa a bola”

Objectivos:

- Promover o conhecimento intergrupar
- Quebrar o gelo

³ Fonte: Curso de dinâmicas de grupo, módulo IV, Portal Educação - <http://xa.yimg.com/kq/groups/17693909/1773117508/name/Modulo+4+DG.pdf>

⁴ Fonte: Barbosa, L. (1998). *Trabalho e Dinâmica dos pequenos grupos* (2.ª ed.). Edições Afrontamento

Descrição do exercício:

Todos os elementos devem sentar-se em círculo. O orientador oferece a bola a um dos participantes e solicita que faça a sua apresentação (com os dados que considerar mais importantes), bem como da sua família, nomeadamente dos filhos, passando, seguidamente, a bola para outro participante, até todos se apresentarem.

NOME	VIVENCIA
F.	Esteve muito comunicativa, partilhando muitas informações sobre a sua família e os seus gostos pessoais. Quando apresentou os filhos, levantou, desde logo, o problema do mais novo com a escola, nomeadamente a falta de interesse: “Às vezes o meu filho está a fazer os TPC e quer ir brincar. A nossa ameaça é que ele vai para um colégio interno, para ver se ele teme” (...).
Gr.	Esteve muito comunicativa, abordando de forma muito divertida algumas características da família e dos filhos. No seguimento da apresentação de “F”, levantou também o desinteresse do filho pela escola: “O meu mais velho não gosta muito da escola” (...)
M.	Esteve muito conversador e bem-disposto. Fala dos filhos com muito carinho, abordando, à semelhança da esposa o desinteresse do filho pelos estudos: “um dos meus anda para pasteleiro, para ver se sai mais depressa”
SR. JOAQUIM	Apresentou-se, inicialmente, um pouco retraído e tímido, mas partilhou informações acerca dos filhos, referindo, desde logo, os problemas que os dois menores têm com a escola.
D. GLÓRIA	Muito conversadora e bem-disposta. Partilhou informações, momentos do seu dia-a-dia e mostrou-se muito atenta aos discursos dos outros, fazendo perguntas e comentários. “Passa-me a bola” – dirigindo-se ao marido. “Os meus filhos são o piorio, mas são a melhor coisa do mundo” “E a fisioterapia, você gosta?” – Dirigindo-se para A (...).
A.	Muito conversadora, partilhou muitas informações relativas aos elementos da sua família, abordando as dificuldades que têm passado e os problemas de saúde de que padecem, o que mobilizou o grupo na transmissão de mensagens de apoio e de força. “O mais novo anda na escola, mas dá-me muitas complicações” (...) “Os filhos já não saem ao pai. Vão tomar banho e deixam a roupa no chão e a mãe que arrume. Eu berro, mas é igual...” (...) “Mas depois eles dizem que não gostam de nós e eu fico triste. Eu berro-lhe porque não posso aceitar tudo o que ele quer fazer”
C.	Mostrou-se, inicialmente, um pouco tímida, mas foi-se desinibindo à medida que o tempo ia passando. “Lá em casa agora somos 6. Tenho 3 pequenos que me dão muito trabalho e outro que já está a trabalhar” (...).

Reflexões:

Este exercício de dinâmica de grupo contou com uma participação activa de todos os elementos. Criou-se um momento muito tranquilo, de partilha, diálogo e conhecimento intergrupalo.

Foram perceptíveis vários pontos comuns a todos os elementos do grupo, designadamente: o gosto pela natureza e pelas actividades agrícolas, dificuldades na definição de regras, dificuldades no acompanhamento educativo aos filhos.

2) Definição das características da acção (objectivos, horários, estratégias)

Apesar dos objectivos terem sido abordados, de forma individual, aquando da realização do convite para participarem na acção, reforçou-se, mais uma vez, os fundamentos da criação deste grupo, ressaltando que se trataria, fundamentalmente, de um espaço onde poderiam partilhar experiências e dificuldades sentidas no papel de pai e mãe, em que cada sessão será sempre desenvolvida em função das necessidades dos participantes que deverão assumir um papel activo no desenvolvimento de respostas para as suas próprias dificuldades.

Após a clarificação dos objectivos, foi decidido o horário das sessões. Conforme tinha sido proposto pela D. Glória e pelo Sr. Joaquim, as sessões terão uma periodicidade quinzenal, com a duração de 90 minutos.

Após a definição dos horários, foi proposto pela orientadora, uma forma de organização das sessões, com a qual todos os elementos concordaram, tendo sido ressaltada a flexibilidade das sessões em função das necessidades e opiniões do grupo. Assim, cada sessão iniciar-se-á com a recapitulação da sessão anterior. Ao longo da sessão serão abordados diferentes temas e desenvolvidas diversas competências, em função das necessidades trazidas pelo grupo.

Na parte final da sessão, antes da avaliação na qual todos poderão expressar a sua opinião/sentimentos em relação à sessão, será definida uma tarefa a desenvolver em casa, com a colaboração dos restantes elementos da família.

3) Exercício de dinâmica de grupo “Receios e expectativas”

Objectivos:

- Auscultar expectativas dos elementos relativamente à acção

Descrição do exercício:

Cada participante deve responder, oralmente, a 3 perguntas: O que é que espero da acção “Conversas entre pais e mães?”; “O que é que eu gostaria de perguntar sobre a acção “Conversas entre pais e mães?” e “O que é que eu acho que pode correr mal?”

NOME	O QUE É QUE EU ESPERO DA ACÇÃO “CONVERSAS ENTRE PAIS E MÃES”?
D. GLÓRIA	“Acho que vai ser bom, por causa dos meninos. Falar com os outros é sempre bom”
SR. JOAQUIM	“Vai ser bom, pelo menos distraímos e falamos com os outros”
F.	“Acho que vai ser bom porque podemos descarregar os problemas que temos com os nossos filhos e vamos daqui mais leves”
Gr.	“Vai ser bom falar sobre a família e sobre os filhos porque vamos mais aliviados embora.”
M.	“Espero que seja uma forma de convívio e para aprendermos mais coisas”.
A.	“Espero poder partilhar os meus problemas, aliviar a cabeça e sair daqui mais leve”.
C.	“Gostava de aprender mais coisas com os colegas e partilhar dúvidas”

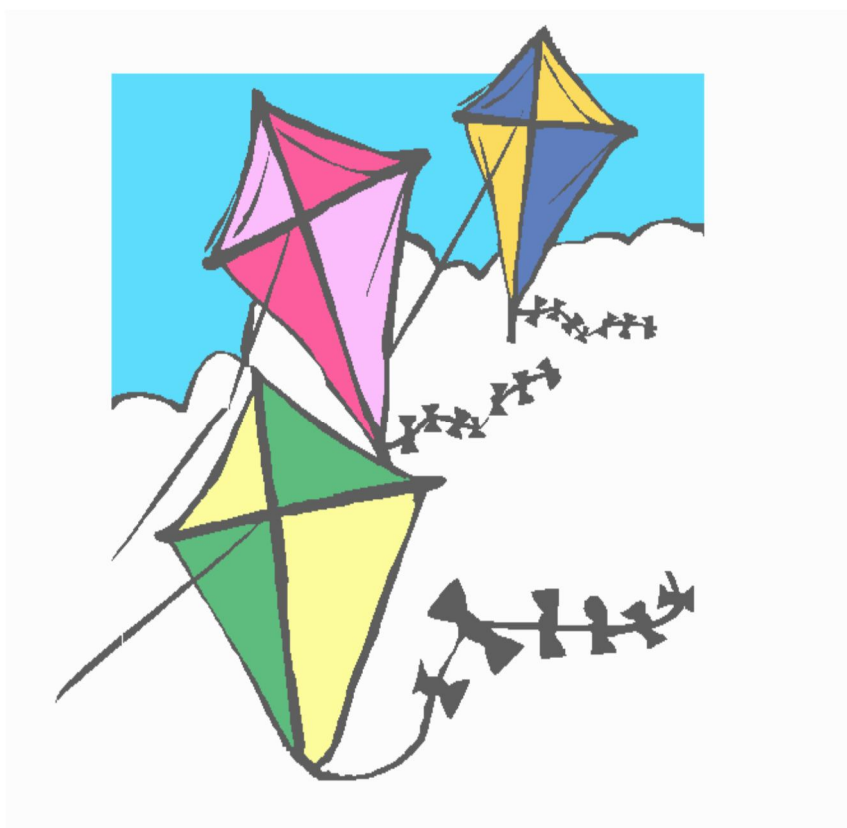
NOME	O QUE É QUE GOSTARIA DE PERGUNTAR SOBRE A ACÇÃO “CONVERSAS ENTRE PAIS E MÃES”?
D. GLÓRIA	“Ó menina, não tenho nada a perguntar”.
SR. JOAQUIM	“Você explicou bem, não há dúvidas”
F.	“A Dra. esclareceu bem, está tudo percebido. Vai ser interessante”
Gr.	“Por mim, também não tenho nada a dizer”
M.	“Eu concordo com a mulher, está tudo bem, não tenho perguntas a fazer”
C.	“Já está tudo dito.”

NOME	O QUE É QUE EU ACHO QUE PODE CORRER MAL NA ACÇÃO “CONVERSAS ENTRE PAIS E MÃES”?
D. GLÓRIA	“Ó menina, nada vai correr mal, se Deus quiser”
SR. JOAQUIM	“Isto é para ser uma coisa boa, não há porque correr mal”
F.	“Ui, só se for algum desacordo, mas acho que vai tudo correr bem. Só se fizermos uns debates, mas mesmo assim, cada um pode ter a sua opinião”
Gr.	“Vai tudo ser bom. Tem tudo para correr bem, é para o nosso bem”
M.	“Nada. Não há razões pra correr mal”
A.	“Nada pode correr mal, somos todas boas pessoas”
C.	“Vai ser giro, estarmos assim todos juntos, vai correr tudo bem”

4) Proposta para casa: Metáfora do papagaio

Entrega de uma folha com um papagaio em papel desenhado.

Devem reflectir, individualmente ou em colaboração com a família, sobre de que forma o “ser pai e mãe” se assemelha a lançar um papagaio de papel.



Educar...⁵

⁵ Fonte: Ribeiro, M. J. (2003). *Ser família – construção, implementação e avaliação de um programa de educação parental*. Tese de Mestrado. Universidade do Minho. Braga.

Imagem adaptada de ClipArt/Microsoft Word

Referência relativa à *metáfora do papagaio de papel*:

- Marujo, H. A. (1996-1999). Programa para o desenvolvimento de competências de parentalidade. In A. L. Silva, H. A. Marujo & L. Bizarro, *Programa para o desenvolvimento da auto-estima e do bem-estar social em jovens, professores e pais*. (Versão experimental). Lisboa: Junta Nacional de Investigação Científica/Fundação para a Ciência e Tecnologia.

5) Avaliação da sessão

NOME	COMO ME SENTI/COMO VIVI ESTA SESSÃO?GOSTEI? NÃO GOSTEI? PORQUÊ?
D. GLÓRIA	“Gostei muito porque assim vi que não só os meus filhos que têm problemas. E eu pensava que eram só os meus.”
SR. JOAQUIM	“Gostei. Foi bom ouvir, falei pouco, mas pronto, foi bom”
F	“Consegui ver que há pessoas com mais dificuldades que as nossas. Gostei muito. Acho que vai ser uma experiência muito interessante, poder conversar com outras pessoas”.
Gr.	“Gostei. Senti-me muito bem.”
M.	“Acho bem. Gostei de conhecer as pessoas e conversar. Gostei muito”
A.	“Desabafei um bocadinho. A minha cabeça ficou mais aliviada. Gostei muito de falar sobre os meus filhos”.
C.	“Senti-me muito bem. São todos muito simpáticos e foi bom falar sobre os filhos e sobre a família”.

Registo 2

2.ª Sessão

Data: 10 de Maio de 2012

Participantes: D. Glória, Sr. Joaquim, F, Gr, M, A, C.

Nota: Faltou G devido a problemas de saúde

Objectivos gerais

- Promover o conhecimento e a interacção grupal
- Iniciar a reflexão sobre a importância das figuras parentais no desenvolvimento dos filhos

Estratégias:

- Realização de exercícios de dinâmica de grupo

Descrição da sessão:

- 1) Recapitulação da sessão anterior
- 2) Reflexão/discussão sobre a tarefa proposta para casa
- 3) Exercício de dinâmica de grupo “A Teia da Vida” (adaptado)
- 4) Apresentação da tarefa a realizar em casa
- 5) Avaliação da sessão

Desenvolvimento da sessão:

- 1) Recapitulação da sessão anterior

Todos os elementos tinham bem presente o que tinha acontecido na sessão anterior, recordando algumas das histórias contadas pelos diferentes elementos.

Foi, portanto, um momento de grande diálogo, com todos os elementos a apresentarem uma boa disposição e grande vontade de partilha.

- 2) Reflexão/discussão sobre o trabalho proposto para casa

Todos os participantes falaram, de modo entusiasta, sobre a tarefa, demonstrando que houve um grande empenho em casa para, com a ajuda dos filhos, realizarem a tarefa. De acordo com os discursos apresentados, esta tarefa, motivou momentos de diálogo, partilha e entajuda entre pais e filhos.

NOME	DESENVOLVIMENTO DA TAREFA DE CASA
D. GLÓRIA SR. JOAQUIM	(...) “Eu acho que é o seguinte: o papagaio é engraçado e bonito. Quando o lançamos é uma alegria para os filhos”. – Sr. Joaquim “Nós tentamos ver isto com os nossos filhos, eles ficaram muito sérios a olhar para o desenho mas não lhes vinha ideias. O mais novo disse-me: oh, mãe, como é que tu não sabes ler e entendes o desenho e as outras coisas da vida?” (...) – D. Glória
F.	“Eu também perguntei ao meu filho mais novo, mas ele disse: ó mãe eu não sei explicar... Depois fui ao meu homem e ainda pior. Fui à net e nada... Isto foi muito difícil...mas acho que conseguimos chegar a algumas conclusões... Ensinar a montar é como estar a ajudar a andar, a correr. É um caminho, na nossa família também vamos crescendo, ensinando etapa a etapa” (...).
Gr. M.	“Nós achamos que também chegamos lá e os filhos também ajudaram” (M) “Pois, então é assim: os papagaios vêm-se na praia e os miúdos também (...) A gente compra e tem que montar. Para isso tem que ensinar o filho. É como na família, vamos tentar ajudá-los a crescer” (Gr).
A.	“Foi muito difícil, não foi nada fácil, mas até foi engraçado. Não consegui chegar assim a muitas conclusões assim importantes com os meus colegas, mas pelo menos pus o meu filho a pensar comigo e foi muito bom...”
C.	“Eu concordo com “A”, isto não foi nada fácil, mas eu, o meu marido e os meus filhos achavamos que tinha qualquer coisa a ver com ensinar os filhos a voar...parece que afinal tínhamos razão (...)”

Na parte final do exercício, fizemos uma sistematização de todas as ideias, tendo sido fundamental valorizar todos os contributos apresentados, reforçando que se foram completamente ao encontro da ideia original. Assim, foi apresentada a reflexão original, segundo a qual ser pai/mãe se assemelha ao acto de soltar um papagaio de papel na medida em que constitui um processo de ir soltando a corda, não muito, pois isso leva a que o papagaio (criança/jovem) caia e se parta, mas o suficiente para que ele possa voar. Referida a ideia original, concluímos que efectivamente a figura do pai/mãe é fundamental no desenvolvimento dos filhos. A partir daqui surgiram mais reflexões e diálogo:

M – “Pois é, nós lançamos o papagaio. Depois fogem e lá vão”

C – “Muito bem, então o largar significa falar com os filhos, que eu acho que é muito importante”

F – “A minha mais velha, quando fizer 18 anos vai para França. Tenho que soltar o papagaio...Vai-me custar muito, mas tem que ser. Já fiz o meu papel de mãe, agora ela vai à vidinha dela...” (...)

D. Glória – “Pois é, nós vamos soltando a corda devagarinho, mas também há muito más companhias, isso é que estraga tudo. Às vezes nós bem tentamos dar bons conselhos, mas vêm os outros e está o caldo entornado...”

Gr – “Nós tentamos ajudar os nossos filhos, mas há outros pais que não. Há pais e pais, há uns que não ajudam nada” (...).

3) Exercício de dinâmica de grupo “A Teia da Vida”

Objectivos:

- Promoção do conhecimento e coesão intergrupar
- Estreitar laços
- Partilhar vivências sobre o papel de cada um enquanto pai e mãe

Descrição do exercício:

Cada elemento do grupo deverá contar um episódio positivo e um menos positivo que tenha vivido no seio da família, associado ao tema SER PAI/SER MÃE.

A partilha deverá ser feita quando as pessoas tiverem o novelo de lã na mão. Cada elemento do grupo deverá ficar com um pouco de lã no dedo e depois passar o novelo.

No final de todos terem partilhado a sua história com o grupo, no centro do círculo aparecerá uma teia formada pelos fios do novelo que une todos os elementos do grupo.

A teia será utilizada, metaforicamente, para ilustrar a importância da partilha que se poderá gerar no seio do grupo, bem como a possibilidade da procura de soluções para os problemas sentidos pelos diferentes elementos, poder emergir dessa partilha

NOME	VIVENCIA
D. GLÓRIA	POSITIVO – “Os momentos mais felizes é quando o pai joga com eles à bola. É um gosto vê-los a brincar (...)” NEGATIVO – “O meu filho do meio está a passar uma fase complicada. Pensa que eu gosto mais dele do que do mais velho e eu fico muito triste. O mais velho ontem foi namorar e ele não compreende (...)”
SR. JOAQUIM	POSITIVO – “Uma vez fomos a Fátima. Eu não ia, ia só a Glória e os mais novos. Mas depois decidi ir e aparecemos lá de surpresa, fomos noutra camioneta. Encontrámo-nos lá. Foi engraçado porque ninguém estava a contar. Nós não tínhamos levado merenda, não era preciso porque estava tudo pago. Os meus filhos ficaram todos contentes” NEGATIVO – “A mãe mente muito para proteger os filhos. Ainda agora disse que o mais velho foi namorar e a mim disse-me que ele tinha ido buscar uma ferramenta. Está sempre a mentir para os encobrir. Mentiu-se e as mentiras para mim são como me tirar os dentes.*”
F.	POSITIVO – “Positivo é sempre que brincamos com eles (...) Sou capaz de me por descalça e brincar durante toda a tarde no parque. NEGATIVO – “Eu morava nos apartamentos. As minhas filhas estavam pegadas e partiram um vidro. O meu homem bateu-lhes tanto, meu Deus.

	Mas elas mereceram porque podiam ter morrido. Às vezes é preciso, ainda ontem dei uma sapatada ao meu filho (...)"
Gr.	POSITIVO: "Eu gosto muito de cantar e dançar. A minha menina gosta de acompanhar. Às vezes vamos para a beira da minha família. O meu tio toca acordeão. O meu filho diz "ó mãe vai dançar". Ele beija-me muito e dá-me abraços." NEGATIVO: "Eles andam sempre zangados uns com os outros. Têm os computadores, um pega e o outro vai logo atrás. Eu pego numa vassoura. Não gosto muito de bater, mas tem que ser assim. Quando era pequena também levei muita porradinha."
M.	POSITIVO: "Todos os dias o meu filho vai comigo prender as cabritas. Ele gosta muito. É praí 1 km. Conversamos pelo caminho e é muito bom. Mas não me dá beijinhos, isso é mais com a mãe. Ele é mais mãe. Abraços e beijinhos para mim é mais para a rapariga". NEGATIVO: "Às vezes zango-me porque eles estão zangados. Eu ofereço porrada: "quando vos apanhar, já ides ver". Mas não bato, às vezes pego na vara, mas depois passa".
A.	POSITIVO: "Apesar das dificuldades há muitos momentos muito bons porque nos ajudamos uns aos outros. Acho que não digo só um episódio, porque são muitos os momentos bons que passamos, desde que haja amor" NEGATIVO: "Mau, são todas as doenças que eu e os meus filhos temos. Na minha família é só desgraças. Gostamos muito dos nossos filhos, mas não temos muita sorte na vida".
C.	POSITIVO: "Positivo é quando os miúdos vão para o tanque tomar banho, quando estão de férias é uma alegria. Passamos bons momentos" NEGATIVO: "Quando eles se pegam é terrível. Levam cada lambada, mas não adianta, não aprendem nada."

*este comentário do Sr. Joaquim despoletou um importante debate/diálogo acerca da importância da cumplicidade entre o casal e da inexistência de mentiras e da partilha dos assuntos relativos aos filhos.

F: "Há mentiras e mentiras. Quando a minha filha começou a namorar eu não disse nada ao meu homem. Só depois passados uns dias é que lhe pedimos. Mas isto é uma mentira sem ofensa. Agora outras coisas mais graves, não pode ser."

Gr: "Pois, o casal tem que estar unido"

A: "Às vezes isso não acontece e os filhos sabem bem a quem pedir o quê"

D. Glória: "Pois eu sei disso, mas é para os proteger. Eu sei que depois o pai zanga-se e assim, mas... vou tentar não mentir mais"

Sr. Joaquim: "Mentes e depois as coisas acontecem e o pai é que tem que resolver..."
(...)

- 4) Definição da tarefa para casa: Reflexão conjunta com os filhos sobre 3 imagens⁶ alusivas aos estilos parentais. Devem analisar as imagens e escrever quais as características que consideram que estão presentes.



Imagem alusiva ao estilo parental democrático



Imagem alusiva ao estilo parental autoritário



Imagem alusiva ao estilo parental permissivo

⁶ Imagens escolhidas aleatoriamente (pesquisa Google imagens)

5) Avaliação da sessão

NOME	COMO ME SENTI/COMO VIVI ESTA SESSÃO?GOSTEI? NÃO GOSTEI? PORQUÊ?
D. GLÓRIA	“Eu gostei. Vamos tirando ideias uns dos outros (...) Hoje aprendi que não posso mentir ao meu homem...”
SR. JOAQUIM	“Gostei porque ouvi as opiniões dos outros e porque pude pensar e falar sobre as coisas que se passam na minha família e aprender que podemos melhorar (...)”.
F.	“Gostei muito (...) Foram momentos divertidos. Sinto-me bem com estes momentos de partilha”.
Gr.	“Eu gostei e bem. Estou mais contente desta vez porque estive mais à vontade. Tive mais coisas para dizer e senti-me muito bem.”
M.	“Encontrei-me bem. Conteí várias coisas e ouvi as outras pessoas. No fundo vai bater tudo ao mesmo, temos todos problemas muito parecidos.”
A.	“Eu gostei principalmente do exemplo do papagaio. Foi engraçado comparar à educação dos nossos filhos. O tempo que aqui passamos é muito bom.”
C.	“Eu gostei muito porque cada vez nos vamos conhecendo melhor e assim temos mais confiança e aprendemos mais uns com os outros”.

Registo 3

3.ª Sessão

Data: 24 de Maio de 2012

Participantes: D. Glória, Sr. Joaquim, F, Gr, M, C, G.

Faltou “A” devido a problemas de saúde

Objectivos gerais:

- Apresentar os diferentes estilos educativos e descrever as atitudes de comunicação pais/filhos características de cada um deles;
- Promover a interacção e conhecimento intergrupar.

Objectivos específicos:

- Cada participante deverá ser capaz de identificar o seu estilo educativo predominante;
- Cada participante deverá ser capaz de reflectir sobre alguns aspectos que poderá mudar na sua prática educativa

Estratégias:

- Realização de exercícios de dinâmica de grupo;

Descrição da sessão:

- 1) Recapitulação da sessão anterior
- 2) Reflexão/discussão sobre a tarefa proposta para casa
- 3) Identificação e caracterização dos diferentes estilos educativos
- 4) Apresentação da tarefa a realizar em casa
- 5) Avaliação da sessão

Desenvolvimento da sessão:

- 1) Recapitulação da sessão anterior

Todos os elementos estiveram bastante participativos e envolvidos na tarefa, tendo bem presente os assuntos tratados na sessão anterior.

D. Glória: “Falamos sobre o tínhamos passado de com e de mau nas nossas vidas, com os nossos filhos, falámos nas coisas boas e más que temos como pais” (...).

“F”: “Falamos que é importante dar liberdade aos filhos, etapa a etapa”

Mostraram-se igualmente bastante empenhados e entusiasmados em contextualizar “G” sobre o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido ao longo das sessões, uma vez que, para este elemento esta era a primeira sessão.

F- “Isto é muito interessante, o Sr. vai ver. Conversamos e aprendemos uns com os outros.”

(...)

D. Glória – “Vamos mais aliviados porque vemos que afinal não somos só nós que temos problemas com os filhos”

2) Reflexão/discussão sobre a tarefa proposta para casa

Todos os elementos pediram colaboração e reflectiram em conjunto com os filhos para realizarem a tarefa proposta. Solicitaram inclusive, conforme tinha sido sugerido, que os filhos escrevessem algum comentário sobre as imagens.

NOME	TAREFA DE CASA/VIVÊNCIA
D. GLÓRIA SR. JOAQUIM	“Foi uma risota lá em casa” (Sr. Joaquim) “O mais pequenino todos os dias olhava para os desenhos...Foi engraçado pensar nisto todos juntos”.
F.	“Falei com os meus filhos, mas quem esteve mais aplicada foi a mais velha. Estiveram todos a analisar as figuras, foi giro...”
Gr. M.	“Os nossos filhos estiveram a escrever aqui nas folhas, mas não sabemos se está certo” (M) “Eles no início disseram: oh, mãe, não sabemos explicar, mas depois todos juntos estivemos a pensar que é muito bom ser pai e mãe” (Gr).
C.	“Falei com os meus filhos. Começaram-se a rir e não sabiam o que dizer. Foi engraçado... (...)”

Reportam-se algumas mensagens relativamente às imagens:

Imagem que representa o ESTILO EDUCATIVO AUTORITÁRIO:

- “Não é um bom pai, porque estava a esganar o seu próprio filho”
- “O meu pai não é agressivo em mau, por acaso até é bem compreensivo, mas quando é para ser severo é, mas não bate, só berra e demonstra que estamos a fazer mal”
- “Maus-tratos não levam a lado nenhum, até só servem para se aleijarem um ao outro fisicamente e psicologicamente”

Imagem que representa o ESTILO PERMISSIVO:

- “É um pai bom porque está a dar ajuda à sua família e é um pai espectacular”
- “Parece a minha família. A minha família é normal, tem as suas brincadeiras e as suas zangas, mas tenta ser justa, é uma família grande por isso temos muita diversão”

Imagem que representa o ESTILO DEMOCRÁTICO:

- “Ser exigente acho que é sempre bom, mas não muito. Os pais devem saber o que o filho pode fazer e não pode e devem ser exigentes conforme os anos passam pois os filhos vão crescendo e têm que ter mais maturidade”
- “É uma boa mãe porque estava a dar conselhos à filha”

Outros comentários, que advieram da análise das imagens, em casa:

“É cansativo, às vezes, mas recompensam-nos com os sorrisos deles. Os nossos filhos já estão a ficar crescidos mas para nós continuam a ser os nossos meninos. Queremos sempre protegê-los, ensinar-lhes as coisas boas da vida e os bons caminhos”

“Sermos pais é uma coisa bonita do mundo, não há palavras para descrever a alegria de ter um filho”

3) Identificação e caracterização dos diferentes estilos educativos

Com base na discussão gerada a partir da identificação dos estilos educativos retratados nas imagens que levaram para casa, é apresentada uma ideia geral sobre os três estilos educativos habitualmente considerados, com recurso a mais imagens.

Salienta-se que existe em nós alternância de estilos educativos, mas, por outro lado, todos temos um estilo predominante. Assim, o desafio que se coloca é que cada pai/mãe identifique qual o seu estilo, pensando, sobretudo, nos momentos em que há conflito, visto que estes são os que melhor espelham o estilo educativo pessoal.

Procura-se ainda estimular a reflexão sobre a possível incongruência de estilos entre o pai e a mãe, e as implicações desse factor para a relação educativa com as crianças.

NOME	VIVÊNCIAS
D. GLÓRIA	“Eu sou a mãe fixe (referindo-se ao estilo permissivo), tento ser compreensiva, tento conversar com os meus filhos, mas estou a aprender que também não podemos fazer tudo aquilo que eles querem. Mas temos que conversar, não é bater, temos é que pôr regras para eles cumprirem.”
SR. JOAQUIM	“Acho que são um bocadinho dos 3. Mas na hora “H”, sou autoritário. Mas tenho mudado, agora falo mais, mas se for preciso, eles têm que saber respeitar quem manda (...)”
F	“Eu tenho um bocadinho dos 3, também. Tanto sou áspera, chamo a atenção e, por vezes, fazer o que eles querem.”
Gr.	“Eu acho que sou boa mãe (...) Acho que sou uma mistura. Não sou muito de berrar nem de bater.”
M.	“Eu também acho que sou um bocadinho dos 3. Quando é preciso ser meigo, sou, mas também é preciso dar uns berros de vez em quando”.
C.	“Eu sou do tipo democrático e autoritário, depende das situações. Ontem vi uma moça com 13 anos a maltratar a mãe. Se fosse minha filha dava-lhe logo uma latada.”
G	“Eu acho que sou o democrático (...) O pai pode ser bom, mas às vezes, os filhos também nos tiram do sério. Pronto, nessas alturas fujo para o autoritário pois de vez em quando tenho que dar uma latada... (...)”

Este exercício revestiu-se de especial importância na medida em que permitiu que cada pai/mãe reflectisse, criticamente, sobre a forma como educa os filhos. Concluiu-se que, apesar de, por vezes, ocorrerem situações menos positivas, o mais importante é que cada um tenha consciência que ser pai/mãe é um processo de construção e que, com a experiência, o diálogo e a valorização dos outros enquanto pessoas com direitos e deveres é possível tornarem-se cada vez melhores e mais felizes nesse papel.

No final deste exercício, foi proposto por um dos elementos do grupo, que a duração das sessões fosse alargada para 2h, uma vez que “como falamos tanto e partilhamos tantas coisas, acaba por passar muito rápido o tempo”.

Para além disso, um outro elemento sugeriu, num momento inicial, que fizessem uma peça de teatro para os filhos, que seria apresentada numa festa da localidade; como não houve grande entusiasmo por parte dos elementos, então, foi sugerido, que realizassem alguns trabalhos sobre os temas tratados na sessão. Esses trabalhos poderiam ser desenvolvidos durante as sessões, que poderiam passar a ser semanais, para haver mais tempo, ou desenvolvidos em casa, em conjunto com a família.

Todos os elementos concordaram com as propostas apresentadas, designadamente da alteração da periodicidade e horário das sessões e da realização dos trabalhos, tendo sido proposto, pela orientadora, que os trabalhos realizados fossem, posteriormente, expostos ao público. Todos os elementos se mostraram agradados e aceitaram o desafio.

4) Apresentação da tarefa a realizar em casa

Face às alterações introduzidas na actividade, a tarefa proposta para casa foi que pensassem, juntamente com os filhos, no tipo de trabalhos que poderiam realizar para posteriormente serem expostos.

5) Avaliação da sessão

NOME	COMO ME SENTI/COMO VIVI ESTA SESSÃO?GOSTEI? NÃO GOSTEI? PORQUÊ?
D. GLÓRIA	“Gostei porque ouvimos as opiniões dos outros e pensei no tipo de mãe que sou. Acho que sou uma mãe “deixa tudo”, mas já estou a mudar.”
SR. JOAQUIM	“É bom porque pensamos com a ajuda dos outros e pensamos “se eu fizesse assim ou assado era melhor (...)”.
F.	“Gosto muito de estar aqui. Podíamos estar até à noite pois tínhamos sempre o que conversar. Gosto de ver os casos de uns para os outros. Assim aprendemos mais”.
Gr.	“Eu sinto-me muito bem porque conversamos sobre os nossos problemas e aprendemos sempre mais.”
M.	“Gostei, senti-me muito bem. Falamos e rimos e vemos que os problemas são parecidos e que os nossos filhos também são parecidos (...)”
G.	“Foi a 1.ª vez que vim e gostei muito. A minha mulher já tinha dito que ia ser bom e que me ia fazer bem e eu concordo. É pena ela estar doente. Ficamos mais libertados através das conversas e troca de opiniões com as outras pessoas”.
C.	“É bom, damos opiniões e as pessoas ouvem-nos com respeito (...) e aprendemos com os outros”

Um dos elementos do grupo sugeriu que, na próxima sessão, se falasse sobre a educação de antigamente, para verem que tipo de estilo educativo seria o dos seus pais. Todos os elementos concordaram com a sugestão.

Registo 4

4.ª Sessão

Data: 31 de Maio de 2012

Participantes: D. Glória, Sr. Joaquim, F, Gr, M, C, G, A.

Objectivos gerais:

- Reflectir acerca da existência de diferentes estilos parentais;
- Reflectir sobre a forma como a educação e as ligações à família de origem influenciam as práticas educativas parentais.
- Promover a interacção e o conhecimento intergruppal.

Objectivos específicos:

- Cada participante deverá ser capaz de reflectir sobre o tipo de educação que teve e posicionar-se, criticamente, face ao estilo educativo adoptado pelos pais.

Estratégias:

- Realização de exercícios de dinâmica de grupo e role-playing.

Descrição da sessão:

- 1) Recapitulação da sessão anterior
- 2) Reflexão/discussão sobre a tarefa proposta para casa
- 3) Exercício de dinâmica de grupo “Pensando sobre a nossa educação”
(adaptado)
- 4) Role-playing
- 5) Apresentação da tarefa a realizar em casa
- 6) Avaliação da sessão

Desenvolvimento da sessão:

- 1) Recapitulação da sessão anterior

Todos os elementos estiveram muito conversadores, participativos, recordando com muita facilidade os diferentes estilos parentais existentes, identificando, mais uma

vez, qual o seu estilo predominante, sendo notório que partilharam com a família, em casa, os conteúdos abordados na sessão.

“F” – Estivemos a ver com que tipo de pai ou mãe nos identificávamos mais

“G” – Pois foi, eu sou o bom e o médio, mas ainda tenho que melhorar muitas coisas

Apresentam-se mais reflexivos e mais conscientes da necessidade de repensarem algumas das suas práticas.

2) Reflexão/discussão sobre a tarefa proposta para casa

Todos os elementos continuam bastante expectantes quanto à possibilidade de poderem expor os trabalhos realizados.

Trouxeram várias sugestões que, de acordo com os relatos, pensaram em conjunto com os filhos. Assim, sugeriram que se fizessem colagens com os diferentes materiais que foram sendo disponibilizados para as tarefas de casa; cartazes com mensagens, e faixas em tecidos com mensagens sobre o que é ser mãe/pai.

Sob o olhar atento e admirado de todos os colegas, o Sr. Joaquim, surpreendeu trazendo consigo um trabalho feito com papel, designadamente um com várias flores, trabalho ele fez, em casa, com os filhos. “Ora aqui está o 1.º trabalho para a exposição. Fiz com os meus filhos” (Sr. Joaquim).

Este momento foi particularmente importante: o Sr. Joaquim e a D. Glória estavam extremamente orgulhosos explicando que o trabalho tinha sido realizado, pelo pai, em conjunto com os dois filhos mais novos. “O mais pequenino é quem gosta mais de acompanhar o pai” (D. Glória); dantes fazíamos muito disto, e agora foi importante voltar a fazer; também fazíamos flores mais pequeninas; (...) são momentos bons” (Sr. Joaquim).

3) Exercício de dinâmica de grupo “Pensando sobre a nossa educação”

Objectivos:

- Partilhar vivências
- Recordar os principais aspectos sobre a educação que tiveram

Descrição do exercício:

Cada elemento deve responder às seguintes perguntas: “*Como é que vos educaram?*”; “*Hoje, como pais e mães, como é que vocês educam os vossos*

filhos?". Valoriza-se que os participantes tragam as suas experiências pessoais para este debate.

NOME	Vivência
D. GLÓRIA	<p>“A minha educação foi má. O meu pai batia-me. Obrigava-me a trabalhar. Chegava a casa e pimba. Acho que dantes os pais não tratavam os pais com muito carinho, agora temos que fazer diferente. Agora sou diferente, sou amiga deles. Ainda ontem estivemos a falar com o nosso filho por causa da escola. Agora é só conversar. O meu homem também já não bate (...)”</p>
SR. JOAQUIM	<p>“A minha educação era trabalhar, trabalhar e trabalhar. Desde os 9 anos que trabalho. E levava muitas. Agora é diferente, mas de vez em quando também é preciso “dar tatau”, miminhos e tatau... (...)”</p>
F.	<p>“Os meus pais não eram maus. O meu pai não batia, mas chateava muito; Fiz a 4.^a classe, fui trabalhar com 11 anos. O mais importante que me ensinaram foi que nunca se rouba. Agora é diferente porque os trabalhos da escola estão sempre em primeiro lugar. Dantes tínhamos que deixar a escola para ir trabalhar. Os meus filhos têm muito mais liberdade do que eu. Mas quando não têm trabalhos, ajudam-me em casa”</p>
A	<p>“Nós tínhamos prisão: a minha mãe não me deixava sair de casa. Não ia ao café. A primeira vez que entrei numa discoteca tinha 19 anos. Eles davam conselhos sobre as más companhias. O meu pai era muito áspero, não batia mas dava um berro e nós estávamos logo em sentido. Para bater era mais a minha mãe. Mas agora os tempos são diferentes, o mundo está diferente (não sei se para melhor ou pior...), mas temos que ter mais cuidado com os filhos, orientá-los para irem por bons caminhos. Se batermos ou berrarmos eles pode ficar mais zangados e ainda fazem pior...”</p>
Gr.	<p>“A minha educação foi levar porrada. Eu ia com as minhas colegas, às vezes chegava tarde. Tinha um pau atrás da porta... não me deixava sair. Por ele “as mulheres, ao sol posto é em casa” ou “as mulheres são como as galinhas, às 5h têm que estar no poleiro”. Agora com os meus filhos é diferente, não levam porrada como eu levava e a minha filha vai ter mais liberdade do que a que eu tive, não vale a pena prendê-los nem bater, isso só traz mais problemas depois no futuro”</p>
M.	<p>“A minha educação foi boa (ironia)... era porrada e trabalhinho... Agora deixo os meus filhos fazerem o que eles querem. Eles, às vezes, acompanham-me no trabalho, mas eu não mando, eles é que querem ir. Bater, às vezes ofereço, mas depois passa em branco. Só digo que bato, mas não bato. Hoje os tempos são outros, temos que evoluir”.</p>
C.	<p>“O meu pai era muito mau. Deus me livre dos meus filhos passarem o que eu passei. Até fugiam. Eu sou muito diferente. Nós queríamos sair com o namorado e o pai não deixava (...)”</p>
G.	<p>“Fui criado conforme calhou. O meu pai foi preso. A minha criou-nos no medo para não sermos como o meu pai. Dava-nos uns estalos bem dados.</p>

	<p>Agora estamos noutro tempo. Agora os pais querem os filhos com desejo, por isso damos-lhes mais carinho. Tentamos desviá-los dos maus caminhos. Pomos as regras em casa mas não sabemos o que fazem cá fora. Tenho um agora que come cigarros. Damos conselhos, eu estou sempre a berrar com eles. Tenho um pau de marmeleiro que de vez em quando funciona...”</p> <p>Os meus filhos são todos amorosos mas o mais velho, é um homem, nem parece deste tempo (...)</p>
--	--

Este exercício proporcionou a ocorrência de momentos de grande partilha, de nostalgia e de reflexão. Concluimos, que, não obstante a importância de alguns dos valores veiculados pelos pais dos participantes, a forma como os mesmos eram impostos, não seria a mais adequada. Neste seguimento, reflectimos acerca da importância de valorizar práticas educativas que priorizam o diálogo em detrimento dos castigos físicos (ficou decidido que, numa sessão posterior, abordaríamos, mais especificamente, a questão dos castigos) e que respeitam os direitos e deveres dos filhos e dos pais. Concluimos que os tempos são diferentes, logo a educação tem também que ser diferente.

4) Role-playing

No seguimento do exercício anterior, para fomentar a reflexão crítica sobre o estilo educativo de cada um e sobre os aspectos que poderiam ser melhorados foi pedida a colaboração a duas pessoas que deveriam assumir o papel de um dos seus filhos e imaginar-se no futuro (passados 20 anos).

Assumindo esse papel, deveriam responder à seguinte questão: Como consideram que foi a educação dada pelo vosso pai/mãe?

Voluntariaram-se, para a realização deste exercício os elementos “F” e a D. Glória.

“F” (Filha com cerca de 35 anos)

“Acho que a educação que a minha mãe me deu foi uma boa educação (...) se calhar ela devia ter falado comigo sobre certos assuntos que ela não falava. Às vezes não queria mandar e mandava-me ter com o meu pai. Eu perguntava, por exemplo, ó mãe, posso ir à festa da espuma? E ela dizia, não sei, fala com o teu pai...Gostava que ela decidisse mais, que falasse mais comigo (...).”

“D. Glória” (Filho com cerca de 30 anos)

“A minha educação foi boa, mas a minha mãe deixava, muitas vezes, que eu e os meus irmãos fizéssemos tudo o que queríamos e o meu pai chateava-se com isso. Isso fez com que fizéssemos algumas asneiras... (...); a minha mãe podia ter sido menos “galinha”.

Apesar de inicialmente estarem um pouco inibidas, rapidamente encarnaram as personagens. Este momento foi importante e constitui o mote para todos os elementos, poderem reflectir acerca da forma como educam os filhos e as mudanças que poderiam fazer.

5) Apresentação da tarefa a realizar em casa

Considerando os temas que têm sido abordados nas várias sessões, devem reflectir acerca das características que, na opinião de cada um, um bom pai/boa mãe devem possuir.

6) Avaliação da sessão

NOME	COMO ME SENTI/COMO VIVI ESTA SESSÃO?GOSTEI? NÃO GOSTEI? PORQUÊ?
D. GLÓRIA	“Gostei muito. Vamos aprendendo com os outros e assim (...) Foi giro fazer como se fosse o meu filho. Isto põe-nos que pensar...”
SR. JOAQUIM	“Gostei muito de pensar sobre a minha vida e sobre a minha família (...) A pensar, vemos que se calhar é coisas que podemos mudar”
F.	“Gostei, gosto muito de aprender coisas novas, com as outras pessoas. Hoje fiquei abasbacada com a surpresa do Sr. Joaquim. É espectacular as flores que ele fez com os filhos. Vamos fazer uma exposição gira (...). Também acho que foi giro representar como se fosse a minha filha mais velha (...)”
G.	“Hoje estou muito alegre e bem divertida. Falar com os outros deixa-me melhor (...) Pensar nisto dos filhos dá trabalho, mas é bom. Já estou aqui a pensar num trabalho giro para fazer com os meus filhos, vai ser bem giro. Vou tentar ganhar às flores do Sr. Joaquim...”
M.	“Gostei hoje de pensar mais um bocadinho sobre os tipos de pais. Sobre os nossos pais...É engraçado falar sobre estas coisas com outras pessoas, estamos à vontade e partilhamos coisas...”
A	“ Eu gostei muito. Pensar no antigamente é bom, porque às vezes caímos no erro de querermos ser como antigamente, mas não pode ser (...)”
G.	“Gostei muito. Sinto-me muito aliviado de poder conversar sobre estas coisas. Foi bom recordar os nossos pais e pensar que agora tem que ser diferente. Nunca tinha pensado que quando se fala as coisas parecem menos más e mais fáceis de resolver”
C.	“Eu gostei muito, não sei explicar bem, mas é bom falar com as pessoas. Parece mais fácil e é divertido contar histórias sobre os nossos filhos e as traquinices que fazem”.

Registo 5

5.ª Sessão

Data: 14 de Junho de 2012

Participantes: D. Glória, Sr. Joaquim, F, Gr, M, G, A

Faltou “C” devido a problemas de saúde

Objectivos gerais:

- Reflectir acerca das características de um bom pai/mãe
- Promover a interacção e o conhecimento intergrupual.

Objectivos específicos:

- Cada participante deverá ser capaz de identificar algumas características que devem estar presentes para ser um bom pai/mãe
- Cada participante deverá ser capaz de entender que ser pai/mãe é um processo em construção

Estratégias:

- Realização de exercícios de dinâmica de grupo

Descrição da sessão:

- 1) Recapitulação da sessão anterior
- 2) Reflexão/discussão sobre a tarefa proposta para casa
- 3) Registo das reflexões realizadas
- 4) Realização de um trabalho para a exposição
- 5) Apresentação de casos práticos
- 6) Apresentação da tarefa a realizar em casa
- 7) Avaliação da sessão

Desenvolvimento da sessão:

- 1) Recapitulação da sessão anterior

Todos os elementos estiveram participativos, bem-dispostos e muito comunicativos uns com os outros. Gerou-se um momento de grande diálogo, através do qual foi perceptível, mais uma vez, que há partilha de informações com os filhos e com

outros elementos da família e que os pais/mães apresentam uma postura mais reflexiva acerca do seu papel.

2) Reflexão sobre a tarefa proposta para casa

NOME	PERFIL/ CARACTERÍSTICAS DE UM BOM PAI/BOA MÃE
D. GLÓRIA	Conversar Apoiar/acompanhar nos trabalhos de casa Castigar quando for preciso. Bater não.
SR. JOAQUIM	Dar mimos, mas também por regras Não se pode deixar fazer tudo aquilo que eles querem
F.	Dar bons conselhos Estar presente e apoiar Brincar com eles
Gr.	Brincar Ensinar como é a vida Dar castigos quando for preciso
M.	Procurar nunca bater Ser carinhoso
G.	É preciso saber educá-los Motivá-los a ir à escola e à doutrina
A	Temos que os orientar para a vida Dar conselhos Ensinar o que está mal

Este exercício suscitou, mais uma vez, várias reflexões que se prendem com o facto de devermos considerar que ser pai e mãe é um processo em construção permanente. Esta ideia é fundamental no sentido de fazer os pais entenderem que é difícil corresponder totalmente ao perfil que foi apresentado por eles e que, o mais importante é tentarem dar o seu melhor, reflectirem acerca das suas escolhas e tentar melhorar a cada dia. Devemos portanto ter presente que, nem sempre agimos da maneira mais adequada, mas o importante é reconhecermos isso, e estarmos atentos a nós próprios e disponíveis para a mudança.

3) Registo das reflexões realizadas em conjunto, após debate sobre os contributos trazidos de casa:

Um bom pai/uma boa mãe:

- Ouve os seus filhos, não berra e não bate
- Castiga quando for preciso, mas com cuidado
- É meigo e brinca com os filhos
- Fala aos filhos sobre a importância da escola

- Está presente nos bons e nos maus momentos para apoiar os filhos

Um mau pai/má mãe:

- Bate aos filhos
- Contradiz o que o outro (pai ou mãe) mandou
- Não respeita e não ouve os filhos

4) Realização de um trabalho para a exposição

Com base nos exercícios anteriores, propôs-se a construção de um cartaz com as principais características que, de acordo com as reflexões realizadas na sessão, um pai/mãe deve ter.

Durante a realização do cartaz estiveram todos muito empenhados e participativos. Facilmente se organizaram para definirem quem escrevia e quem ia dizendo as características, uma vez que nem todos sabem ler e escrever. Preocuparam-se em realizar um trabalho colorido, com o máximo de frases possível, evidenciando muito orgulho com o resultado obtido.

5) Apresentação de casos práticos para serem debatidos em grupo

Por sugestão de um dos elementos do grupo, após a realização do trabalho para a exposição, poderiam apresentar casos práticos sobre algum problema ou dúvida em particular, para, com a ajuda do grupo reflectir sobre o mesmo.

“F” apresentou uma situação que se prende com o sucesso educativo dos filhos: “O meu filho não passou. Acho que amanhã ele já não vai à festinha. Para mim foi uma desilusão. Mas a culpa também foi da professora.”

Face a este exemplo, foi lançada pela orientadora a seguinte pergunta/reflexão: Numa situação de reprovação, o que fazer. Qual o papel dos pais? Como tentar fazer diferente no próximo ano lectivo.

Reflexões:

“Bater não resolve nada!” - “Gr”

- “Pois, claro, se ele não passou vamos bater para quê? O mal já está feito...” – “G”
- “Eu disse ao meu filho: agora que vais reprovar, durante as férias vais ler, para treinar a leitura. (Pois eu acho que a leitura é fundamental) – “F”
- “Estas coisas da escola são complicadas, a minha apanha uma bola e não vê mais nada. Depois distrai-se e tira más notas...” – “M”
- “ Temos que lhes dizer que a escola é importante, para tirar a carta de condução e que para trabalhar em qualquer coisa é preciso saber ler e escrever” – “D. Glória”
- “Nas férias vou negociar. Se quer brincar, primeiro tem que estudar x tempo” – “F”
- “O meu filho quer ser jogador, mas eu já lhe disse: oh, meu filho, tens que estudar para seres jogador” – “M”
- “Eu digo aos meus filhos que tenho desgosto de não saber ler, mas quero que eles tenham um destino diferente” – “A”
- “Eles têm que se aplicar e nós temos que os apoiar” – D. Glória
- “ Na escola levava muito, agora é diferente” – Sr. Joaquim

Assim, para lidar com a situação exposta, foram definidas, em conjunto, as seguintes estratégias:

- Negociar o tempo de estudo
- Leitura em conjunto
- Falar sobre a importância da escola (“ É importante para ler as legendas, para andar na estrada. Se não se souber ler, não se sabe estar no mundo” – “G”)
- Acompanhar, falar com os professores (“Se eu tivesse acompanhado mais o meu filho, tinha sido diferente” – “G”)
- Quanto mais explicarmos aos filhos e falarmos melhor.

Face a estas reflexões, considerando que a maioria dos elementos que constituem o grupo têm baixo nível de escolaridade, apresentando muitas dificuldades ao nível da leitura e da escrita, foi proposto que apontassem algumas estratégias que podem ser utilizadas pelos pais com estas dificuldades, para que consigam, também, acompanhar o percurso escolar dos filhos.

Sugestões:

- Pedir ajuda aos irmãos mais velhos
- Pedir apoio aos vizinhos
- Ver se os cadernos estão limpos e se a letra é bonita

- Pedir apoio a uma explicadora
- Falar com o director de turma e explicar as dificuldades

6) Apresentação da tarefa a realizar em casa

Considerando a sugestão de um dos elementos de, na próxima sessão, podermos debater mais casos práticos, a tarefa proposta, foi de pensarem nas dificuldades que cada um sente no seu papel de pai e mães e trazer mais casos práticos para debate.

7) Avaliação

NOME	COMO ME SENTI/COMO VIVI ESTA SESSÃO?GOSTEI? NÃO GOSTEI? PORQUÊ?
D. GLÓRIA	“Gostei. Agora vou estar cada vez mais preparada para lidar com os problemas. E vou pensar para trazer mais situações. Pensar todos juntos é mais fácil (...).Não vamos dar aos nossos filhos o que nós passamos. Como não sei ler nem escrever os meus filhos costumam enganar-me com os trabalhos de casa e assim, mas agora vi que há coisas que eu posso ver, mesmo sem saber ler e escrever (...)”
SR. JOAQUIM	“Eu gosto muito destas reuniões, mas não sei bem explicar. Aprendemos coisas e estamos por dentro dos assuntos. Estes casos das nossas vidas são importantes. Parece muito fácil, cumprir as frases que escrevemos no cartaz, mas não é nada fácil. É preciso andar sempre a pensar”.
F.	“Foi bom, porque temos dificuldades. Ao conversar resolve-se casos que nós nunca pensávamos. Se a gente não se juntar, não fala com as pessoas. Às vezes fulano, tem o mesmo problema e falando sobre as coisas é mais fácil. Gostei de escrever na cartolina as sugestões dos colegas, agora temos é que por em prática, não podemos andar sempre só nas ideias...”
Gr.	“Gostei, hoje estou muito alegre. Escrevi o meu nome bem escrito no cartaz. Foi bom pensar no que é ser bom pai e boa mãe. É bem verdade que ninguém nasce ensinado. Aprendemos todos os dias e aqui temos aprendido muito uns com os outros”
M.	“Gostei muito. Vemos em conjunto como podemos fazer melhor para ajudar os nossos filhos”.
G.	“Eu gosto de cá estar, de falar, de conviver. Estamos à vontade, partilhamos.

	É quase como ir ao médico, tomar um comprimido e ficar melhor. Assim, estamos mais actualizados. Temos oportunidade de comunicar com as pessoas”.
A	“ Eu hoje ainda gostei mais porque foi mais prático. Conversamos, pensamos em grupo, escrevemos as coisas, foi muito bom”.

ANEXO 15

Desenvolvimento da acção “Nós, em casa”

Nota: O desenvolvimento desta acção contempla também algumas das visitas domiciliárias registadas no âmbito da operacionalização da acção “Obras na Quinta da Boavista”, na medida em que as acções estão, inevitavelmente, ligadas tendo alguns objectivos em comum.

Registo 1:

DIA - LOCAL	27/04/2012 - Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (17h00 – 18h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Joaquim;
OBJECTIVOS	Reflectir sobre a 1.ª sessão da acção “Conversas entre pais e mães”
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	<p>O casal estava bastante entusiasmado, principalmente a D. Glória com as sessões: “Oh, menina, nunca pensei que pudesse ser tão bom. Saímos de casa, conhecemos outra gente, falamos sobre os nossos problemas, é uma maravilha”.</p> <p>“Chegámos a casa e dissemos que tivemos uma reunião para falar dos filhos. Eles começaram-se a rir, mas disseram que devia ser fixe”. – Sr. Joaquim</p> <p>A D. Glória informou, orgulhosa, sobre o acordo que tinham feito em relação à utilização da televisão.</p> <p>Referiu que, apesar do Márcio levantar alguns problemas, pois considera que pode ver televisão até mais tarde que os irmãos, contudo estão a cumprir de forma satisfatória.</p> <p>O Bruno estava muito contente pois, apesar do teste de matemática não ter corrido muito bem “saiu muita matéria que eu não sabia que ia sair”, fizeram “um brilharete” na aula de português ao mostrarem à professora que, conforme tinha sido definido para trabalho de casa, escolheram um poema cuja leitura treinaram em casa. Recitaram o poema na aula.</p> <p>Bruno: “A professora nem queria acreditar”; “O meu poema foi o melhor”; “O do meu irmão também correu bem,</p>

	<p>nem gaguejou...”</p> <p>A D. Glória contou como os dois menores tinham estado a treinar no dia anterior a leitura dos poemas em casa e a estudar para o teste de matemática. “ Oh menina, foi tão bonito vê-los a ler o poema, o meu Cristiano tinha algumas dificuldades, mas depois de treinar já lia muito melhor”; “</p> <p>Quanto à tarefa para casa, já pensamos todos, mas é muito difícil. O mais pequeno e eu achamos que tem a ver com quando se solta um papagaio é uma alegria e quando estamos com os filhos, estamos felizes também e quando os vemos brincar também é bom”. “Parece-me que estão no bom caminho...” desafiei. (...)</p> <p>“As coisas agora estão a correr melhor, eles têm estudado, mais, falamos mais sobre a vida, sobre tudo...” – D. Glória.</p>
REFLEXÕES	<p>O casal revela empenho e satisfação pela participação na acção “Conversas entre pais e mães”, evidenciando, desde logo, que a sua participação já introduziu, na família, assunto para discutirem em conjunto. Perspectivam o futuro de uma forma mais risonha, considerando que a situação sociofamiliar tem melhorado.</p>

Nota: Consultar também o Anexo 12, registo 5, 10/05/2012.

Registo 2:

DIA - LOCAL	25/05/2012 - Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (17h00 – 19h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Joaquim; Sr. Ismael
OBJECTIVOS	Avaliar a percepção da família em relação à existência de mudanças
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	<p>Estavam os três elementos num ambiente bastante harmonioso. Quando lhes perguntei se a vida tem corrido melhor, se notam que efectivamente o trabalho que temos vindo a desenvolver tem trazido algumas mudanças, responderam muito rapidamente: “ Oh, menina, então não? A nossa vida está melhor, sem dúvida. E quando as obras começarem ainda vai ficar melhor (...) ”</p> <p>“Está diferente, para melhor. Já não somos chamados à escola para ouvir queixas. Só a mulher é que ainda mente muito para os (referindo-se aos filhos) encobrir (...) ” Nós bem falamos sobre isto na reunião anterior (referindo-se à 2.ª sessão da acção 2 do projecto), mas ela é sempre a mesma (...)”</p> <p>A D. Glória defendeu-se dizendo “oh, menina eu já sei que tenho que mudar, como nós falamos lá com os outros pais, mas também não é fácil, eu estou a tentar (...) ”</p> <p>Sr. Ismael - “ Está tudo mais calmo, os meninos portam-se melhor. O Joaquim anda mais calmo e estamos melhor”</p> <p>Relativamente ao desafio trazido na última sessão, não se alongaram muito: “você vai ver o que vamos fazer, até nem vai acreditar” (Sr. Joaquim); “ Foi muito boa a ideia de “F” para fazermos os trabalhos. Estamos a preparar uma surpresa...” (...) (D. Glória).</p>
REFLEXÕES	É notória uma maior comunicação entre os elementos da família, maior consciência da necessidade de mudança e

	maior capacidade reflexiva relativamente às práticas e à necessidade de assumir responsabilidades pessoais no processo de mudança. Continuam a evidenciar satisfação pela acção, utilizando as informações veiculadas nas sessões de uma maneira útil para o dia-a-dia da família.
--	--

Registo 3:

DIA - LOCAL	30/05/2012 - Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (17h00 – 19h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Joaquim; Cristiano
OBJECTIVOS	Avaliar a percepção da família em relação à existência de mudanças Perceber o motivo da desistência do menor Cristiano relativamente à acção “Aprender Mais”
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	O casal ficou bastante surpreendido quando souberam que o menor não tem comparecido às sessões da acção “Aprender Mais” e que tem faltado às aulas. “Como vimos lá com os outros pais, temos que falar com ele, mas bater não adianta.” (D. Glória). Apesar de ter ficado um pouco furioso com o comportamento do menor o Sr. Joaquim acabou por admitir que efectivamente, bater não seria a solução mais correcta “Pois, o mal já está feito...pra que serve bater? Mas ele vai ter que explicar direitinho o que se passa e vai ter que levar outro castigo (...)” Estivemos a conversar com o Cristiano. O jovem afirmou que deixou de frequentar a acção e começou a faltar às aulas porque os amigos lhe disseram que já não ia passar de ano “Eles disseram que eu não ia passar, então não vale a pena

	<p>andar a ter trabalho”.</p> <p>Depois de um trabalho de sensibilização do jovem para a importância de retomar a participação nas sessões e nas aulas, na medida em que não havia qualquer indicação que não fosse transitar de ano, inclusive os professores estavam bastante agradados com as melhorias que tanto ele como o irmão, estavam a mostrar.</p>
REFLEXÕES	<p>O casal apresenta maior cumplicidade, maior capacidade de diálogo com os filhos e maior ponderação ao nível das práticas educativas, repensando alternativas para os castigos físicos.</p>

Registo 4:

DIA - LOCAL	31/05/2012 - Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (17h00 – 19h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Joaquim.
OBJECTIVOS	Apoiar na definição de estratégias para a resolução de problemas
ESTRATÉGIA	Conversa intencional
OBSERVAÇÕES	Informei que o menor não compareceu à sessão conforme tinha sido acordado. Face a esta situação a D. Glória sugeriu que contactássemos o director de turma no sentido de perceber se ele foi às aulas. “Estivemos a falar com ele, com calma, e ele prometeu que ia mudar, mas pelos vistos...” (Sr. Joaquim). “ó homem, mas não vais bater como dantes, não vale a pena. Vamos falar com o director e logo se vê. Agora no fim, já falta tão pouco e ele andava a portar-se tão bem...Será que ele ainda passa?” Reforcei que a sugestão de reunirmos com o director de turma me parece muito adequada e reforcei a importância de procurarem conversar com o Cristiano em detrimento de o castigar fisicamente.
REFLEXÕES	O casal continua a evidenciar maior cumplicidade, maior capacidade de diálogo com os filhos e maior ponderação ao nível das práticas educativas, mostrando responsabilidade e maior preocupação relativamente ao percurso educativo.

Nota: Consultar também o Anexo 12, registo 8, 19/06/2012.

ANEXO 16

Desenvolvimento da acção “Aprender
Mais” (sessões no domicílio)

Registo 1

DIA - LOCAL	23/01/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Final da tarde (17h00 – 18h15)
ELEMENTOS PRESENTES	Bruno; Cristiano; D. Glória; Sr. Ismael
OBJECTIVOS	Apoiar o estudo
OBSERVAÇÕES	Os menores estiveram a realizar os trabalhos de casa das disciplinas de ciências da natureza e inglês. Tentei, sempre que possível, utilizar exemplos práticos, associados ao dia-a-dia dos jovens no sentido de os elucidar acerca da importância dos conteúdos e da sua aplicabilidade no futuro. A D. Glória e o Sr. Ismael também estavam presentes na cozinha, sempre muito atentos ao trabalho que estava a ser desenvolvido, às capas dos livros, mas sem intervir directamente.
REFLEXÕES	O Bruno demonstra muito mais empenho e força de vontade em subir as notas do 1.º período do que o Cristiano que continua a evidenciar pouco interesse pelas aprendizagens escolares.

Registo 2

DIA - LOCAL	06/02/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (15h00 – 17h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Bruno
OBSERVAÇÕES	Conforme combinado a visita de hoje tinha como principal objectivo estar algum tempo com a Bruno e com o Cristiano no sentido de explorar um pouco mais a sua perspectiva em relação à escola e prestar apoio educativo para o

	<p>teste de inglês. Ao contrário do que estava previsto apenas o Bruno se encontrava em casa. O Cristiano tinha ficado na escola a brincar. “A minha mãe disse que era para ele vir, mas ele não quis...” afirmou o Bruno.</p> <p>Começamos por abordar um pouco a questão da escola.</p> <p>Referiu, mais uma vez, que os professores são pouco compreensivos e que a escola não é muito interessante. Quando lhe perguntei como considerava que essa situação poderia ser alterada, manteve-se em silêncio, dizendo posteriormente que não sabia.</p>
REFLEXÕES	<p>O Bruno revela-se um jovem bastante conversador, interessado e aplicado quando efectivamente sente que está a ser compreendido e que as suas opiniões estão a ser valorizadas.</p> <p>Mostrou-se extremamente aplicado e interessado no estudo, evidenciando igualmente boas capacidades de aprendizagem e mobilização de conhecimentos.</p>

Registo 3

DIA - LOCAL	13/02/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (16h00 – 18h00)
ELEMENTOS PRESENTES	Bruno; Cristiano; D. Glória.
OBSERVAÇÕES	<p>Conforme combinado desloquei-me à habitação para prestar apoio ao estudo ao Bruno e ao Cristiano para o teste de ciências.</p> <p>Apesar de pouco motivados inicialmente, acabaram por estar bastante aplicados e evidenciar capacidade de mobilização de conhecimentos, principalmente o Bruno.</p> <p>A D. Glória foi dando alguns contributos sobre a matéria que os jovens estavam a estudar (tipos e constituição das</p>

	plantas), mostrando-se muito orgulhosa por poder contribuir com os seus conhecimentos. Mais uma vez tentou-se demonstrar aos jovens a importância das aprendizagens para a vida quotidiana.
REFLEXÕES	Apesar de evidenciarem uma resistência inicial, os jovens rapidamente “engrenam” na realização das actividades, evidenciando, posteriormente, bastante capacidade e empenho. Denota-se a existência de maiores dificuldades por parte do Cristiano, designadamente ao nível da escrita e da compreensão dos textos. Ambos evidenciam também pouca criatividade e dinamismo na forma como realizam as tarefas. Nesta visita verifica-se um maior esforço por parte da D. Glória em acompanhar os menores na realização de tarefas.

Registo 4

DIA - LOCAL	15/02/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (17h00 – 19h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Bruno; Cristiano
OBSERVAÇÕES	A D. Glória esteve também presente, mostrando-se bastante interessada e empenhada em inteirar-se das tarefas que os filhos tinham para fazer e do seu desempenho. Os jovens estavam um pouco apáticos, com pouca vontade em estudar, contudo no decorrer do tempo, foram mostrando mais empenho na realização dos trabalhos. Ao contrário do que tem vindo a acontecer o Cristiano estava bastante mais participativo e envolvido do que o Bruno.
REFLEXÕES	Apesar de realizarem os trabalhos e evidenciarem agrado pelo acompanhamento que tem vindo a ser prestado, continuam a evidenciar pouco interesse pela escola. Mais uma vez, é notório um maior envolvimento por parte da mãe.

Registo 5

DIA - LOCAL	22/02/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (17h00 – 19h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Bruno; Cristiano
OBSERVAÇÕES	Mais uma vez a D. Glória fez questão em estar presente e mostrou-se bastante interessada em perceber quais os trabalhos que os menores tinham que realizar, afirmando que “eles agora estudam mais, o pai também está muitas vezes à beira deles”.
REFLEXÕES	O Bruno e o Cristiano revelam uma crescente abertura relativamente às aprendizagens. Verifica-se um maior investimento da parte do Bruno.

Registo 6

DIA - LOCAL	27/02/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (17h30 – 19h00)
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória; Sr. Joaquim; Sr. Ismael; Bruno; Cristiano
OBSERVAÇÕES	Todos os elementos estavam presentes na habitação. A D. Glória estava também bastante animada, dizendo, orgulhosa, que o Bruno teve 71% no teste de história. Foi fundamental desde logo valorizar este aspecto, dando os parabéns e reforçando a importância de continuar assim. Relativamente ao Cristiano, tirou 34%. Foi também importante reforçar que o jovem tem capacidades “tens que estudar um bocadinho mais para a próxima, eu tenho a certeza que vais conseguir”, referi. O jovem respondeu “pois, a professora disse que se notou que eu estudei, mas eu

	troquei as respostas todas, senão tinha tirado positiva, que a professora disse” (...).
REFLEXÕES	É notória a evolução que a família tem demonstrado ao nível da capacidade de diálogo sobre as situações e problemas e ao nível do acompanhamento aos menores. Estão cada vez mais disponíveis para conversar, rapidamente se reúnem para falarmos, estão mais alegres e mais comunicativos.

Registo 7

DIA - LOCAL	15/03/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (17h30 – 19h00)
ELEMENTOS PRESENTES	Bruno; Cristiano
OBSERVAÇÕES	Apoio educativo na realização dos trabalhos de casa e no estudo para os próximos testes.
REFLEXÕES	Os menores apresentam-se mais interessados e empenhados, muito em função de estarem a melhorar em termos dos resultados escolares.

Registo 8

DIA - LOCAL	21/03/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (17h30 – 19h00)
ELEMENTOS PRESENTES	Bruno; Cristiano; D. Glória
OBSERVAÇÕES	Apoio educativo na realização dos trabalhos de casa e no estudo para os próximos testes.

	Mais uma vez a D. Glória fez questão em estar presente, referindo que o Sr. Joaquim também tem estado mais presente, acompanhamento os menores no estudo “oh, menina, nós não sabemos ler, mas o pai fica ao lado a ver se eles estudam”
REFLEXÕES	O Cristiano apresenta um comportamento muito instável, ora está bastante empenhado, ora desqualifica completamente a importância dos estudos. Por outro lado, o Bruno apresenta uma postura cada vez mais responsável, estando bastante empenhado em subir as notas. Os pais estão mais envolvidos.

Registo 9

DIA - LOCAL	11/04/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Tarde (16h00 – 18h00)
ELEMENTOS PRESENTES	Bruno; Cristiano; D. Glória
OBSERVAÇÕES	Conversa sobre as notas do 2.º período. O Bruno teve 2 negativas (matemática e ciências), ou seja, consegui levantar as notas e o Cristiano teve 5 (ciências, matemática, língua portuguesa, inglês, história/geografia), as mesmas que tinha tirado no período anterior. Apesar de não ter melhorado o aproveitamento escolar, o Cristiano afirmou: “Eu também vou conseguir levantar algumas negas e passar de ano”. O empenho dos jovens foi reforçado, tendo sido combinado que o Cristiano iria tentar subir 4 das negativas (história, língua portuguesa, ciências e inglês) e o Bruno 1 (ciências).
REFLEXÕES	Ambos estão mais motivados para as aprendizagens escolares, conscientes da necessidade de estudarem mais para levantarem algumas das negativas, principalmente o Cristiano que, vendo a melhoria do irmão, aspira conseguir transitar de ano.

ANEXO 17

Desenvolvimento da acção “Aprender
Mais” (sessões grupais)

Registo 1

1.ª Sessão

Data: 18/04/2012

Presenças: Cristiano; Bruno e Rodrigo⁷

Objectivos da sessão

- Explicar o surgimento, objectivos e pressupostos da acção
- Consciencializar os participantes para a importância da acção
- Escutar as expectativas e sugestões dos participantes relativamente ao funcionamento da acção
- Apoiar na realização dos trabalhos de casa

Estratégia:

- Promoção do diálogo, valorizando a opinião e sugestões dos participantes
- Jogos lúdico-pedagógicos
- Utilização da internet como ferramenta educativa
- Exercícios de dinâmica de grupo

Desenvolvimento da sessão:

1) Acolhimento e apresentação da acção

Apesar de não fazerem parte da mesma turma os jovens já se conheciam da escola, pelo que não foi necessário proceder à apresentação.

A sessão iniciou-se com uma conversa acerca dos objectivos da acção. Os jovens estavam bastante animados “Vai ser fixe, acho boa ideia” (Cristiano); “Pois vai, e acho que vamos conseguir melhorar na escola. Assim é melhor do que estudar sozinho em casa” (Rodrigo); “Assim, vai ser mais fácil, levantar as negativas, como tínhamos falado” (Bruno)

2) Definição de alguns procedimentos relativos à operacionalização da acção

Foi proposto aos jovens que dessem sugestões relativamente ao funcionamento da acção, nomeadamente sobre a duração e sobre a forma como iríamos organizar a sessão.

⁷ Nome fictício

Foi definido que as sessões decorreriam das 14h30 às 16h30; em termos de organização da sessão, foi combinado que cada sessão seria definida em função das necessidades trazidas pelos jovens, devendo haver, em função dos objectivos da acção, tempo para reflectirmos acerca das aprendizagens escolares, acerca das vivências e do percurso dos jovens na escola, para a realização dos trabalhos de casa, para estudarem para os testes e para a realização de jogos. A parte final da sessão seria para avaliação, mediante a realização de um comentário individual de cada um dos participantes relativamente à sessão e outros aspectos que considerarem relevantes.

3) Exercício de dinâmica de grupo “Eu sou o...”⁸ (adaptado)

Objectivos:

- Promover a descontração e a autoconfiança
- Promover a criatividade

Descrição do exercício:

Os jovens devem apresentar-se, pronunciando o seu nome e inventando como apelido uma qualidade que possuam, relacionada com o desempenho na escola. O nome escolhido será o nome pelo qual serão tratados no decorrer das sessões.

Vivência

O exercício foi vivenciado com muita animação e descontração. Inicialmente todos os jovens responderam que não tinham quaisquer qualidades para poderem apresentar. No entanto, fomos conversando acerca das disciplinas que mais gostavam, as que tinham mais dificuldades, sobre o que mais gostavam de fazer na escola e foram efectivamente “descobrir” que possuíam várias qualidades. Após este impasse inicial, cada um dos jovens apresentou-se:

“ Eu sou o Cristiano Desenhador!”

“Eu sou o Rodrigo Bom a Inglês!”

“Eu sou o Bruno Leitor!”

Este exercício foi bastante importante, servindo de mote para valorizar as capacidades dos jovens, permitindo também promover a criatividade.

⁸ Alcántara, J. (1995). Como educar as atitudes. Lisboa: Plátano.

4) Reflexão: como correu o meu dia na escola...

Os jovens estiveram muito participativos e empolgados falando abertamente sobre como correu o dia e sobre as disciplinas que tiveram (...).

O Cristiano referiu que a aula de matemática tinha corrido muito bem e que “até era fixe”. Quando lhe perguntei o que tinha acontecido para ter mudado a sua opinião relativamente à aula de matemática respondeu “vou com mais vontade e é mais fixe. Agora também já tenho compasso e posso fazer os exercícios” (...).

O Rodrigo referiu que não gostava da disciplina de matemática, no entanto ia fazer um esforço por ser diferente “Não vou dizer nada à professora, mas vou mostrar que estou diferente”

5) Realização dos trabalhos para casa (TPC)

Aquando da realização dos TPC os jovens estiveram muito empenhados, trocando ideias sobre como estar atento e como gostar mais das aulas e ajudando-se mutuamente na realização dos trabalhos.

Estiveram a fazer pesquisas na internet para responderem a algumas das perguntas e a realizarem jogos *on-line* de inglês.

6) Avaliação da sessão

Embora não se alongando muito, todos afirmaram terem gostado muito da sessão, não apontando qualquer aspecto que pudesse ser diferente ou melhorado para a próxima sessão “Assim, tá fixe” (Bruno).

O Rodrigo referiu: “Gostei. Pesquisei coisas de inglês na net. Ajudei o Cristiano e estive a aprender. Assim é melhor do que estudar sozinho em casa.”

O Cristiano por sua vez afirmou: “Também gostei muito. Vocês ajudaram-me a fazer os TPC e aprendi a pesquisar na net.”

Registo 2

2.ª Sessão

Data: 19/04/2012

Presenças: Cristiano; Bruno e Rodrigo

Objectivos da sessão

- Apoiar na realização dos trabalhos de casa
- Desenvolver estratégias de estudo
- Fomentar o gosto pelas aprendizagens escolares

Estratégia:

- Promoção do diálogo, valorizando a opinião e sugestões dos participantes
- Exercícios de dinâmica de grupo

Desenvolvimento da sessão:

1) Como correu o meu dia na escola...

Na primeira fase da sessão, os menores falaram com bastante interesse sobre o dia de aulas e sobre as disciplinas que tiveram.

O Cristiano referiu que teve um dia muito bom porque aprendeu coisas novas na disciplina de EVT e verbalizou constantemente a vontade em recuperar as suas negativas: “Eu já estou mais aplicado, tenho que passar de ano”. Relativamente ao Bruno referiu “o dia correu da melhor forma, pois é o dia que tenho as minhas disciplinas preferidas: EVT e Educação Física” as outras são uma seca, não se aprende nada de jeito”; já o Rodrigo afirmou “o meu dia foi uma seca, porque não gosto das disciplinas de história e português (...)”. Neste momento foi fundamental ressaltar a importância de se aplicarem em todas as disciplinas em função do objectivo que todos têm que é transitar de ano.

2) Realização dos TPC

Durante a realização dos trabalhos de casa, o Cristiano apresentou algumas dificuldades na área da língua portuguesa, mas foi ajudado pelo irmão que prontamente se disponibilizou para o apoiar uma vez que já tinha realizado os seus trabalhos na escola. “Eu já fiz os meus na escola, assim fico com mais tempo para estudar para o teste.” Foi reforçado o empenho do jovem e a forma como tem mudado os seus hábitos de trabalho/estudo.

Notam-se, efectivamente, muitas dificuldades do Cristiano ao nível da língua portuguesa e pouco criatividade, que se reflectem em dificuldades na interpretação das perguntas.

Relativamente ao Rodrigo esteve pouco empenhado, distraíndo-se frequentemente e sempre afirmando não saber realizar as tarefas.

3) Exercício de dinâmica de grupo: “Se eu fosse o criador do mundo”⁹
(adaptado)

Objectivos:

- Promover a descontração
- Promover a criatividade e a capacidade de escrita

Descrição do exercício:

Os jovens devem fechar os olhos e imaginar como seria o mundo se cada um deles tivesse de criar um mundo novo. Após reflectirem, devem abrir os olhos e fazer uma pequena redacção com as suas ideias.

No final reflecte-se sobre as opções de cada um.

Vivência

Em termos gerais, os jovens demonstraram alguma criatividade e muita consciência crítica em relação aos problemas do mundo, escrevendo ideias como “não haveria poluição, havia mais agricultores para cultivar os terrenos abandonados” (Rodrigo); “o que eu mais gostava é que acabasse o álcool e as drogas e que ninguém passasse fome, nem dormisse na rua” que acabariam com as drogas e com o álcool (Cristiano); “os outros que não trabalham deviam trabalhar para comer (...) os outros que estragam deviam dar aqueles que não têm nada” (Bruno). A partilha destas ideias, gerou um debate muito rico, com os jovens a reflectirem que o que fazem neste momento e o investimento que fazem, nomeadamente na escola, vai reflectir-se no futuro, reforçando-se que cabe a cada um de nós tentarmos que o mundo seja um pouco melhor e mais justo.

Considerando que os textos produzidos tinham muitos erros ortográficos, como variante, neste exercício, foi introduzido um momento para a correcção conjunto dos erros. Os jovens gostaram muito desta variante, estando muito atentos relativamente aos erros dados e curiosos por saberem qual a forma correcta.

⁹ Alcántara, J. (1995). Como educar as atitudes. Lisboa: Plátano.

4) Avaliação da sessão

Todos expressaram muito agrado pela sessão. O Cristiano referiu que este acompanhamento “é melhor do que estarmos em casa, eu gosto muito pois estou a aprender mais coisas”.

Relativamente ao Bruno referiu “gostei muito. Aqui consigo estar mais concentrado e perceber mais fácil!”. Quanto ao Rodrigo reiterou a opinião dos colegas dizendo “preciso muito deste acompanhamento para aprender melhor”.

Registo 3

3.ª Sessão

Data: 26/04/2012

Presenças: Cristiano, Rodrigo e Bruno

Objectivos da sessão:

- Apoiar na realização dos trabalhos de casa
- Desenvolver estratégias de estudo
- Fomentar a importância das aprendizagens escolares

Estratégias:

Promoção do diálogo, valorizando a opinião e sugestões dos participantes

Utilização da internet como ferramenta educativa

Desenvolvimento da sessão

1) Como correu o meu dia na escola...

Os jovens Rui e o Cristiano estiveram muito participativos, falando sobre as diferentes disciplinas que tiveram e sobre as matérias dadas. Relativamente ao Bruno, mostrou-se mais desinteressado, não participando muito nesta primeira fase.

2) Realização dos TPC/ Estudo orientado para os testes

O Bruno e Cristiano estiveram a estudar para o teste de matemática e o Rodrigo esteve a fazer os trabalhos de casa da mesma disciplina. Como forma de motivar para o estudo fizemos exercícios sobre as circunferências, recorrendo aos “Tazzos” que os jovens traziam.

O Cristiano e o Rodrigo estiveram muito empenhados. O Cristiano mostrou-se disponível para ajudar o irmão (ficava bastante orgulhoso de poder estar a ajudar o irmão). “Eu já sei algumas coisas porque estive a estudar durante a aula de apoio e a

professora ajudou-me...” Perante este comentário o Bruno reflectia, em voz alta “Pois, eu no apoio não fiz nada. Se tivesse feito agora já era mais fácil. Mas eu não vou tirar positiva, por isso nem me preocupo...”

Durante a sessão o Bruno e o Cristiano estiveram ainda a fazer os TPC da disciplina de português. Ambos estiveram extremamente empenhados na realização das tarefas, nomeadamente, na pesquisa de um poema, na internet. Após a pesquisa deveriam treinar a recitação para apresentarem à turma na aula seguinte.

No sentido de envolver os pais e de incentivar um pouco mais o estudo em casa, combinamos que, em casa, iriam passar o poema para o caderno treinar a leitura, junto dos pais.

3) Avaliação da sessão

Todos os elementos mostraram muita satisfação com a sessão:

Cristiano: “Correu bem, foi interessante, mas podia ser mais tempo...”

Bruno: “Eu gostei, porque aprendi mais coisas. Foi fixe estudar as circunferências com os Tazzos, nunca tinha pensado nisso”. Rodrigo: “Eu gostei muito de estar aqui e concordo com o Cristiano. Devia ser mais tempo porque nós temos muitos trabalhos...”

Considerando a sugestão dos participantes, foi definido um novo horário (14h00 às 16h45) e a inclusão de lanche (da responsabilidade da educadora social).

Registo 4

4.ª Sessão

Data: 02/05/2012

Presenças: Cristiano, Rodrigo e Bruno

Objectivos da sessão:

- Apoiar na realização dos trabalhos de casa/estudo orientado para os testes
- Desenvolver estratégias de estudo
- Fomentar a importância das aprendizagens escolares

Estratégias:

Promoção do diálogo, valorizando a opinião e sugestões dos participantes

Exercícios de dinâmica de grupo

Utilização da internet como ferramenta educativa

1) Como correu o meu dia na escola...

Tal como na sessão anterior, o Cristiano e o Rodrigo estavam bastante conversadores e envolvidos, enquanto o Bruno estava mais reservado e pouco conversador.

Apesar de não revelarem muito interesse pelos temas abordados nas aulas, revelam um bom conhecimento do horário, das diferentes disciplinas que têm nos vários dias da semana e dos testes agendados.

Cristiano: “O meu dia, correu bem. Ontem foi feriado e hoje fui com mais vontade. O professor de matemática admirou-se por eu ter feito outra vez os TPC. Disse para continuar assim...”

Bruno: “O meu dia foi como sempre, uma seca”. Face a esta afirmação foi pedido ao jovem que fizesse um esforço para pensar em algo que tivesse sido mais positivo. Mesmo assim, o jovem não disse nada.

Rodrigo: “O meu dia foi um bocadinho mau. Recebi um teste. Tirei negativa e fiquei desanimado...”. Neste momento foi fundamental infundir esperança e mostrar ao jovem que é possível reverter esta situação.

2) Realização dos TPC/Estudo orientado para os testes

O Cristiano e o Bruno estiveram a realizar os TPC de matemática e a estudarem para o teste de história, enquanto o Rui fez os TPC de matemática e inglês.

Relativamente ao Cristiano e ao Rodrigo estiveram sempre muito bem-dispostos e empenhados. O Bruno mostrou-se um pouco mais desinteressado do que o irmão, no entanto, quando estimulado, revelou bons conhecimentos e domínio sobre as matérias e métodos de estudo.

Para estudarem para o teste de história, ambos estavam muito empenhados e concentrados. O Cristiano evidenciou mais dificuldades que o Bruno ao nível da compreensão da matéria e da capacidade de raciocínio, evidenciando pouca capacidade de raciocínio e criatividade. Nesta fase da sessão o Bruno foi evidenciando um empenho crescente “já estudei um bocado na aula e já sei quase tudo”; o Cristiano demonstrou muita força de vontade “a professora disse que eu no último teste podia ter tirado mais, se tivesse estudado, por isso, tenho que estudar mais”.

Os dois irmãos estiveram a estudar em conjunto, fazendo perguntas um ao outro. Ambos gostaram desta estratégia de estudo que nunca tinham experimentado “Assim é fixe, porque ajudamos um ao outro” (Bruno). No final do estudo responderam, por escrito, a um pequeno teste elaborado por mim, com base nas matérias aprendidas e corrigimos em conjunto. Mais uma vez, apresentaram respostas com muitos erros ortográficos. Esta foi igualmente uma boa estratégia para os jovens perceberem as áreas de maior fragilidade que teriam que investir em casa.

No final, realizaram os três em conjunto pesquisas na internet sobre a matéria que o Bruno e o Cristiano tinham estado a estudar (monumentos, situação geográfica dos Açores e Madeira, rotas do comércio...).

3) Exercício de dinâmica de grupo “ Isto pode ser...”¹⁰ (adaptado)

Objectivos:

- Promover a descontração
- Promover a criatividade e a capacidade de escrita

Descrição do exercício:

Exibe-se uma lata vazia e pede-se aos participantes que enumerem, por escrito, todos os usos que podem aplicar ao objecto. No final lêem-se as respostas, destacando as mais criativas. Numa segunda parte, apresenta-se um outro objecto (por exemplo, um

¹⁰ Alcántara, J. (1995). Como educar as atitudes. Lisboa: Plátano.

urso de peluche) e pede-se aos participantes que pensem e escrevam todas as formas possíveis de o melhorar, para que seja mais divertido. Conforme anteriormente, no final lêem-se as respostas, comentando a sua originalidade.

Vivência

Os jovens estiveram extremamente animados e empenhados na realização deste exercício. Mostraram uma melhor capacidade de concentração, estando muito atentos e compenetrados na fase de reflexão individual e muito participativos e comunicativos na fase de partilha das respostas.

As respostas dadas foram efectivamente muito criativas: “podíamos utilizar a lata para guardar o sal e o açúcar, servir de mealheiro, para por medicamentos; para guardar sementes (...)”; “para tornar o peluche mais divertido (...) fazia-o crescer mais, tirava-lhe o laço que tem ao pescoço, dava-lhe um nome”, “ (...) punha-lhe uma gravata, um fato e um chapéu à cowboy”.

Na parte final, corrigimos, em conjunto os erros ortográficos, trabalhando assim a capacidade de escrita.

4) Avaliação da sessão

Bruno: “Gostei muito. Estudei melhor e assim vou tirar uma melhor nota. No início não estava a gostar muito, mas depois vou mudando e já gosto. Está fixe assim, não mudava nada”

Cristiano: “Gostei porque fiz os TPC e os professores vão ficar contentes. Aprendi que não posso estudar a decorar, porque depois confundo tudo como aconteceu no outro teste. Troquei as respostas todas... também gostei de estudar com o meu irmão e de fazer o teste que você nos fez. Acertei em quase todas mas vou levá-lo para casa estudar mais”.

Rodrigo: “Eu gostei porque ajudou-me a fazer os TPC. Fiquei contente por ver o Bruno a fazer as coisas e a estudar e aprendi mais coisas através da net”.

Registo 5

5.ª Sessão

Data: 03/05/2012

Presenças: Cristiano, Rodrigo e Bruno

Objectivos da sessão:

- Apoiar na realização dos trabalhos de casa
- Desenvolver estratégias de estudo
- Fomentar a importância das aprendizagens escolares

Estratégias:

Promoção do diálogo, valorizando a opinião e sugestões dos participantes

Utilização da internet como ferramenta educativa

Desenvolvimento da sessão:

1) Como correu o meu dia na escola...

Na primeira parte da sessão estavam presentes apenas o Bruno e o Cristiano. Estavam bastante animados e, pelo seu discurso é perceptível que a atitude face às aulas está em mudança, evidenciando mais preocupação e interesse das disciplinas e da matéria que têm que estudar para os testes.

“Em EVT estivemos a desenhar uma coisa da nossa terra. Eu desenhei um campo de futebol!” (Bruno)

“ A professora ainda não tinha dito o que saía no teste, mas eu fui ter com ela e perguntei. Quero estudar mais porque quero passar de ano” (Cristiano)

Quando lhes perguntei se face a um maior interesse da parte deles, qual estava a ser a reacção dos professores, o Bruno declarou: “as professoras de história e português estão diferentes. Não sei explicar bem, mas é para melhor...”.

2) Realização dos TPC

O Bruno e o Cristiano estiveram a criar um poema para o Dia da Mãe. Estiveram extremamente empenhados. O Bruno demonstra maior capacidade de escrita e criatividade, enquanto o Cristiano, apresenta mais dificuldades ao nível da criatividade e do raciocínio. Mesmo assim, o resultado final foi muito positivo pelo que os jovens ficaram muito orgulhosos. O Rodrigo realizou os TPC de Matemática. No final estiveram a estudar em conjunto e a pesquisar na internet sobre as matérias que estão a aprender nas disciplinas de história e ciências. Debatemos ainda sobre algumas estratégias de estudo.

3) Avaliação da sessão

Relativamente à avaliação da sessão, referiram:

Cristiano: “Aprendi a estudar sem decorar as perguntas. Gostava de vir sempre, em todas as folgas, para aprender mais”

Bruno: “ Gostei. Foi divertido. Fiz um poema para a minha mãe, sozinho, sem a ajuda de ninguém e isso é muito importante”.

Rodrigo: “Gostei porque fiz os TPC e estive a estudar em conjunto com eles”.

Registo 6

6.ª Sessão

Data: 09/05/2012

Presenças: Cristiano, Bruno e Rodrigo

Objectivos da sessão:

- Apoiar na realização dos trabalhos de casa/estudo orientado para os testes
- Desenvolver estratégias de estudo
- Fomentar a importância das aprendizagens escolares

Estratégias:

Promoção do diálogo, valorizando a opinião e sugestões dos participantes

Utilização da internet como ferramenta educativa

Desenvolvimento da sessão

1) Como correu o meu dia na escola...

Hoje o Cristiano e o Bruno estavam muito contentes porque receberam o teste de história e ambos tiraram uma boa nota.

Cristiano: “O dia hoje foi especial, tirei boa nota no teste de história (85%) ”

Bruno: “Eu tirei 95%, mas tive uma falta a inglês porque me atrasei...”

Rodrigo: “ O meu dia também foi bom, estou contente por eles tirarem boas notas”.

Principalmente o Cristiano e o Bruno continuam a evidenciar um crescente interesse pelas aulas e pelas matérias leccionadas, falando com facilidade do que estão a aprender. Conversam mais com os professores e notam que os professores também têm apresentado um comportamento diferente: “ A professora deu-me os parabéns e perguntou-me se eu tinha estudado muito. Eu disse que sim, que tinha estudado aqui com a sua ajuda” (Cristiano). “Os professores estão diferentes, estão mais contentes, assim dá mais gozo...” (Bruno). O Rodrigo, ao contrário das sessões

anteriores, mostrou uma atitude mais desinteressada. Hoje não trouxe o livro de Português, instrumento fundamental para o estudo do teste que terá.

2) Realização dos TPC/Estudo orientado para os testes

Durante a segunda parte da sessão estiveram a estudar em conjunto para a disciplina de inglês e a pesquisar na internet jogos educativos para complementar o estudo e a realizar os trabalhos de casa.

Posteriormente o Rodrigo esteve a pesquisar na internet para o teste de português e a realizar algumas actividades de preparação: “Eu gosto de fazer estes testes. Têm aqui sobre os poemas que é a matéria que estou a dar (...)”.

3) Avaliação da sessão:

Cristiano: “Eu gostei porque fiz os trabalhos de casa e corrigimos os trabalhos em conjunto. Também gostei de ir à net, é fixe estudar assim”.

Bruno: “Gostei muito porque estivemos a estudar para o teste de inglês e acho que vou tirar boa nota”

Rodrigo: “Gostei muito de estudar em conjunto e fazer revisões para o teste. Vou ver se tiro boa nota”.

Registo 7

7.ª Sessão

Data: 10/05/2012

Presenças: Cristiano, Bruno e Rodrigo

Objectivos da sessão:

- Apoiar na realização dos trabalhos de casa/estudo orientado para os testes
- Desenvolver estratégias de estudo
- Fomentar a importância das aprendizagens escolares
- Exercícios de dinâmica de grupo

Estratégias:

Promoção do diálogo, valorizando a opinião e sugestões dos participantes

Realização de exercícios de dinâmica de grupo

Desenvolvimento da sessão:

1) Como correu o meu dia na escola...:

Inicialmente os três jovens estavam um pouco distraídos e pouco motivados.

Cristiano: “ Hoje estou cansado. Fizemos física um hora e meia ao sol”

Bruno: “ O dia está a correr mais ou menos. O meu DT é um chato. Como eu não quero ir ao passeio, vou ter que vir para a escola e ajudar os funcionários, mas eu não quero...” (...)

Rodrigo: “Estou um bocadinho triste. O teste de português era um bocadinho difícil. Para a próxima tenho que estudar mais...”

2) Exercício de dinâmica de grupo “Improvisação guiada”¹¹

Objectivos:

- Estimular a criatividade;
- Facilitar a concentração e descontração

Descrição do exercício:

A orientadora lê uma “história”, a um ritmo compatível com o ritmo que os participantes levem a executar as várias fases. O clima mais favorável será criado pela orientadora, por meio de silêncios e de subidas e descidas da voz.

Textos lidos:

- Hoje, vocês são ursos. Ouçam bem o que lhes vou dizer. Vão andar como se fossem muito PESADOS e muito GRANDES: BUM, BADABUM, BUM, BADABUM... Ora aí está. Inclinem a cabeça para diante. Descontraiam bem os ombros... Isso mesmo, vocês agora são ursos...estão na floresta, é de manhã e acabaram de acordar e de sair da toca. Agora estão a bocejar e a espreguiçar-se devagar...devagar...

Agora é preciso ir à procura de comida boa. Procurem. PROCUREM! Vejam bem à vossa volta.

Oh! Ali está uma árvore muito grande e muito velha. Aproximem-se dela...estão a ver aquele grande buraco? Metam lá a mão. Sentem uma coisa que se pega aos dedos, como a compota...Tirem um bocado com a mão. É mel, é muito doce. Lambam os dedos um a um...Hum é mesmo muito bom...Vamos tirar mais...AI! AI! ESTÃO A PICAR-VOS...OH! SÃO ABELHAS! DEPRESSA! DEPRESSA! É PRECISO FUGIR DEPRESSA. Corram! Corram!... Lá ao fundo há um ribeiro... deitem-se de barriga para baixo. As abelhas não gostam de água...O ribeiro é pouco fundo mas tendes o pelo todo molhado...Olhem os peixinhos a brincar na água...Bom! Agora têm que se pôr de pé. Devagar, devagar, senão escorregam.

¹¹ Faure, G. (1982): “ *O jogo dramático na escola primária*”. Lisboa. Editorial Estampa.

Sacudam-se para tirar a água...Estão um bocadinho cansados e vão procurar um lugar confortável para dormir.

Toquem na erva com as mãos...não, aí está muito molhada...ali há pedras grandes...ora aí está, encontraram um lugar bom. Fechem os olhos e tentem lembrar-se de tudo o que fizeram.

- Andem! Andem! Descontraiam-se! Respirem fundo!...Andem mais devagar...é de noite ... Vocês estão na mais completa escuridão e estendem as mãos para a frente para não bater em obstáculos...Ouvem ressoar os passos no escuro e têm medo. MUITO MEDO! Agora andam depressa, cada vez mais depressa...mas EIS QUE BATEM NUM OBSTÁCULO E CAEM NO CHÃO SEM SE PODER LEVANTAR...Têm calor, muito calor...e além disso têm sede. Põem-se a rastejar, mas o calor é insuportável e o ar parece que vos aperta com força...FECHEM OS OLHOS! CERREM OS DENTES! CONTRAIAM O CORPO TODO! CONTRAIAM! CONTRAIAM!

DESCONTRAIAM TUDO! Respirem muito fundo. Estiquem-se de costas...estão todos descontraídos...sentem-se bem. Muito bem. Vão abrir os olhos suavemente...O céu está negro...vê-se muito bem as estrelas...abrem a boca para aspirar o ar devagarinho...

Oh! Uma estrela caiu-vos na boca...queima um bocadinho o céu da boca...Agora vocês sopram com jeito para a fazer sair, mas, em vez de uma estrela, o que sai é um balão que fica a baloiçar mesmo por cima de vocês...E agora levantem-se devagarinho...O balão baloiça no ar e vocês pegam-lhe cuidadosamente...O balão faz-se pequenino até vos desaparecer por entre os dedos...Sentem uma coisa a mexer...abrem as mãos e vêm um passarinho. Façam-lhe uma festa e deixem-no voar...para longe, muito longe...Agora estão outra vez sozinhos...e põem-se a andar...têm um bocadinho de fome...vêm uma macieira num grande pomar...

Aproximem-se e vão apanhar aquela maçã...o ramo está um bocadinho alto...Saltem!

Ora aí está! Conseguiram apanhá-la.

Olham para ela por um instante...e resolvem trincar um bocadinho...sentem o sumo a escorregar pela garganta...é muito agradável...então acabem de comer a maçã.

Fechem os olhos! Ouçam os ruídos à vossa volta...De repente lembram-se de que ESTÃO ATRASADOS PARA A ESCOLA E DEITAM A CORRER, DEPRESSA, DEPRESSA, MUITO DEPRESSA...ALTO! Parem, é engano, estamos em fim-de-semana... UFF!

Vivência:

Os jovens estiveram extremamente divertidos durante a realização do exercício, evidenciando uma criatividade e entusiasmo enormes, representando todos os movimentos referidos no texto com muita garra e originalidade. Este jogo constituiu, portanto, um momento de grande descontração.

3) Realização dos TPC/Estudo orientado para os testes

Após o momento de descontração promovido pelo jogo anterior, os jovens mostraram uma disposição diferente. O Cristiano e o Bruno estiveram muito empenhados na realização de uma ficha formativa de inglês. Apesar de não valorizarem muito a importância dos conteúdos programáticos, aplicam-se na realização das tarefas e estão bastante mais motivados no estudo.

Estiveram a trabalhar em conjunto, o que nunca se verificava quando estudavam em casa e a partilharem conhecimentos em função das matérias que dominavam melhor.

O Rodrigo mostrou-se também empenhado, no entanto, o interesse é ainda insuficiente. Traz sempre muitos TPC, principalmente de matemática o que acaba por desmotivar um pouco o jovem. Mesmo assim, gosta de partilhar ideias e conhecimentos com os colegas, principalmente durante as pesquisas na internet.

4) Avaliação da sessão:

Cristiano: “Hoje estava um bocadinho cansado, mas acho que correu bem. Depois daquele jogo que foi muito fixe, parece que recuperei as forças... Fizemos os TPC, estudamos os três para inglês, assim é mais fixe”

Bruno: “Correu bem, estudar em grupo é melhor porque nos ajudamos.

Rodrigo: “Eu gostei mais, foi de ajudar os meus colegas a estudar inglês, mas o que eu mais gostei foi do jogo dos ursos, foi bom para relaxar”.

Registo 8

8.ª Sessão

Data: 16/05/2012

Presenças: Cristiano, Bruno e Rodrigo

Objectivos da sessão:

- Apoiar na realização dos trabalhos de casa/estudo orientado para os testes
- Desenvolver estratégias de estudo
- Fomentar a importância das aprendizagens escolares

Estratégias:

Promoção do diálogo, valorizando a opinião e sugestões dos participantes

Desenvolvimento da sessão:

1) Como correu o meu dia na escola...

Hoje os três jovens estavam bastante desanimados, principalmente o Bruno e o Cristiano porque tiraram negativa no teste de inglês. O Rodrigo estava preocupado por causa de uma situação exterior ao grupo, relacionada com a sua mãe e a técnica do RSI que acompanha a família.

Cristiano: “Hoje o dia não me correu bem. Estudei, mas tive negativa no teste de inglês (41%)”. Apesar disso revela mais esperança e mais optimismo face ao futuro: “Mas, mesmo assim, já subi em relação ao outro teste porque só tinha tirado 30%, 41% já é quase positiva... tenho que estar mais atento nas aulas e não falar!” (Cristiano)

O Bruno também tirou negativa a inglês (30%). No entanto ressaltou a importância de estudar mais: “tem valido a pena mais em algumas disciplinas como português, história e ciências”.

Nesta fase foi importante reforçar a importância do esforço que os jovens têm evidenciado e incentivá-los a continuar o bom trabalho.

2) Realização dos TPC/Estudo orientado para os testes

O Rodrigo esteve a realizar os TPC de matemática, mas esteve bastante distraído e pouco empenhado.

O Bruno e o Cristiano estiveram a estudar para o teste de português. Estavam muito focados na ficha formativa que a professora dera “Só temos que estudar isto. A prof. é fixe e não põe mais nada”.

Continuam a evidenciar algumas lacunas ao nível da capacidade de interpretação e pouca criatividade. Mesmo assim, estão mais confiantes e mais empenhados: “Eu vou tirar um excelente” (Cristiano); “Eu vou tirar satisfaz bastante” (Bruno)

No sentido de promover a criatividade e a capacidade de interpretação foi-lhes pedido que analisassem em conjunto um poema, havendo posteriormente uma pequena discussão acerca do tema e das perguntas que poderiam sair no teste. Este momento foi também partilhado com o Rodrigo, que, apesar de desanimado, mostrou-se um elemento muito activo.

O Bruno levantou uma dificuldade: “ Não me consigo concentrar quando a professora está a explicar o teste. Começo logo a fazer as perguntas mais fáceis e depois não percebo as outras, mas a professora já não explica mais...”

Face a esta situação estivemos a falar sobre algumas estratégias que visavam o desenvolvimento de competências ao nível da atenção e concentração que lhes permitiriam um melhor entendimento sobre o teste.

Assim, realizamos um exercício durante o qual os jovens tinham que imaginar que estavam no dia do teste e agir em conformidade com as estratégias trabalhadas. Este foi um momento muito importante para os jovens, mostrando-se muito empenhados e concentrados.

Os três jovens continuam a revelar maior preocupação em estudarem e em realizarem os TPC.

3) Avaliação da sessão:

Cristiano: “ No início não gostei muito porque não tinha apetite. Depois de falarmos um bocadinho, comecei a trabalhar e até gostei. Aprendi coisas que amanhã vou fazer no teste de português (...) É fixe porque estudamos, fazemos os TPC e jogos.

Bruno: “ No início estava com preguiça. Depois fomos falando que é importante estudarmos e estar concentrado e fui gostando mais. Amanhã, já sei como fazer no teste.”

Rodrigo: “Não gostei, estou preocupado com outras coisas e não consegui fazer os trabalhos todos, mas, por outro lado, foi bom ver com eles como devemos fazer nos testes”.

Registo 9

9.ª Sessão

Data: 24/05/2012

Presenças: Cristiano e Bruno

Objectivos da sessão:

- Apoiar na realização dos trabalhos de casa/estudo orientado para os testes
- Desenvolver estratégias de estudo
- Fomentar a importância das aprendizagens escolares

Estratégias:

Promoção do diálogo, valorizando a opinião e sugestões dos participantes

Desenvolvimento da sessão

1) Como correu o meu dia na escola...

Os jovens estavam um pouco apreensivos, porque o Rodrigo não compareceu à sessão. “Ele disse que não vinha mais, por causa de uns problemas da mãe”, disseram os jovens. Tentei tranquilizá-los, dizendo para não se preocuparem que a situação seria resolvida.

Apesar disso, os jovens estavam animados, pois o teste de português tinha corrido “muito bem”. Falaram com muita vontade sobre o teste, sobre o tema do poema e sobre as perguntas.

“Lemos o texto duas vezes, como nos disse, e só depois é que respondemos (...) a professora disse que eu estava muito confiante...” (Bruno)

“ A professora a mim disse-me que eu tinha que estar mais atento nas aulas, pois às vezes, estou a olhar lá para fora, mas eu acho que vou tirar um excelente” (Cristiano).

Falaram igualmente com interesse sobre as restantes aulas que tiveram – EVT e Educação Física: “Em EVT estivemos a fazer um desenho com as cores quentes e frias, mas o meu irmão confundiu tudo. Eu não, eu fiz tudo bem” (Cristiano)”. “Em física estivemos a fazer salto em comprimento. Nós queríamos jogar futebol, mas o professor não deixou...” (...) (Bruno)

Quando lhes perguntei se estavam a gostar mais das aulas referiram:

“ Com boas notas é mais fixe, porque as aulas correm melhor e passamos de anos” (Cristiano); “E também é melhor, porque os pais não ficam chateados...” (Bruno).

2) Estudo orientado para os testes

Considerando que este é um momento muito importante para os menores pois têm muitos testes, nesta sessão privilegiou-se o apoio orientado para os testes, bem como a utilização de estratégias para mais facilmente conseguirem ter um bom desempenho. Os jovens estiveram a estudar, evidenciando uma grande força de vontade e muito empenho.

3) Avaliação da sessão

Cristiano: “E gostei. Aprendi que quando quero escrever alguma coisa, tenho que pensar primeiro. Nos testes ou nas aulas antes de fazer alguma coisa já sei o que fazer (...) Aprendi que tenho que escrever mais devagar.

Bruno: “Gostei muito, aqui as coisas parecem mais fáceis e aprendemos mais, aprendemos formas de estar nos testes e assim (...)”.

Registo 10

10.ª Sessão

Data: 30/05/2012

Presenças: Bruno e Rodrigo

Objectivos da sessão:

- Apoiar na realização dos trabalhos de casa/estudo orientado para os testes
- Desenvolver estratégias de estudo
- Fomentar a importância das aprendizagens escolares

Estratégias:

Promoção do diálogo, valorizando a opinião e sugestões dos participantes

Utilização da internet como ferramenta educativa

Desenvolvimento da sessão

Hoje o Cristiano não compareceu à sessão. De acordo com os jovens, encontrava-se na escola, mas não quis vir à sessão.

1) Como correu o meu dia na escola...

Bruno: “Hoje estou muito contente. Tirei positiva a português e fiz o teste de história que a professora corrigiu logo, tirei excelente. Está tudo a correr bem, mas ainda tenho que continuar a melhorar um bocadinho no comportamento e nas faltas.

Rodrigo: “O meu dia também foi bom. Já falta pouco para as férias chegarem. Mas estou um bocadinho preocupado com o Cristiano porque ele não quis vir e anda com más companhias”.

Face a esta situação foi pedida a colaboração aos jovens que na sessão de amanhã convidassem o Cristiano a regressar, tendo sido ressaltado que eu também iria falar com ele.

2) Realização dos TPC/Estudo orientado para os testes

Os dois jovens estiveram a realizar os trabalhos de casa e a estudar, em conjunto, para a disciplina de inglês.

Estiveram a fazer pesquisas na internet, sobre a matéria que estavam a estudar, fazendo jogos, consultando imagens e músicas.

Estiveram muito empenhados, evidenciando uma grande capacidade de entreaajuda.

3) Avaliação da sessão

Rodrigo: “Eu adorei. Estivemos a estudar juntos. Estava um bocado triste por causa do Cristiano, mas fizemos uma promessa que amanhã o íamos trazer de volta”

Bruno: “ Eu também adorei porque estudei para inglês. Sozinho nunca ia conseguir...” (...)

Registo 11

11.ª Sessão

Data: 31/05/2012

Presenças: Cristiano e Bruno

Objectivos da sessão:

- Apoiar na realização dos trabalhos de casa/estudo orientado para os testes
- Desenvolver estratégias de estudo
- Fomentar a importância das aprendizagens escolares

Estratégias:

Promoção do diálogo, valorizando a opinião e sugestões dos participantes

Desenvolvimento da sessão

Mais uma vez, o jovem Cristiano não compareceu à sessão. “Nós dissemos para ele vir, mas ele não quis. Ele hoje faltou às aulas, anda com um amigo (...)” (Bruno); “Ele disse que já não ia passar de ano, por isso é que falta às aulas e não aparece aqui” (Rodrigo)

1) Como correu o meu dia na escola...

Bruno: “Hoje correu mais ao menos. Tive uma falta disciplinar a português. Eu não fiz nada, a professora é que disse se eu quisesse para sair e então eu saí. Mas fui falar com o director de turma, pedi desculpa e ele disse que eu ainda posso passar de ano, mas tenho que melhorar o comportamento. O DT agora está mais fixe comigo, deve ser porque eu estou a melhorar.”

Rodrigo: “ O meu dia correu bem, tirei uma positiva a história e estou muito contente. Está quase a chegar ao fim...”

2) Estudo orientado para o teste

Os jovens estiveram a estudar em conjunto para a disciplina de português. Tentei que privilegiassem uma metodologia activa, pelo que estiveram a explicar um ao outro as matérias estudadas, simulando serem professor/aluno.

3) Avaliação da sessão

Bruno: “Eu gostei muito de estudar com o Rodrigo, já sei a gramática quase toda. Amanhã a professora vai dar a ficha formativa e depois vou estudar em casa e assim vai ser mais fácil fazer o teste”

Rodrigo: “ Foi fixe estudar em conjunto, é muito melhor do que estar em casa sozinho, dá mais pica, porque nos ajudamos um ao outro”.

Registo 12

12.ª Sessão

Data: 06/06/2012

Presenças: Cristiano e Bruno

Objectivos da sessão:

- Apoiar na realização dos trabalhos de casa/estudo orientado para os testes
- Desenvolver estratégias de estudo

Estratégias:

Promoção do diálogo, valorizando a opinião e sugestões dos participantes

Desenvolvimento da sessão

1) Como correu o meu dia na escola...

Rodrigo: “Eu hoje gostei, tive educação física que eu gosto muito e brinquei muito com os meus amigos. Agora estes últimos dias não se faz quase nada”

Bruno: “Hoje o dia foi muito importante, pedi à professora para adiar o teste, porque achava que ainda não estava bem preparado. Ela aceitou. Os outros fizeram e a professora deixou-me fazer também só para treinar. Mas a sério só vou fazer na 2.ª. Hoje gostava de estudar para ver se consigo tirar boa nota”.

Foi importante dar os parabéns ao Bruno pela decisão de pedir o adiamento do teste. Efectivamente o jovem demonstra uma maior responsabilidade e mais empenho no sentido de melhorar o aproveitamento escolar.

2) Estudo orientado para o teste

Considerando que o Rodrigo não tinha trabalhos de casa e não tinha que estudar para os testes, esta sessão foi dedicada ao estudo da disciplina de inglês. Assim, os jovens estiveram a estudar em conjunto. Como se trata de uma matéria muito prática, fizemos alguns exercícios com recurso a diversos materiais para uma maior consolidação dos conhecimentos. Para além disso, recorreremos à internet para realizar pesquisas e jogos sobre a matéria.

3) Avaliação da sessão

Rodrigo: “Foi bom ajudar o Bruno, estar no computador a ver as imagens e a fazer exercícios. Assim também aprendi muitas palavras e gramática em inglês.

Bruno: “ Eu gostei muito. Assim, já estou mais aliviado. Estudei e todos os dias que faltam vou estudar mais um bocado, para não me esquecer das coisas”.

Registo 13

13.ª Sessão

Data: 13/06/2012

Presenças: Cristiano e Bruno

Objectivos da sessão:

- Avaliar a acção

Estratégias:

Realização de uma ficha de avaliação

Nota: a ficha do Cristiano será realizada no domicílio uma vez que o jovem não compareceu à sessão.

FICHA DA AVALIAÇÃO FINAL DA ACÇÃO “APRENDER MAIS”

Chegou o momento de fazermos uma avaliação final da acção “Aprender Mais” e para isso, a tua opinião é muito importante. Responde, com a maior sinceridade, às seguintes perguntas:

Como te sentiste do longo do desenvolvimento da acção?

Achas que a realização desta acção foi importante? Porquê?

Quais foram os aspectos que consideras mais positivos, ou seja, o que mais gostaste na acção?

E os mais negativos, ou seja, o que menos gostaste na acção?

Achas que foi importante para o teu percurso escolar a participação nesta acção?

Gostarias de dizer mais alguma coisa para concluir?

FICHA DA AVALIAÇÃO FINAL DA ACÇÃO "APRENDER MAIS"

Chegou o momento de fazermos uma avaliação final da acção "Aprender Mais" e para isso, a tua opinião é muito importante. Responde, com a maior sinceridade, às seguintes perguntas:

Como te sentiste do longo do desenvolvimento da acção?

Do longo do desenvolvimento da acção eu senti-me bem

Achas que a realização desta acção foi importante? Porquê?

Sim, a realização desta acção foi importante porque trabalhar em grupo e a que eu gosto mais, e também ser ajudado por

Quais foram os aspectos que consideras mais positivos, ou seja, o que mais gostaste na acção?

Ajudar os meus colegas, e eles ajudarem a mim, etc

E os mais negativos, ou seja, o que menos gostaste na acção?

Eu desta acção gostei de tudo, não há nada de negativo

Achas que foi importante para o teu percurso escolar a participação nesta acção? Porquê?

Sim, porque é melhor para passarmos de ano.

Gostarias de dizer mais alguma coisa para concluir?

~~Eu gostei muito da acção.~~ Não

FICHA DA AVALIAÇÃO FINAL DA ACÇÃO "APRENDER MAIS"

Chegou o momento de fazermos uma avaliação final da acção "Aprender Mais" e para isso, a tua opinião é muito importante. Responde, com a maior sinceridade, às seguintes perguntas:

Como te sentiste do longo do desenvolvimento da acção?

Nas actividades senti-me bem porque
se calhava a Doula e a [] também
porque eramos tratados da mesma forma.

Achas que a realização desta acção foi importante? Porquê?

Sim porque tive boas notas e não
faltava tanto os ausos e se acordar
de que foi porque esta actividade me
ajudou muito.

Quais foram os aspectos que consideras mais positivos, ou seja, o que mais gostaste na acção?

As coisas positivas foi-me motivar que
nessas de ano e não faltar os ausos
e que tive boas notas nestas.

E os mais negativos, ou seja, o que menos gostaste na acção?

O que me gostaria de dizer que esta
actividade foi muito importante para mim.

Achas que foi importante para o teu percurso escolar a participação nesta acção? Porquê?

Foi porque me ajudou o percurso de
ano.

Gostarias de dizer mais alguma coisa para concluir?

FICHA DA AVALIAÇÃO FINAL DA ACÇÃO "APRENDER MAIS"

Chegou o momento de fazermos uma avaliação final da acção "Aprender Mais" e para isso, a tua opinião é muito importante. Responde, com a maior sinceridade, às seguintes perguntas:

Como te sentiste do longo do desenvolvimento da acção?

Sentime bem porque eu tinha lá os meus amigos
e o meu espaço.

Achas que a realização desta acção foi importante? Porquê?

Sim! Porque eu aprendi mais coisas para
a escola.

Quais foram os aspectos que consideras mais positivos, ou seja, o que mais gostaste na acção?

O que eu gostei mais foi ir para a P.S.
e fazer jogos.

E os mais negativos, ou seja, o que menos gostaste na acção?

Foi estudar.

Achas que foi importante para o teu percurso escolar a participação nesta acção? Porquê?

Sim! Porque eu tinha menos falta de
trabalho de casa.

Gostarias de dizer mais alguma coisa para concluir?

ANEXO 18

Contactos com o director de turma no âmbito das acções “Aprender Mais” e “Nós em casa”

Registo 1

DATA/LOCAL	09/02/2012 Escola frequentada pelos menores
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, técnica do RSI, Director de turma.
OBJECTIVO	Promover a importância do acompanhamento educativo por parte dos pais Realizar um ponto de situação relativamente ao percurso educativo dos menores Definir estratégias de intervenção conjuntas que promovam um maior envolvimento dos menores na escola
OBSERVAÇÕES	<p>O director de turma, mais uma vez, valorizou as questões escolares associadas à assiduidade, notas e comportamento.</p> <p>Referiu que efectivamente o Bruno apresentou melhorias muito significativas ao nível do comportamento e do aproveitamento escolar enquanto o Cristiano piorou nos dois campos.</p> <p>Referiu, haver, na sua opinião, alguma demissão por parte dos pais no acompanhamento aos menores em casa nomeadamente na realização dos trabalhos de casa e na imposição de regras e limites.</p> <p>Quando lhe foi perguntado como eram os restantes alunos da turma, referiu que para além do Bruno e do Cristiano apenas mais um aluno apresentava problemas de comportamento “esse, está a ser seguido pela CPCJ”.</p> <p>Foi discutido que em casa a família iria prestar mais apoio. Ressalvei, contudo, em função da minha experiência com o Bruno e Cristiano, a importância de uma maior tolerância, flexibilidade e abertura por parte dos professores, alertando que os menores referem frequentemente sentirem-se incompreendidos pelos professores e</p>

	que, quando vêm valorizadas as suas competências, demonstram-se mais interessados e mais respeitadores das normas.
REFLEXÕES	Esta reunião foi importante para continuar a promover a importância do acompanhamento dos pais no percurso educativo dos filhos, mas também para ressaltar a importância da mudança das práticas dos professores. Foi notório que as observações e os elogios prestados em relação aos menores suscitaram no director de turma alguma reflexão, tendo verbalizado que iria conversar com os colegas, sensibilizando-os para a necessidade de os ouvirem mais e de tentarem perceber os seus problemas.

Registo 2

DATA/LOCAL	16/02/2012
ELEMENTOS CONTACTADO	Director de turma (contacto telefónico)
OBJECTIVO	Ponto de situação relativamente à situação escolar dos menores
OBSERVAÇÕES	<p>Este seria o dia previsto para a reunião semanal com a D. Glória e o director de turma, contudo como a D. Glória foi acompanhar o marido e o irmão ao Centro de Saúde não foi possível realizar-se.</p> <p>Contactei telefonicamente o director de turma que referiu que efectivamente os meninos, principalmente o Bruno, têm apresentado uma conduta mais adequada.</p> <p>Reforcei que realmente os pais e os menores têm evidenciado uma maior preocupação e responsabilidade no sentido de colmatar as dificuldades apontadas pelos professores, sendo fundamental que os próprios professores possam reforçar e aclamar estes esforços junto do Bruno e do Cristiano para que assim os jovens possam aumentar a sua motivação face ao reconhecimento dos outros do trabalho que têm vindo a desenvolver.</p> <p>Considerando as férias de Carnaval, foi marcada nova reunião para o dia 01 de Março.</p>

Registo 3

DATA/LOCAL	01/03/2012 Escola frequentada pelos menores
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Joaquim, técnica do RSI, Director de turma.
OBJECTIVO	Promover a importância do acompanhamento educativo por parte dos pais Realizar um ponto de situação relativamente ao percurso educativo dos menores Definir estratégias de intervenção conjuntas que promovam um maior envolvimento dos menores na escola
OBSERVAÇÕES	<p>O Bruno tem apresentado melhorias significativas ao nível do aproveitamento escolar, contudo, continua a perturbar as aulas.</p> <p>Relativamente ao Cristiano continua com um aproveitamento escolar muito baixo, apesar de ter melhorado ao nível do comportamento.</p> <p>Para além disso, continuam a faltar às aulas, sem apresentar justificação, tendo inclusive faltado no dia de realização do teste de ciências da natureza (facto que a mãe desconhecia).</p> <p>Quando foi perguntado ao professor o tipo de respostas existentes na escola e que tipo de trabalho poderia ser desenvolvido com os miúdos para aumentar a motivação na escola, o professor informou que efectivamente não existem recursos. Para além das actividades de índole desportiva, todas as outras actividades foram canceladas devido a cortes no orçamento. Relativamente a trabalho voluntário, também não há qualquer tradição da escola nesse sentido.</p>

REFLEXÕES	Mais uma vez foi reforçada, por um lado, a importância de um maior acompanhamento dos pais relativamente ao percurso educativo, nomeadamente, no que concerne à assiduidade e, por outro lado, a importância de reforçar os esforços que têm sido feitos pelos jovens no sentido de melhorar a sua prática relativamente à escola, ressaltando todos os aspectos positivos que têm surgido.
------------------	---

Registo 4

DATA/LOCAL	15/03/2012 Escola frequentada pelos menores
ELEMENTOS PRESENTES	Sr. Joaquim, técnica do RSI, Director de turma.
OBJECTIVO	Promover a importância do acompanhamento educativo por parte dos pais Realizar um ponto de situação relativamente ao percurso educativo dos menores Definir estratégias de intervenção conjuntas que promovam um maior envolvimento dos menores na escola
OBSERVAÇÕES	O Bruno continua a apresentar uma melhoria muito significativa ao nível do aproveitamento escolar, apesar de estar a piorar ao nível da assiduidade. Relativamente ao Cristiano apresenta um bom comportamento, no entanto, continua com um aproveitamento insuficiente.

Registo 5

DATA/LOCAL	24/04/2012 Escola frequentada pelos menores
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, Sr. Joaquim, técnica do RSI, Director de turma.
OBJECTIVO	Promover a importância do acompanhamento educativo por parte dos pais Realizar um ponto de situação relativamente ao percurso educativo dos menores Definir estratégias de intervenção conjuntas que promovam um maior envolvimento dos menores na escola
OBSERVAÇÕES	O director de turma está bastante satisfeito com a evolução dos jovens. O Cristiano apresenta maior interesse pelas aprendizagens escolares, embora o Bruno continue a desvalorizar verbalmente a importância dos estudos “que seca, que seca”. Relativamente aos trabalhos de casa e assiduidade, ambos melhoraram de forma muito significativa e os professores estão bastante satisfeitos com isso. Os pais assinaram autorização para os jovens integrarem, no próximo ano lectivo, uma turma que percurso curricular alternativo (PCA) que lhes possibilitará o acesso a um curso técnico-profissional ou CEF.

Registo 6

DATA/LOCAL	06/06/2012 Escola frequentada pelos menores
ELEMENTOS PRESENTES	D. Glória, técnica do RSI, Director de turma.
OBJECTIVO	Promover a importância do acompanhamento educativo por parte dos pais Realizar um ponto de situação relativamente ao percurso educativo dos menores Definir estratégias de intervenção conjuntas que promovam um maior envolvimento dos menores na escola
OBSERVAÇÕES	Apesar dos dois jovens terem apresentado uma evolução muito significativa, há cerca de uma semana, o comportamento do Cristiano alterou-se, de forma, surpreendente. Começou a faltar às aulas (incluindo alguns testes). Face a esta situação o director considera que não estarão reunidas as condições para o menor transitar de ano. Relativamente ao Bruno, a avaliação é extremamente positiva. Revelou uma grande evolução ao nível do aproveitamento, ao nível da relação com os professores e ao nível da assiduidade e pontualidade. Referiu que o jovem está bastante empenhado, e tem assumido comportamentos muito positivos: pediu à professora de inglês para adiar o teste pois ainda não estava bem preparado; pediu desculpa à professora de história quando teve um comportamento menos adequado; mostrou disponibilidade para participar nas marchas que irão decorrer no final do ano lectivo. Tudo indica que irá transitar de ano. Relativamente ao Cristiano, não há certezas. Reforcei a importância de todo o percurso realizado pelos dois jovens e do empenho que ao longo deste processo todo evidenciaram.

Registo 7

DATA/LOCAL	20/06/2012
ELEMENTOS CONTACTADO	Director de turma (contacto telefónico)
OBJECTIVO	Ponto de situação relativamente à situação escolar dos menores
OBSERVAÇÕES	Informou que o Bruno transitou de ano; Relativamente ao Cristiano, a situação ainda está a ser avaliada, a aguardar decisão do conselho pedagógico.

ANEXO 19

Registo da discussão em grupo para
avaliação do projecto

Registo 1

DIA - LOCAL	29/06/2012 – Casa da família Silva
PERÍODO	Final da tarde (19h00 – 20h15)
ELEMENTOS PRESENTES	Sr. Joaquim; D. Glória; Sr. Ismael; Bruno; Cristiano
OBJECTIVO	Avaliar a satisfação “final” do projecto
ESTRATÉGIA	Discussão em grupo
OBSERVAÇÕES	<p>O Márcio não esteve presente porque estava a trabalhar.</p> <p>Em termos globais todos os elementos presentes consideraram que o projecto está a ser uma mais-valia para a família: “Ó, menina, já não somos uns morcões, agora sabemos mais, estamos, mais informados” (D. Glória); “Já não temos vergonha de ir à escola falar com o director de turma, é só chegar à portaria, dizer quem somos e subir (...)” (Sr. Joaquim) “ A menina ajuda-nos muito, agora somos pessoas mais informadas, falamos com outras pessoas, está bem melhor (D. Glória)</p> <p>“É bom porque se você não nos acompanhasse, não íamos fazer obras na casa” (Bruno)</p> <p>“Eu acho que está a ser muito positivo, está tudo mais calmo, animado com as obras e até eles (referindo à D. Glória e ao Sr. Joaquim) andam todos contentes, com as reuniões” (Sr. Ismael)</p> <p>“Eu acho que está a ser bom. Tem-nos ajudado, decidimos que não vale a pena andarmos de um lado para o outro, à procura de casa, foi muito bem pensado” (Sr. Joaquim). “Pois foi, lembram-se que a ideia partiu do Márcio, logo no início em Novembro do ano passado?” (eu) “Foi, foi menina, nós não queríamos, mas afinal” (D. Glória)</p> <p>“Se você não estivesse aqui não andávamos (referindo a ele e ao Bruno) assim tão direitinhos, na escola e em casa, agora já sabemos estar melhor” (Cristiano)</p> <p>“Desde que você está mais vezes, é mais fixe, ajuda-nos e aos nossos pais também” (Cristiano)</p> <p>Relativamente à acção “Obras na Quinta da Boavista, estão todos muito expectantes em relação às obras; consideram que as</p>

peessoas que se disponibilizaram para a ajudar são suficientes; quanto aos materiais, consideram que são insuficientes mas têm expectativas muito positivas relativamente às respostas que ainda estão pendentes “Oh, menina, se Deus quiser, as outras lojas onde dar mais qualquer coisa e vamos conseguir” (D. Glória) “Oh, eu já ajudei, há dias consertei aquela torneira que estava a vaziar, tem que ser, aos pouquinhos” (Sr. Joaquim).

Relativamente à acção “Reflectindo em família”, consideram que está a ser muito positiva a participação nas sessões grupais “oh, menina, é bom porque estamos com mais gente, falamos e percebemos que às vezes os problemas são iguais e que temos que mudar e, algumas coisas para mudar a vida cá em casa” (D. Glória). “Eu também gosto, ajuda a pensar na vida e nas coisas que podemos fazer melhor” (Sr. Joaquim). “Eu acho que é fixe, eles irem, trazem coisas giras para nós fazermos, rimos muito e falamos sobre as coisas que fazem lá (...)” “É, eles quando chegam trazem logo muitas novidades, muitas coisas, deve ser bem engraçado” (Sr. Ismael); “Fazer os trabalhos com eles é bem fixe” (Bruno). “É bom porque a minha mãe é menos chata, não está sempre a berrar e o pai também berra menos. Eu obedeço mais, o meu pai não bate mas dá castigos...” (Cristiano) “Agora conversamos mais. Ainda ontem estivemos aqui sentados a falar com o Márcio, para ele não andar de mota. Ele ouviu e no fim foi guardar a mota, nunca mais andou...”(Sr. Ismael); “Isso é bem verdade, conversamos mais com eles e assim as coisas correm melhor” (D. Glória)

Relativamente à acção “Aprender Mais”, apesar de tristes por causa da reprovação do Cristiano, consideram que foi uma mais-valia: “eles aprenderem bem mais, faziam sempre os trabalhinhos, vinham com outra animação. Eu e o meu homem também sabemos mais coisas, porque falamos com o director de turma muitas vezes”; “Foi pena aquele não ter agarrado agarrado a oportunidade...” (Sr. Joaquim).

Pois é Cristiano, como vai ser então para o ano? (eu) “Eu não sei bem, só sei que tenho que estudar mais, não posso reprovar outra vez, fui bem tolo, mas pronto...” (Cristiano)

Relativamente ao futuro a família continua a aspirar (agora de uma forma mais realista) com a melhoria das condições habitacionais. “Quando as obras estiverem feitas, vai ser uma maravilha, só falta isso porque, de resto, está tudo mais ou menos” (D. Glória); “Já temos uns móveis que a avó nos deu, mas só vamos trazer quando as obras estiverem prontas, lá para Setembro” Cristiano (...).

Nesta fase foi fundamental congratular a família por todas as mudanças ocorridas, defendendo que estas têm acontecido porque eles se empenham e têm capacidades. Foi também importante infundir alguma esperança e expectativas positivas, dando nota que continuaríamos a trabalhar em conjunto para concluir todas as acções.